"Atrevido, inteligente e divertido."
– KRISTAN HIGGINS

Atraídos pelo Caos



mood

KJ MICCICHE

Atraídos pelo Caos

KJ MICCICHE

Atraídos pelo Caos

Tradução
Karla Lima

_mood

Esta é uma publicação Mood, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2025 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Direitos de tradução negociados pela Copps Literary Services LLC e IMC, Agencia Literaria S.L.
Todos os direitos reservados.

Título original: The Book Proposal
© K.J. Micciche

Editora
Michele de Souza Barbosa

Tradução
Karla Lima

Preparação
Eliel Silveira Cunha; Walter Sagardoy

Produção editorial
Ciranda Cultural

Diagramação e conversão para eBook
Linea Editora

Revisão
Fernanda R. Braga Simon

Design de capa
Stephanie Grafon

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M619a Micciche, K. J.

Atraídos pelo caos [recurso eletrônico] / K. J. Micciche ; traduzido por Karla Lima. - Jandira, SP : Mood, 2025.
384 p. : ePUB.

Título original: The Book Proposal
ISBN: 978-65-83060-11-2

1. Literatura americana. 2. Humor. 3. Romance. 4. História de amor. 5. Jovens. I. Lima, Karla. II. Título.

2025-2454

CDD 810
CDU 821.111(73)

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura americana 810
2. Literatura americana 821.111(73)

Versão digital publicada em 2025
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Sumário

Parte Um – Abril
Parte Dois – Maio
Agradecimentos
Sobre a autora

Ao dançarino que me deu o Core Four.

Gracie

Algumas coisas nunca deixam de me surpreender. Como a árvore de Natal do Rockefeller Center. Ou o modo como uma boa xícara de café pode afastar o frio de um início de manhã de outono. Ou como um pôr do sol pode pintar as nuvens como flores do campo, tudo em fúcsia, lilás e dourado.

Ou como a menor e menos significativa interação pode entrar na sua cabeça e começar a ferrar você.

Colin Yarmouth não estava na minha órbita, no ensino médio. A gente compartilhava o mesmo CEP, mas pouco além disso. Ele jogava beisebol e futebol pelo time da escola e no tempo livre corria voltas e voltas pelo campo. O único lugar para onde *eu* já corri foi o banheiro, depois de um supervazamento surpresa do absorvente, quando eu estava de calça jeans branca. Ele tinha roupas de marca de uma loja *de fato*, enquanto meu guarda-roupa consistia em achados de outlet guardados para o ano seguinte e idas ocasionais à Chinatown, à caça de réplicas de sapatos bacanas e fragrâncias de designers de moda envazadas em latas de aerossol de quinze centímetros. (*Gosta do Obsession, do Calvin Klein? Você vai amar Preocupação com Cheiros, do Joe!*) Ele tinha namoradas. Tipo meninas lindas com quem ele saía durante algumas semanas ou por uns poucos meses, e acabava por trocá-las pela nova conquista, deixando em seu rastro pilhas de Kleenex usados para enxugar as lágrimas da abandonada. Eu, enquanto isso, tinha o Ronald. O Ronald praticava um total de zero esporte, porque, por cortesia da asma crônica, era mais talhado para o triângulo em uma banda de jazz e para sessões na frente da TV, depois da escola, em que pelo controle do Grand Theft Auto vicariamente dava vazão à sua reprimida vida interior depravada.

A primeira vez que vi Colin Yarmouth foi quando éramos calouros, na aula de biologia da senhorita Villani. Ele estava sentado na fileira da frente, ao lado das janelas, onde o sol podia acariciar seu estiloso corte cogumelo. Eu sentava no fundo, perto dos frascos com fetos de porco, e provavelmente era melhor assim, porque a franja superesticada e meio queimada que cobria minha testa não era exatamente o que se consideraria um cabelo classe A. Eu o analisei com desejo, notando que era canhoto e usava uma Bic azul. Vestia um colete de lã verde por cima de uma camiseta térmica branca de mangas longas, jeans da Gap e calçava simples Adidas Sambas pretos, que colocava em volta dos pés da carteira enquanto copiava os

exercícios da lousa.

Nunca vou me esquecer da tarefa daquele dia: tirar um nome de um chapéu e passar cinco minutos conhecendo sua nova dupla do laboratório. As pessoas das duas fileiras da frente iam pegar os nomes. As pequenas tiras de papel branco continham o primeiro e o último nomes daqueles de nós sentados nas duas fileiras do fundo.

A senhorita Villani era incrível. Reservada e meiga, e devia saber como estávamos nervosos. (Estou projetando meus sentimentos sobre toda a turma de calouros, mas acho que é uma suposição razoável.) Tinha, porém, um ponto negativo: sua caligrafia talvez não fosse tão caprichada quanto poderia ser, então, quando Colin Yarmouth pegou o nome, "Gracelanding"[1], dá para entender que tenha pensado que fosse um verbo, como o ato de ir para Graceland[2].

Ele foi o primeiro a ser convidado a ler em voz alta o nome no papel, graças à posição privilegiada que ocupava no canto dianteiro da sala.

– Gracelanding? – perguntou, como se minha existência fosse uma dúvida. – Tipo Elvis? – acrescentou.

A galera deu risada, enquanto eu morria silenciosamente.

O apelido durou. A professora, infelizmente, não. A pobre senhorita Villani foi atropelada por um ônibus escolar na manhã seguinte e passou o resto do ano em tratamento por causa das duas pernas quebradas. Foi substituída pelo senhor Bacharot, um velho ranzinza que deixou a aposentadoria para assumir as aulas dela. Usava o avental de laboratório todos os dias, nos pôs sentados em ordem alfabética de sobrenome e explicou que a dupla seria formada com a pessoa do lado. E tudo bem ser assim. Cindy Lee e eu éramos uma combinação mais apropriada: ambas quietas, inteligentes e boas em não fazer explodir coisas. O Colin acabou com a Alexis Yacolino, e lá por outubro, diziam os boatos, eles frequentavam regularmente a zona do agrião.

Ele foi meu primeiro crush real.

Sempre escritora, eu redigia bilhetinhos e enfiava no armário dele no corredor, assinando "Sua leal admiradora secreta". Sendo calouro, ele foi convocado para jogar nos times da escola, de modo que mesmo as alunas do segundo e do terceiro ano reparavam nele. Durante todo aquele outono, eu levava meu bloco de anotações para o campo de futebol meia hora antes do início das partidas, e enquanto os meninos do time vestiam o uniforme bem ali no gramado (ah, que lástima não haver vestiário), eu descrevia no papel as coisas que só podia fantasiar fazer com ele pessoalmente. Uma espiada rápida no calção dele já fazia minha imaginação viajar. O peito sem pelos deixava meu jovem coração em chamas.

Em novembro a temporada de futebol acabou, e graças a Cindy Lee aprendi, inclinada sobre um sapo morto encharcado de formaldeído, que Colin e Alexis estavam oficialmente comendo-se um ao outro. Então parei de escrever os bilhetes. Ou melhor, parei de *entregar*. Estava perdida toda esperança de Colin e eu deflorarmos um ao outro, daí, em substituição, eu passei a despejar meu coração no meu diário.

Porém, antes do Dia de Ação de Graças daquele ano, uma coisa curiosa aconteceu. Eu estava comendo meu lanche na cafeteria e ouvi por alto os meninos do futebol conversando. "Zombando" seria mais exato. O goleiro, um veterano de pescoço grosso chamado Gus Nikolaides, que sempre cheirava a cordeiro assado por causa do (absurdamente bem-sucedido) food truck de espeto do pai dele, estava dramatizando escandalosamente meus pensamentos confidenciais, tendo o restante do time e muitas mesas vizinhas como plateia interessada.

– Se você me possuísse – leu, esforçando-se para fazer uma voz feminina –, eu percorreria seu corpo com meus lábios e você sonharia para sempre com o sabor da minha pele na sua língua, quando nossas almas se fundissem, duas em uma.

Billy Gutierrez, um linguarudo do segundo ano que raramente conseguia entrar em campo, deu um uivo, jogando a cabeça para trás para aumentar o efeito.

– Caraca, mano! Se uma mina escrevesse uma merda dessas pra mim, eu montava nela a noite toda!

– Não fale contra si mesmo, Billy. – Gus riu. – A única coisa que você sabe montar é o *banco*!

– Ah! – um coro de testosterona ejaculou na mesa.

Minha cara ficou roxa quando vi Gus passar os dedos engordurados de salsicha na folha onde eu tinha salpicado perfume. A voz potente dominava a plateia, ele tinha se levantado e apoiado um pé em cima do banco da cafeteria, elevando-se acima dos colegas de equipe. Lutei para controlar a náusea, enquanto continuava a ouvir minhas mais íntimas fantasias serem arrotadas em voz alta para todo mundo escutar.

– Quero sentir o contato do seu corpo rígido contra o meu; os movimentos lentos dos seus dedos quando eles habilmente abrirem meu sutiã – Gus continuou. – Cara… Ela usou ponto e vírgula! Tipo, sério? Seja quem for, essa admiradora tem conhecimentos gramaticais muito loucos!

Espiei discretamente. O Colin parecia definitivamente desconfortável, apesar de por fora estar rindo.

– Estou só falando, velho, você precisa descobrir quem escreveu essa merda – Justin Gagliardo disse, dando um tapa no ombro de Colin. – Se alguém me escrevesse bilhetes assim, eu pegava, sem dúvida nenhuma.

Acho que foi assim que minhas cartas acabaram sendo xerocadas e circuladas pela escola inteira, até que o diretor finalmente pôs um fim àquilo alguns dias depois. Quer dizer, faz sentido. Se o capitão do time de futebol diz que é para fazer determinada coisa (tipo identificar uma admiradora secreta conferindo a caligrafia de todas as garotas da escola, sabe como é, como Cinderela e o sapatinho de cristal), você faz, eu acho.

Duas coisas, porém, mudaram em consequência da minha humilhação particular. A primeira, é claro, foi minha letra de mão. Muito deliberadamente, comecei a fazer letras pequenas e ultracaprichadas, em forte contraste com os rabiscos gigantes e cheios de volteios que havia usado nos bilhetes.

Fora isso, descobri que talvez tivesse futuro como autora de romances.

Comecei a redigir contos e fan fiction sobre meus programas favoritos de TV, e ao fim do primeiro ano escolhi escrita criativa como matéria optativa. Fui para o Boston College e me graduei em Inglês. E agora, todos esses anos depois, cá estamos nós.

Eu nunca tinha me dado conta de que Colin Yarmouth era o impulso por trás de toda a minha trajetória. Quer dizer, não até agora.

---

[1] Landing: aterrissagem, desembarque. (N.T.)

[2] Nome da mansão de Elvis Presley, na cidade de Menphis, no Tennessee. (N.T.)

PARTE UM

Abril

Gracie

PARA: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
DE: Grace Landing (gracie222@mail.com)
ASSUNTO: Anuário

E aí, Colin?

Há quanto tempo! Como você está? Psiu – eu não quero realmente saber. Só queria te agradecer por ter ferrado totalmente minha vida no ensino médio ao me dar o apelido de "Elvis". Encontrei sua foto no site da empresa e gostaria que você estivesse mais gordo e mais careca, mas por enquanto acho que vou ter de me contentar com o fato de você ter um ligeiro sobrepeso e sua linha do cabelo estar recuando. Eu teria escrito pelo Facebook, mas parece que você não tem Facebook, tipo, como isso é possível?

Seja como for, você é um babaca e eu te odeio, mas também meio que sinto sua falta e me lembro da vez que você rebateu uma bola num jogo contra os Gompers e nos levou às eliminatórias. Aquilo foi um tesão.

Tenha uma boa vida. Ou não, tanto faz.

Com amor, sempre,

Elvis

Colin

Seja lá quem foi que fundou a empresa La-Z-Boy era um gênio do relaxamento. Minha sensação é de que era provavelmente um sujeito de meia-idade, divorciado fazia pouco tempo, que se viu sozinho comprando móveis, percorrendo um showroom entupido de gente, assustado como um cervo flagrado por um holofote, tentando abrir caminho entre florais e xadrez até encontrar alguma coisa, qualquer coisa, que parecesse adequada como almofada de um solteiro. Ele provavelmente se sentou em uma dúzia de sofás e percebeu que, pela primeira vez na vida, tinha a responsabilidade de escolher essa peça de mobília incrivelmente importante, com base no nível de conforto experimentado pela própria bunda: a própria e nenhuma outra.

E, diante desse entendimento, de repente nada na loja inteira parecia bom o suficiente.

Tenho certeza de que esse empreendedor se debruçou sobre espumas resilientes e mecanismos para reclinar o móvel até descobrir a combinação perfeita que, com precisão científica, era capaz de induzir qualquer homem a um suave adormecer na frente da televisão, em uma noite de sábado sem programa, após as vinte e três horas.

Até que o pessoal do iPhone entrou em cena e ferrou tudo, ao inventar um relógio de pulso que vibra quando você recebe um email.

Esfreguei e abri os olhos, baixando um pouco as pálpebras diante da luz azul que emanava da parede da sala. Odeio ser condicionado a ler meus emails assim que chegam. Mesmo nos fins de semana. Sou assim desde que comecei a trabalhar na empresa, quando meu pai ainda estava no comando. É culpa dele. Ele costumava me mandar mensagens sem razão, só para ver quanto tempo eu levaria para responder.

– Você precisa ser rápido quando trabalha no setor de serviços, filho – dizia.

– Nós fazemos planejamento sucessório – eu recordava a ele. – A gente ajuda as pessoas a planejar a *morte* delas, pai. Pra que a pressa?

Daí ele revirava os olhos, fazia um barulhinho para expressar a irritação comigo e saía do meu escritório.

No entanto, apesar da minha esperteza em fazer o advogado do diabo, e do fato de meu pai ter se aposentado, desde aquela época eu continuo acordando para abrir as

mensagens.

Tento ler o texto minúsculo, mas não consigo ver. Alcanço a mesinha de canto e apanho o celular.

Isso é o quê, algum tipo de piada?

Grace *Landing*? Do ensino médio?

Leio o email dela no celular três vezes. Não está *tarde*, exatamente, só passaram dois blocos do episódio desta semana do *Saturday Night Live*.

Sobrepeso? Está maluca? Reduzi minha gordura corporal a treze por cento! De que foto ela está falando?

E que história é essa de linha do cabelo recuando? Eu tenho trinta e um anos, pelo amor de Deus! Tudo bem que incluo um anticalvície nos meus cuidados capilares (produz um efeito natural, faz meu cabelo parecer "arrumado"), mas não é como se eu tivesse uma falha atrás ou coisa assim. Eu adoraria conhecer o super-homem imutável com quem ela acabou ficando.

Está bêbada. Só pode ser isso, certo? Ela *tem de* estar bêbada. Grace Landing nunca me pareceu o tipo de garota que mandaria um email de ódio induzida pelo álcool, mas tudo é possível, suponho. Eu a conheci há quinze anos. Talvez esteja mudada agora. Talvez seja uma bebedora crônica. Até onde sei, ela seria do tipo que mantém uma caixa de vinho na geladeira. Ou talvez seja uma festeira danada, que sai para dançar todo fim de semana. Em qualquer dos casos, insultar um cara com quem você não fala há quinze anos, usando o email *profissional* dele, faz com que mandar mensagens de texto bêbada para um ex pareça brincadeira de criança.

Ela parecia uma menina bem centrada, no ensino médio, mas pessoas mudam, certo?

Gracie

Argh.

Ressacas, não é mesmo?

Acordei em uma cama vazia. Ou, melhor dizendo, em uma cama desprovida de qualquer outro ser vivo… Mas não *vazia*, de fato. Meus companheiros de sono, na noite passada, incluem uma garrafa de vinho tinto quase no fim (alerta de spoiler: meus lençóis estão destruídos), a tesoura da cozinha, meu celular sem bateria, catorze calcinhas fio-dental, todas cortadas ao meio no cordão traseiro, e meu anuário do ensino médio.

Parece mesmo a cena de um crime.

Mas hoje é domingo: o começo de uma nova semana! Uma nova eu! Danem-se o Scott e a vagabunda loira planejadora de casamentos que ele traçou e por quem me abandonou. Quem se importa que as fotografias profissionais do bebê deles estejam postadas no Instagram com *hashtags* tipo #melhordiadetodos e #bemvindoaomundo e #familiaemprimeirolugar. Isso foi uma desculpa bem da esfarrapada para encher a cara ontem à noite, mas sou do tipo que perdoa com facilidade, portanto perdoo a mim mesma. Agora só preciso que meu corpo me perdoe também. Um Advil deve resolver. E quem sabe eu mando para baixo com um pouco de… Não. Não. Essa é a Gracie de ontem.

A Gracie de hoje vai sair para correr.

Aperto os peitos em um top de ginástica e tento não notar a pequena porção de gordura nova das costas, que vaza do top e me faz lembrar que o Scott costumava me chamar de "Cheinha". Ah, os bons velhos tempos. Na época eu conseguia passar por cima disso e dar risada, porque não é como se ele fosse propriamente uma espécie de prêmio, com aquela bunda cabeluda e um tapete cheio de pelos do peito, que ele regularmente me pedia para ajudar a limpar. Além do mais, ele tinha me dado uma aliança, então pensei que estávamos juntos por longo prazo. Disso vem meu incômodo por ele passar o rodo na nossa maldita planejadora de casamento, a quem eu paguei fortunas para que planejasse o *meu* final feliz.

Comentário paralelo: calcinhas de Lycra são as piores. Devem ter sido inventadas pelo diabo em pessoa.

Tênis? Confere. Fitbit? Confere. Celular sem bateria, então tenho de deixar carregando. Um iPod antigo para ter música? Confere.

Saio do prédio (isso mesmo, ainda moro em um apê alugado no Brooklyn, e não na casa que supostamente íamos comprar em Long Island), ligo o iPod e aperto shuffle. *Que tipo de música energética o universo tem reservada para mim?*, me pergunto.

Baixo os olhos para a tela quando começa a bombar nos meus fones a versão ao vivo da Hillsong United para *Lead Me to the Cross*.

Isso mesmo, agora me lembro. O iPod foi presente de um cara renascido em Cristo, com quem saí uma década atrás.

Sacudo a cabeça. Que merda. A coisa mais próxima de *hip-hop* ou *power pop* que eu poderia encontrar aqui seria um *rap* sobre Jesus e a ovelha. A fenda na calça de *stretch*, que disfarça um bolso, torna-se o novo lar temporário do iPod. Vou jogar de volta na mesinha de cabeceira e guardar para um momento futuro da vida, quando eu estiver me sentindo particularmente espiritualizada. Hoje, minha igreja é a loja de *bagel*, onde descarto meu plano de treino em favor de um *bagel* completo de salmão e *cream cheese*, uma fatia gigante de bolo e uma garrafinha de suco.

Ahá! Talvez eu esteja sim em contato com o Grande Cara lá em cima. Afinal, é um mandamento não trabalhar aos domingos. *Mensagem recebida!* Em substituição ao treino, volto para casa para assistir a *Real Housewives of Somewhere in America* e enterro os dentes no delicioso café da manhã.

Na *segunda-feira*, Gracie 2.0 subirá à tona.

Colin

Desde que a Elle e eu nos separamos, o domingo se tornou meu dia favorito da semana. Ela adorava dormir até tarde e depois desperdiçar o dia colocando o trabalho em ordem. E ficava furiosa se eu acordasse cedo demais. Que Deus me protegesse se eu precisasse fazer xixi e por acidente interrompesse o cronograma neurótico de sono de sua majestade. Agora que estou por conta própria, posso levantar tão cedo quanto quiser e sair para correr. Tornou-se um ritual para mim: algumas pessoas vão à igreja aos domingos; eu treino.

O Astoria tem muitas qualidades redentoras, mas espaço de corrida não é uma delas: uma pessoa consegue apenas dar várias voltas ao redor do Astoria Park. Além disso, como meu carro não recebe nenhum carinho durante a semana, de uns tempos para cá venho matando dois coelhos com uma cajadada só, fazendo um *tour* de parques pelo Queens. Hoje vou para o Kissena Park. Fica em Fresh Meadows, perto de Flushing. O Dom mora lá perto, então vamos nos encontrar às nove e praticar um pouco de rebatidas, já que o softbol começa nesta quarta-feira.

Tenho cerca de uma hora até que ele chegue.

Comecei a correr no último período do fundamental 1. Meu pai disse: "Colin, corrida é a base para todos os demais esportes", e eu tinha dez anos, então acreditei nele. Ele me matriculou em um programa de atletismo da Organização da Juventude Cristã e corríamos no Van Cortlandt Park algumas vezes por semana. Quando cheguei ao fundamental 2, ele havia me colocado para correr em pistas, jogar beisebol, lacrosse, futebol, futebol americano e fazer ginástica uma vez por semana. Eu *odiava* a ginástica, mas meu pai insistiu que aquilo ia contribuir para me tornar mais flexível, equilibrado e ágil. Acho que qualquer esporte que exija que os meninos atravessem a puberdade usando um uniforme apertado é simplesmente cruel.

Não sei o que o homem pensou que eu fosse fazer da vida. Me tornar atleta olímpico, talvez? Acabar estampado nas embalagens de cereal Wheaties? Compensar o fato de que *ele* não conseguiu virar profissional?

Brigamos por causa disso e, a portas fechadas, implorei à minha mãe que me deixasse reduzir os esportes. Levou anos, mas no fim ela me ajudou a negociar uma solução de compromisso: precisei escolher dois esportes e *me comprometer* com eles, e então poderia me livrar de todo o resto. Foi assim que acabei jogando beisebol e

futebol no ensino médio. Na época, eu estava tão feliz por me livrar de todas as atividades excessivas que não percebi quanto sentiria falta da corrida suave e ritmada nas pistas, os tênis levantando poeira, o vento no rosto, o som das passadas constantes aquietando a minha cabeça.

A corrida de hoje começa às 7h45 e me leva a uma grande curva, a uma descida de um lance de degraus, ao redor de um lago de patos e de volta degraus acima. Repetir duas vezes: oito quilômetros e cinquenta metros para o caderninho. Quando termino, deito na grama, suando feito uma vaca. Me sinto saudável, sujo. *Vivo*. Olho para a árvore sob a qual estou. Tem cinco troncos que se separam logo na base. Nunca vi uma árvore assim antes. Aposto que seria perfeita para abrigar uma casinha de madeira. Fecho os olhos e vejo Elle, e os filhos que supostamente íamos ter, em um oásis no jardim, com piscina, balanço e uma casinha de madeira maravilhosa, construída por este que vos fala. Meu filho teria me pedido que lhe ensinasse a usar ferramentas elétricas, enquanto minha filha virava estrelas no gramado.

Não. Não é a *minha* vida. Em vez disso, sou o cara que se divorciou depois de seis meses e saiu com pouco mais que a TV de tela plana que me coube levar e o carro novinho em folha que comprei para facilitar nossa adaptação à vida no subúrbio. A Elle ficou com todo o resto: a casa, o quintal, meu autorrespeito (sabe como é, o básico), e eu me mudei para um estúdio no Queens que sempre cheira a um tipo de churrasquinho grego. Mas fui eu que decidi assim: apesar de ter sido *ela* quem destruiu nosso casamento, eu ainda quis garantir que ficasse bem cuidada.

Sou um idiota, eu sei.

E, claramente, um idiota gordo e careca, de acordo com minha caixa de entrada de emails.

Dou o último gole na garrafa de água. Ainda não entendo: *por que* a Grace escreveria aquilo, do nada, depois de todos esses anos?

O que eu fiz contra ela?

Vejo as horas no celular; são quase nove. Alongo os tendões da perna e corro de volta para o carro, onde pego uma nova garrafa de água e o equipamento.

Quando chego ao campo de softbol, vejo Dom agachado perto de um balde de bolas, ao telefone. Ele olha para cima.

– Mano, onde você estacionou? Na Micronésia? – pergunta.

– Não. Na entrada dos fundos – respondo.

Ele assente, termina de escrever a mensagem, ou sei lá o quê, e enfia o celular na mochila.

– Cara, ouvi dizer que as Fadas do Dente têm duas novas higienistas – ele

informa, sorrindo. – Do tipo que transa.

As Fadas do Dente são um time feminino da liga. É um consultório odontológico administrado pela doutora Macarena Rankin, cujo rosto está colado em pontos de ônibus e estações de metrô pela cidade toda. O Dom jura que é fachada ou para uma associação de moças ou para um bordel, porque ela só contrata meninas bonitas para trabalhar lá.

– Show – digo.

– Estou te falando, este vai ser o *meu ano*.

– Ah, é? Como assim?

– Sexta à noite, cara. Eu e o Sparky fomos ao Fireballs no fim do dia e conhecemos umas garotas. Velho, as *roupas* delas. Uma usava um *cropped* que, tipo, mostrava os subpeitos.

– "Subpeitos"? – *Essa é nova.*

– Não ri, cara. Era um tesão.

– Pegou o número dela?

– Você *sabe* – ele responde.

Sei, chamo de garganta.

– Mas e daí, o que aconteceu? Você a levou pra casa? Telefonou? O quê?

– Não consegui levar a mina pra casa – diz, revirando os olhos. – A amiga ficou de vela.

Dou um sorriso malicioso.

– Mas ficou mesmo! E um canhão de feia, também. Odeio isso, sabe? Quando é a baranga que toma as decisões e faz questão de cortar a onda de todo mundo, se ela mesma não se dá bem.

Caio na risada.

– O que você está falando? – Esse sujeito é *advogado*. Tipo, é o *trabalho* dele. Eu só consigo ser amigo desse babaca porque sei que as questões dele com o pai são piores até do que as minhas. Não que ele fale a respeito: só se estiver caindo de bêbado.

– Você entendeu – diz. – Enfim. Mandei mensagem ontem.

– E?

– Ela está mal.

– Ah, é? Mal por quê?

– Não sei. Mal por alguma coisa, acho – ele sorri.

– Bom, mas e quando vocês vão se ver?

– Não sei direito – responde, dando um gole no café. – Ela disse que a mãe dela está muito doente ou coisa assim. Ficou de ir me informando.

Para mim, soa como um código para *Por favor, nunca mais me escreva*. Mesmo assim, concordo com a cabeça.

– Coisa boa, mano. Parece que ela tem mesmo potencial.

– Você devia ter ido com a gente, o Fireballs é *o* lugar, agora.

O Fireballs é um antro de merda onde garotos recém-saídos da escola vão para comer asinhas de frango por dez centavos e tomar chope barato. Com zero consideração pelas normas anti-incêndio, os leões de chácara deixam as pessoas entrar até que fiquem ombro contra ombro, espremidas como sardinhas, fora que com frequência cheira um pouco como uma mistura de cecê com vômito sabor salsicha. Até onde sei, *Grace Landing* era a Garota Subpeito.

– É, na próxima eu vou. Ei, qual era o nome dela?

– Esqueci. Leelee ou Lala ou algum outro com L. Por quê?

– Só por curiosidade. Ela parece muito sofisticada, mano – dou risada.

Dom sorri.

– Ah, desculpa aí, Pica Grossa. O que *você* fez no fim de semana?

– Nada, na verdade. Lavei roupa. Fiz mercado. Isso – digo, me referindo àquele exato momento. Não chego a mencionar o fato de ter sido verbalmente agredido pela internet. Ele faria a festa com isso.

– Faz sentido você trabalhar com planejamento sucessório. Você se comporta como um morto.

– Eu me comporto como um homem adulto – rebato.

– Sabe qual lugar está aberto a esta hora? – continua.

Balanço a cabeça.

– Já ouviu falar do Depiladas? O novo clube de *strip underground*?

Dou risada.

– Velho, a gente vai bater umas bolas ou o quê?

– Ah, as suas bolas seriam bem cuidadas no Depiladas, isso é certeza.

Abro o zíper da mochila e pego a luva.

– Você é o cúmulo do refinamento, sabe?

– Foda-se, sou mesmo – e dá uma piscadinha.

Odeio pensar assim, mas *esse* é o tipo de cara que merece emails furiosos e bêbados. Não eu. Alongo os braços e inspiro o cheiro penetrante do orvalho matinal, recusando-me a permitir que Grace Landing ocupe mais espaço na minha cabeça hoje.

Gracie

A pior coisa de ser escritora é a autodisciplina que isso exige. Bem, e também o fato de que o dinheiro não é grande coisa. Você faz um mestrado em Roteiro e pensa: "É isso! Vou ser uma superestrela!", e se ajoelha e lança as mãos ao alto, como na participação da velha Mary Catherine Gallagher no *Saturday Night Live*, mas na vida real você tem sorte se receber um adiantamento de cinco dígitos e conseguir entrar em algumas listas importantes de livros na Amazon. Você tem de ser, tipo, *muito* boa na gestão das suas finanças pessoais porque, do contrário, vai acabar falida como o diabo, trabalhando numa Starbucks porque eles oferecem plano de saúde.

Que é no que estou pensando na segunda-feira, quando *deveria* estar trabalhando no meu novo romance, a ser entregue para Lindsay Ellerton, minha agente, em exatamente dois meses.

Procrastinar é uma das minhas melhores qualidades. Sem piada. Quando eu morrer, isso vai estar no meu obituário: "Gracie Landing era uma bela alma. Sua habilidade para procrastinar estabeleceu novos padrões para todos nós". Tenho três jeitos preferidos de procrastinar: 1) assistir a vídeos de música e fingir que a menina ingênua/de botas/cantora solo sou eu; 2) checar meu email compulsivamente; e 3) ir ao banheiro. Hoje é o número dois que me causa problemas. Não! Não "número dois" como no vaso sanitário. O número dois da *lista*! (Que nojeira!)

Estou checando o email e é claro que a mensagem diária do meu programa de fidelidade da Starbucks me faz pensar sobre o sólido pacote de benefícios que eu poderia ter (para não falar dos descontos nas bebidas). Quando volto a mim, vejo que tem uma mensagem nova de Colin Yarmouth.

Colin Yarmouth? Tipo, o cara mais gostoso do time de beisebol do ensino médio? O menino que inventou meu não tão esperto apelido, "Elvis", porque meu sobrenome o fazia lembrar de Graceland? O menino em quem eu costumava pensar enquanto transava com meu namorado *de fato* da época, Ronald, cuja acne cística era superada apenas por seu nariz monstruoso?

Por que Colin Yarmouth está me mandando um email?

PARA: Grace Landing (gracie222@mail.com)
DE: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
RE: Anuário

Cara Grace,

Recebi seu email deste fim de semana. Li-o diversas vezes e posso apenas me perguntar se você acaso estaria embriagada quando o redigiu. Seja como for, peço desculpas por qualquer inconveniente estressante que seu apelido tenha causado a você, tanto no ensino médio quanto agora, tantos anos depois. Certamente eu nunca quis ofendê-la, assim como tenho certeza de que você não quis, ao me desejar, no seu email, obesidade e perda de cabelo.

Atenciosamente,

Colin

Ah, *não*.

Está me voltando aos poucos, agora. Me lembro vagamente de como a noite de sábado terminou. A gente estava na Casa do Sim, em Bushwick, e, depois de eu me arriscar no aro aéreo (o que não acabou muito bem), minhas amigas Tori, Melly e Alisha me mandaram para casa de Uber. Essas são minhas amigas *de verdade*. Tipo, desde que dividimos o dormitório no Boston College.

Eu caí, foi isso que aconteceu. Não. Calma. Eu escorreguei no meu próprio vômito e *depois* caí. Sim, foi isso. Okay. Eu também teria me mandado para casa de Uber.

Mas a culpa não foi *toda* minha. Foi do Scott! Por que ele não me impediu de continuar seguindo o perfil dele no Instagram, como qualquer ex-noivo *normal* faria? Eu não podia dar *unfollow*, isso me faria parecer uma completa derrotada. Como se eu me importasse com as fotos idiotas do bebê ou com a esposa-peru-troféu dele!

Então, pois é. Houve bebedeira em grande escala. E, quando cheguei em casa, cortei no meio todas as minhas calcinhas, por serem as que eu tinha comprado especificamente porque o Scott era um autodeclarado "homem de bunda". *Bundão de homem* seria mais exato. Enfim, de toda forma minhas calcinhas de vovó são muito mais confortáveis. E depois. E *depois*. Eu joguei o jogo do anuário escolar. Isso mesmo. Aquele em que você folheia seu anuário do ensino médio e, bêbada, manda uma mensagem de texto a qualquer pessoa que estiver na página aberta ao acaso. Só que eu estava jogando sozinha e não tinha o telefone de Colin Yarmouth. Tá bom, tá bom. Você me pegou. Se é para ser totalmente honesta, o virar de páginas pode não ter sido *inteiramente* acidental. Eu vinha usando o anuário para ter ideias de personagens para meu livro novo, e é *possível* que eu tenha analisado a fotografia dele, na página do time de futebol, alguns dias antes. Sabe como é, para pesquisa.

Ah, *Deus*.

Reli o que escrevi. O email é do *trabalho* dele? Mas o que foi que eu *fiz*? Ora, mas que maravilha. Agora, eu *nunca* vou conseguir escrever nada hoje. A não ser, claro, uma resposta a este email. Mas, primeiro, vou checar o site dele. Ah, *merda*. Ele ainda é um gostoso. Muito mais gostoso que o sócio, Gordon Aycock[3]. Mal posso imaginar os apelidos que ele lança naquele escritório.

PARA: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
DE: Grace Landing (gracie222@mail.com)
RE: Anuário

Caro Colin,

Lamento muito. Sim, sua suposição de que eu estava sob certa influência procede. Eu não deveria ter mandado um email para você. Estou mortificada. Por favor, volte para sua vida indubitavelmente perfeita e esqueça tudo sobre este incidente infeliz.

Atenciosamente,
Grace

PS: Você tem aparência atlética e seu cabelo está bem-arrumado. Por favor, desconsidere qualquer observação em contrário.

Apertei *send* e voltei ao trabalho. E por "trabalho" quero dizer preparar um sanduíche.

Trinta minutos depois, grudei a bunda na cadeira. Chega de desculpas. Voltei algumas páginas e reli o que havia escrito na sexta, antes que os eventos do meu fim de semana vergonhoso tivessem ocorrido.

Merda. É lixo literário.

Odeio cada palavra.

A história que estou desenvolvendo é um romance ligeiramente velado, meigo, em que uma corretora de imóveis deslumbrante, chamada Presley, se vê de repente falida e precisa vender uma de suas propriedades rapidamente. Ela publica anúncios em todos os lugares e recebe uma resposta do antigo namorado dos tempos de colégio, um fortão-delícia chamado Connor.

Eu sei, eu sei. Como falei, ligeiramente velado.

De toda forma, Connor marca uma hora para ver o imóvel e Presley tenta seduzi-lo. É ruim. Ela assa *cookies* (chamados na história de "esferas douradas de bem-estar achocolatado", o que é horrível como escrita, mas absolutamente verdadeiro, e a

receita que eu aperfeiçoei me dá tesão só de pensar neles), então o apartamento tem um aroma doce, e daí ela mostra a vista para ele e o leva para o quarto, onde ambos rememoram a noite de formatura e o baile ao qual foram juntos.

É divertido ler porque, galera, que imaginação eu tenho. Colin Yarmouth não teria jamais *sonhado* em me escolher como par para um baile de formatura. Na real, meu baile de verdade foi passado com meu primo Jerald, que insistiu em que eu comparecesse ao evento mais marcante da minha adolescência, e veio dirigindo o VW Jetta vermelho e reluzente dele desde Connecticut para me buscar. Ele é mais velho que eu seis anos e extremamente bonito. Tenho certeza de que houve cochichos sobre eu ter possivelmente contratado um acompanhante.

Enfim, Presley e Connor estão no quarto e ela cria um momento em que há uma pausa, antes que Presley o puxe para si. Quando ele a beija, ela compara o sabor à "doçura de um moscatel misturado à sensualidade bruta de um filé de porco suculento e recém-cortado".

Releio a frase. Soa simultaneamente nojenta e deliciosa. Como foi que inventei isso? Ah, dane-se. Essa é a beleza dos primeiros rascunhos. Não precisam ser bem-acabados. Eu me forço a não cair em um devaneio no qual tenha suficiente dinheiro para poder pagar *ao mesmo tempo* por um vinho e um filé na mesma refeição. Em vez disso, continuo lendo.

Presley e Connor entram em ação com as roupas ainda vestidas, começam a se amassar e se esfregar em preliminares vigorosas, que são tão descritivas quanto humanamente possível, para sacudir as partes baixas de todos os leitores lascivos, seguindo o conselho de Shirley Temple (juro por Deus, é o nome real dela), a mulher que editou minha última trilogia, na Grand Imperial Books. Estamos falando de línguas circulantes, cabelos sendo puxados, um parágrafo detalhado sobre as nádegas de Connor e um estudo de caso da ereção dele. É obsceno. Connor é o Colin Yarmouth das minhas fantasias de adolescente, como uma página arrancada diretamente de um diário antigo. Ele é lindo, sexy e fogoso, mas, claro, porque toda história precisa de um conflito, casado com outra pessoa. O trecho termina com a esposa de Connor, Melinda, entrando no rala e rola e, oh azar (em sentido figuradíssimo), eis que temos um triângulo amoroso.

É um livro didático. Já foi feito antes. A única coisa diferente, neste caso, é que supostamente se gosta da protagonista (Presley), apesar de sua motivação para seduzir Connor ser que ele compre o apartamento e a salve da ruína financeira, uma atitude com a qual, na minha opinião, a maioria das leitoras vai concordar que não exatamente cria aconchego nem sentimentos reconfortantes. Fora isso, para onde, exatamente, a história está *indo*?

Esse é o ponto que venho tentando resolver desde que enviei o último original.

Desde que o Scott acabou com tudo (ou, melhor dizendo: desde que o feto que ele plantou no útero de outra pessoa acabou com tudo), ando tendo o que a Lindsey chamou de "dificuldade" para lidar com isso. Normalmente consigo produzir páginas e páginas como se não fosse nada de muito especial. Mas, para escrever romances românticos, você precisa a) estar disposta a se abaixar e se sujar com descrições anatômicas e b) acreditar de todo o coração no conceito de "viveram felizes para sempre".

A parte da anatomia eu tirei de letra, mas não sei como recuperar o otimismo, depois do que o Scott me fez.

A Lindsay, que aparentemente não permite que nada a abale, sugeriu que eu me "animasse e tentasse algo novo". Não me saio muito bem com *novo*. Então, o que fiz foi o contrário: fui para trás, de volta até o ensino médio, de volta para um mundo que era menos que acolhedor com minha pessoa "nerdosa" e esquisita, e decidi tentar reescrever o final.

Mas uma garota tentando garfar um cara casado para que ele compre um apartamento dela? Isso não configura propriamente conteúdo para protagonistas. (Sejamos francas, tem "pessimista que odeia homens" escrito em todo lado.)

Tombo a cabeça sobre o teclado. O barulho é tão alto que não ouço o *ping* da caixa de entrada.

---

[3] Algo como "Ohpau", "Ohcacete". (N.T.)

Colin

Tenho um bom emprego. Paga as contas. Ah, aos diabos a hipoteca da casa em Long Island e meu apartamento.

Mas o trabalho em si? É realmente um saco, às vezes.

Meu avô fundou a empresa nos anos 1960 e a deixou para meu pai, que trabalhou lá desde 1991 até o ano passado, quando, tecnicamente, se aposentou. Digo *tecnicamente* porque ele nunca esvaziou a sala que ocupava. Permanece ali como um santuário, basicamente um lembrete de que ele pode voltar quando der na telha.

Como durante o campeonato de softbol.

Ele bate palmas três vezes, alto, quando atravessa as portas duplas de vidro e entra na recepção. Como se precisássemos de um anúncio sobre John Yarmouth estar oficialmente no prédio. A cabeça de cabelos brancos cheios é coberta por um boné de beisebol, em forte contraste com a camisa de botões por dentro da calça cáqui.

– Ei, ei, e aí, time! – ele chama.

Suspiro, afasto a cadeira da mesa e ponho a cabeça para fora da porta da minha sala.

– Aí está meu trunfo na manga! – estrondeia.

A coitada da Daisy, a recepcionista de sessenta e seis anos, está ao telefone, e ou papai é cego demais para notar ou egocêntrico demais para se importar. Com um metro e noventa, ele se eleva acima da mesa da recepção.

– Darei o recado para que ele retorne sua ligação, senhor Parker – ela diz, com a mão em concha sobre o bocal do fone.

– Oi, pai. Tudo em cima?

Antes que ele possa responder, o puxa-saco do Gordon Aycock passa por mim e vai direto até meu pai.

– Que prazer em vê-lo, Jack!

O nome do meu pai é John Yarmouth. Gordon é o único idiota que o chama de *Jack*.

– Oi, campeão! – papai responde, dando um tapa forte nas costas de Gordon.

– A que devemos a grande honra? – Gordon pergunta.

Olho para Daisy. Ela revira os olhos e desliga o telefone.

– Uniformes de times! – ele anuncia.

Gordon olha ao redor.

– Onde estão? Estão no carro? Quer que eu vá buscar?

– Ah, seria ótimo, Gordy. Obrigado – diz meu pai, ao lhe entregar a chave.

– Tranquilo. Já volto – ele anuncia e corre para a porta.

– Oi, John – Daisy diz. – Desculpe por isso, estava com um cliente ao telefone.

– Bom te ver, Daisy! Sem problemas! Adoro ver as pessoas trabalhando duro. – Ele olha na minha direção. – E você, filho? Dia corrido, hoje?

– É mesmo. Sem dúvida. – *Minha agenda está literalmente vazia*. – Certo, Daisy?

– Ah, sim. O Colin tem uma reunião por Zoom daqui a uns dez minutos e uma *call* logo depois – ela confirma.

– Bom, então é melhor a gente pegar seu uniforme imediatamente. Deixe-me dar uma olhada em você. – Vou até a recepção. Ele assente. – Okay, okay, não está mal. Quanto está fazendo no banco, hoje em dia?

Nada. Corro e levanto pesos livres, mas não faço supino desde o colégio.

– Mais de oitenta – digo.

– E quanto você pesa? – pergunta.

Daisy levanta uma sobrancelha.

– Basicamente o mesmo, pai.

– Colin, Colin. Esses são números de novato. Meninos da sua idade deveriam levantar mais que cem por cento do próprio peso, sabia?

– Desculpe. *Meninos* da minha idade? Eu tenho trinta e um anos.

– Sim, eu sei, mas você entendeu. Dá para se esforçar um pouco mais. Acrescente uns dois dias de academia. Rapidinho você vai estar levantando mais de cem. – Ele dá uma piscadela para Daisy. Ela me olha de esguelha.

– E quanto exatamente *você* faz, pai? – pergunto, mas sou interrompido pelo imbecil do Aycock, que voltou trazendo a reboque uma grande caixa de papelão.

– Aqui está, Jack! – ele diz, respirando como se tivesse acabado de correr a maldita maratona de Nova York.

Aycock pousa a caixa aos pés de papai como uma oferenda sacrificial. Daí, apanha a tesoura na mesa da Daisy e desliza pela fita adesiva no alto da caixa. Meu pai se abaixa e pega uma camiseta vermelho-viva. *Beijo da morte*, diz a estampa em letra cursiva.

Esse é o nome do nosso time.

Alguns anos atrás, meu pai nos juntou com o escritório de advocacia D'Aleo e Strauss, no fim do corredor. Eles fazem direito de família, cuidam de divórcios. O escritório é um pouco maior do que o nosso, mas juntos temos membros suficientes para criar um time completo para a Liga Corporativa de Slow-Pitch Softbol[4] no Central Park.

Foi assim que conheci Dom D'Aleo. Ele foi o advogado do meu divórcio.

Então concluo que o time não é um desperdício total.

Eles têm Dom, o sócio dele, Richie Strauss (que tem uns quarenta anos e um parafuso a menos), um punhado de estagiários (Jessica, Courtney e Mark) e dois assistentes (porque o Dom não gosta de compartilhar), Rachel e Raoul. São todos jovens e estão em boa forma. Em contraste, nós contribuímos com Gordon Aycock (que tem mais ou menos a minha idade, mas parece ter sido xadrez o único esporte que jogou no colégio), meu pai, de sessenta e nove anos, e minha garota, Daisy, que prepara sanduichinhos para todos nós em dia de jogo, mas não deu uma batida em três anos. E eu.

Somos um time dos sonhos do cacete.

Quando meu pai herdou a empresa do pai dele, eram apenas ele e Daisy e uma porta giratória de estagiários que iam e vinham pela escada.

Gordon Aycock era um desses estagiários. Só que ele nunca foi embora.

Pelo modo como ele se comporta, você poderia pensar que planejamento sucessório é divertido. Ele estava cursando Direito na Universidade de Nova York, enquanto eu estudava na Faculdade Cardozo. Com *bolsa*. Enchendo minha família de orgulho, ou pelo menos isso é o que você acharia.

Nunca vou me esquecer do dia em que papai contratou Gordon. Ele voltou tarde do trabalho para casa (como sempre) e, enquanto mamãe e eu jantávamos, anunciou:

– Colin! Encontrei um diamante em estado bruto hoje. Ele vai valer o próprio peso em dinheiro para você, filho. Eu *sei*.

Em dúvida sobre de que diabos ele estava falando, pedi mais informações.

Saiu de Georgetown com uma nota média B, nascido e criado em Manhattan, foi para a Bronx Science (perdão se eu não era nada só por não ter frequentado uma escola secundária *especializada*) e estava simplesmente *morrendo* para estudar planejamento sucessório, trocadilho totalmente intencional. Eu estava me dedicando à faculdade de Direito durante o dia e trabalhando informalmente para uma empreiteira nos fins de semana, de modo que só fui conhecer Gordon Aycock depois de ter prestado o exame da Ordem e começado a trabalhar no escritório como sócio júnior.

Presumi, equivocadamente, que eu seria o chefe dele. Rapidamente aprendi que Gordon não trabalhava para ninguém além de meu pai. Era como um gato feroz protegendo sua fonte de comida, mas com uma camada extra de passivo-agressividade reservada para a arraia-miúda. Ele sorria para mim ao mesmo tempo que sabotava propositadamente minhas fotocópias, perguntava sobre meu fim de

semana ao mesmo tempo que se esquecia convenientemente de transmitir meus recados telefônicos, e corria para a Starbucks para buscar meu pai sem me perguntar se eu queria alguma coisa.

Ele passou no exame da Ordem no verão seguinte, e para minha surpresa imediatamente ganhou o título de sócio júnior também.

Quando meu pai se aposentou, deixou o escritório para nós dois. Nunca pensei em mudar o nome, estava acostumado desde a infância à firma ser chamada de Yarmouth Planejamento Sucessório. Então você pode imaginar minha surpresa quando Gordon contratou um desenvolvedor de site para fazer uma atualização da nossa marca, completada por um novo nome, novos cartões de visita e novos endereços de email. Foi por *email* que eu soube que nosso nome era agora Yarmouth Aycock Professional Corporation, e quando telefonei ao meu pai para discutir a mudança, ele respondeu:

– Ah, típico do Gordy! Sempre cheio de iniciativa. Sempre agarrando o touro pelos chifres.

Atualizei as políticas da empresa depois disso. Não contratamos mais estagiários.

– *Amei* a cor, Jack – Gordy está dizendo agora.

– Eu sabia. Realça seus olhos – murmuro.

Daisy dá uma risadinha.

– Obrigada pelas roupas, John – ela diz.

– Não são *roupas*! São *uniformes*! – papai responde.

– São roupas lindas – eu me alio a Daisy.

– Certifiquem-se todos vocês de ter pegado uma camisa que sirva; vou entregar o restante pelo corredor – papai anuncia. Gordy pega uma camisa de tamanho médio para si, depois levanta outra na frente do peito do meu pai.

– Que tal, Jack? Grande? Ou extragrande para você?

– Já peguei, Gordy. Mas obrigado mesmo assim, filho.

Aycock recua um passo e devolve a camisa à caixa. Daisy se aproxima e pega duas camisas grandes, joga uma para mim. A peça mal ultrapassa o balcão da recepção.

– Desculpa – ela diz.

– Belo lance, Daisy. Só precisamos trabalhar um pouquinho o seu condicionamento, antes do jogo de domingo.

Ela sorri.

– O treino é na quarta, às 17h30 em ponto. Colin! Certifique-se de treinar supino antes disso!

– Viva, comandante-chefe! – respondo, fazendo uma continência debochada.

– Vejo vocês no campo! – papai anuncia.

Depois, sem perguntar, Gordy pega a caixa, luta para segurá-la enquanto abre a porta, e segue pelo corredor. Meu pai o segue e retribui minha saudação.

Quando estão longe, olho para Daisy, que está sacudindo a cabeça.

– Você pode me fazer um favor?

– Claro, querido. Do que precisa?

– Segura minhas ligações?

– Sem dúvida, meu bem.

Volto para o meu escritório e fecho a porta. Grato pelo alívio temporário da visita surpresa do meu pai, sento-me na cadeira da minha mesa e checo o email.

Sério?

Grace Landing me respondeu.

---

[4] Variação do softbol na qual os arremessos são mais lentos e mais altos do que no softbol tradicional, o que torna o jogo mais fácil para amadores e iniciantes. (N.T.)

Gracie

Terça-feira. É um novo dia. O sol está brilhando, uma raridade em abril em Nova York.

Como sou especialista em procrastinar, sou também especialista em fazer as coisas em pouco tempo. Ontem atingi minha meta de produtividade às 16h30 e, cheia de gratidão, fui celebrar o fato ter evitado por pouco a morte por fome com um bem merecido fettucine a Alfredo com pão de alho, um complemento apropriado para meu sanduíche de carne.

Você costuma sentir que comida é bom *demais*? Sou fascinada por isso desde a infância. Adoro improvisar na cozinha, testar receitas novas, misturar sabores até chegar a uma coisa simplesmente (insira aqui um beijinho da *chef*) ótima. E, sem brincadeira, acho que a comida retribui meu amor, especialmente quando sou eu quem prepara. Eu posso *me afundar* na cozinha e, de algum jeito, tudo que eu cozinho simplesmente ganha vida.

Infelizmente não é sempre esse o caso quando se trata de comida para viagem com descontos da Groupon. Agora, para mitigar as ramificações de todo esse queijo processado, esta manhã estou levando minha pessoa inchada e cheia de gases para dar uma corrida, antes de começar a contagem de palavras de hoje.

Com a garrafa de água em mãos, estou no elevador pensando em qual lista do Spotify vou ouvir, quando sou interrompida por um bipe do telefone. É um email. Provavelmente *spam*, imagino; então ignoro e saio para o ar fresco, o que acaba por se revelar um problema. O ar fresco, quero dizer. Às vezes, quando a temperatura muda subitamente, meu corpo reage desenvolvendo uma dor de estômago instantânea como mecanismo de defesa. Tipo, "eita, entre em um lugar seguro antes que a tempestade de gelo comece!". Geralmente, passa. Bem, ocasionalmente. Tá bom, raramente. E sempre piora conforme meu saldo bancário diminui, graças ao meu cérebro criativo inventando formas de esticar a verba do mercado.

O único jeito infalível de obter certo alívio é deixar escapar um pouco de ar dos pneus, se é que você entende o que quero dizer. Então, olho ao redor e, como não há ninguém num raio de três metros e meio, solto. Depois começo imediatamente a correr, de forma a não ser associada a nenhum tipo de situação aromática lamentável que por acaso fique para trás, no espaço aéreo em frente ao meu prédio. Só preciso de uns poucos passos para perceber que alguma coisa deu terrivelmente errado.

No começo, presumo que seja suor. Quer dizer, vamos encarar os fatos, eu não estou exatamente na minha melhor forma. Mas só dei uns poucos passos, e por que o suor iria brotar da minha bunda antes de surgir nos lugares habituais, como axilas ou dobra do *top*, onde meus peitos e estômago se encontram?

Porque *não* é suor.

Não.

É um escape do Alfredo.

Encolho-me quando percebo o que aconteceu. De volta ao prédio, mal consigo chegar ao elevador, quando a porta já está fechando. Uma velha senhora de cabelos brancos, com um terrier branco para combinar, estão comigo no espaço de um e oitenta por um e oitenta. Quando o elevador começa a subir, a senhorinha me lança um olhar reprovador e o cachorro começa a latir para mim. Felizmente moro no segundo andar. Deveria ter ido pela escada.

Acho que é o jeito de Deus me dizer que talvez eu devesse pegar leve na malhação. Quer dizer, é *claro* que Ele não poderia estar me dizendo para escolher outros tipos de comida, porque se assim fosse Ele não teria permitido que aquela pizzaria abrisse, depois que a última pegou fogo.

Bem, mensagem recebida. O lado bom? A sorte foi eu não estar usando fio-dental.

Tomo banho, porque, bem, *obviamente*. Depois visto um moletom confortável e sento-me à mesa. Gemo alto quando vejo que o novo email que recebi não era *spam*. Era o universo me chutando quando eu já estava caída.

Sim, você adivinhou: Colin Yarmouth.

Por que ele não pode simplesmente me deixar em paz?

PARA: Grace Landing (gracie222@mail.com)
DE: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
RE: Anuário

Grace,

Está tudo bem. Foi bom receber seu contato. Como você está? (Além de bêbada)

Colin

PS: Por que o assunto do seu email é "anuário"?

Uau. Em primeiro lugar, mal são dez horas da manhã! Como ele *ousa* insinuar… bem, okay, certo, eu *estava* bêbada quando de nosso primeiro contato. Mas não é como se eu tivesse um *problema* com bebida. E, afinal, por que ele está escrevendo

de volta? Se ele quer saber como eu estou, por que não pode me *stalkear* na internet, como pessoas normais fazem?

Argh. Como eu respondo agora? Tenho trinta e um anos, zero perspectiva de casamento ou mesmo de encontros no horizonte e, a menos que eu tome o caminho da inseminação ou de transar com um colega de trabalho, minhas chances de maternidade diminuem a cada passagem do ciclo mensal. Tenho um metro e sessenta e sete, peso sessenta e cinco quilos e meio, mas ainda uso sutiã de bojo tipo A, e meu atributo imbatível, meus longos cabelos castanhos, foi abalado na manhã de hoje por um fio branco duro, que brotou do meu couro cabeludo apontando diretamente para o céu, como uma antiga antena de televisão. Meus amigos todos moram em partes elegantes da cidade, mas eu não posso pagar um aluguel tão caro, com os restritos adiantamentos parcelados e os irrisórios pagamentos mensais, que mais parecem benefício social do que os "direitos autorais" que me dizem que são. Meu gato, Dorian Gray, é meu único confidente (exceto meu diário), e meus pais ficam insistindo para que eu volte a morar com eles em Westchester. Se eu fizer isso, será apenas para poder cavar para mim mesma uma cova rasa no jardim e pular de cabeça.

Não é como se Colin Yarmouth realmente *se importasse* comigo, afinal. Tenho certeza de que ele só está perguntando para obter uma anedota divertida para dividir com outros *doutores* e suas esposas supermodelos tamanho mignon no próximo coquetel para o qual for convidado. Isso é o que eu recebo por tentar escrever sobre ele no meu original. O universo sacana claramente favorece as pessoas bonitas e populares à custa de garotas comuns como eu.

PARA: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
DE: Grace Landing (gracie222@mail.com)
RE: Anuário

Se quer mesmo saber, eu só estava embriagada porque tinha saído com umas queridonas para comemorar naquela noite.

Fora isso, escrevi "anuário" no assunto porque, durante a noite em questão, abri ao acaso uma página no anuário do colégio e vi uma foto sua, o que motivou meu email inicial. De novo, não é exatamente meu melhor momento.

Fique bem,
Grace

Comemorar, ahaha! Que jeito de torcer uma noite de vergonhosa espiral

descendente em uma situação de "copo meio cheio"! Enfim, isso deve bastar. Agora, com sorte, ele vai me deixar em paz e eu vou voltar ao trabalho.

Só que não. Na hora do almoço, chega uma resposta.

PARA: Grace Landing (gracie222@mail.com)
DE: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
RE: Anuário

Comemorando o quê? Aniversário? Noivado? Promoção no trabalho? (Presumo que não gravidez, dado o álcool envolvido.)

Não vejo meu anuário desde o ensino médio. Acho que mora numa caixa no porão dos meus pais.

Colin

Por que o interrogatório?, eu me pergunto. Mas hoje eu não vou permitir que ele me desvie da minha meta de contagem de palavras. Vai ser salada caseira de pera e gorgonzola com vinagrete de limão-galego de jantar, às dezessete horas em ponto, uma refeição gloriosa que não vai me jogar num pesadelo de gases. (A menos que as lascas de gorgonzola da marca própria da loja tenham apodrecido, uma possibilidade muitíssimo real, uma vez que a embalagem estava em promoção como "oferta da gerência".)

Mas estou sendo comida viva pela ideia de que ele só quer usar toda essa história para zombar de mim. Isso é tudo o que Colin Yarmouth sempre fez. Ele sentava atrás de mim nas aulas de espanhol do nono ano e fazia comentários sobre tudo, desde minha caligrafia miúda e minhas costas largas até minhas notas perfeitas nos testes e… Ah. Ah, agora eu entendo. É isso. Ele estava definitivamente tentando copiar minhas respostas.

Isto acaba *agora*. Já tenho o *suficiente* acontecendo na minha vida. Não preciso desse agravante.

PARA: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
DE: Grace Landing (gracie222@mail.com)
RE: Anuário

Olha só, cara, eu não sei por quê, do nada, você agora se importa com a minha vida. A única coisa que você já quis de mim foi uma nota decente em espanhol. Isso mesmo. Eu descobri! Trapaceiro!

Agora, se puder por gentileza me dar licença, tenho certeza de que você tem coisa melhor para fazer hoje, em seu escritório de advocacia bacanudo,

do que ficar de papinho à toa com gente como eu.

Tenha uma boa vida,

Grace

Ah, a vingança. Conhecer a própria posição e conseguir dar a última palavra. Eu me sinto livre como uma criança comendo pela primeira vez no bufê da churrascaria Sizzler, voltando uma terceira vez e uma quarta, sem nenhuma consideração pelas implicações inevitáveis de misturar bolinhos fritos de milho ilimitados e sorvete de massa na mesma refeição. (Comentário paralelo: por que fecharam o bufê da Sizzler? Era um tesouro nacional, e agora o que nos resta? Crapplebee's? The Cheesecock Factory[5]?) Agora posso voltar ao trabalho nesta bela terça-feira sem ser importunada por trocas de emails inúteis.

Na verdade, fecho a aba do email para não cair na tentação de olhar. Nada de distrações!

Após um breve cochilo, recebo uma ligação. É a Lindsay. Estranho. Ela raramente telefona: manda email uma vez por semana, para fazer um acompanhamento, mas só quando estou perto do prazo, e isso é meio que tudo.

– Alô?

– Grace, você está sentada?

– Sempre – respondo. – Que é que manda?

– Recebemos uma proposta.

– Para o *Bandido imprudente*?

– Sim! A Cabaret Books ofereceu quinhentos mil dólares!

Cala a merda da boca. Isso não pode ser real.

– Por aquela porcaria indecente?

– Acham que é o próximo *Cinquenta tons de cinza*. Eles amaram!

Não pode ser. Tem que ter uma pegadinha.

– Tem certeza de que a moeda está certa? Será que eles não ofereceram, tipo, quinhentos mil pesos?

– Sim, tenho certeza! Espero que você tenha champanhe em casa, porque Karlie London está prestes a ficar famosa como o diabo, garota!

– Hum, legal! Uau! *É claro* que tenho champanhe em casa. Quer dizer, toda a minha vida é tipo uma grande festa – respondo.

Na real, tenho mesmo duas garrafas de champanhe que sobraram do meu chá de panela e que não consigo me forçar a beber, encardindo no fundo da geladeira. Eu as guardo apenas para o caso de chegar o triste dia em que eu não tiver mais dinheiro para o mercado e precisar ser criativa para encontrar fontes potenciais de

sustento.

– Bem, antes que você se sirva, tem só duas coisinhas.

Eu sabia. Lá vem.

– Manda – peço, minha cabeça girando como o chapéu-mexicano da festa anual de Nossa Senhora dos Anjos, na época da escola.

– Bem, em primeiro lugar ainda não é um acordo fechado. A editora a quem ofereci a obra está redigindo o contrato. Haverá uma reunião de aquisição dentro de alguns dias, e *daí* saberemos com certeza.

– Portanto… a gente *não* tem uma proposta?

– Não, não. Nós temos. Ela só está… trabalhando nisso. O que me traz ao meu segundo ponto. Ela quis saber se você estava trabalhando em alguma coisa. Ela acha que eles estariam dispostos a considerar um contrato de dois livros, se você tivesse alguma outra coisa para apresentar a eles.

Um contrato de dois livros?

– Eu falei para eles que você está há seis meses trabalhando em um novo original, que teoricamente estará pronto em cerca de quatro semanas. Mas podemos antecipar esse prazo, certo? Digamos, duas semanas?

– Duas semanas? Como assim?

– Bem, quer dizer, você me falou que está arrasando na produtividade. Então, com base nisso, imaginei que poderia ralar só um pouco a mais durante as próximas duas semanas e terminar. Quer dizer, não é como se você tivesse um emprego ou coisa assim – Lindsay observa. – Sem ofensa.

– Hum-hum. – *Ofensa tamanho monstro, sua vaca.*

– Não precisa ser a versão final, Grace. Faça o melhor que puder, só isso. Eu realmente não acredito que eles recusem.

– E como isso faria diferença nos números?

– Bem, se você acrescentar um segundo livro, eles disseram que aumentariam o adiantamento para setecentos e cinquenta.

– Ah, meu Deus! Setecentos e cinquenta mil dólares?

– Não consigo aumentar mais que isso, garota. Minha opinião é: vamos montar na prancha e surfar essa onda. Quem sabe quando vamos conseguir fazer chover na nossa horta desse jeito de novo?

Fico estrábica só de pensar nisso. Sei que a Lindsay está se esforçando porque também tem interesse: exatamente quinze por cento de qualquer quantia que eu trouxer pertence a ela como minha agente. E duzentos e cinquenta mil a mais para mim significam trinta e sete mil e quinhentos a mais para ela. E também sei de fonte segura (pelo assistente tagarela, Evan, que, na minha opinião, é a melhor coisa que

ela tem) que a Lindsay vem passando por uma espécie de crise da meia-idade. Apesar de bem discreta sobre sua vida particular, neste caso o tom de voz diz tudo: ela está faminta por um pagamento de vulto.

Mas duas semanas?

– Você acha que consegue negociar uma semana a mais? – Porque, se é para ser totalmente honesta, o novo original não está, hum, fluindo muito bem. Claro que não contei isso para a Lindsay.

– Posso tentar, mas você conhece o mercado: volúvel como o diabo. Não quero que eles mudem de ideia.

– Te entendo.

– Posso dizer que sim, então? – Lindsay pergunta.

Inspiro fundo e fecho os olhos. Isso é a outra coisa. São águas infestadas de tubarões, estas onde estou nadando. Só que eu não sou um tubarão. Estou mais para lebiste. E a principal razão de eu ter contratado a Lindsay foi achar que precisava de alguém mais "tubarãozudo" para me representar. Bem, isso e o fato de ela ter sido a única agente que se ofereceu. Agora, porém, parece que chegamos lá. Isso não é dinheiro de pinga. É um acordo e tanto! Eles certamente me dariam um relações-públicas e organizariam uma turnê; que diabos, quem sabe a gente pode até vender os direitos para virar filme. Só um doido diria "não" para isso.

– Okay – digo. – Manda ver.

– Que demais! Te ligo depois com mais detalhes. Agora vai lá e escreve alguma coisa brilhante, Karlie London.

A gente desliga e fico inquieta. Tipo, talvez, se eu tivesse algumas páginas decentes já escritas, conseguisse pôr pra fora o resto. Porém, ao ver que as páginas que já tenho serviriam melhor como forro de gaiola de passarinho, ou para pegar cocô de cachorro na rua, não consigo me sentir esfuziante como deveria. Fora isso, eu amo escrever, mas não sei se quero que Karlie London se torne, assim, um nome conhecido.

Ah, claro. Preciso explicar. *Karlie London* é meu pseudônimo. Tipo, depois de ser chamada de Elvis durante todo o ensino médio, sabe como é. Já me ferrei uma vez, aprendi a lição e tal. Karlie London é sofisticada. Karlie London é uma mulher de seu tempo. Karlie London nunca cagaria nas calças.

Claro que ela tem meu rosto e, portanto, minhas preocupações.

Setecentos e cinquenta mil dólares. *Merda*. Isso é *muito* dinheiro.

E agora? Estou mais do que tentada a ligar para o Scott ou, melhor ainda, a publicar uma *selfie* no Instagram, circulando por aí em uma cama cheia de notas de dólares, como Demi Moore em *Proposta indecente*, porque estou tão rica que posso

simplesmente fazer coisas assim (#melhordiadetodos! #apostoquevocedesejariaterficadocomigoagoraseucretino!), mas daí me lembro que tenho duzentos e quarenta e três dólares na minha conta bancária no momento. Então, okay. Talvez segure a onda antes de sair contando.

Se a Lindsay precisa imediatamente de um novo projeto, então vou precisar usar chumbo grosso.

Vou até a geladeira e tiro da gaveta de baixo um velho Red Bull sem açúcar. É meu truque particular, tipo em-caso-de-emergência-quebre-o-vidro, para produzir páginas rapidamente.

Colo a bunda na cadeira e encaro o *laptop*. Logo a coisa está jorrando de mim. O leitor recebe um resumo de todas as propriedades que a Presley tem e é informado em detalhes sobre quanto ela está falida por ter perdido todos os altamente instáveis inquilinos da cidade durante a pandemia. (Preciso ser cuidadosa ao escrever sobre a pandemia. A Lindsay falou que ninguém quer nem *pensar* nisso, apesar de a fase pesada de confinamento ter acabado há quase dois anos.) Presley oferece no mercado o imóvel mais valioso, o mesmo que vinha tentando vender ao Connor. Enquanto está analisando a própria situação financeira, recebe uma mensagem, em que ele se desculpa pelo que aconteceu envolvendo a esposa mais cedo naquele dia. Ela ignora e se concentra em atrair potenciais compradores. Ela decide usar o pouco que resta em sua conta bancária para planejar uma sofisticada exibição da casa.

Gente, isso é uma disparidade e tanto em relação à minha vida real. Quando consegui meu apê no Brooklyn, não houve festa chique de inauguração, nada de balões nem de fanfarra. Nadinha. Apenas o fantasma da recém-falecida avó da Melly, que deixou para trás um piano empoeirado inamovível e uma filha simpática (a mãe da Melly), que decidiu que, em lugar de lidar com corretores, ia vender o apartamento para *mim*, a única melhor amiga de escola da filha dela, por um preço bem abaixo do valor de mercado.

Se ao menos a Presley tivesse a mesma sorte.

Eu só havia escrito seis páginas, mas, quando paro para fazer uma pausa, meu coração está acelerado, graças aos oitenta milhões de miligramas de cafeína ainda nadando no meu corpo. Minha mente oscila de um tema a outro, pensamentos sobre me mudar do Brooklyn e reinstituir consultas médicas para cuidados preventivos dão lugar a considerações sobre uma nova foto de divulgação, tirada por alguém mais qualificado do que os membros do clube fotográfico da Escola Secundária Midwood. Quero *conversar* com alguém, mas as meninas estão trabalhando e, se eu telefonar para a minha mãe, ela vai simplesmente começar uma hora de diatribes sobre como a faxineira dela, Sheila, está roubando rolos de papel

higiênico da garagem. Ela tem certeza disso, só ainda não conseguiu provar. E meu pai corrobora a maluquice dela, catalogando isso sob "Esposa feliz, vida feliz", o mantra dele.

Assim, faço o que qualquer pessoa normal faria nessas circunstâncias: checo meu email.

E sabe da maior? Acho que Colin Yarmouth não entende indiretas.

PARA: Grace Landing (gracie222@mail.com)
DE: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
ASSUNTO: Aula de espanhol

Grace,

Você tem razão. Envergonho-me ao dizer que, sim, eu tentei colar de você no espanhol algumas vezes. Lo siento, lol.

Você é divertida!

Seja como for, você nunca respondeu ao que perguntei. O que estava comemorando? Noivado? Despedida de solteira? Fora isso, quando você diz *queridonas*, está querendo dizer mulheres amigas?

Escreva de volta (a sério desta vez).

Colin

Não sei. Estou meio de bode agora. *Mulheres amigas*? Isso agora é o quê, quinta série? E quanto ao interrogatório que essa correspondência se tornou, bem, você talvez não tenha ouvido, *Colin*, mas estou prestes a me tornar uma *quase milionária*, graças à minha habilidosa capacidade de escrita, por mais que a recepção seja equivocada por parte de advogados intelectualizados como você. De modo que talvez eu estivesse comemorando minha *genialidade*! Já pensou *nisso*?

Os homens são tão estúpidos às vezes! Sou uma autora de *romances*, não uma redatora profissional de emails. O fato de ele ter achado divertida a revelação sarcástica que fiz da desonestidade dele só mostra que sou tão encantadora quanto rica. (Ou, vai ver, Colin é tão burro quanto lindo.) Assim sendo, vou *mesmo* escrever de volta "a sério", nem que seja para provocar mais elogios.

PARA: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
DE: Grace Landing (gracie222@mail.com)
RE: Aula de espanhol

Colin,

Eu estava comemorando um contrato com minhas melhores amigas do

colégio. Sou *ghostwriter*. É uma profissão muito nobre. Não posso te contar mais a respeito, ou depois teria de matar você.

(Brincadeirinha, relaxa.)

Comentário paralelo: estou fora de toda essa coisa de casamento e filhos, parece clichê demais pra mim. Tipo, *quem* não tem uma casa no subúrbio e o número necessário de dependentes dedutíveis do imposto de renda? Prefiro marchar ao ritmo do meu próprio tambor. Viver a vida nos meus próprios termos. Então nada de grandes festas de noivado, por aqui não, obrigada.

E quanto a você? Tenho certeza de que tem esposa e filhos adoráveis. Em qual subúrbio de Nova York você mora: Westchester, Rockland ou Long Island?

Atenciosamente,

Grace

Apesar de ter obviamente revelado demais, dou *send* e fecho o *laptop*, porque não consigo parar quieta. *Setecentos e cinquenta mil dólares*. Isso pede um estimulante! Parto para (onde mais?) a Starbucks, rumo a um *frappuccino venti* sabor caramelo, descafeinado, que vou fingir ser café (porque Deus sabe que, se eu ingerir mais cafeína, meu coração poderá literalmente implodir, como uma cratera desmoronando para dentro), e uma única fatia de bolo como acompanhamento para arrematar. Certo, lá se vão sete dólares ralo abaixo, mas o que é uma pequena frivolidade, agora que tem dinheiro de verdade no horizonte?

---

[5] Trocadilhos ofensivos com o nome das redes Applebee's e The Cheesecake Factory. (N.T.)

Colin

Ora, isso é inesperado. Grace Landing e eu estamos aparentemente nos correspondendo por email.

Eu me lembro da primeira vez que a vi. Mais ou menos. Éramos dupla no laboratório, mas daí a professora foi atropelada por um ônibus, ou coisa assim, e então chegou um cara novo que mudou todo mundo de lugar. Eu acabei com a Alexis. *Dessa* garota eu me lembro. Ela tentou me seduzir durante uma excursão ao Planetário Hayden. Não no planetário em si, mas no ônibus da escola. Mas a gente ficava passando por cima de tartarugas, tipo uns obstáculos bem grandes, e durante um dos solavancos ela sem querer me mordeu.

Passei a ter uma dor fantasma toda vez que a via. Depois disso, então, fiz o que qualquer menino sensato de catorze anos faria.

Terminei com ela.

A Grace, por outro lado, nunca me pareceu ser do tipo abusado nem promíscuo desse jeito. Tinha cabelo sedoso e acho que era bonita. Mais para tímida, se a memória não me falha.

Evidentemente, eu lhe deixei cicatrizes para a vida toda.

Ela é mais divertida do que eu me lembrava. Não acredito que chamou minha atenção por ter colado dela no espanhol. Não me lembro exatamente de ter feito isso, mas tenho certeza de que ela tem razão, porque sou *péssimo* em línguas estrangeiras. Tentei usar aquele aplicativo, Duolingo, não muito tempo atrás, mas quase quebrei o telefone ao insistir que *Tu madre es una pastel de caballo* significava *Sua mãe tem cabelo grisalho*. (Aparentemente não significa isso. Em tradução livre significa *Sua mãe é um bolo de cavalo*.)

Não tento mais me aprimorar com esse tipo de coisa. Eu me atenho àquilo em que já sou bom. Corrida. Treino. Ver tevê.

Reli a mensagem dela. Uma *ghostwriter*? Isso até que é interessante.

Quando eu estava no ensino médio, não sabia o que era um *ghostwriter*. Achava que era mais ou menos a mesma coisa que um admirador secreto. Ora, *isso* sim eu conhecia bem. Eu recebia umas cartas de amor muito loucas, desde meu ano de calouro. A primeira foi bastante inócua, algo como:

Oi, Colin,

Você é tão lindo. Queria que me beijasse.

Com amor,
Sua admiradora secreta

Não dei muita importância. Imaginei que fossem os caras do time me zoando. Eles faziam todos os trotes habituais, que incluíam raspar cabeças e grudar papel higiênico nas casas, mas acho que o treinador mandou que eles pegassem leve comigo, porque eu era muito novo, então fazia sentido que começassem a me escrever falsos bilhetes de amor.

Mas guardei, para o caso de vir a precisar.

Os caras nunca agiram de modo diferente, e os bilhetes continuaram chegando. Cada um era mais longo que o anterior e muito mais descritivo. Lá pelo meio da temporada de futebol, eram mais ou menos assim:

Querido Colin,

Nunca na minha jovem vida eu me senti como me sinto quando estou perto de você. Meu corpo formiga e meus sentidos se aguçam. Minhas mãos querem sentir sua pele; meus dedos anseiam por roçar seus lábios. O perfume do seu cabelo me dissolve. Quando te vejo mudar de roupa e vestir o uniforme de futebol, enlouqueço imaginando o que se esconde dentro daquele calção. Não posso evitar pensar no que faria com você se tivesse a chance. Juro que não seria menos que arrebatador.

Com amor,
Sua leal admiradora secreta

As cartas continuavam chegando, às vezes até duas por dia, cada uma mais depravada que a outra. No fim, havia páginas e páginas descrevendo cenas completas de mim e essa garota misteriosa juntos na cama, e percebi que ou meus colegas de time eram autores incríveis com muito tempo livre para bolar histórias eróticas ou talvez, só talvez, houvesse mesmo uma garota *de verdade* por trás daquilo tudo.

Eu guardava as cartas debaixo da cama, escondidas em uma caixa de sapatos que continha um frasco de hidratante de mãos Jergens e uma solitária revista *Playboy* que eu havia encontrado no porta-malas do carro do meu pai. Embora fossem estranhas, eram também meio que excitantes.

Uma vez, perto do Dia de Ação de Graças, se estou bem lembrado, recebi uma carta de quatro páginas. Estava na cafeteria, com meu lanche trazido de casa, e o sinal tinha acabado de tocar anunciando a mudança de turnos, mas eu tinha uma janela dupla, então fiquei sentado sozinho por uns minutos à mesa do time de

futebol, enquanto as crianças entravam e saíam. Tirei a carta da mochila pensando que leria só as primeiras linhas.

Querido Colin,

Estou deitada na cama e não consigo parar de pensar em você. Estou com um sutiã de renda vermelha e calcinha combinando, imaginando você só de cueca ao meu lado.

Porém, com um início desses, não pude abandonar o navio, então segui lendo. Poucos minutos depois, meu peru de catorze anos estava duro feito pedra, quando um bando de moleques do time chegou e sentou. Não consegui devolver o bilhete depressa o bastante à segurança da minha mochila. O Gus pegou e leu alto para toda a cafeteria escutar. No começo tentei protestar, mas sabia que isso só iria piorar as coisas, então fiquei lá sentado, constrangido, enquanto eles zombavam do meu precioso material de leitura. Nem levantei os olhos, estava mortificado demais.

Os caras mais velhos da equipe decidiram descobrir quem era minha admiradora, em uma missão que chamaram de "Operação Julieta Secreta". No dia seguinte, o bilhete tinha sido xerocado (e intercalado e grampeado, cortesia devida ao fato de o pai do Justin ser gerente na rede de copiadoras Kinko's) umas mil vezes, ou pelo menos assim parecia. Circulou por toda parte: foi pendurado em quadros de avisos, colado com fita adesiva nas árvores do pátio, pendurado nas paredes de todos os banheiros masculinos da escola. Meu amigo Joey Jukovic (um goleiro do segundo ano) me disse para não esquentar a cabeça. O bilhete estava fazendo maravilhas pela minha reputação, ele disse. Até as meninas *mais velhas* estavam falando sobre mim.

Para meu imenso alívio, o diretor Nieman encerrou a "Operação Bolso Quente" após dois dias. Nunca mais recebi outra carta, depois disso. Na verdade, nem meu original da última eu recebi de volta. Precisei arrancar uma cópia da parede de um dos banheiros, para que minha coleção ficasse completa.

Eu pensava que *isso* era o que significava *ghostwriter*.

Pelo visto, estava enganado. A Wikipédia me diz que *ghostwriter* é "alguém contratado para redigir trabalhos literários ou jornalísticos, discursos ou outros textos que são oficialmente creditados a outra pessoa como se ela fosse a autora".

Ora, ora. Para mim soa bem monótono, se quer saber minha opinião.

Gracie

PARA: Grace Landing (gracie222@mail.com)
DE: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
RE: Aula de espanhol

Ah, *ghostwriter*, é? Parece um trabalho bem legal. Eu gostaria de saber mais. (Claro que não estou querendo que você me *mate*.) Em que tipo de projeto você está trabalhando?

Nada de subúrbios para mim também. Moro em um apê em Astoria. Morei em Long Island por um tempinho, mas voltei para o Queens há uns seis meses. Onde você mora? Você ainda é uma local?

Sim, estou totalmente contigo quanto à expectativa do mundo sobre a gente precisar estar casado e com filhos aos trinta. Sou advogado e tenho um escritório bem-sucedido. Isso deveria valer alguma coisa, não?

Então, qual é o cronograma de um *ghostwriter*? Você tem um escritório ou trabalha em casa?

Escreva de volta,

C.

O email do Colin chegou bem antes das nove da manhã. Uma garota não pode nem mesmo terminar o café da manhã antes de ser inundada?

Quem estou tentando enganar? Estou intrigada. Ele soa alarmantemente… disponível.

PARA: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
DE: Grace Landing (gracie222@mail.com)
ASSUNTO: Bom dia

Ora, você sem dúvida gosta de começar o dia cedo. Respondendo às suas perguntas, eu trabalho em casa, portanto ainda estou de pijama, e isso é provavelmente do que mais gosto nesta profissão. Mas *ghostwriting* é só uma parte do que faço. Isso é quando você é contratado por outras pessoas para escrever suas histórias em nome delas. Concluí um livro há não muito tempo sobre a história dos *noodles ramen*. Soa horrivelmente enfadonho. (Porque

foi, de fato, lol.) Mas pagou bastante bem. Sou escritora também. Escrevo ficção, principalmente romances.

É uma coincidência que você tenha recentemente se mudado de volta de Long Island para a cidade. Em tese, eu ia me mudar para lá (na época, eu estava noiva). Vamos dizer apenas que as coisas não saíram exatamente conforme eu tinha planejado. Em lugar disso, moro em um apartamento no Brooklyn. E está tudo bem que seja assim. Prefiro ser solteira e feliz a ser casada e infeliz.

Em qual área do direito você trabalha?

Grace

Dei *send* e fui trabalhar. Abastecida por açúcar e café, estou pronta para enfrentar a contagem de palavras do dia. De acordo com o calendário, meu novo prazo é primeiro de maio, feriado. Se estou redigindo um original de oitocentas mil palavras em catorze dias e até agora só escrevi três mil e quinhentas palavras, tenho de escrever algo em torno de cinco mil e quinhentas por dia.

Isso dá cerca de vinte páginas.

Inspiro fundo e convoco as ideias a surgir.

Onde estávamos? Ah, sim. A exibição da casa da Presley. Descrevo o evento com todos os detalhes, faço todo o trabalho duro. Crio um casal e os apresento, consolidando a cena. Em seguida, bem, quem haveria de aparecer, se não o próprio Connor Yates, obviamente? Ele chega sob os auspícios de "Casa em exibição", mas é claro que na verdade está lá para ver Presley e tentar se explicar. Não posso facilitar as coisas para ele, então lanço um obstáculo: um casal prestes a ter um filho e que está interessado em possíveis compras. A esposa é terrivelmente de personalidade tipo A. Connor briga comigo; ele quer ficar a sós com Presley, então precisa tirar esses dois do caminho. A uma distância que o casal possa ouvir, ele finge ligar para a corretora e fazer uma oferta pelo imóvel, o que por sua vez deixa a mulher do tipo A enlouquecida. Ela e o marido vão para o dormitório para debater a questão e Connor… hum… Já sei! Connor se esconde no armário do corredor em frente ao quarto.

Okay, isso está parecendo que foi escrito por um lunático. Mas o ponto de vista que tenho em mente é o da segurança financeira, então não tenho escolha. Preciso seguir em frente e ver aonde isso me leva.

Pois bem. O casal está no dormitório, e Connor, dentro do armário. Vamos trazer o casal de volta para fora para conversar com Presley. Eles perguntam se "o outro sujeito" foi embora, e Presley diz que sim. Então eles perguntam se ela sabe quanto

ele estava planejando oferecer, de modo que eles possam fazer uma oferta melhor.

Ahá! Do armário, Connor manda uma *mensagem* para ela. *Informe o preço cheio*, diz o texto.

A mulher liga para a corretora e faz uma oferta maior que o preço pedido. Presley está prestes a soltar um suspiro de alívio, grata pela interferência de Connor, quando…

A esposa dele aparece!

– Onde ele está, sua vagabunda? – ela pergunta.

Não posso deixar isso parecido demais com a última vez que ela apareceu. Preciso mudar.

Dou um grande gole no que resta do meu café. Grânulos esmagados de açúcar dançam entre meus dentes. Meus molares os trituram e, misturados à saliva, eles se tornam um elixir dos deuses.

Detenha-a, eu decido. Ponha em cena mais visitantes, um casal com seu corretor. Do armário, Connor manda uma mensagem de texto para Presley: *Livre-se dela*. Mas Presley está confusa. Ela responde à mensagem e daí…

Ding! O telefone dele apita no armário. A esposa de Connor, Melinda, escuta e o pandemônio se instala. Ela se descontrola, berra acusações contra ele. Ele tenta chamar a atenção dela para o fato de que ela não é propriamente a melhor esposa do mundo: há muitos meses que não fazem sexo, e ele acredita que o universo pôs Presley e ele juntos. O casal com o corretor sai discretamente, não querendo se envolver naquela cena ridícula, e daí… E daí…

Merda. É meu recorde de apelação. Melinda golpeia Connor na nádega com a tesoura de Presley. Na nádega! Eu sofro umas facadas (haha, literariamente!) ao escrever esta linha, que termina assim:

Com uma bunda tão redonda, Presley quase esperava ouvir um som de estouro, como se tivesse sido um de seus balões decorativos para a exibição da casa. Connor girou o tronco para ver melhor a tesoura parcialmente enterrada no traseiro firme, roliço.

Ufa. Preciso de uma pausa. Escrever cenas de ação é exaustivo. Analiso o trabalho realizado e faço uma contagem rápida de palavras. Nada mau. Nada mau mesmo.

Toda essa conversa sobre bundas firmes e roliças desperta meu corpo. Acho que preciso fazer cocô.

PARA: Grace Landing (gracie222@mail.com)
DE: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
RE: Bom dia

Oi,

Sim, normalmente eu gosto de começar o dia cedo, você está certa. Tem uma academia no prédio do escritório, então eu treino e tomo banho lá. Em geral, estou na minha mesa às oito.

Sou advogado de planejamento sucessório. É a carreira da minha família: meu pai era planejador sucessório, assim como meu avô. Desde que eu era criança, fui coagido a fazer faculdade de Direito para assumir a empresa, mas na maior parte do tempo isso não me incomoda muito. Nunca tive um sonho profissional (exceto ser jogador profissional de beisebol), mas estourei o manguito rotador no colégio, e isso foi o fim de tudo.

Não sabia que *noodles ramen* tinham uma história longa o suficiente para preencher um livro inteiro. Aposto que você nunca mais vai olhar para eles como um almoço gostoso e barato de novo.

Sinto muito pelo seu noivado, mas concordo com o que você pensa sobre ser solteira e feliz *versus* casada e infeliz. Mantendo o espírito de franqueza total: fui casado até seis meses atrás, e posso dizer por experiência própria que não é tudo o que dizem. (Aliás, nem Long Island. Os impostos estão fora de controle!)

Me conte sobre seus romances. Algo que eu talvez conheça?

Até já,

C.

Recebo o email do Colin depois do meu lanchinho de embutidos no meio da manhã. Não, não estou brincando. Tenho uma tábua de frios sensacional, que gosto de usar com tanta frequência quanto fisicamente possível. Enrolo umas fatias de *prosciutto* fresco e ponho uns cubos de cheddar, junto com um punhado de uvas e uma pilha de bolachas água e sal, tudo comprado na mercearia ontem, depois da minha sessão de escrita. (Eu estava me sentindo especialmente refinada quando escolhi as bolachas de água e sal. Estavam em promoção, o que deu ensejo à ideia como um todo, mas eu me deixei levar, e eis que a hora do lanche escalou para um evento de mais de quarenta dólares. Infelizmente, minha conta bancária baixou para cento e noventa dólares, mas tenho certeza de que consigo fazer esse saldo durar algumas semanas. Se não, foi para isso que Deus inventou os cartões de crédito de emergência. Fora isso, quer a real? Foi um mimo espetacular.)

Aprendi com erros passados que nunca se deve possuir algo tão divertido quanto uma tábua de frios e guardar para "ocasiões especiais", porque é altamente provável que as pessoas para quem você guardou a peça vão acabar se revelando não merecedoras, a longo prazo. E então você vai se ver lamentando todas as

oportunidades que perdeu de aproveitar o objeto sozinha.

O histórico dos meus encontros fornece grandes provas disso. Passei a maior parte do ensino médio ficando com vários caras, depois de no meu ano de caloura começar a sair com um garoto da associação de estudantes chamado Jack. Ele foi para a Boston University, não para o Boston College, e a gente se encontrou em uma festa da associação da BU a que fui com minhas amigas. Foi barulhenta, suada e transbordante daquela combinação odorífera única de ponche de álcool de cereais com desodorante corporal Axe. A gente dançou e foi glorioso. Eu nunca tinha dançado daquele jeito com um cara antes, as partes baixas dele se esfregando nas minhas partes baixas, o olhar dele basicamente gritando *Eu te amo*. Okay, não foi bem assim. Mas foi divertido. A gente começou a "sair", o que eu interpretei como "namorar", até alguns dias mais tarde, quando fui de surpresa ao dormitório dele e uma garota seminua abriu a porta. Ela estava com as mãos cobrindo os seios e ele estava deitado na cama. De modo que, então, aprendi bem depressa que o colégio talvez não seja o melhor lugar para encontrar uma alma gêmea.

Quando terminei o ensino médio, voltei para casa e arranjei um emprego no *Breaking Bronx*, um jornaleco semanal local que era distribuído nos mercadinhos e lojas de conveniência no nosso belo bairro periférico. Eu era crítica de restaurante e a responsável pela coluna "Comidas & Mais", o que exigia desde testar novas receitas até atuar como cliente misterioso em mercearias. Pagava muito pouco, mas eu morava com a família, então realmente não importava. Além disso, o repórter especializado da área de esportes, Malik Patel-Robinson, era *tudo de bom*. Entendia de música e vídeo e me ensinou o que era *badonkadonk* em nossa primeira reunião de trabalho juntos. Depois eu o convidei a ir comigo avaliar um novo restaurante caribenho e lhe ensinei a diferença entre o frango com pimenta-preta da Guiana e o frango charqueado da Jamaica. Começamos a conversar no trabalho o tempo todo e ele se tornou meu primeiro namorado real da vida adulta. A gente ia ao cinema juntos e saía para comer, e éramos bem criativos no departamento sexual (uma vez fizemos na mesa de piquenique do quintalzinho da casa dele), porque nós dois morávamos em casa com a família e avós idosas, além dos respectivos pais, e de uma coisa eu sei: avós idosas estão sempre em casa. Infelizmente, nossas duas famílias eram conservadoras demais para aceitar nossa relação como qualquer coisa diferente de "bonitinha". Cometi o erro de o convidar para o Natal, e ele conheceu meus pais e minha *nonna*. Houve tantas sobrancelhas erguidas, resmungos em italiano e sinais da cruz por parte da minha avó, que eu falei para o Malik que ela era senil, só para que não parecesse uma velha racista escrota. Terminamos quando ele conseguiu emprego em um jornal de verdade em Manhattan, com um salário suficiente para ir

morar sozinho.

O cara seguinte que namorei tinha muito potencial, ou pelo menos foi o que pensei. O Luke era meigo e atraente, mas um bocado insípido. (Para a minha avó, um par ótimo, na verdade.) Eu o conheci em um café da manhã da igreja, que fui cobrir para o *Breaking Bronx*. As panquecas tinham gosto de papelão, mas era o Luke quem estava servindo: em nome do jornalismo, voltei para repetir as panquecas, tendo em mente as falsas perguntas que faria. Ele me achou divertida e "pecaminosamente bonita" (palavras dele, não minhas), e ficamos juntos por uns dois anos. Tempo suficiente para que ele decidisse que era chamado a servir ao Senhor e entrasse para o seminário.

Uma coisa dessas eu não poderia inventar.

Depois do Luke passei um período de vacas magras, até que, em dado momento, minha amiga Melly sugeriu que eu tentasse encontros online. "Tá todo mundo fazendo", insistiu. Eu sabia que ela estava certa; então, apesar de me sentir extremamente *bizarra* ao publicar minhas fotos na internet em busca de um homem (nas primeiras eu parecia estar tentando participar do "Pessoas desaparecidas" de uma antiga caixinha de leite), precisei encarar os fatos e lidar com a situação. Eu me pus em exibição em sites como PlentyofFish, Bumble e Tinder, e saí com um monte de casos perdidos, enquanto tentava me localizar naquele novo terreno. Se alguém conferisse meu histórico de buscas no Google, naquela época, encontraria umas pesquisas bem interessantes, tipo: "como saber se um perfil é falso" e "como dar o fora em um psicopata".

Tentei me concentrar em mim, publiquei meu primeiro livro, economizei dinheiro e saí da casa dos meus pais para o apê do Brooklyn onde moro atualmente. Não muito depois do casamento da Melly, fiz vinte e nove anos. De repente, com o grande 3.0 no horizonte visível, comecei a entrar em pânico a sério, pensando que jamais iria conhecer alguém. Na real, a Melly era a única das minhas amigas que já estava casada, mas algo naquele número me deixava louca, e eu sentia que, a cada dia que passava, mais e mais caras iam desaparecendo do mercado.

Uma vez eu li que, quanto mais velha você fica, menos seus óvulos se importam com o esperma que vão receber. Então, pensa só: seus óvulos jovens e fofuchos estão se achando, e não vão simplesmente aceitar um esperma *qualquer* como inseminação. Nã-nã-ni-nanão. Eles querem esperma *de qualidade*. Enquanto isso, os óvulos de reserva ficam sentados esperando e envelhecendo, e quando estão velhos praticamente aceitam qualquer esperma que conseguir subir pelo canal. Como se o óvulo envelhecido dissesse: "Ora, dado que você já chegou até aqui, bem que eu posso te deixar entrar", bocejando e dando de ombros com indiferença.

Isso foi mais ou menos o que aconteceu comigo quando vi os trinta se aproximando. Convencida de que não ia sobrar ninguém no mercado, comecei a pesquisar novos sites nos quais pudesse publicar meu perfil.

Eu tinha vinte e nove anos e dois meses (um pé claramente já na cova) quando conheci Scott Gross no freezeburn.com, um aplicativo de encontros projetado para mulheres em busca do amor e que também estão planejando congelar óvulos. A promessa do site (*Encontre o amor em três ciclos de ovulação ou receba um crédito de US$ 500 para o congelamento de óvulos em um de nossos parceiros exclusivos!*) parecia um ganha-ganha, e, como era de esperar, Scott e eu demos *match* no meio do meu segundo mês online. Ele preenchia todos os critérios superficiais: 1) não morava com os pais; 2) tinha um emprego de período integral; e 3) tinha mais cabelo na cabeça do que no corpo. (Na verdade, ele patinou no último. A parte de baixo das costas abrigava uma situação à qual ele se referia como "penugem de pêssego", mas, se alguma vez eu visse uma fruta coberta de pelos castanhos compridos e encaracolados como aqueles, acharia que estava muito, muito podre.) Apesar disso, a capacidade do Scott de escrever emails era um lixo, e foi apenas porque me censuro por ser dura demais com as pessoas que aceitei o convite dele para sair. Jamais esquecerei a mensagem: *bbr no mcsweenys? 19h? hj?*

O McSweeney's, um bar conhecido em todo o Brooklyn pelo rosbife com caldo quente e ampla variedade de chopes irlandeses, ficava a poucas estações de distância da minha casa pela linha Q de trem. Vesti um jeans preto agarrado que valorizava minhas curvas, botas pretas de cano longo, uma malha cinza soltinha e jaqueta de couro. O Scott chegou alguns minutos atrasado, mas bastou um vislumbre de seu sorriso arrependido e eu estava conquistada. Ele elogiou minha roupa, não disse uma palavra quando pedi (teoricamente para dividir) fritas com queijo e comi tudo sozinha, e desviou o rosto para arrotar, depois de dar um gole grande na cerveja (em vez de arrotar na minha cara). Ele me lembrava um *collie* de barba, com o cabelo puxado para trás sob um boné de caminhoneiro, uma barriga de três meses que ainda conseguia encolher, se quisesse, coberta por uma velha camiseta do Linkin Park, e a metade inferior do corpo com aparência comum, dentro de uns jeans folgados. Contava piadas bestas, ainda fumava baseado, raramente, e assistia ao futebol todos os domingos, com os amigos do colégio, em um bar na região leste do Queens. Segurava os peidos enquanto fazíamos sexo, mas soltava tudo depois, sempre avisando antes. Dividia um apartamento em Williamsburg com outros dois caras, então ir visitá-lo não era muito diferente de ir até o dormitório de uma associação de estudantes.

Mas o Scott tinha um emprego em Manhattan, era o cara de tecnologia de uma

pequena empresa de contabilidade e gostava de ver filmes, comer fora e dormir até tarde nos fins de semana, o que nos tornava um *match* muito bom. Eu podia viver com o fato de o assento sanitário dele estar sempre levantado (e você podia apostar que encontraria ao menos três ou quatro pentelhos perdidos grudados na borda) e com o fato de nunca poder deixar uma escova de dentes no apartamento dele, porque não poderia ter certeza de que não seria usada por um de seus amigos bêbados. Tinha estudado até o fim do ensino médio e era comum, o que parecia não ameaçador, para dizer o mínimo.

Depois de sairmos por mais ou menos um mês, começamos a passar cada vez mais tempo no meu apartamento, e como havia uma cozinha de verdade, abastecida com utensílios adequados, tais como potes e panelas, descobri que o Scott gostava de cozinhar. Sua propensão a criar refeições divertidas usando itens domésticos comuns (como ensopado de galinha e bolinho cozido feito com Bisquick, ou rolinhos de peru e queijo feitos com massa folhada e assados) levou nosso relacionamento ao nível seguinte. *Finalmente! Um pouco de coisa em comum!*, pensei. Eu adorava provar as invenções do Scott, e ele ficava encantado com o meu entusiasmo, com aquele olhar de cachorrinho e dicas pesadas de como eu poderia recompensá-lo na cama. *Gostou do meu frango com parmesão? Bem, talvez você queira provar o espeto de carne na minha calça, de sobremesa!* Com frequência eu atendia, porque, bem, não é isso que supostamente você faz quando está em um relacionamento? E acho que isso fez de mim alguém que para ele valia a pena manter, porque depois das visitas obrigatórias aos pais de ambos os lados e após nove meses de coabitação às minhas expensas, Scott me pediu em casamento, depois de transarmos, no meu trigésimo aniversário.

– A gente devia se casar – ele disse. – Quer?

E foi isso. Nada de alianças, nada de arroubos. Mas eu disse sim e considerei como um pedido de verdade. Escolhemos as alianças juntos e, durante um jantar italiano em grande estilo, no centro, convidei Alisha, Tori e Melly para serem minhas damas de honra. A Melly já era casada, e a Alisha, noiva. Tori era contra casamento, apesar de fazer quatro anos que morava com a namorada. Ficaram tão felizes por eu ter finalmente encontrado alguém que preenchia todos os requisitos que, obviamente, aceitaram com empolgação.

Eu deveria ter visto isso como um sinal: meu nome de casada ia ser *Grace Gross*[6]. O universo estava claramente tentando me dizer alguma coisa.

Então começou a temporada de caça. Caça a uma casa. Caça a um cartório. Caça a um vestido. Tentei manter a cabeça fria durante todo o processo. O Scott não poderia ter se importado menos com os detalhes. Sentia que planejar o casamento

era meu papel, mas eu o arrastava para tudo, insistindo que eram, teoricamente, os afazeres românticos dos *nossos* sonhos. Nosso dinheiro era curto, e meus pais nos deram dez mil. Melly, minha dama de honra, havia passado pelo mesmo processo pouco tempo antes, só que os pais dela eram hipersupermegagenerosos, ela não tinha restrição de verba, e gostou de me ajudar a navegar pelo "desafio" de comprar roupas sob restrições financeiras. Compradora nata, ela também amou repetir as visitas às lojas de cama, mesa e banho Bed Bath & Beyond com o escaneador de códigos de barras. Montamos um fichário de ideias, como se fosse um Pinterest, mas na forma de livro, enquanto Scott acompanhava, navegando distraído na internet e levantando silenciosamente o polegar cada vez que lhe apresentávamos uma opção. Em retrospecto, eu poderia ter sugerido que a gente se casasse em uma tina de geleca, e ele teria respondido com a forma humana de um emoji.

Cerca de quatro meses antes da festa, a gente estava ficando sem opção de lugar, quando, do nada, a mãe dele recomendou uma planejadora de casamentos. Ela era filha de uns amigos da família, mas o Scott não a via desde que eram crianças. Como ela estava começando na atividade, precisava de indicações, e a mãe do Scott ficou feliz em ajudar. O Scott não se importou: a interferência da mãe significava uma coisa a menos para ele fazer. Mas *eu* me importei: ela não tinha visto a pasta que eu fiz? Ora, eu era perfeitamente capaz de planejar meu próprio casamento! No entanto, e apesar disso, concordei, não querendo irritar minha futura sogra.

Scott e eu encontramos Ilana Shapiro em um sábado do qual me lembro muito bem. Ele fez o primeiro contato por telefone e os dois combinaram de todos nos reunirmos para um café da manhã.

Ilana era mignon, tinha cabelos loiros ondulados, nariz arrebitado e lábios carnudos. Mesmo eu usando saltos altos, ela me fazia parecer um gorila, em comparação. Era inconstante e risonha e a voz lembrava a de uma criancinha.

Eu a odiei assim que pus os olhos nela.

A gente se encontrou em Long Island. Enquanto o Scott comia panquecas, e eu ovos mexidos com bacon, Ilana pediu queijo cottage e frutas. Deu um total de quatro mordidas, antes de pôr de lado e se dizer satisfeita. Em seguida, fomos no carro dela de um salão de festas para o seguinte. O Scott se sentou na frente, porque precisava de espaço para as pernas, e eu fiquei no banco de trás, como se estivesse segurando vela. Depois de visitar sete bufês diferentes, decidimos encerrar o dia, e ela nos deixou na estação de trem mais próxima de Long Island.

– Bem – falei, quando estávamos sentados lado a lado no vagão –, eu nunca mais vou fazer *isso* de novo.

– Eu achei bem legal – respondeu ele. – Ver todos aqueles lugares. Fiquei

tentando descobrir qual tinha a melhor configuração de bar.

Revirei os olhos.

– Que tal assim: você escolhe três, e eu resolvo entre eles?

– Tem certeza?

– Absoluta – garanti.

Não pensei muito a respeito depois disso. Quando contei para a Melly que meu noivo ia passar fins de semana sozinho visitando salões de casamento com a baixinha-magrinha da Ilana Shapiro, ela me incentivou a não esquentar.

– Ele está se casando com *você*. E, pela sua descrição, ela parece um daqueles Minions de *Meu malvado favorito*.

Dei risada.

Mal sabia eu que a piada era à minha custa.

Após mais de dois meses de buscas, o Scott ainda não tinha escolhido os três lugares para eu ir checar. Eu estava constantemente ocupada, entre pesquisas sobre *noodles ramen*, a criação de outro fichário ao estilo Pinterest com ideias de decoração para a casa, reuniões com nosso corretor e preparativos intermináveis dos detalhes de nossas futuras núpcias, o que era particularmente desafiador sem o local reservado. Eu deveria ter achado estranho que ele aparecesse na minha casa depois das dez da noite, após longos sábados com Ilana, mas atribuí ao fato de ele estar sendo diligente e estar genuinamente procurando o lugar certo para dizermos "sim". Eu não esperava que ele estivesse, em lugar disso, depositando a semente dele no jardim *dela*, na parte de trás da merda do jipe Cherokee dela ou, ainda pior, no banheiro de um dos salões.

Isso foi em julho passado. Em agosto, acho que o mostrador exibiu dois risquinhos no visor, porque ele me disse que nós deveríamos "colocar os planos do casamento no gancho, por enquanto". Na época ele mencionou estar se sentindo "confuso com as coisas".

Tori fez para mim um boneco de vodu do Scott, e eu enfiei alfinetes em todas as partes em que consegui pensar: atravessando os olhos, dentro da boca, na bunda e no espaço vazio entre as pequenas pernas com enchimento, onde o peru deveria estar.

Eu o chutei para fora do meu apartamento, mas, por ser um preguiçoso, ele nunca tinha saído por completo do apê de Williamsburg, de modo que simplesmente voltou para lá. Foi pouco antes do Dia de Ação de Graças que ele me contou que ela estava grávida, e que ela decidira ter o bebê. De repente, a "confusão" dele passou a fazer todo sentido.

Nunca recebi reembolso da Ilana Shapiro por "serviços prestados", e agora sou a

orgulhosa proprietária de um vestido de noiva de mil e quinhentos dólares, da Maggie Sottero, que não posso devolver. A Bela e a Fera tiveram um menino saudável, com cinquenta e cinco centímetros e três quilos, na sexta, treze de abril. Ninguém viu a ironia disso, fora eu mesma. E, como não poderia deixar de ser, eles se casaram em Long Island, e Ilana Shapiro foi a planejadora. "Para meu próprio casamento", ela se gabou no Facebook. Eles se mudaram para uma casa que o *meu* corretor tinha encontrado para nós, e *roubou* totalmente meu "viveram felizes para sempre", deixando na minha boca um gosto amargo para todas as coisas românticas. Fiquei tão mal que, este ano, comprei para mim mesma uma caixa de bombons no Dia dos Namorados, só para poder botar fogo no chocolate dentro da banheira.

A luta é real.

PARA: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
DE: Grace Landing (gracie222@mail.com)
RE: Bom dia

Não, você provavelmente nunca ouviu falar de nenhum dos meus livros. Eu escrevo ficção feminina. Bem, romances, para ser sincera.

Fiquei impressionada ao saber que você se levanta tão cedo para treinar. Eu corro às vezes, mas não sou lá muito comprometida.

Por falar em comprometimento, que merda isso do seu divórcio. Quer dizer, que bom que você está mais feliz agora, mas é um saco ter se divorciado, principalmente tão poucos meses depois de se casar. Mas entendo o que você passou.

Meu ex-noivo engravidou nossa planejadora de casamento. Então, pois é, as coisas não funcionaram como o planejado. Fora isso, é bem recente.

O filho deles nasceu na semana passada... Ah!, na verdade foi no dia anterior ao meu primeiro email bêbada para você. Eu saí com minhas amigas para comemorar não ter tomado a pior decisão da minha vida e tomei umas a mais. (Portanto, não exatamente uma comemoração profissional; você pode me chamar de *potoqueira*, se conseguir descobrir o que significa, lol.)

Bom, preciso ir. Tenho um prazo importante se aproximando e tenho mesmo de tentar me concentrar na contagem de páginas. Espero que tenha um bom resto de dia.

Cordialmente,
Grace

Inspiração profunda. *Concentre-se, Gracie. O Connor foi esfaqueado. Você tem de*

ajudar o cara agora.

Primeiro, ele tenta retirar a tesoura fincada no traseiro. Não, não vai funcionar. Ele não alcança. Além disso, como Presley observa, sangue mancha piso de madeira. Ele está gritando e berrando, Melinda foi embora e Presley está ocupada ligando para a emergência. Ele chora como um bebê, embora, para ser justa, aquilo não seja propriamente um cortinho à toa. Presley pergunta a Connor por que ele foi à exibição da casa e ele diz que queria vê-la outra vez. Ele começa a explicar que o casamento dele é "complicado" e o compara a um "arranjo de negócios", mas para por aí. Socorristas chegam e fazem uma grande celeuma, que inclui cortar a perna da calça, de modo que Presley dá uma boa e longa olhada no que é que ele guarda lá dentro. As paramédicas lembram *strippers*, por isso Presley fantasia estrelar um filme pornô com elas.

Balanço a cabeça. Ridículo.

Dane-se. Vou editar depois para que pareça menos absurdo. Não amo o que estou escrevendo, mas acho que é melhor do que não escrever nada.

Confiro a contagem de páginas e depois vejo as horas. Uau! Já passa das quatro e nem parei para almoçar. Isso nunca acontece. Estou cansada de tanto escrever, e não está em mim cozinhar alguma coisa saudável, então peço pizza, porque é o jeito mais fácil de pôr comida na boca sem precisar esperar muito.

Depois vou ver meus emails, porque… Não; quer saber? Nada de justificativas. Eu sou *escritora*. Email é só outra forma de comunicação.

PARA: Grace Landing (gracie222@mail.com)
DE: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
RE: Bom dia

Agora *eu* é que estou impressionado. Você parece ter uma ótima ética profissional. Me faz pensar que eu deveria estar trabalhando nos arquivos de uns clientes, em vez de te mandar mais emails, mas eu não poderia deixar sua última mensagem esperando o dia todo por uma resposta.

Seu ex parece um completo cuzão, se não se importa que eu diga. Lamento de verdade que você tenha passado por isso. O que acontece com as pessoas hoje em dia? Minha ex-mulher me passou uma DST – uma história comprida e humilhante que você certamente prefere não ouvir. Nada que umas poucas dúzias de anos de terapia não possam curar, tenho certeza. (Desculpe o excesso de confissão. E, a propósito, já passou!) Mas você se pergunta: ninguém mais acredita na santidade do casamento, não?

Enfim, entendo totalmente por que você pode ter estado tão embriagada

quanto pareceu no primeiro email. No seu lugar eu também estaria de porre.

Só por curiosidade, o que você bebe? Eu não bebo muito, pra dizer a verdade, mas, quando bebo, sou do tipo uísque, bourbon ou escocês. Cerveja, jamais. E vodca também não. Um bom vinho, claro, mas só com comida. E você?

Tenho uma reunião daqui a pouco, então vou indo, mas só por enquanto. Não me deixe pendurado!

Colin

---

[6] Em inglês, bruto, grosseiro, repulsivo. (N.T.)

Colin

O treino começa às 17h30, então, depois de enviar um email de resposta para Grace Landing, fecho o *laptop* e pergunto a Daisy como ela vai para o parque.

– De táxi, acho – diz. – Estou ficando velha demais para cruzar a cidade carregando essas porcarias. – Ela aponta para debaixo da mesa, onde há uma mochila L. L. Bean extragrande com um bastão de metal escapando na parte de cima, apoiada em uma sacola enorme da Whole Foods.

Sorrio.

– Vamos dividir um Uber. Eu pago – proponho. – O que tem aí? – Indico a sacola da Whole Foods.

– Preparei uns sanduíches para o treino. Barrinhas caseiras de granola. Depois, pensei que talvez não fosse suficiente, então acrescentei um saco de tangerinas, para o caso de alguém ficar com hipoglicemia e precisar de um estimulante rápido. – Deu de ombros. – Depois, pensei que íamos precisar de água, então peguei um daqueles pacotes de doze garrafinhas de água, para o caso de alguém tomar toda a que tenha levado e ainda ter sede. E peguei alguns petiscos, para o caso de todo mundo achar que todas as opções de sanduíche eram saudáveis demais.

– Portanto, resumindo, você praticamente embrulhou uma mercearia inteira em uma sacola.

Daisy cora.

– Você é muito gentil – digo a ela.

– Não sei do que eles gostam, o pessoal do fim do corredor.

– Está brincando? O Dom come qualquer coisa. O Richie vai levar o próprio kit de quatro *shakes* de proteína. A Jessica e o Mark são fáceis. A Courtney, nem tanto.

Daisy faz uma careta.

– Ela está fazendo você sofrer?

– Não sofrer. É só muito instável, sabe? Numa hora ela age como se estivéssemos bem, em outra vai chorar para a Jess que eu sou a pior pessoa que ela já conheceu.

Daisy me observa com aquela expressão de *Eu te avisei*, mas não diz nada.

– Eu sei, eu sei. Aprendi a lição. Chega de ficadas de uma noite só. Pelo menos com as garotas do time.

A Daisy é uma mãe para mim, no trabalho. Ela me conhece desde que eu estava no jardim de infância, e, quando eu era criança e ia visitar o escritório, ela me

ajudava com a lição de casa ou me deixava jogar Paciência no computador. Na minha adolescência, ela observava de longe quando meu pai exibia artigos do jornal local sobre minhas proezas nos campos. Ela foi à minha festa de formatura da faculdade e, quando me tornei sócio júnior, assou um bolo e comprou uma árvore do dinheiro para a minha sala. Em contraposição, quando Gordon Aycock foi coroado sócio júnior, ela levantou uma sobrancelha para mim e murmurou "O que ele tem na cabeça?", referindo-se ao meu pai. Ela é constante e leal, e eu aprecio isso, especialmente porque Gordy tenta incessantemente me prejudicar.

Tive uma cachorra, quando era criança. Eu não tinha irmãos, então, no meu aniversário de oito anos, mamãe cedeu às minhas constantes súplicas e me deixou escolher um cãozinho no abrigo local. Chamei-a de Chocolate Chip, por causa das muitas manchas pretas que tinha nas costas. Apelido: Cici. Cici era parte labrador amarelo, parte dálmata, e lembro que, quando falaram dela como "dalmador", no abrigo, achei que soava como nome de um Transformer ou coisa assim, então imediatamente fiquei com ela. Era bem pequena quando a levamos para casa, mas logo cresceu muito e ficou (aos meus olhos) quase do tamanho de um pônei, quando completei nove anos.

Cici e eu éramos inseparáveis, até que fui para a faculdade. Ela estava com dez anos na época e tinha desacelerado consideravelmente. Eu estava prestes a começar meu primeiro ano como lançador D1 de beisebol, pela Universidade Estadual do Arizona. Tinha conseguido uma bolsa, e o Baseball America me incluiu na lista "Em quem prestar atenção", depois de eu ser o centésimo vigésimo primeiro escolhido na quarta rodada de seleção da liga naquele ano.

Os Sun Devils estavam arrasando no meu primeiro ano de faculdade. Chegamos aos *playoffs*, o que não foi uma surpresa. Meu histórico era impressionante: com base nas minhas médias durante a temporada regular, fui recrutado para a liga de Cape Cod para o verão e estava voando alto.

No segundo jogo da primeira rodada dos *playoffs*, meus lançamentos eram indefensáveis. Era o jogo da minha vida. Eu tinha controle perfeito sobre a zona de *strike*.

Era a quinta entrada. Eu tinha dois *strikes* sobre um sujeito da Caltech. De repente, fiz um lançamento e senti alguma coisa arrebentar no meu ombro. Foi súbito e excruciante. Meu braço caiu para o lado, frouxo e latejando.

Enquanto isso, a quase quatro mil quilômetros dali, no Bronx, minha mãe tinha acabado de pôr a Cici para dormir. Levou-a ao veterinário e descobriu que estava carcomida pelo câncer.

Os eventos foram próximos demais para que eu jogasse na conta de uma

coincidência.

Precisei operar o ombro, e, quando meus treinadores perceberam a extensão do dano, perdi a bolsa de estudos. Pedi transferência de volta para casa e comecei o programa pré-jurídico da Universidade Fordham. Se não podíamos chegar às grandes ligas, disse papai, era melhor que eu me preparasse para assumir a empresa da família.

Cumpri minha parte do acordo, mas por algum motivo ele continuava obcecado por me transformar em jogador. Tanto é assim que minha pobre garota Daisy entra em um frenesi de preparo de sanduíches toda primavera.

Levo para baixo a sacola gigante dela, recebo o Uber e chegamos ao parque em cerca de dez minutos. O Gordon já está lá, junto com meu pai e a maior parte da equipe da D'Aleo e Strauss. Só falta o Dom.

– Finalmente, seus atrasildos! Vamos logo com isso! – meu pai gorjeia do banco junto à terceira base. Bate palmas algumas vezes.

Gordon bate palmas de volta para ele.

– É isso aí, vamos jogar beisebol! – ele guincha, e a voz falha no "vamos".

Gordon está usando o uniforme completo, e não posso deixar de notar que ele acrescentou a palavra "Capitão" na manga, com marcador Sharpie preto.

É a coisa menos oficial que eu já vi, em todos os meus anos de prática esportiva.

– Não, Gordy, não beisebol – digo. – Softbol *slow-pitch*.

– Ora, beisebol, softbol, quem se importa? É tudo redondo como um zero, não estou certo? – ele grita de volta. Ele está tentando imitar as iniciativas do meu pai de animar o grupo, mas estou a três metros dele, então os gritos só me fazem pensar em um bebê barulhento dando um piti desnecessário.

– O que é um zero? – diz o Dom, entrando em campo com seus acessórios.

– O sábado à noite do Gordy – respondo.

– Faz sentido – Dom concorda e dá um sorriso malicioso.

– Que bom que pôde se juntar a nós, Dominic! – diz meu pai.

Dom responde levantando o polegar.

Papai late umas ordens, começando por dizer a Gordy que nos lidere a todos no aquecimento. Reunimo-nos em volta deles e fazemos polichinelos, uma corrida leve, círculos com os braços, toques nos dedos dos pés, alongamento dos tendões das pernas, quadríceps, ombros, tríceps, bíceps e antebraços, Gordy gritando a contagem para o exercício seguinte, mas sem fazer pessoalmente os movimentos. Apenas demonstra o exercício, como se isso fosse uma aula de ginástica da segunda série e ele fosse um palhaço de circo aposentado. Andamos de lado, levantamos os joelhos, fazemos exercícios de glúteos, movemos o tronco lateralmente com os

joelhos flexionados e corremos, enquanto Gordy agita os braços no centro do nosso círculo, como na velha cantiga infantil "Vamos ao Kentucky, vamos à feira para ver a senhorita de flores no cabelo". Veja, aí é que está. Apesar de Gordy estar "liderando" o grupo, na verdade ele está apenas servindo ao propósito de oferecer ao restante de nós um pouco de diversão ao vivo. Quando o ato de abertura chega ao fim, papai reassume as rédeas e nos informa sobre quais jogadas quer praticar.

– O Colin está com os lançadores de bolas – diz. – As meninas vão treinar batidas e corrida pelas bases. As senhoritas precisam realmente se esforçar para acertar a bola no chão. Vocês pulam demais.

– Eu vou treinar com as meninas – Dom sugere.

– Boa ideia, Dom! – papai aprova.

Balanço a cabeça, me perguntando qual dos escritórios vai assumir o processo de assédio sexual.

– Os outros rapazes podem fazer uns *sprints* e arremessos longos – ele declara. – Agora, dividam-se!

Fico no montículo do arremessador com Richie, que é nosso único outro lançador. Enquanto isso, Daisy, Jess, Rachel e Courtney seguem o Dom.

– Belo short, Jess – ele diz, admirando-a por trás.

Daisy me lança um olhar. Rio.

Raoul, Gordy e meu pai vão treinar lançamentos longos em um triângulo no campo externo. Que trio é aquele! Raoul é um cara magricela, baixinho e calado, que usa óculos e parece uma versão porto-riquenha de Gordon, sem a atitude de superioridade. Fico de olho neles por um momento, observando enquanto meu pai lança uma bola de softbol amarelo-brilhante para Gordon. Passa por cima da cabeça, ele pula para pegar e erra por um quilômetro.

– Bem, se a gente ganhar alguma partida, não será graças ao nosso apanhador – o Richie me diz.

– Não mesmo. – Dou risada.

Ele põe a máscara de receptor e vai para a base principal. A gente se aquece com alguns lances descomprometidos, apenas para encontrar a zona de *strike*. Trocamos após cerca de quinze minutos. As batidas de Richie têm potência. Ele está se exibindo, arremessando ao estilo moinho, com rotações de trezentos e sessenta graus. Eu me lembro da sensação de ser capaz de lançar com essa força. Eu até poderia recordar a ele que isto é softbol *de arremesso lento*, mas não estou a fim de virar alvo de um possível ataque de raiva movido a esteroides.

Daisy, Dom e as meninas parecem estar mais conversando do que treinando, o que é mais o nível dele. Papai, Gordy e Raoul estão percorrendo as bases agora. Para

mim, parece *jogging*. Richie e eu ficamos entediados depois de um tempo, e faço uma pausa para alongar o braço um pouco mais. Meu pai percebe.

– Colin! – chama. – Você está bem, filho?

– Tudo certo, pai – respondo.

Em seguida, Richie e eu dividimos a função de lançadores para o time treinar os rebatimentos. Quando cada um já rebateu duas vezes, Gordon se afasta para usar o inalador, que é o sinal universal para o meu pai de que completamos noventa minutos de treino.

– Vamos a isso! – ele grita para o time. O grupo se dirige ao montículo do arremessador. Daisy pega a sacola da Whole Foods e oferece sanduíches para todos. Muito agradecido, pego duas barras de granola.

– Humm – faço para Daisy. – Que gostoso. O que tem dentro?

– As suas foram assadas com amor extra – responde.

– Dá para perceber – assinto.

– Muito bem, time! – Gordon diz. A voz está firme, mas detecto um ligeiro tremor, resquícios de um ataque de asma evitado por um triz. – Como seu capitão, eu…

– Não é função sua – digo. As pessoas dão risadinhas discretas.

– Aff – ele responde. – Como eu ia dizendo…

– Não – digo, e as garotas riem.

Gordy parece inquieto.

– Jack? Me dá uma força aqui?

– Deixe-o terminar – meu pai diz.

– Claro. Aguardando instruções, senhor! – falo para Gordy.

– Como seu capitão, tomei a liberdade de fazer para nós uma nova saudação para o time.

– Ah, meu Deus – murmuro.

– Depois de cada vez que nos agruparmos, em vez de "Um, dois, três, vamos!", diremos "Gritem e berrem e tomem fôlego por Gordy, Jack e o Beijo da Morte!".

– Não – digo.

– Não é ruim, filho – papai diz. – Vamos colocar em espera, por enquanto. Guardar para os *playoffs*, está bem?

– Podemos testar agora, antes de irmos embora – sugere o Gordy.

Dom ri.

– Passe difícil.

– Bom treino, pessoal. O primeiro jogo de domingo é ao meio-dia em ponto. Não se atrasem! – meu pai ordena. – E, Colin, traga para o campo seu melhor jogo.

Nada dessa preguiça de volteios fáceis!

– Pai, isto é *soft*bol, um jogo mais ameno.

– Não é razão para que *você* seja delicado, certo, garoto?

Meu pai deu início à formação do time quando a aposentadoria começou a surgir no horizonte, cerca de três anos atrás. Eu batia com força naquela época, até que um arremesso disparado diretamente para a terceira base, durante um treino, atingiu a Daisy no rosto e lhe quebrou o nariz.

– Entendi. Não é um jogo *de verdade* até que alguém acabe no hospital – resmunguei. Daisy afagou meu ombro.

Entendendo que nossa pequena reunião esportiva havia terminado, Dom e eu voltamos ao banco para recolher nossas coisas.

– Um, dois, três! – grita o Gordy. – Gritem e berrem e tomem fôlego!

Meu pai lhe dá tapinhas nas costas.

– Hoje não, filho.

Gordy se cala, com os ombros caídos.

Daisy me dá metade do que sobrou das barras de granola para levar e chamo um Uber para mim. Quando chego em casa, vinte minutos depois, tomo um banho e ponho uma pizza congelada no forno. Eu me seco, visto bermuda e camiseta e me acomodo no sofá com o jantar e uma garrafa de água mineral gasosa sabor limão.

Zapeio a TV e pego o celular. Tenho emails da Dick's Sporting Goods, da lista de desejos da Bed Bath & Beyond (me mata), de uma cliente em pânico que acabou de assinar uma apólice de seguro de vida e quer garantir que os rendimentos sejam incluídos em seu testamento (Comentário paralelo: como pode ser tão *tola*? A apólice já nomeia um beneficiário, não precisa além disso entrar no testamento!) e um cupom de 15% de desconto da Besos Burritos, que tenho plena intenção de usar, só que não nesta noite.

Maratono uma série na Netflix sobre a seita Heaven's Gate, e são quase onze da noite quando meus olhos começam a fechar. Cerca de uma hora depois, estou dormindo profundamente no sofá quando ouço um *ding*. Esfrego os olhos e checo o celular.

É a Grace.

Gracie

Deveria haver um selo de aviso nas caixas de pizza. Tal como o aviso do Ministério da Saúde informa aos fumantes que suas escolhas são equivalentes a suicídio, a mesma coisa deveria estar em cima de toda caixa de pizza entregue.

É nisso que penso quando acordo, pouco antes da meia-noite, a tela do meu *laptop* um abismo negro, minha cabeça apoiada em um prato de verdade, respingos de molho e migalhas de massa pontilhando minha cara como espinhas recém-surgidas.

Como isso é possível?

Não houve bebida. Nenhum triptofano no cardápio de Ação de Graças da minha refeição. Éramos apenas eu, minha pizza de salsicha e pepperoni e a Netflix desfrutando de um almoço tardio que durou mais ou menos das quatro até cinco e meia da tarde, quando, pelo visto, eu caí no sono.

Dizem que carboidrato faz isso.

Levanto-me, abro caminho no escuro até o banheiro, aciono o interruptor e me olho no espelho. Prendo o cabelo em um rabo de cavalo e lavo o rosto, o aroma do sabonete Noxema me força a despertar. (O quê? Isso me faz lembrar a minha infância.)

Volto à cena do crime. Tudo bem. Essas coisas acontecem, recordo a mim mesma, enquanto embrulho o resto da pizza em papel de alumínio.

Sento-me de volta em frente ao computador. O relógio no canto inferior direito me informa que é meia-noite e vinte e sete. Gente normal está dormindo.

Onde eu parei? Saio do *Schitt's Creek* e observo as janelas abertas na tela.

Eita, merda. Eu o deixei sem resposta.

Bem, melhor para mim! Faz parecer que sou desinteressada. Distante. Ocupada. Quer dizer, ele parece mesmo incrível, entre pensamentos sobre a "santidade do casamento" (Jura? Que homem fala assim?) e o fato de estar no momento livre de doenças sexualmente transmissíveis. Apesar de esse pedacinho de informação ser um sinal de alerta. Sem dúvida.

Então, é esquisito que eu escreva de volta para o Colin agora? No meio da noite?

Não. Não quando eu, tecnicamente, ainda estou *trabalhando*.

PARA: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
DE: Grace Landing (gracie222@mail.com)

ASSUNTO: Boa noite

Oi,

Desculpe a demora na resposta. Fiquei presa.

Tá, é mentira. Eu dormi e acabei de acordar. Olha só, não me julgue! Acho que, se você pode me contar que teve gonorreia, eu posso ser sincera sobre uma soneca vespertina acidental, lol.

Minha bebida favorita? Já que estamos nos abrindo, vamos dizer apenas que você e eu seríamos polos opostos de um coquetel. Você estaria todo arrumadinho em um casaco esportivo, tomando um bom vermute e debatendo assuntos jurídicos, e eu estaria ao lado da mesa de aperitivos tomando qualquer coisa azeda: Midori sour, Amaretto sour, até uísque sour, na falta de opção. Também gosto de vodca com licor de creme e de piña colada. Basicamente, gosto que minha bebida tenha tanto quanto possível sabor de guloseimas de cinema. Não sou fã de cerveja, e acho que vinho é só as pessoas sendo desatentas com a data de vencimento do que poderia ter sido um suco de uva muito bom. E a única razão pela qual estou te contando tudo isso é porque sinto que temos zero limite, agora que sei que suas bolas estão infestadas de chatos pubianos. Brincadeirinha!

Enfim, acho que falo com você amanhã. Ou mais tarde hoje mesmo, na verdade.

Boa noite!

Grace

Ora bem. E agora? Está claro que não vou conseguir dormir de novo tão cedo. Acho que deveria voltar a escrever. Vou até a cozinha pegar um copo de água (qualquer coisa além disso vai fazer meu estômago estourar), quando ouço um *ding*. Meu telefone está na mesa, perto do *laptop*. Abro antes de me sentar.

Não pode ser.

PARA: Grace Landing (gracie222@mail.com)
DE: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
RE: Boa noite

Oi,

Você ainda está acordada?

Colin

Se fosse o Scott, eu ia achar que era uma chamada de sexo. Mas Colin Yarmouth

não é *nada* parecido com o Scott, graças a Deus.

PARA: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
DE: Grace Landing (gracie222@mail.com)
RE: Boa noite

Estou. E aí?
G.

A resposta é quase imediata.

PARA: Grace Landing (gracie222@mail.com)
DE: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
RE: Boa noite

Posso te ligar? Se sim, manda seu número por email. Se não, sem problemas. Podemos conversar em horário normal, se você preferir.
Colin.

Hum, sim? Que fada-madrinha veio bater à minha porta nesta agradável noite de abril? Sinto uma torção no estômago. Acompanhada por um longo peido, mas não tem ninguém ouvindo. Ainda.

PARA: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
DE: Grace Landing (gracie222@mail.com)
RE: Boa noite

(917) 555-0216.

Toca um minuto depois.

– Alô?

– Oi – ele diz. A voz é como manteiga derretida escorrendo pelo meu telefone, e me inunda como uma deliciosa mordida em uma cauda de lagosta.

– Oi – respondo, desfalecendo. O homem falou uma única sílaba e já estou fraquejando. *Recomponha-se, Gracie*.

– Como você está? – pergunta.

Morrendo. Talvez já morta. Na real, talvez a gente precise chamar alguém. Acho que estou com palpitações.

– Bem. Como você está? – pergunto, como uma criança de jardim de infância brincando daquele jogo em que você imita tudo o que a outra pessoa diz, até que

uma criança explode em lágrimas de frustração e/ou inevitavelmente morde a outra criança no braço.

– Ah, a minha vida toda é simplesmente uma grande celebração.

A resposta dele me deixa sem fala.

– Você ainda está aí?

Dou uma tossida.

– Eu estava brincando. Imitando você, sabe? Tem certeza de que é uma boa hora para conversarmos?

Pigarreio. *Esse homem lindo – não, esse presente do universo! – está prestes a desligar a droga do telefone porque você não consegue se comportar como um adulto normal e funcional. Porra, Gracie! Simplesmente seja normal!*

– Suave na nave – respondo, e literalmente dou um tapa na testa. Quem diabos fala desse jeito?

– Quer dizer, eu só pensei que é mais fácil do que ficar com emails pra frente e pra trás, já que ambos estamos acordados.

– De boa na lagoa – respondo. Deus do céu. É como se minha boca estivesse em piloto automático. Tenho zero controle. *Lembrete para mim mesma: não ter conversas com pessoas atraentes depois da meia-noite, quando você claramente se transforma de escritora habilidosa em uma criança balbuciante de cinco anos.*

– Você sempre faz rimas, quando fala? – Ele ri.

Meu bom Jesus. Rio alto. É melhor do que palavras. Talvez a gente possa conversar assim: ele fala e eu só solto grunhidos.

– Você está parecendo um tanto aérea, esta noite. Não está chapada de novo, está?

– Não. Hoje, não. Aquela primeira impressão magnífica foi uma coisa tipo reservada para ocasiões especiais – digo. *Graças a Deus. Palavras decentes!*

– Entendo – ele fala e faz uma pausa para dar um gole em alguma coisa. – Então você normalmente fica acordada assim até tão tarde?

– Quase nunca. Em geral meus horários são os de uma enfermaria de convalescentes. Sabe como é, café da manhã às sete, almoço às onze, jantar às quatro. Quase sempre estou na cama às oito.

– Para de mentir.

– Okay – Rio. – É mais tipo dez da noite. Mas nunca tão tarde assim.

– É, idem para mim. Gosto de acordar e sair cedo, então preciso de bastante…

– Sono da beleza? – interrompo.

Ele ri.

– Algo por aí.

– Então, o que está te incomodando, hoje?

– Como assim?

– Em geral, quando não consigo dormir, existe uma razão. Fico me revirando, mas é mais uma ginástica mental do que física. O que anda pela sua cabeça? – pergunto.

– Uau – ele exclama.

– O quê?

– Nada, doutora Landing.

– Bem? Você pediu para me telefonar. Cá estou – respondo. – Põe pra fora.

Eu aguardo, mas só o que ouço é ele suspirando.

– É o herpes? – questiono, em tom de voz sério.

Isso o derruba. Ele ri e diz:

– Não! É gostoso bater papo, só isso.

– Bem, eu concordo, mas isso não é motivo para acrobacias cerebrais.

– Eu não me lembro de você ser assim tão engraçada na escola.

– É porque naquela época a gente não conversava.

– Claro que conversava. Não se lembra das aulas de ciências?

– Você quer dizer o primeiro dia de aula? Quando formamos dupla no laboratório por trinta segundos? Sim, eu me lembro. Acho que foi a última vez que nos falamos por querer, e não por um ou outro "desculpe" esbarrado no corredor.

– Não. Não pode ser.

– Pois foi, meu amigo. Detesto ser eu a te contar, mas você tem umas lentes cor-de-rosa tingindo sua visão do passado. Você e eu – baixo a voz, como se estivesse revelando um segredo – não estávamos na mesma órbita no ensino médio.

– Para com isso – ele diz.

– Colin. Você andava com a garotada bacana. Eu andava com a Cindy Lee.

– Quem?

– Pois é.

Ele faz uma pausa.

– Bem, azar o meu.

– Sim – concordo, soando subitamente encorajada, recordando meus bilhetes de amor e toda a paixão que despejei neles.

– Mas pelo menos é bom estarmos conversando agora. Quer dizer… – a voz some.

– O quê? – pergunto. Ele parece… pesaroso?

– Posso ser sincero?

– Eu não esperaria nada menos que isso, a esta hora da madrugada.

– Seu email me acordou. Mas não ligo. Você é mesmo muito *engraçada.*

– Então você me ligou para ouvir piada?

– Por quê? Você tem alguma?

– Não assim de repente. Eu também acabei de acordar de uma soneca, então não estou tão afiada quanto gostaria.

– Ah, por isso as rimas!

– Sim. Minhas habilidades conversacionais ficam muito comprometidas imediatamente depois do repouso. Mas sejamos francos. Tenho certeza de que você e o… como é o nome do seu sócio? Facecock, algo assim?, certeza de que vocês passam a maior parte do tempo fazendo gozação no seu escritório chique no centro da cidade, não?

– Ah! – ele exclama. – Não, não exatamente. Gordon *Ay*cock é o protegido do meu pai. Tipo o filho que ele *gostaria* de ter.

– Oi? De jeito nenhum. Em primeiro lugar, eu não vou paparicar com você nenhuma conversa lamurienta sobre um sujeito chamado *Gordon*, a menos que você esteja brincando sobre a vidinha de merda dele. Por exemplo, podemos com segurança presumir que *Gordon* vive em cima da garagem dos pais. *Gordon* nunca passou da segunda base com uma garota, e essa garota era decididamente a irmã dele. *Gordon* passou a maior parte do ensino médio trancado em um armário. Só estou falando. "Protegido" é uma palavra simpática para "lambe-botas", e se em consequência disso você tem problemas com o seu pai, é apenas porque esse meu *Gordon* é provavelmente um *nerd* pesado.

– Você nem sabe.

– Eu vi a foto dele, lembra-se?

– O quê? Não. Como?

– No seu site.

– Aaaah, é. Sim, claro.

– E vou te dizer, você não tem *nada* do que sentir ciúme.

– Bem, eu nunca disse que estava com ciúme.

– Ah, faça-me o favor, você está tão enciumado quanto uma menina do fundamental vendo a melhor amiga vestir um *top* de treino.

– Está vendo? Foi isso que eu quis dizer. De onde você tira isso?

– Isso o quê?

– Você faz piadas! Aquilo que você falou sobre eu colar de você no espanhol literalmente me fez rir até às lágrimas.

– Bem, de nada. Quanto ao Gordy, se você quer que seu escritório seja mais divertido, basta imaginá-lo pelado. Ele *indubitavelmente* usa cueca apertada.

– Ah, cem por cento.

– Com freadas.

– Uau, essa foi pesada.

– A verdade com frequência é – digo. – Mas, na real? Se não fosse pelas risadas, eu nunca teria sobrevivido a esta semana. Ou a este mês. Ou aos últimos seis meses, para ser sincera com você. Sabe, eu e a Netflix temos um acordo. Assim que me sinto triste com qualquer coisa, tenho de assistir a um episódio inteiro de *Schitt's Creek*. Dura só vinte minutos. Se eu não me sentir pelo menos um pouco melhor depois do episódio, tenho total permissão do universo para pular da escada de incêndio para o trânsito lá embaixo.

– Aff, pega leve, Eugene Levy[7].

– Acontece que funciona sempre. Eu não pulei ainda – digo.

– É, acho que você está certa. Mas é diferente quando você está conversando com uma pessoa de verdade, que te faz rir.

– Fato.

– Com que frequência você faz isso?

– Eu? Ah, o dia todo. Sou escritora. Meus personagens são ridículos. Eles me mantêm motivada.

– Mas eles não são reais.

– Até parece que não. Todo mundo sobre quem eu escrevo é tirado de alguma coisa da vida real. Não consigo criar essas merdas do nada. *Não* sou tão brilhante, infelizmente.

– Então, sobre o que você está escrevendo agora? Com esse negócio de "contagem de páginas", que te impede de responder aos meus emails logo?

– *Logo*? – pergunto, com surpresa fingida. – Eu estou *conversando* com você no meio da madrugada! E a gente trocou emails tipo umas quatro vezes, hoje! – Um momento de autopercepção me inunda. Minha eu adolescente ia literalmente morrer por falar ao telefone com Colin Yarmouth adolescente no horário reservado aos programas tardios de entrevistas e aos infomerciais.

Ele ri, perfurando minha bolha mental e me trazendo de volta ao presente.

– Se precisa mesmo saber, estou escrevendo sobre uma corretora de imóveis que se vê subitamente quebrada e tenta vender o apartamento dela seduzindo um antigo namorado de colégio.

– Hum. – Ele digere a informação.

Minha barriga faz aquela coisa esquisita, que produz um ruído gorgolejante semelhante ao que escapou do meu corpo pouco antes do infeliz acidente no *jogging* outro dia. Por segurança, aperto as nádegas.

– O que foi? – pergunto. Uma pequena bolha gasosa explode no meu trato digestivo e a sensação passa.

– Só tentando imaginar como você tirou essa história da vida real.

– Ah. Bem, não é um espelho, se é isso que você está pensando.

– Portanto, estou enganado ao supor que você ainda conversa com seu namorado dos tempos de colégio?

– Não, a gente não se fala mais – respondo. – É estranho. Meu cérebro junta memórias e mistura com coisas atuais da minha vida, ou da vida dos meus conhecidos, e até, de vez em quando, com notícias, e daí *puf*! Aparece uma história.

– Interessante.

A linha fica muda por um momento incômodo. Quando não aguento mais, pergunto:

– O quê?

– Só estou pensando.

– Pensando *o quê*, Colin? – pergunto, irritada.

– *Eu* estou nessa história que você está escrevendo? – Ele ri.

O sangue cora minhas faces.

– Por que está perguntando? – rebato, imediatamente horrorizada.

– Por causa daquela coisa com o anuário, talvez? – ele sugere.

Engulo em seco e tento reconquistar algum traço de compostura.

– Dou o braço a torcer, Colin. Nem *tudo* que eu escrevo é baseado na realidade.

– Mas você acabou de dizer…

– Okay, você já provou seu ponto. Claramente você é um advogado muito bom.

– É. Quer dizer, você devia ver como eu argumento com os mais velhos, atribuindo as propriedades a executores e colocando o dinheiro deles em fundos de investimento. Eu me torno feroz.

Dou risada e relaxo um pouco.

– Aposto que sim.

– Bem, sua história parece interessante.

– Dispenso as platitudes. Na verdade, é uma droga.

– Espera. Como assim?

– É, odeio admitir, mas estou penando com ela há meses.

– Mas você *acabou* de dizer que ser escritora é incrível. Agora está dizendo que é ruim?

– Ah, não, não me entenda mal. Ser escritora é ótimo. Bom, na maior parte do tempo, pelo menos. Você faz o próprio horário e trabalha de moletom. O que estou dizendo é que a minha *história* é ruim. Esta em que estou trabalhando.

– Por quê? O que te faz pensar isso? – Ele parece genuinamente preocupado, o que é inesperado e meigo.

– Bem… – suspiro. – A triste verdade é que meu argumento é uma zona.

– Como assim?

– A protagonista, a corretora, está dando um golpe do baú. Protagonistas, teoricamente, devem ser gostáveis. E, não sei, eu simplesmente não consigo enxergar o fim. Não consigo descobrir como chegar a um final feliz.

– Você pode mudar?

– Não tenho certeza. Minha agente me deu um prazo bem apertado. Tem uma editora interessada no meu trabalho. Tipo, *muito* interessada.

– Como você sabe?

– Eles me ofereceram um contrato de seis dígitos – anuncio. – Ou, bem, estão prestes a fazer isso. – As palavras pairam no ar, me assombrando, como se agora que verbalizei em voz alta elas e o dinheiro que representam fossem desaparecer misteriosamente.

– Isso é incrível! Então, obviamente, isso significa que você é uma grande escritora, não?

– Talvez eu *fosse*. Mas isso foi *antes*. Você sabe, antes que tudo relacionado ao Scott destruísse minha alegria.

– Entendo essa sensação. Meu mundo ficou bem abalado quando a Elle e eu nos separamos.

– Elle?

– Minha ex-esposa – ele informa. – Ela é agente literária, aliás.

– Jura? – Reflito sobre isso. Nunca ouvi falar de uma Elle Yarmouth no mercado. Talvez ela atue em literatura infantil. – Mundo pequeno.

– É – concorda.

– E como você lida com os momentos difíceis? – pergunto.

– Oi?

– Agora que você e a Elle foram cada um para um lado. Você bebe para esquecer a dor, como eu? Ou tem algum outro tipo de arma secreta para sobreviver às noites solitárias?

Colin dá risada.

– Não – ele admite. – Não é fácil. Eu só fico dizendo a mim mesmo que não era para ser.

– E isso ajuda?

– Na verdade, não.

– Isso afeta o seu trabalho?

Ele faz uma pausa.

– Talvez um pouco. Consigo fazer a maior parte dos coisas em piloto automático. Estou nisso há muitos anos. Mas é, acho que sim. Quer dizer, às vezes converso com

clientes idosos, que foram casados por décadas, e quando eles anunciam seus últimos desejos, sinto quanto um ama o outro – ele diz. – Não sei. Eu pensava que era assim que o casamento deveria ser.

A voz dele é suave quando diz isso. O som, a suavidade, é mais atraente que qualquer atributo físico dele do qual eu consiga me lembrar.

– Concordo – digo. – Eu esperava a mesma coisa. Ou ao menos torcia por algo semelhante, sabe?

– Sei, entendo totalmente. Mas, então, me explica: como isso está afetando a sua escrita?

– Argh – começo. – Eu simplesmente não consigo pensar em nada criativo que não seja em última instância alimentado pela minha raiva. E ficção romântica, teoricamente, deve ser sexy e divertida. Leitura leve. Não angustiada e rabugenta. Eu amava escrever histórias românticas. Mas agora… bem, agora eu sinto como se estivesse sofrendo de um caso interminável de síndrome do impostor.

– Como assim?

– Tipo, quem sou eu até para estar *tentando* escrever isso? Claramente, não é nenhuma indicação de como a minha vida está sendo.

– Humm.

– O que foi?

– Nada.

– Não. Me fala.

– Me ajuda a entender. Quando você diz "ficção romântica", está se referindo aos livros pequenos, de papel fino brilhante, com um bombeiro seminu na capa?

Dou risada.

– Sim, algumas vezes.

– Então você se sente uma impostora por não estar realmente ficando com um bombeiro bombado?

– Nem um caubói, nem um advogado, nem…

– Uma velha paixão da adolescência? – ele me interrompe.

– Isso é uma jogada complicada. – Rio, mas o comentário soa, muito discreta e ligeiramente, como um flerte.

Ele faz uma pausa, depois retoma.

– Eu sempre tive curiosidade sobre esses títulos. As pessoas compram mesmo, de verdade?

– Você ficaria surpreso. Montes de gente amam esses livros.

– Nossa!

– Meu palpite é que essas pessoas não trabalham com planejamento sucessório e

provavelmente não sejam homens, mas, sim, as pessoas leem livros assim.

– Você gosta de escrever isso?

– Em geral, sim, gosto muito. – Reflito um instante. – Bem, eu *gostava*. Desde o Scott… – Deixo o restante da frase dentro da cabeça, onde não a considero realidade.

– E do que você gostaria?

– De escrever? Boa pergunta. Não sei. – Inspiro fundo. – Uma história sobre uma pessoa que foi ferida, talvez? E como se recupera disso.

– Tipo *A nova paixão de Stella*?

Reprimo uma risada.

– Um dos seus favoritos?

– Não. Mas eu não vivo debaixo de uma pedra. Conheço filmes, obrigado.

– Não fiquei brava, só fiz um comentário. Além disso, *Stella* é um clássico.

– Então por que você não escreve esse estilo de história?

– Bem, por causa do acordo sobre a mesa. E pelo prazo doido. Por mais que eu pareça alguém do alto escalão, não sou exatamente rica, Colin.

Ele ri.

– Entendo. Olha só, tenho uma ideia.

– Qual?

– Por que você não me manda e me deixa ler? Talvez eu possa ajudar com alguma coisa.

– Sério?

– Claro. Por que não? Se seu texto for minimamente tão engraçado quanto sua fala, aposto que vou gostar.

– Não sei – digo, pensando nos nomes que usei, nas descrições das aparências e em todas as semelhanças que remetem diretamente a Colin Yarmouth.

– Ah, vamos lá. Que tamanho tem?

– Até agora? Só umas trinta e cinco páginas.

– Isso não é nada. Posso ler em um dia. Daí, podemos conversar a respeito amanhã.

– Não sei – digo de novo. – É bobo. E um tiquinho devasso.

– Eu sou adulto, sabe?

Inspiro.

– Okay. Mas sem julgamentos. Ou pelo menos não julgamentos muito duros. O exercício aqui é você me ajudar a bolar um jeito de salvar essa bagunça… Não acabar comigo. Entendido?

– Mas por que você acha que…

– Desculpe. Não sei. Desde que me formei, não apresentei meu trabalho às cegas para ninguém desse jeito.

– Vou ser bonzinho. Prometo – ele diz, outra vez com aquela voz doce. *Humm.* Ele poderia me pedir para ir à lua de foguete, nua, e eu iria, se ele usasse aquela voz.

– Tá bem. – Cedo, por fim.

– Vai ser divertido.

– Ler a introdução sem enredo de uma história romântica te parece divertido?

– O quê? Parece!

– Claro, Colin. Assim como o seu trabalho.

Ele ri.

– Sim. Planejamento de morte, uma coisa realmente emocionante.

Então nós dois fazemos uma pausa, abandonando as provocações.

– Bem – digo por fim.

– Isso foi legal – ele diz.

– Foi – concordo.

– Mesmo horário amanhã? – ele pergunta.

– Você está louco?

– É possível.

– Não posso me comprometer com um encontro telefônico com você amanhã depois das dez da noite.

– Ah, então agora é um *encontro*?

Idiota. Por que você tinha de usar essa palavra?

– Claro, porque fui *eu* que pedi o *seu* número no meio da noite – retruco.

– Só estou falando. Se é um *encontro*, posso fazer melhor do que um simples papo por telefone.

– Sério mesmo? Você está me propondo sexo por telefone agora, Colin? O que é isso, a virada do século? Devo checar meu identificador de chamadas e anotar o número do seu telessexo?

– Não, espertinha.

– Isso explica o herpes.

Ele ri.

– Você é ridícula.

– E você adora.

– Talvez – ele diz. Arrepios percorrem meu corpo, sobem à nuca e às faces, de alguma forma deixando-as quentes.

– Vou enviar o original. Daí será sua vez de mandar email para mim.

– Eu sei.

– Então, me escreva amanhã.

– Ah, sim, eu pretendo.

Rio, mas é de nervoso. Esse cara é *suave*.

– Então falo com você amanhã.

– Bons sonhos. E obrigado pelo papo. Foi ótimo.

– Boa noite.

Clique.

Merda.

Envio o original imediatamente, com "Seja bonzinho!" como assunto, mas nada no corpo da mensagem. Depois, me sento à mesa e, incrédula, encaro a tela preta do computador pelo que parece uma eternidade, recordando tanto da conversa quanto consigo me lembrar, de novo e de novo. Quando não aguento mais, vou ao banheiro, tiro a roupa e tomo um banho com muito vapor. Um dos luxos que me dei, quando vim para este apartamento, foi uma ducha com chuveirinho.

Essa coisa vale o que pesa em ouro.

---

[7] Comediante canadense que atua no seriado *Schitt's Creek*. (N.T.)

Colin

Ora, isso foi uma surpresa. Ela foi agradável e pareceu flertar um pouco, mas não de uma forma boba. Inteligente, com todas aquelas piadas.

Algo nela me fez sentir… Não sei. Não consigo nomear.

Gostaria de lembrar que aparência ela tem.

Abro o aplicativo da Amazon no celular e busco Grace Landing na barra de pesquisa. Hum. Isso é estranho. Não encontro nada escrito por ela.

Talvez ela seja contra as grandes corporações e só venda os livros naquelas livrarias independentes. A Elle falava muito sobre como é importante apoiar os pequenos, como eles são a espinha dorsal do mercado e blá-blá-blá. Mas sei lá… *Todo mundo* não vende seus livros na Amazon?

Em seguida, procuro no Google. Pesquiso as imagens porque, sinceramente, não adianta ficar enrolando. Eu já sei que ela tem uma personalidade divertida, mas, se for um monstrengo de feia, eu mereço saber de antemão.

Surge uma imagem pequena e granulada em uma página agora morta do Myspace. Tem pelo menos quinze anos, provavelmente a primeira tentativa dela em rede social. Dou uma olhada. Ela tem cabelo bem comprido e o corpo cheio de curvas. É bonitinha. A foto desperta minha memória e me recorda que, na época do colégio, ela tinha um rosto bem bonito.

Isso tudo é tão bizarro.

O telefone apita, chega um email com o assunto "Seja bonzinho!" e um anexo.

Sorrio. *Show. Isso vai me dar algo para ler amanhã*. Agora estou exausto e meu ombro dói.

Engulo um anti-inflamatório e vou para a cama. Pela primeira vez em muito tempo estou ansioso para ir trabalhar amanhã.

Gracie

Escrevo um texto no grupo para Melly, Alisha e Tori: SOS!!!

O que foi?, Alisha responde.

Grandes novidades, digo.

???, Melly acrescenta.

Conta, Tori diz.

Lembram-se do Colin Yarmouth? Do meu ensino médio?

Claro, Melly responde.

ELE ME LIGOU ONTEM À NOITE, escrevo, e acrescento um emoji de cabeça explodindo.

Ah, para!, Tori diz.

Jura?, Alisha diz.

Meu Deus!, Melly diz. Como você conseguiu isso?

A gente está trocando emails desde aquela noite na Casa do Sim.

Você estava mandando emails na Casa do Sim?, Alisha pergunta.

Nãããooo, depois. Quando cheguei em casa. Não estava me sentindo bem e escrevi pra ele. No email de trabalho.

Se mata, Tori diz, com um emoji de mão no rosto.

Tori!, Alisha repreende.

Seja como for, ele escreveu de volta e acontece que ele é não apenas lindo, mas também simpático. Baita surpresa, para um escrotinho dos tempos de colégio.

Vai que é sua, garota!, Melly acrescenta um emoji de berinjela.

Então agora a gente está meio que conversando, acho.

Que legal, Gracie. Fico tão contente por você, Alisha diz.

Tente não estragar tudo! (Digo com amor), Tori acrescenta.

Manda foto, Melly pede.

Tem foto no site da empresa dele. www.yarmouthaycock.com

Caraca, garota!, Melly diz.

Se eu gostasse de homem, eu pegava, Tori diz.

É, ele é bem gracinha mesmo, Alisha escreve.

Obrigada! Mantenho vocês informadas sobre o que rolar.

Claro, Tori diz.

Boa sorte, deseja Alisha.
Bj, bj, Melly diz.

PARA: Grace Landing (gracie222@mail.com)
DE: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
RE: Seja bonzinho!

Bom dia.

Como você dormiu? Eu consegui ir para a cama logo depois da nossa conversa ontem à noite. Foi bem maneiro papear com você e espero que tenha gostado tanto quanto eu.

Estou ansioso para ler o que você mandou. Vou começar na hora do almoço, e, se não conseguir acabar, terminarei no final do dia, antes de ir pra casa. Se você escrever mais hoje (o que acho bem provável), fique à vontade para me mandar, e acrescentarei ao fim.

De qualquer maneira, espero que você tenha um dia produtivo. Tenho um cliente às nove, então vou pegar um café fresco e me preparar mentalmente para debater quem ficará com o gato se meu cliente morrer primeiro.

Até mais tarde,
Colin

PARA: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
DE: Grace Landing (gracie222@mail.com)
RE: Seja bonzinho!

Oi,

Eu também fui dormir pouco depois que falamos. Tomei banho antes. Sabe como é, para o caso de eu ter pegado algum bichinho de você pelo telefone! Lol, brincadeirinha. Sim, também me diverti conversando com você.

Obrigada de novo por se oferecer para ler. Eu dificilmente confio em leitores alfa, mas, neste caso, preciso mesmo de ajuda. Eu não exatamente adoro me sentir assim tão vulnerável, para ser brutalmente honesta. Mas acho melhor ouvir de você do que de um editor, se for um lixo total.

Boa sorte com seu cliente e o gato deles. Eu tenho um gato. O nome dele é Dorian Gray. Talvez você queira redigir um testamento para nós, em seu tempo livre.

Você tem algum animal de estimação?

Bem, vou tentar começar a trabalhar agora. Deseje-me sorte. Vou olhar meu email quando fizer uma pausa mais tarde.

G.

É tão difícil escrever quando você sabe quem é seu público. A cada sentença, eu imagino o Colin e torço para que ele dê risada das partes engraçadas e que não fique muito enojado com as cenas de sexo.

Tiro o Connor do edifício em uma maca. Presley o acompanha. Ele leva pontos e recebe uma injeção contra tétano e um uniforme hospitalar, porque não podiam mandá-lo embora com as calças rasgadas, ou ele seria preso por atentado ao pudor.

Enquanto isso, Presley está morta de fome, então tenta deixar Connor e ir comer alguma coisa, mas ele está com medo de ir para casa, então sugere que os dois saiam para comer juntos. Ela concorda porque ele se oferece para pagar a refeição, e (por motivos que não entendo totalmente) escolhe um restaurante italiano caro. O que provavelmente não é minha decisão mais brilhante, uma vez que Connor está trajando uniforme hospitalar, mas dane-se.

Ela faz um comentário sobre o que ele está vestindo e ele diz que, se o lugar para onde ela o está forçando a mancar tiver um pingo de qualidade, haverá uma longa fila de espera, e eles vão acabar pegando uma pizza para viagem e voltando ao apartamento. Eu gosto do Connor. Ele está sendo mais esperto que ela.

E está mais certo também. A espera por uma mesa é superior a uma hora, e os dois estão famintos. Eles pegam umas fatias e voltam a pé para o condomínio, que fica a apenas dois quarteirões. O apartamento está basicamente vazio, sem mobília nem nada, mas o que sobrou do evento de exposição está no aparador, e Presley pega enquanto aquece a pizza no forno. Ele faz uma piada sobre não ter tomado o analgésico que prescreveram no hospital, porque queria estar "completamente presente", caso aquele momento acontecesse. Ele começa a tentar enfeitiçá-la com uma conversa sexy, depois vai em sua direção e se prepara para lhe dar um beijo, mas ela se afasta.

– Não me beije – ela diz. Ele então beija o pescoço, fazendo-a derreter, e diz que pode esperar até que eles tenham comido.

Daí, ah, meu Deus, esta frase sai de mim: *As mãos dele pousaram no quadril dela e ele puxou o baixo-ventre dela contra o seu, esfregando seu estimulante pacote na bolacha dela, uma única vez, antes de a soltar.* Não consigo. Vou morrer. Lágrimas de verdade estão escorrendo dos meus olhos. O Colin vai achar que isto é histérico, espero!

Presley evita cair presa pela *magia pélvica dele* (cara, às vezes eu sou tão boa) e tira a pizza do forno. Ela serve e tenta criar um lugar confortável no chão para que ele se sente. Connor acende o fogo na lareira e diminui a iluminação da sala, criando o

clima. Eles comem e saboreiam a vista oferecida pelas janelas do chão ao teto. A iluminação da 59th Street Bridge vibra na escuridão. Levo alguns minutos para concluir o trecho, mas por fim chego a isto: *O tom azulado nos gigantescos painéis de vidro contrasta com o brilho quente da luz suave e o tremular das chamas alaranjadas na lareira. Era um impasse: calor encontra frio. A faixa escorregadia e úmida na calcinha de Presley já anunciava qual lado venceria a inevitável batalha.*

Não acredito que vou mandar isso para o Colin. Sinto como se fosse o equivalente de lhe enviar uma das minhas apaixonadas cartas de amor de outrora. Você está segura quando é uma admiradora *secreta*, assim como está segura quando usa um pseudônimo. Você pode dizer o que quiser, e ninguém saberá que foi você quem disse. Além disso, eu jamais escrevi, na época, sobre ele deixar minha calcinha molhada.

Na época eu tinha um pouco de dignidade.

Agora eu só escrevo pornografia *light* para mulheres em ebulição hormonal e pessoas que não têm medo de ler sobre elas, e não consigo fazer nem mesmo *isso* sem ajuda! Mas quem sabe? Talvez o Colin e eu possamos chegar a uma solução incrível. Vamos corrigir a história, eu vou terminar a tempo, a Lindsay vai adorar e haverá paz no mundo. Já consigo imaginar exemplares voando das prateleiras da Stop & Shop, atirados em carrinhos de compras junto com salgadinhos infantis Lunchables e oito pacotes de suco da Honest Juice.

Humm. Lunchables.

Preciso de uma pausa.

PARA: Grace Landing (gracie222@mail.com)
DE: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
RE: Seja bonzinho!

Oi,

Só pra dizer que minha manhã fugiu totalmente do controle. O cliente das nove ficou até quase as onze. Ele tentou transformar nossa reunião em uma sessão de terapia, o que acontece sempre que os clientes precisam alterar o testamento por grandes motivos existenciais. Neste caso, a esposa acabou de falecer (alerta de *spoiler*: ele ficou com o gato), então tentei ser sensível. Mas, para ser sincero, o que eu queria mesmo era ler seu material! E daí o Gordon e eu precisamos encontrar um sujeito para uma entrevista. Estamos procurando um novo contador. Fazer qualquer coisa com este cara é péssimo. Antes que eu me desse conta, já era meio-dia. A boa notícia é que vou pegar um sanduíche e depois me trancar no escritório para poder ler.

Prometo que não vou comprometer seu prazo.

Se você escreveu mais, fique à vontade para enviar, e acrescentarei ao maço grosso de papel que acabo de imprimir.

Espero que esteja tendo um bom dia!

Colin

PARA: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
DE: Grace Landing (gracie222@mail.com)
RE: Seja bonzinho!

Oi,

Sim, escrevi mais um pouco hoje de manhã. Está anexo.

Lamento por seu cliente. Detesto quando meu horário é sequestrado por algo inesperado desse jeito. Bem, agora não vou ocupar mais do seu tempo. Bom almoço e obrigada mais uma vez por ler!

Até mais tarde,

Gracie

Dei *send* e me levantei, esticando os braços sobre a cabeça para alongar as costas. Olho para fora. Está sol *Eu deveria dar um passeio*, decido. Calço os tênis e pego um moletom.

Moro em uma área do Brooklyn chamada Sheepshead Bay. Não é perto de nada, na verdade. Quer dizer, você pensa *Brooklyn* e provavelmente imagina grandes fatias dobráveis de pizza ou *bagels* quentes e fumegantes ou almôndegas italianas ao molho de tomate. Ou talvez imagine o Brooklyn Botanical Gardens, ou a *vibe* descolada e descontraída do Prospect Park. Ou ainda a passarela Promenade, onde tantos casais andaram pela primeira vez de mãos dadas, observando com olhos radiantes a silhueta arquitetônica de Manhattan e as pontes que levam até lá. É possível que considere Coney Island, a montanha-russa Cyclone e o cachorro-quente de cinco centavos original do Nathan's. Ou, se você é um fã obstinado de Jay-Z, talvez contemple o Marcy Projects, habitação social onde ele cresceu.

Mas eu poderia apostar uma fatia de *cheesecake* do Junior's que você não pensa em Sheepshead Bay.

É uma espécie de anomalia, de fato. As vias do Belt Parkway traçam o perímetro sul do Brooklyn ao longo da margem da Jamaica Bay. Tem uma pequena enseada na saída nove. De um lado da enseada fica a Manhattan Beach, e do outro? Sheepshead Bay. É tranquila, para os padrões do Brooklyn, lar de uma grande população do Leste Europeu. Várias e várias casas geminadas e prédios baixos como

o meu. Na Emmons Avenue, onde fica a enseada, há uma faixa à beira-mar repleta de barcos de aluguel, barcos de pesca, barcos para festas e diversos restaurantes com vista para o mar, que são ótimos para ocasiões especiais. O Lundy's, que era um restaurante famoso por seus pratos de frutos do mar, foi um marco da área por décadas. Mas fechou muito antes de eu vir para cá.

Enfim, a Emmons Avenue é pontilhada por uma fileira de antigos postes de luz pintados de azul, e há uma ponte para pedestres que se pode cruzar para chegar a Manhattan Beach. Algumas pessoas pescam nessa ponte, apesar de ser bem estreita. Mas é romântico: uma pontezinha fofa, de tábuas de madeira, em um bairro afastado de uma das cidades mais fervilhantes da Terra. Não é o que você esperaria. Ao cruzá-la, você entra em uma das áreas mais remotas que o Brooklyn tem a oferecer, marcada por casas opulentas, imensas e isoladas, que custam qualquer valor entre um e cinco milhões de dólares. Há três coisas que amo em Manhattan Beach: 1) O coração dela é o Manhattan Beach Park, que tem uma pequena praia de verdade, com areia, onde passo horas escrevendo no verão; 2) As casas são tão grandes e lindas que, quando você passeia por ali, sente que está em outro lugar: na Flórida, talvez, tirando as palmeiras, embora eu nunca tenha estado lá e portanto não possa dizer ao certo; e 3) Os pais da Melly moram bem perto do parque, na Kensington Street, que é como eu vim a conhecer o lugar, nos antigos tempos de colégio.

Melly, Mela Andronikashvili, e eu nos conhecemos na tutoria de calouros no verão seguinte àquele em que me formei no ensino médio. O que nos aproximou foi sermos ambas crias de Nova York (ela do Brooklyn, eu do Bronx), zombarmos dos nativos de Boston, que não conseguiam pronunciar direito o R, e as críticas explícitas que fazíamos da falta de bons *bagels* em Massachusetts. A gente compartilhava também certa herança: minha mãe é da Albânia, a oeste do Mar Negro, e os pais dela são da Geórgia (não o Estado produtor de pêssegos do sul, e sim a república independente na margem leste do Mar Negro), então a gente encontrava consolo no fato de conhecer comidas étnicas da mesma região. Nós duas também crescemos falando várias outras línguas: eu aprendi superficialmente albanês e italiano, e a Melly falava georgiano e russo. Dividimos um beliche por três anos, até o último, quando nos mudamos do campus com nossas outras amigas de quarto, Alisha e Tori.

Durante o Fim de Semana da Família, em setembro do primeiro ano, conheci a mãe e o pai da Melly, Boris e Natasha. (Não estou inventando isso, juro que eram seus nomes oficiais.) Soube que o senhor A era proprietário de uma bem-sucedida empresa de locação de limusines no Brooklyn, e que a senhora A era uma mãe

tradicional do Leste Europeu, que não trabalhava fora, o que significa que a Melly cresceu fazendo três coisas ao mesmo tempo: comendo refeições preparadas em casa, estudando e sofrendo nas aulas de piano.

Melly era (e continua sendo) uma garota magra. É alta, um metro e setenta e dois, e provavelmente pesa cinquenta e quatro quilos quando totalmente vestida. Ela brincava com a gente, durante aqueles primeiros almoços no refeitório, comentando como era bom se alimentar sem levar bronca por não comer o suficiente nem ser fisicamente censurada pela mãe por ser magra demais. No Fim de Semana da Família, a mãe da Melly preparou uma caixa térmica cheia de comida: uma travessa de carne e *blintz* de queijo, no mínimo um quilo e meio ou dois de *kotleti* (uma espécie de almôndega de frango achatada), vários filões de *piroshki* recheados de batatas e cogumelos e dois potes gigantes de *borscht*. A senhora A tentou nos servir uma refeição tirada da caixa térmica (ela levou pratos e talheres, e Melly era a única de nós que levou um forno de micro-ondas de casa). A Melly, claro, ficou morrendo de vergonha. Mas eu me sentia mal e faminta, então de muito boa vontade aceitei sua tentativa amorosa e quente de nos oferecer um gostinho de casa. Em resposta, a senhora A disse, com seu sotaque grave e rouco: "Gosto dessa. Ela é forte e carnuda. Pronta para o inverno".

A Melly me convidou para ir à casa dela na quarta-feira, véspera do feriado de Ação de Graças: a maior festa do ano. Nos encontramos às 20 horas na pequena mansão de Manhattan Beach, onde nos maquiamos, pusemos nossos vestidos mais justos e curtos, contamos nosso dinheiro e fizemos planos para a noite. Por volta das 21 horas, descemos a escada e não pude deixar de notar que a mesa de jantar estava posta para duas pessoas. Carnes empilhadas em pratos de vidro, uma coisa com aparência de fritura e um prato à base de repolho cozido acompanhado de uma cumbuca de *borscht* e um copo de vinho tinto.

– Uau, seus pais jantam meio tarde, hein? – comentei com Melly.

Bem nessa hora, a senhora A apareceu.

– Não, não. *Vocês* comem. Ela muito magra, não?

Ela mexeu fervorosamente a cabeça para mim, em busca de aprovação. Dei de ombros.

– Você vem. Fazer segunda janta – ela disse. – Ficar quente, neste vestido pequeno.

Melly atacou a mãe em um idioma que mais tarde eu soube ser russo, as palavras voando de sua língua como um sapo capturando uma mosca ou uma cobra atacando a presa. Ágeis. Deliberadas. Bravas.

A senhora A respondeu com gentileza. Não tendo a menor pista do que nenhuma

delas tinha dito, eu me senti hipersupermegadesconfortável. Mas daí a senhora A puxou uma cadeira e gesticulou para que eu me sentasse.

– Tome vinho. É bom para seu coração.

Melly também se sentou, contrariada como uma criança. Raspei o prato e desfrutei de uma segunda rodada.

Não fomos ao clube naquela noite, muito por causa da minha pouca resistência e da barriga estufada. Mas fiz uma nova amiga, a senhora A, que cuida de mim desde então.

Depois da graduação, a Melly se mudou de volta para o Brooklyn para dividir um apê alugado em Greenpoint com Jake, e eu era uma hóspede regular no sofá de lá, nas noites em que saíamos. Melly e Jake ficaram noivos quatro anos depois e começaram a procurar uma casa, como gente grande, então captei a dica de que era hora de pensar em ter um lugar meu também. A *babushka* da Melly havia falecido recentemente, e quando a senhora A soube que eu estava procurando um lugar onde morar, vendeu-me o apartamento de sua mãe, na Avenue U, por dezenas de milhares de dólares abaixo do valor de mercado.

– O aluguel é alto demais! – ela anunciou orgulhosamente, quando assinou a papelada.

Quando me mudei para Sheepshead Bay, ela me deixou usar a garagem deles para guardar uma cadeira de praia e algumas caixas de livros. Então, agora, quando vou à praia, não preciso carregar uma cadeira pelo caminho todo. Insiro o código da garagem, pego minha cadeira e vou.

Que é exatamente o que estou fazendo hoje.

Encontro um bom pedaço de areia perto do píer e abro a cadeira. Me acomodo e tiro o telefone do bolso, contente por me deleitar ao calor do sol. A temperatura é de uns quinze graus, mas a praia está vazia, com exceção de um grupo de crianças pequenas brincando alegremente no playground. Eu deveria estar escrevendo, mas sinto que estou paralisada até ter a resposta do Colin com a qual possa trabalhar. Qualquer outra coisa que eu faça agora será inútil.

– Uhuu! – escuto ao longe. Abro os olhos e vejo a senhora A em jaqueta esportiva de veludo, cor de ameixa madura, vindo em minha direção com uma garrafa térmica na mão.

Dou risada e aceno amigavelmente.

– *Zdravstvuyte*, senhora A – digo. (Em inglês, isso soa como zraz-vut-ee-yuh. Significa "oi".)

– Oi, minha Gracie!

Me levanto e ela me dá um beijo molhado na bochecha.

– Ouvi a garagem. Muito frio hoje para praia, não?

– Não – balanço a cabeça. – Está gostoso no sol.

– Ah, bom. Trouxe *borscht*. – Ela me entrega a garrafa térmica. Porque, de verdade, nada grita "dia de praia" mais alto que uma garrafa cheia de sopa de beterraba quente.

Mesmo assim, dou um gole.

– Como vai, minha *devushka*? (Isso significa "garota" em russo.)

– Estou boa. *Khorosho*. ("Boa" em russo. Como você vê, absorvi um bom bocado do idioma da família da Melly. Acrescente à minha longa lista de talentos.)

– Sim? – ela pergunta, e me observa com olhos piedosos. – Vi no Facebook que Scott tem um bebê agora, sim?

– Ah. Certo. Sim. Uma semana atrás.

– Ela parece um gremlin pra mim – a senhora A diz.

– Quem? O bebê?

– Não, não. A menina. – A fala da senhora A me mata. Parece que ela está dizendo "E menine".

Dou risada.

– É muito gentil a senhora dizer isso.

– Como sai nenê daquilo? Ela mesma parece um nenê. Tão pequena e tola como um filhote do diabo.

– Eu te amo, senhora A – respondo, sorrindo.

– Melly diz que você foi em casa de Uber. De doença.

– Ah. Sim, Eu bebi demais no fim de semana passado.

– Não, "bebi demais" não existe. Existe só "não comi pão suficiente". – Ela enfia a mão no bolso da jaqueta e me entrega um pãozinho amanteigado. Fiapos roxos estão presos na borda. – Aqui, trouxe pão para você.

Eu aceito, embora seja um pouco nojento. A senhora A é como aquela avó que enfia os restos do jantar na bolsa, se esquece deles e depois os redescobre nos momentos mais inoportunos, tipo no meio de um velório. Você se pergunta *Que raios está acontecendo agora?*, enquanto ela faz um lanchinho com o tesouro desenterrado, migalhas caindo por todo lado; mas você a ama mesmo assim. Dou uma mordida no pão.

– Talvez você vem para minha casa. Está muito frio para praia. Você precisa almoço.

– Ah, eu já comi.

– Então você come segundo almoço – a senhora A diz.

Levanto a garrafa térmica.

– Mas a senhora *acabou* de me dar um segundo almoço! Sopa e pão. Está uma delícia.

– Gracie – ela começa, balançando a cabeça e fazendo um som reprovador, tsc, tsc. – Sopa e pão são apenas lanchinho.

– Claro – respondo. Porque se tem uma coisa que eu sei é que não se discute com a mãe da Melly quando ela está tentando te alimentar.

Obedientemente, dobro a cadeira de praia e vamos para a casa dela.

Uma vez lá dentro, ela gesticula para que eu me sente à mesa, e imediatamente começa a azáfama na cozinha. Antes que eu me dê conta, um prato com uma montanha de *pelmeni* está à minha frente, afogado em uma concha de creme e polvilhado de endro recém-picado.

– Para você, Gracie. Bolinhos para meu melhor bolinho. – Ela sorri e afaga meu cabelo como outra pessoa poderia afagar um cachorrinho.

– Obrigada – digo, cravando os dentes na casca de massa grossa que, dentro, esconde o recheio de carne moída. O objetivo de dar uma caminhada era ter uma atitude saudável. Isso só prova que as *calorias* vieram ao *meu* encontro.

A senhora A senta-se do lado oposto da mesa.

– Você está triste, sim?

Dou de ombros.

– Estou bem.

– Então por que senta na praia em dia frio, como mendigo?

– Hoje está quente. Abril não é inverno, é primavera!

Ela sacode a cabeça.

– De onde eu venho, todo mês é inverno.

Não consigo evitar uma risada. Meu telefone apita.

– Você tem recado – a senhora A comenta.

– Tudo bem – dou de ombros.

– Vê. Sabe o que dizem, "oportunidade só vem uma vez". Vê. Pode ser boa notícia.

Pego o celular. É um email do Colin. Não abro. Por um lado, se ele leu meu trabalho e detestou, quero estar sozinha quando descobrir isso, e preferencialmente perto de um banheiro, para o caso de o segundo almoço voltar. Por outro lado, se amou, quero estar sozinha para poder desfrutar dos elogios dele. É nesse deleite em potencial que estou pensando, quando a senhora A me traz de volta.

– Vê? Mensagem feliz. Você sorri.

– É só um email – digo, e enfio um bolinho na boca.

– Não. Você faz caras assim, não é "só um email". Alguém especial?

Sacudo a cabeça.

– Colega das antigas.

– É rapaz, esse colega?

Confirmo, mastigando.

– Do colégio.

– Ah. Na minha família temos um ditado: "Melhor jeito de esquecer é tomar Goldschläger".

Dou risada do ridículo daquele mantra familiar.

– Significa como o ditado americano: "Melhor jeito de ficar por cima de uma pessoa é debaixo da cama".

Agora lágrimas escorrem dos meus olhos, de tanto que estou gargalhando.

– Desculpe, senhora A. Acho que a senhora quis dizer: "O melhor jeito de ficar por cima de uma pessoa é pôr-se debaixo de outra". – Enxugo o rosto com um guardanapo.

Ela me aponta a mão sábia, de unhas vermelhas; assente, pondera sobre minhas palavras.

– Ah, sim. Isso muito *sávio*. Você faz isso. Esse rapaz, ele bonito?

Confirmo.

– Eu acho que é, sim.

– Ele tem emprego?

– Ele dirige um escritório de advocacia.

– Ah, nossa. Então, sim, minha Gracie. Você telefona de volta agora. Você vai. Você se põe debaixo dele. Eu embrulho essa comida para você.

Abano a cabeça enquanto a senhora A retira a refeição parcialmente comida e despeja em um Tupperware vazio. Ela amarra o pote com três faixas elásticas, põe em uma sacola de mercado e me entrega. Fico de pé e a abraço. Ela emana um perfume forte misturado a óleo de fritura.

– Lembre, Gracie. A primeira panqueca sempre sai errada.

– Hum, obrigada.

– Significa, você continua tentando. O certo vai chegar.

– Obrigada, senhora A. E obrigada pela comida. A senhora é a melhor – digo, e estou falando sério. Ela tem razão, afinal. A primeira panqueca *sempre* dá errado. E eu deveria saber. Panquecas são um dos meus três alimentos favoritos para o café da manhã.

PARA: Grace Landing (gracie222@mail.com)

DE: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)

RE: Seja bonzinho!

Oi,

Então, li as páginas que você mandou. Tenho TANTA coisa pra dizer, lol. Levaria horas pra escrever tudo. Em vez disso, você está livre para falarmos ao telefone hoje à noite?

Me diz,

Colin

PS: Você prefere ser chamada de Grace ou de Gracie?

PARA: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
DE: Grace Landing (gracie222@mail.com)
RE: Seja bonzinho!

Eita, agora você me deixou nervosa! Espero que não tenha odiado totalmente.

Sim, claro que posso falar ao telefone esta noite. A que horas sugere?

Meus amigos e minha família me chamam de Gracie. Agora que você praticamente me viu nua (que é ao que equivale ler o primeiro rascunho de um autor), acho que deveria me chamar de Gracie também.

Me confirma o horário da chamada.

Obrigada,

Gracie

PARA: Grace Landing (gracie222@mail.com)
DE: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
RE: Seja bonzinho!

Não, definitivamente eu não odiei! Desculpe, não quis te deixar nervosa. Tenho uma reunião por Zoom às três da tarde, então estou meio corrido agora.

Quanto a hoje à noite, que tal sete e meia? Já devo ter jantado nesse horário.

Quanto a te ver nua, vou ignorar esse comentário... por enquanto ;)

Colin

PARA: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
DE: Grace Landing (gracie222@mail.com)
RE: Seja bonzinho!

Ok, 19h30. Ansiosa.

PS: Obviamente eu não quis dizer no sentido que você entendeu. Seu tarado!

PARA: Grace Landing (gracie222@mail.com)
DE: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
RE: Seja bonzinho!

Desculpe, não fui eu que escrevi uma história que fala de ereção página sim, página não. Quem é a verdadeira tarada por aqui? Lol!
19h30, então. Mal posso esperar.
C.

Uau. Cinco horas livres até a chamada com o Colin, e não sei o que fazer de mim mesma pelo resto da tarde. Como trabalho em casa, você imaginaria que estou sempre entediada, mas na verdade esse raramente é o caso. Na real, por causa dos prazos e das tentativas péssimas nos primeiros rascunhos, eu em geral me mantenho bastante ocupada. Mesmo depois que o Scott foi embora. Quer dizer, há definitivamente mais tranquilidade do que havia quando ele estava por perto o tempo todo, mas mesmo assim. Sou uma grande procrastinadora, mas também, em vários sentidos, sou uma *workaholic*.

O negócio é que, nos raros momentos em que *não* consigo trabalhar, tipo, se a Lindsay está revisando um rascunho, por exemplo, fico numa agitação louca. Não consigo sentar quieta. Acrescente-se a isso a ansiedade que se acumula no meu corpo por causa da reunião telefônica iminente, e tenho duas opções: 1) Induzir o vômito, para expulsar as borboletas do meu estômago; e 2) faxinar a casa.

Escolho a segunda. Primeiro, recolho toda a roupa suja espalhada pelo quarto e a levo para a lavanderia do subsolo. Quando volto ao apartamento, Dorian Gray está se escondendo sob a cama. É um gatinho esperto. Sabe que uma tempestade está se formando.

Em seguida, ataco a louça. Não sou preguiçosa, mas detesto lavar louça. Detesto até pôr na lava-louças e retirar. Em consequência, os pratos se acumulam na pia com bastante frequência. Arregaço as mangas e digo à Alexa para tocar música de limpar a casa: *house cleaning music*. Ela confunde isso com *house music*, e de repente meus ouvidos são atacados pelo furor eletrônico da batida *dance* equivalente a uma luz estroboscópica auditiva. Corrijo a Alexa, peço explicitamente por músicas da Ariana Grande e deixo que a água morna corra nos meus antebraços, enquanto tiro os restos de comida e ponho na lava-louça montes de pratos, tigelas e talheres, ao mesmo tempo que gasto energia saracoteando de um lado a outro. (Quando bêbada,

eu *danço*. Quando sóbria, só saracoteio.) Lavo eu mesma os potes e as panelas, depois enxugo a bancada.

Enquanto Ariana esgoela músicas sobre posições sexuais (ela é hipersupermegassutil), sou interrompida pelo toque do celular. Olho para a tela e seco a mão em um pano de louça. É um número de Manhattan. Provavelmente propaganda, mas atendo mesmo assim.

– Alô?

– Grace?

– Sim? – É meio difícil escutar, com a Ariana no fundo pedindo ao ouvinte que "me foda até o amanhecer", mas não reconheço a voz imediatamente, então ainda não estou convencida de que não se trata de telemarketing.

– É o Colin.

Ai, merda.

– Alexa, pare! – grito.

Ele ri.

– Está dando uma festa aí?

– Se lavar roupa e louça é seu conceito de festa, então sim. Cem por cento. – Confiro a hora: 15:30. – O que é que manda? Pensei que tivesse uma reunião por Zoom!

– E tive. Acabou de acabar. Eu só, hum… – ele começa.

Aguardo, sobrancelhas levantadas.

– Acho que deveríamos jantar esta noite – ele solta.

– Acha? Tipo, juntos?

– Isso. Juntos. Acho que vai ser mais fácil trabalhar no seu manuscrito se estivermos sentados à mesma mesa.

Mais fácil para você, talvez. Eu, por outro lado, provavelmente não vou ouvir uma palavra do que disser, se você for minimamente tão bonito quanto me lembro. Ou se você usar aquela voz suave. Meu Deus, eu talvez derreta até formar uma poça no chão.

– Hum, okay, claro. – Meu coração está disparado. Na verdade, acho que estou infartando. Sinto uma pressão súbita e intensa na caixa torácica.

– Digamos, às sete? Posso ir te buscar.

– Vindo de Astoria?

– Claro. Vou para casa trocar de roupa rapidinho, depois passo para te pegar.

– Você tem carro?

Ele ri.

– Tenho. Você não?

– Não. Pensei em comprar um quando ia me mudar para o subúrbio, mas aqui eu

realmente não preciso de um.

– É justo. Comprei o meu quando me mudei para a ilha, então, sim, faz sentido. Mas fiquei com ele porque dirigir é um luxo divertido de vez em quando.

– Aposto que sim. Você se localiza bem no Brooklyn?

– Na verdade, não, mas vou me virar.

– Tá bem, então, mas só um aviso: é longe. Pode levar mais de uma hora no *rush*.

– Tá tudo bem, Gracie – ele diz. – Acho que vai valer a pena. Vou sair cedo do escritório.

Eu me pergunto se é possível chamar a emergência enquanto se está no meio de uma chamada. Tipo: *Emergência. Estou tendo um ataque do coração. O cara mais lindo da escola está me convidando para sair. Por favor, venham.* Meu peito bate forte, tento respirar e me manter tranquila. Imagino a resposta deles. *Senhora. Você tem trinta e um anos. Faz mais de dez anos que saiu do colégio. Deveria se envergonhar por desperdiçar o dinheiro do contribuinte ao solicitar resposta para uma mensagem de texto constrangedora como essa.*

Engulo em seco.

– Combinado.

– Uma tarefa. Você escolhe o restaurante. Um lugar bacana.

– Que tipo de comida você quer?

– O que acha de italiana? – ele pergunta.

Ótimo. Melhor do que mexicana, que me faria peidar a noite toda. Posso escolher algo relativamente seguro em uma cantina.

– Amo comida italiana – digo.

– Muito bem. Então escolha um italiano legal e te vejo às sete. Manda seu endereço por email.

Engulo.

– Hum-hum.

– Você está bem?

– Firme feito prego na areia – respondo. *Eita, porra. Lá vou eu de novo.*

Ele ri.

– Até já, Gracie Landing.

Colin

Eu a convidei para jantar.

Poderia ter chamado para tomar uns drinques, o que é um primeiro passo típico, mas, depois de ler as páginas que ela mandou, não sei. Tipo, por telefone e email, ela era muito divertida, mas ler o trabalho dela foi um *tesão*. Decididamente, não o que eu esperava. Então concluí que, se essa garota consegue ser ao mesmo tempo engraçada e sexy, pode ser alguém com quem valha a pena jantar.

Fora isso, não saí em um *date* desde antes de estar com a Elle. E, sim, percebo que poderia simplesmente levá-la para beber alguma coisa, em vez de me comprometer com uma refeição, mas a Gracie não parece o tipo de garota que você pegaria em um bar.

Enfim, não quero ser como um *daqueles* caras. Um cara como o Dom, que tenta se dar bem com desconhecidas aleatórias em meio a cerveja e música alta. Já passei por isso, já agi assim, e não curti. Em geral essas meninas são bregas e arrumadinhas em excesso. Além disso, é escuro, e o que parece bonito no escuro pode não ser tão atraente à luz do dia. Imagino que, ao marcar um jantar, posso na prática matar dois coelhos com uma cajadada só: checar se ela é bonita e comer um prato gostoso.

Sinceramente, prefiro ter namorada. Sei que não é uma coisa muito viril a se dizer, mas é verdade.

A melhor namorada que já tive foi uma garota chamada Caitlin, que conheci no verão depois do primeiro ano de faculdade. Eu tinha acabado de voltar para o Bronx, depois de uma temporada no Arizona, e consegui um emprego de verão na Brophy's Hardware, para começar a economizar algum dinheiro. Caitlin era a filha do dono. Estudava no Marist College, em Poughkeepsie, para ser professora do fundamental, e morava em uma casa enorme em Larchmont. O pai dela era proprietário de sete lojas de computadores espalhadas entre o Bronx e Westchester. Ela era fruto proibido (por ser a filha do meu chefe) e eu também (por ser empregado do pai dela). Fora isso, também não acho que tenha ajudado o fato de eu morar no Bronx, dado que a família dela era rica. Tínhamos montes de coisas em comum, especialmente um gosto parecido para todos os conteúdos de mídia. Ela foi à loja num dia de agosto afirmando ter um ingresso extra para um show do Counting Crows em Wappingers Falls, uma cidadezinha no condado de Dutchess.

Nunca fui realmente do tipo que acredita que as coisas "estão fadadas a

acontecer", mas aquele show em particular seria no estádio de beisebol de um time da liga secundária.

Em troca pelo meu ingresso grátis, levei Caitlin de carro até lá, e no caminho de volta para casa estávamos os dois tão cansados que parei no estacionamento de um McDonald's e nós dormimos juntos. Literalmente. Tiramos um cochilo de mãos dadas. Ela se tornou minha namorada depois disso. A gente se encontrava todo fim de semana. Ela ia me visitar em um, eu ia ficar com ela na semana seguinte. Ficamos nesse vaivém até a formatura, quando ela se mudou para o Havaí como parte de um programa de alocação de professores oferecido pela escola dela. Nenhum de nós queria que o relacionamento acabasse, mas após uma visita ao Havaí (que incluiu duas escalas, levou umas vinte e quatro horas de voo em cada sentido e me custou o salário inteiro de um mês da loja de computadores), fizemos as pazes com a dura realidade de que não seria exatamente factível mantermos qualquer coisa a tão longa distância.

Ela é casada hoje em dia, de acordo com as redes sociais.

Depois da Caitlin, me tornei um conquistador em série, graças ao fato de passar um pouco de tempo demais com Billy e Bobby, do ensino médio. Abordávamos garotas em qualquer lugar onde as encontrássemos: bares, clubes, até restaurantes (saí com três garçonetes, que reagiram favoravelmente à cantada "número de telefone no recibo"). Meus relacionamentos duravam de poucas semanas a poucos meses, mas nada de sério.

Quando fiquei mais velho, aluguei uma casa na cidade, o que fez de mim uma *commodity* valorizada no circuito dos encontros. O Billy ainda morava com a família, e o Bobby tinha alugado um apartamento de porão em uma área perigosa do Queens, e todo fim de semana, sem falta, eles me chamavam para sair. Mas eu estava cansado da cena.

Eu tinha vinte e oito anos quando conheci a Elle. A gente se encontrou no Strand (que, na minha opinião, está para livrarias como a Urban Outfitters está para lojas de roupa). Eu estava lá procurando um presente de aniversário para a minha mãe. A Elle estava lá para um lançamento de livro de um autor cujo nome me escapa. Reparei que ela passeava pela área das sacolas de lona. Me aproximei e perguntei se poderia me ajudar a escolher um bom presente para a minha mãe, e ela ajudou. Acho que ela achou fofo que eu me importasse com o aniversário da minha mãe. Perguntou se eu tinha interesse em ficar para o evento. Eu não tinha interesse, mas respondi que ficaria por ali se ela tomasse um drinque comigo depois. Eu tinha acabado de romper com a Heather, recepcionista do escritório de contabilidade que meu pai contratava para a auditoria anual, e acho que minha jogada foi bem

certeira, porque ela sorriu e disse que sim.

Elle contou que era assistente em uma agência literária elegante e que o autor era representado por um dos agentes em cuja equipe ela trabalhava. Parte de seu trabalho incluía garantir que os autores famosos fossem "cuidados" em eventos como aquele. Ela se sentou na frente e eu fiquei no fundo, porque sabia que não se mistura trabalho com assuntos pessoais (especialmente agora, que precisávamos encontrar um novo escritório de contabilidade para fazer nossa declaração de imposto de renda).

Depois fomos a um bar próximo. Pedi Jack e Coca e ela tomou Sex on the Beach, o que era praticamente um sinal verde para levá-la para a minha casa. Mal sabia eu que ela estava mais do que disposta, tipo, para minha surpresa. A garota não estava nem bêbada e era plena terça-feira à noite, mas de algum modo consegui que estivesse nos meus lençóis antes das dez. Creio que foi o apartamento, se é para ser sincero. Ela me contou que dividia o apartamento com outras duas mulheres no West Village e estava feliz por ter uma noite longe delas, mesmo que isso significasse voltar de trem na manhã seguinte, exibindo sinais claros de ter passado a noite fora.

Começamos a namorar. Ela adorava meu apartamento, e sem muito alarde começou a ficar por ali o tempo todo. Dizia que o silêncio era perfeito para a análise de originais. Eu levava comida para casa quando saía do trabalho e ela me encontrava lá. A gente não tinha muito em comum, mas o sexo era bom, ela não me fazia assistir a um monte de programas femininos na TV e era caprichosa na limpeza. Sou um sujeito bem asseado, mas ela levava a higiene a extremos. Nunca vi bancadas brilharem daquele jeito.

Pra casar, certo? Era o que eu pensava. Após dezoito meses, pedi-a em casamento. Guardei algum dinheiro para lhe oferecer uma festa bacana e comprei para ela uma casa no subúrbio. Ela ia se esbaldar fazendo faxina.

Seis meses depois, eu estava no escritório de advocacia de D'Aleo e Strauss para tratar do meu divórcio. A Courtney tinha acabado de ser contratada como estagiária do Dom. Cometi o erro de me juntar a ele e à equipe dele para uma *happy hour uma vez*, e agora a garota não pode me ver sem ter um surto emocional.

Então, pois é. Aprendi minha lição sobre misturar negócios e prazer. E não vou cometer esse erro de novo, não, obrigado.

Mas a Gracie é uma aposta segura. Ela é do meu *colégio*, pelo amor de Deus.

O que poderia dar errado?

Gracie

Desligo o telefone e olho as horas de novo, como uma neurótica. Agora são 15:35. Do nada, o significado do tempo mudou completamente. Como na manhã de Natal, quando você é criança, se precisa esperar até as seis para abrir os presentes e são cinco e meia, e aqueles minutos se arrastam muito, muito lentamente, mas, se você é um adulto acionando o soneca do despertador em uma segunda de manhã, trinta minutos passam num piscar de olhos.

O pânico se instala quando me dou conta de ter apenas três horas e vinte e cinco minutos para me aprontar para o tipo de evento que é a realização monumental, e única na vida, de um sonho. Me olho no espelho do banheiro. *Ai, caramba. Isto vai exigir uma estratégia séria.*

Não tinjo o cabelo há bem mais de um mês e não existe a menor possibilidade de fazer a raiz crescida parecer moda, nem mesmo intencional. Deus, obrigada pelo L'Oréal Excellence. Um pacote duplo de 6G Castanho-Claro Dourado (que, na verdade, sempre fica castanho, com mechas de loiro escuro) mora debaixo da pia do banheiro. Outra vitória da procrastinação: eu pretendia ter pintado o cabelo duas semanas atrás, mas em vez disso decidi que era mais importante ver no YouTube como preparar, do zero, um bolo *red velvet*. (O qual, fica o comentário lateral, se saiu pecaminosamente delicioso.) E todos sabemos o que me aconteceu no último fim de semana.

Calço as luvas baratas de plástico, desrosqueio as tampas e misturo um frasco da tintura. "Alexa, continue!", eu grito, sabendo que preciso de uma música entre-no-clima-de-um-*date*-incrível que me anime. Levo uns dez minutos de cuidadosa aplicação para cobrir as raízes. Prendo o cabelo todo no alto com uma piranha grande de plástico e abro a janela do banheiro para deixar sair um pouco do vapor tóxico.

Daí, enquanto age, tomo um banho. Tiro o moletom e deslizo as mãos pelas pernas. *Merda*. Faz um minuto que quebrei a gilete. Começa o meu cabo de guerra interno. *Se eu raspar, estou admitindo que existe a chance de ele me tirar das minhas calças esta noite. Se eu não raspar, não há chance, porque não vou permitir que o primeiro contato dele com a minha pele lembre o filme* Planeta dos macacos.

De modo que, sim, definitivamente preciso raspar.

Não compro creme depilatório desde a adolescência, mas, ao entrar na banheira,

parece que um bom punhado de condicionador pode funcionar. Não sou das mais peludas, meus pelos são finos e claros, mas mesmo assim. Colin Yarmouth saiu com algumas das meninas de dezesseis anos mais lindas que já vi. Tenho certeza de que a pele delas era suave como pétalas de rosa ou cigarros mentolados, e não cheia de pelinhos crescendo, como um experimento de ciências em que você acompanha o que acontece com uma batata velha cheia de palitos espetados. *Mas que droga! Isso é o que acontece quando você não arranca os pelos durante todo o inverno*.

Trabalho devagar, com método e cuidado com a lâmina, porque notei que tem um pouco de ferrugem na borda, o que significa que isso só poderá acabar mal se eu agir com pressa. Faço as duas pernas e me vejo cara a cara com uma decisão grave.

O que fazer com a borboleta cabeluda entre elas?

Nunca me depilei com cera. Como já falei, sou grata pelo meu tipo de pelos corporais. Algo na ideia de uma mulher sem dúvida deslumbrante e de aparência escandinava se aproximar da minha pepeca com uma tigela cheia de vela derretida me apavora. Tipo, sério mesmo. É coisa de pesadelos e filmes de terror.

Para ser justa, minha periquita não está totalmente horrível. Quando o Scott e eu começamos a namorar, eu usava tesourinha de unha para aplainar as coisas. Quando estávamos praticamente morando juntos, fiz um *upgrade* para o *kit* dele de cortar o cabelo, usando o mesmo barbeador elétrico que a cada quinze dias eu usava para tosquiar a mata dele para manter podada a minha sebe. A cada poucas semanas eu aparava o gramado com a lâmina número um. Quando fazia um ano e meio que morávamos juntos, percebi que ele na verdade não se importava, então, depois da temporada de usar maiô, parei com isso e deixei crescer. O Scott nunca reclamou, mas daí, obviamente, apareceu a Ilana, e ela provavelmente nunca exibiu em público cabecinhas de pelos crescendo. Tenho certeza de que em comparação a ela eu parecia um mamute cabeludo, e ele me trocou por ela; então, sim, provavelmente é melhor que eu lide com essa situação, se não quiser ficar solteira por toda a eternidade.

Como ele já não mora aqui, não tenho mais acesso ao barbeador elétrico, mas não posso encarar essa circunstância sem uma poda séria antes. Portanto, me levanto, esvazio a banheira, enxugo as mãos e reviro o estojo de maquiagem em busca das velhas tesourinhas de unha. Vou até a privada e começo a desbastar a selva, o incentivo de "Thank U, Next" da Ariana permeando o ar.

Quando vejo luz no fim do túnel proverbial, consulto o telefone e ligo o chuveiro, para que vá esquentando para o enxágue iminente. Agora tenho de tomar uma decisão importante. Preciso adivinhar se o Colin prefere terra arrasada ou apenas um terreno bem capinado. Alcanço o tubo da loção para mãos Gold Bond Hidratação

Extrema e Definitiva, que só uso no auge do inverno, quando a pele do meu polegar se abre feito uma falha geológica durante um terremoto. Espremo uma gota considerável no indicador e esfrego lá. Manobro a lâmina pelas beiradas. *Deus é mulher, como diz a música. Vamos deixar um pouquinho lá embaixo para lembrá-lo disso.* Opto por deixar uma larga pista livre para aterrissagem.

Segundo me ensinaram, ao raspar uma área sensível, sempre trabalho de cima para baixo, na direção do crescimento dos pelos. Bem, é o que estou fazendo, e as coisas parecem estar indo bem. Termino a maior parte da área visível e pego do estojo de maquiagem o espelho pequeno, para conferir minha obra de arte.

Sou uma "vagênia", digo a mim mesma, sorrindo.

Mas como é aquele ditado? Nunca tome arrogância por inteligência? É disso que eu *deveria* me lembrar, quando decido levar o corte ao nível seguinte e raspar a parte de baixo.

Má ideia. Muito má.

Na verdade, aí vai um trocadilho para você. O que você obtém quando cruza uma gilete enferrujada com um ego inflado? Sim. Uma laceração labial.

Puta. Que. Pariu.

Sangue pinga na tigela e eu gemo alto. Pulo para o chuveiro, borrando o assento da privada e respingando também no tapetinho do banheiro. Escorre pela minha perna como um rio bíblico; com certeza, uma das pragas me atingiu. Cruzo as pernas e aperto forte, solto o coque pegajoso e enxáguo a tintura, para não acabar exagerando no processo e fritando meu cabelo com a química. É uma ideia péssima. Um filete do nocivo 6G escorre direto para a minha virilha, como se atraído para lá por um ímã, apenas para incitar um levante de terminações nervosas já sob ataque.

Eu enxáguo e enxáguo, depois enxáguo mais um pouco, até que finalmente a água volta a correr rosa-claro de novo e meu corpo entra naquele choque que dá quando a dor é tanta que você nem sente mais. Esfrego tudo de alto a baixo, exceto *aquela* parte, que deveria ser a mais limpa de todas, com um Dove em barra, e depois lavo o cabelo com xampu e condicionador.

Finalmente, depois do que parece ser uma eternidade excruciante, enrolo o cabelo e saio do chuveiro. Seco com uma toalha branca (erro número três) e percebo que ainda tem sangue fresco. Incerta sobre como proceder, ao menos no futuro visível, pego um curativo e colo na horizontal juntando os dois lábios, selando-os como o mais diminuto dos cintos de castidade.

Com sorte, vai coagular.

Agora, para o quarto, tentar encontrar uma roupa. *Ah, merda, preciso colocar a roupa lavada na secadora.* Ponho de volta a calça de moletom, quase perdendo o

curativo mais de uma vez, enfio um agasalho de capuz por cima da cabeça recém-tingida, calço tênis e volto ao subsolo.

No elevador, na volta, subo pensando nas opções de jantar. Me sinto muito como a Presley da história: será que devo arriscar um restaurante fino ou ficar com pizza mesmo? Não quero parecer o tipo de garota que precisa que um homem a leve a um restaurante caro, mas, para ser sincera, ainda estou meio traumatizada com o incidente envolvendo pizza de ontem à noite. O único lugar italiano bacana em que consigo pensar é o Luna Bella, um restaurante de frente para o mar, na Emmons Avenue. É meio romântico, mas acho que tudo bem. Quer dizer, deveria ser um *telefonema*. Foi o *Colin* quem promoveu a ligação a um encontro.

Pois Luna Bella será. Volto para casa e ligo para fazer a reserva, mesa para dois, às 19h15, de frente para a água.

Já que a roupa está na secadora e pode haver ali algo que valha a pena vestir, volto para o banheiro para secar e pentear o cabelo, uma operação que, quando paro para me ver no espelho, pode levar mais de uma hora. A etapa de secar leva cerca de vinte e cinco minutos, em grande medida porque tenho muito cabelo. Uso uma escova redonda e separo as mechas; na real, eu normalmente faço isso sentada no chão, lendo um livro. Mas, ao ver como meu banheiro parece no momento uma cena de assassinato do *CSI*, percebo que antes preciso limpar tudo.

Vinte minutos mais tarde, depois que o vaso sanitário, a pia e a banheira voltaram a seus respectivos tons de branco, estou sentada no chão e, em vez de ler um livro, como sempre (não estou com cabeça para isso agora), levo o *laptop* para o banheiro e leio meu original.

Quando se é escritor, às vezes você relê o próprio trabalho e se pergunta que espírito tomou conta do seu corpo e redigiu aquelas coisas na página. Tipo, eu sou *mesmo* capaz de transformar os atributos de um imóvel na base para um papo erótico? Eu enfiei *mesmo* um cara num armário e fiz com que a esposa o espetasse na nádega com uma tesoura? Eu me referi *mesmo* a um possível ato sexual como *magia pélvica*? Pior de tudo: eu usei realmente o nome não muito inteligente de "Connor Yates" para meu personagem, e depois *mandei* a história para Colin Yarmouth? Quem permitiu que isso acontecesse? Eu até fiz de Connor a estrela de um time de futebol de colégio, e depois fui adiante e descrevi seus glúteos em detalhes pormenorizados. *Mais de uma vez*.

Creio que devo considerar uma lobotomia. Sou claramente um perigo para mim mesma.

Fecho o *laptop* quando o cabelo está seco. Pareço a Diana Ross; apesar de tentar domar minha juba com escova, a única coisa que tira o cacheado natural é a

chapinha. Então a enfio na tomada para que esquente, e volto ao quarto para avaliar a situação ali.

A cama está desfeita, mas tudo bem, porque tenho um total de dois jogos de lençol e pretendo colocar os limpos para esta ocasião especial. Por via das dúvidas, você entende. Só para o caso de acabarmos vindo para cá (supondo que minha labioplastia desajeitada sare a tempo). É a mesma coisa que manter uma caixa de preservativos na mesa de cabeceira. Eu mantenho. Pertenciam ao Scott, mas, quando descobri que eu era a única com quem ele os usava, decidi que tinha direito de ficar com eles quando nos separamos. Toma essa, Scott! São nove dólares de volta ao meu bolso!

Abro a cama e jogo os lençóis sujos no fundo do armário, por enquanto. Substituo pelos limpos e arrumo a cama. Como não tenho tempo para lavar o edredom, jogo uma boa quantidade de *spray* por cima e acendo o aromatizador de canela para arejar o quarto um pouco.

Em seguida volto ao banheiro para arrumar o cabelo. Tento me concentrar na minha respiração. A namorada da Tori, Kiki, é professora de ioga, e ela sempre diz: "A respiração consciente é a forma corporal mais natural de meditação". Sou uma meditadora terrível. Simplesmente não consigo acalmar minha mente desse jeito. Para tentar não pensar em nada, fecho os olhos e procuro focar no ambiente ao meu redor, daí me lembro de alguma coisa absolutamente irrelevante e asinina, tipo como o homem se alongando ao meu lado tem uma unha obviamente encravada no dedão e que, talvez, ele devesse investir em um par de meias de ioga, de modo que não violentasse visualmente o restante de nós com a inflamação que se projeta da base da cutícula. E daí começo a dar risada. Em geral, incontrolavelmente. A Kiki disse para a Tori que gosta mesmo de mim, mas cordialmente me desconvidou de participar de suas aulas. Não é pessoal, eu sei. Não posso fazer nada se meu cérebro tem cócegas.

Como não sou uma pessoa bem treinada para respirações profundas, está sendo ridiculamente difícil me acalmar agora. Digo à Alexa que toque música zen típica de *spa*, o que ela interpreta como uma oportunidade de me recordar que eu talvez queira encomendar mais absorventes tamanho grande. (Quem programa a Alexa, meu Deus?) Acabo de arrumar o cabelo em silêncio, ouvindo a pulsação das minhas artérias entupidas e me perguntando se tudo isso é algum tipo de esquema refinado do universo para cagar em mim, como uma gaivota invejosa pairando sobre um piquenique na praia.

Volto ao subsolo do prédio para recolher a roupa, o curativo me lembrando a cada passo a asneira que fiz no banheiro. Dobro as roupas no quarto cheirando a torta de

maçã e tento decidir o que usar.

Um vestido? Não, elegante demais.

Um jeans bonito? Humm. Casual demais?

Uma saia? Não. Faz meu quadril parecer largo demais, como se eu pudesse parir um pequeno bezerro sem dificuldade.

Calça social? Claro, se o encontro fosse com a minha avó.

Volto aos jeans do guarda-roupa. Percorro a pilha e me lembro do par de *jeggins* pretos que tenho, sabe o que é, aquela calça meio jeans, meio *legging*. Eles eu posso vestir, certeza. E, se derramar molho em mim mesma, ainda vão disfarçar qualquer possível mancha.

Isso.

Obrigada, Deus, por estes jeggings pretos.

Ponho uma regata preta por cima de um sutiã preto *push-up*. Com gentileza e cautela, removo o curativo e visto minha única calcinha de renda preta (de tamanho normal, porque as do tipo fio-dental se foram, mas ainda sexy o suficiente). Por cima da regata preta visto uma camisa dourada metálica que realça os seios acolchoados e as minhas curvas saudáveis, e combina com o cinto dourado reluzente. Quanto ao calçado, vou com as botas pretas de cano alto, sempre uma aposta segura, e assim posso colocar meias e não sentir que meus pés vão explodir de bolhas, se eu precisar andar uma quadra ou duas. Acrescento uns brincos enormes de argolas douradas, algumas pulseiras e uma leve borrifada de perfume nos pulsos e me olho no espelho. *Fabulosa. Pareço uma mulher de verdade.*

Dobro as roupas que tirei do armário e que agora estão espalhadas por cima da cama toda. Preciso manter a cama arrumada! Depois vou para a sala para ver o que precisa ser feito ali. Dorian Gray está dormindo no sofá. Dormindo! Num momento desses! Um cachorro já teria captado minha vibração meganervosa a esta altura. Um cachorro tentaria me confortar. Que diabos, um cachorro poderia até tentar conversar comigo, para me tirar da crise. Mas não o Dorian Gray. Ele abre um olho e fecha de novo. Pego o aspirador e começo a passar no tapete. Isso o desperta e o põe para correr. Adoro o Dorian Gray, mas às vezes ele é um pouco babaca, para ser sincera.

Quando o tapete está livre de migalhas e já limpei todas as superfícies, faço uma pausa e consulto as horas. São 18:15. Inacreditável. Uso os quarenta e cinco minutos restantes para fazer a maquiagem e depois ando nervosamente pelo apê até que, às 18:50, meu telefone apita.

Oi, diz o texto. *Estou aqui. Estaciono?*

Respira. Vai dar tudo certo.

Não, desço num instante, escrevo.

Okay, ele responde, com um emoji de piscadela.

Visto a jaqueta, ponho no ombro, na diagonal, a bolsa preta e dourada, me olho mais uma vez no espelho, pego a chave e saio.

Parado em fila dupla em frente ao prédio, vejo um SUV branco. Um homem sai pelo lado do motorista. É no mínimo cinco centímetros mais alto que o Scott. Os cabelos castanhos, espessos, estão modelados com algum tipo de produto e são claramente compridos o bastante para que eu deslize os dedos pelo meio deles. Os olhos são emoldurados por cílios escuros e sobrancelhas bem cuidadas. Quando vem na minha direção, o reconheço, mas não só da escola e não só da foto no site da firma.

Puta merda, caio em mim. *Eu o reconheço do meu original.*

Quando escrevo, crio mentalmente referências visuais dos meus personagens. É um exercício que aprendi no colégio: me ajuda a sentir que os conheço mais intimamente se consigo visualizá-los, como se pode visualizar um amigo ou um parente.

Eu criei Connor Yates e ele é *igualzinho* a Colin Yarmouth. A roupa, calça cáqui com camisa branca, as pernas musculosas por baixo e, *meu Deus*, a bunda perfeita, está tudo bem ali à minha frente. Como se meu sonho tivesse criado a realidade.

E ele está sorrindo. O sorriso amplo e amigável forma pequenos pés de galinha na lateral dos olhos, e as marcas alegadamente raras de risada realçam as bochechas, quando ele afasta bastante as mãos para me receber no nosso primeiríssimo abraço.

– Oi – ele diz.

Ele é forte e não tem medo de demonstrar pura felicidade pelo nosso inesperado encontro. A sensação é tão incrível que eu poderia chorar. Juro que, depois que o Scott foi embora, havia uma pequena parte de mim que pensava que, decididamente, eu ia morrer sozinha. Só eu e o Dorian Gray, que não foi capaz de demonstrar um pingo de emoção enquanto eu surtava durante a tarde toda. Nunca achei que outro cara fosse olhar para mim, menos ainda um cara como *este*.

– E aí – eu meio que sussurro.

Ele me solta.

– Você está ótima – ele diz, ainda sorrindo.

– Hum, obrigada, você também – respondo, atordoada. *Isto é um sonho, certo?*

Ele se afasta e me olha longamente, como alguém que se interessa por arte olharia para uma pintura. (Eu não sou uma pintura, infelizmente, então estou apenas teorizando.)

– Você está igual, mas também diferente. Não me entenda mal, você era

bonitinha no ensino médio, mas agora…

Ora, bem, aí está. Eu sabia que o "porém" ia aparecer, se eu esperasse um minuto.

– Eu sei – digo. – Já pesquisei ortodontia adulta. Só não tenho o dinheiro.

Ele ri.

– Você é ridícula. Eu ia dizer…

– É hereditário, sabe? Dentes tortos.

– Você pode fechar a matraca e parar de me interromper? – ele diz. – Você está linda.

Por dentro, eu morro. Por fora, dou risada, e tenho quase certeza de ter bufado um pouco.

Entramos no carro e tateamos as primeiras frases de conversa superficial, enquanto indico o caminho para o Luna Bella. Não há serviço de *valet*, porque é quinta-feira, então ele estaciona e pega no banco de trás uma pasta com uma caneta presa por fora.

Uma vez lá dentro, a *hostess* nos coloca perto da janela, e tomo cuidado de dar ao Colin a cadeira que dá vista para a passarela de Manhattan Beach. É a paisagem mais bonita. Ela nos entrega os menus e debatemos as opções. Quando a garçonete chega, Colin pede frango à parmegiana, e eu escolho camarão à francesa, cada um com um *ginger ale* e uma salada da casa.

– Nada de Midori Sour esta noite? – ele pergunta, quando os cardápios são retirados e estamos a sós de novo.

Dou risada.

– De jeito nenhum. Isto é um encontro de negócios, certo?

Ele assente, pega a pasta e a pousa no espaço onde está o guardanapo de tecido.

– Sim. Eu conduzo todos os meus compromissos de negócios à luz de velas.

Meu peito se contrai.

– Então? – Aponto para a pasta. – Numa escala de um a dez, quanto isto é ruim?

Ele balança a cabeça e dá um golinho no *ginger ale* recém-servido.

– Não. Não é assim que isso vai ser.

– Tão ruim assim, é? – brinco.

– Sim – ele confirma com a cabeça. – Tão ruim que eu nem pude lhe dizer por telefone. Precisei vir ao Brooklyn para suavizar meus comentários com salada e camarão. Era o único jeito.

– Você pode, por favor, simplesmente me dizer? – pergunto com expressão séria, o sorriso no meu coração sem dúvida iluminando meu rosto.

Ele pigarreia.

– Você realmente tem talento. E, meu Deus, é tão engraçada. Algumas frases,

quero dizer, de onde você tira isso?

Dou de ombros.

– Mas sei que você não parece achar que é bom. Você falou por telefone alguma coisa sobre a protagonista. E eu quero de verdade ajudar. Então, me explica, agora que li, qual é o problema. – Ele desabotoa cuidadosamente os punhos da camisa e devagar, com método, arregaça as mangas, pondo à mostra os antebraços perturbadoramente musculosos.

– Eu não gosto da Presley – digo, engolindo em seco.

– Bem, claro. Quer dizer, eu também não gosto dela. Na verdade, ela me lembra um pouco minha ex-mulher.

– Sério? Ela é corretora também? – Muitos agentes literários têm uma atividade paralela, então não me surpreenderia.

– Não. Mas tenho a sensação de que ela se casou comigo por dinheiro. Também não é como se eu fosse milionário. Mas tenho um emprego firme e tinha uma reserva bem decente, até que comprei a casa que ficou com ela quando nos separamos.

– Espera um pouco. Ela ainda *mora* lá?

Ele suspira.

– Pois é.

– Mas você é *advogado*! Como pôde…

– Eu… – Ele balança a cabeça. – Vamos nos concentrar nisto, primeiro. – Ele tamborila a pasta. – Tenho certeza de que cedo ou tarde acabaremos passando por todas as infelicidades do meu relacionamento.

Não quero pressionar nem o tornar desconfortável, então deixo passar.

– Tá bem. Sinto muito.

– Não sinta – ele diz, mexendo o refrigerante de gengibre com o canudo. – Então, você e a Presley (a propósito, interessante a escolha do nome), o que não está rolando?

Coro.

– Bom, eu sinto que nada disso é crível. Quer dizer, claro que existem garotas por aí que iriam para a cama com alguém para vender um imóvel. Só que não conheço ninguém assim. E sinto que o Connor é estúpido.

– Hum, isso é interessante. Mas não concordo. Eu entendo a motivação do Connor.

– Para *trair* a *mulher* dele?

– Não. Não me interprete mal. A esposa parece o demo, disso não resta dúvida. Mas ele parece, tipo, pesaroso. Triste. – Ele pega uma fatia de pão italiano aquecido

do cestinho entre nós. – Não quero dizer patético, mas quase isso. Como se a Presley é que tivesse ido embora, e isso é amplificado pelo fato de a esposa dele (Melinda, certo?) ser simplesmente horrível.

Concordo com a cabeça.

– Então, eu sinto que ele está tentando com bastante empenho parecer que tem as coisas sob controle, sabe? Como se estivesse por cima da carne-seca quando, na realidade, ele é totalmente inseguro.

– Acho que sim.

– Quer dizer, não me parece que ele mereça ser esfaqueado, mas só estou me baseando nas trinta e cinco páginas que li. É claro que você sabe mais sobre esses dois do que eu.

Concordo de novo.

– O negócio é que, quando li, me pareceu, não sei… – ele faz uma pausa – … reconhecível. Algo com o que pude me identificar.

– Sério? Como?

– Parece que ele passou por muita coisa com a esposa. Pelo menos foi assim que eu interpretei.

Colin limpa do lábio um restinho minúsculo de manteiga. A imagem quase me derruba no chão.

– É – digo. – Sim, acho que sim. Para ser sincera, não refleti muito sobre o histórico dessa situação. Quer dizer, pensei a respeito, obviamente eles não estão em um bom momento, mas não sei exatamente por que é assim. Acho que eu meio que pensei que fosse culpa dele a Melinda ser tão horrível. Ele é um *playboy*, não acha?

– Talvez. Não sei. A mim pareceu que havia mais coisa ali do que um cara com tesão, tipo, se você for além da superfície.

– Espera: está querendo me dizer que nem todos os caras são uns sacanas movidos a testosterona e desejos sexuais? – brinco, mais ou menos.

– Credo. Alguém está um pouco machucado.

Dou risada.

– Pois é. Acho que isso é bem óbvio. – Tomo fôlego. – O Scott armou uma boa para cima de mim, sem dúvida.

– Sim, eu percebo. Está tudo bem. Somos todos produtos danificados, certo? – Ele sorri, mas não de forma exuberante. Mais como alguém aceitando uma triste verdade.

– Acho que sim – concordo.

Ele levanta o copo.

– Então, aos produtos danificados. Você e eu não estaríamos aqui agora se nossos

corações não tivessem sido quebrados, certo?

Toco meu copo no dele. Nossos dedos estão perto o suficiente para se tocar. Damos um gole. Tento não ficar encarando como os lábios perfeitos dele sugam o canudo de plástico.

– Ainda dói? – pergunto.

– O quê?

– O rompimento.

Ele dá de ombros.

– Mais ou menos. – Ele gesticula na minha direção. – E em você?

– É, de vez em quando. Tipo, é estranho. Às vezes eu não poderia me importar menos. De verdade. Ele que se dane. Certo?

– Totalmente.

– Mas daí eu me questiono sobre o que isso revela sobre mim. Por que ele teve de escolher *ela*, entende? Nós estávamos noivos. Não é como se a gente só estivesse saindo ou coisa assim.

– Entendo completamente.

– Eu sempre penso na vida em um convento – digo.

– Conventos ainda existem? – ele pergunta.

– Não sei. Acho que sim. Quem sabe eu pesquise no Google mais tarde. Eu detestaria que meu plano B não fosse sólido.

Colin sorri.

– É preciso manter as opções em aberto.

A garçonete traz as saladas. A gente se ocupa comendo. Ele mastiga silenciosamente, o guardanapo estendido no colo. O Scott nunca teria comido salada, para começo de conversa, e tenho quase cem por cento de certeza de que nunca pôs um guardanapo no colo. Colin, ao contrário, comenta que o molho da salada talvez seja o melhor balsâmico que ele já provou, e de boa vontade aceita os meus tomates cereja, quando percebe que os estou evitando. Pega uma segunda fatia de pão italiano para absorver a poça rasa de molho no fundo do prato.

– Me desculpe. Estou faminto e isto está delicioso.

– Não se desculpe. Está mesmo uma delícia. E eu faço, tipo, seis refeições por dia, então entendo totalmente.

– Sério? Você é uma dessas garotas que comem porções minúsculas, e fazem lanchinhos em lugar de refeições? Esqueci o nome desse plano nutricional.

Balanço a cabeça.

– Ah, não – rio. – Essa não sou eu de jeito nenhum. Se tem uma coisa que sei fazer, e fazer bem, é comer. Em grande parte porque amo cozinhar.

– Que tipo de comida você faz?

– Tudo. Adoro inventar coisas na cozinha. Quando eu era criança, minha *nonna* morava com a gente, e ela estava sempre cozinhando. E também nunca seguia uma receita. Ela era ótima em coisas saborosas – conto. – Sabe como algumas pessoas nascem em berço de ouro?

Ele assente.

– O meu era de madeira. Aprendi tudo sobre temperos e sabores e como juntar coisas aleatórias para fazer todos os estilos de comida.

– Ora, palmas para isso. Adoro uma garota com apetite e sem medo de se jogar de cabeça.

– Por outro lado, olhe só para você. Parece um daqueles caras com um metabolismo incrível, que podem comer tudo que quiserem.

– Que nada. Bem que eu queria! Eu treino. Malhar me mantém são. Honestamente, eu não sei o que teria feito depois do rompimento com a Elle se não fosse a ginástica. Foi um modo ótimo de canalizar minha raiva.

– Conheço esse sentimento. A Ilana teve sorte de estar grávida. Do contrário, eu poderia muito bem ter considerado atacá-la. Apesar de achar que não me sairia muito bem na prisão.

– Ah, é? E por quê?

– Eles só servem três refeições. – Sorrio. Ele também.

– Tá, mas deixa eu te perguntar uma coisa. Eu não leio histórias românticas, ao menos não normalmente. Sempre tem de haver uma mulher como protagonista?

– Humm – reflito em voz alta. – Não. Mas tipicamente a regra de ouro é "escreva sobre o que você conhece". Cria autenticidade se você se identifica com o seu narrador.

– E você poderia fazer o contrário?

– Ter um homem como narrador?

Ele dá um gole no copo de água.

– Isso.

– Não sei. Quer dizer, eu certamente poderia tentar.

– Bem, vamos pensar nisso como um argumento. Você falou que sua editora, ou agente, ou ambas, estão te pressionando por um segundo romance. Certo?

– Hum-hum.

– Portanto, estão ávidas por você. Provavelmente estarão dispostas a ler qualquer coisa que você envie, tenho certeza.

– Não discordo. Acho que vão ler qualquer coisa que eu mandar. Isso não significa que vão publicar. Mas me mostra seu processo mental. Assim, de cabo a rabo.

– Se você ficasse à vontade mudando para o ponto de vista do Connor, e escrevendo a história do lado dele, eu poderia ajudar.

– Jura? Como?

Ele assente.

– Você falou que está bloqueada porque não gosta da narradora.

– Isso.

– Bem: você gosta de *mim*?

Mais uma vez, sinto o calor subir até minhas faces.

– Gosto.

– Então, eu seria um narrador gostável?

Sorrio. Isso pode na real ser uma ideia brilhante.

– Claro, acho.

– Então você só precisa do ponto de vista do Connor sobre a história – Colin diz.

– E precisaria reescrever o que já está pronto.

– Seria terrível?

Balanço a cabeça.

– Não. Não com trinta e cinco páginas. Se fosse um original finalizado, seria difícil, dado o meu prazo.

Ele assente. A garçonete traz nossos pratos.

– Uau. Isto é enorme – ele diz.

A garçonete rala queijo parmesão fresco sobre a comida como se estivesse polvilhando sobre nossa noite pó mágico à base de leite.

– Italiano no Brooklyn – digo, com uma piscadela. – Os do Queens não chegam nem aos pés.

Ele dá uma mordida no frango.

– Caramba – geme.

O que eu não faria para ser o frango no garfo desse homem lindo.

Começo a comer também, apreciando os sabores delicados. Ele me oferece para provar a comida dele e eu aceito. Depois retribuo. A troca parece íntima, como se estivéssemos fazendo isso há anos, e não há minutos. Ele mastiga de boca fechada, mais uma coisa que o Scott nunca fez. Ele pede mais um *ginger ale*; me oferece e aceito.

– Bom – ele diz, quando o prato está pela metade. – Connor.

Sorrio.

– Sim. Suas ideias, por favor.

– Bem, calma. Antes de entrarmos no enredo e tudo isso, tenho alguns comentários.

– Ah, não. – Mordo o lábio.

– Em primeiro lugar, eu não fazia ideia de que ficção romântica pudesse ser tão… – Ele faz uma pausa, procura a palavra.

– Sexy? – sugiro.

– Isso. Tipo, minha nossa. De jeito nenhum eu esperava ler alguns dos detalhes que você abordou.

– Como você achou que seria? Quer dizer, está dito ali no nome do gênero. É uma história *romântica*.

– Quando penso em histórias românticas, imagino flores e doces. Talvez um jantar especial ou, no máximo, um comercial da Lexus. Mas o que você escreve…

Eu me encolho, à espera de que ele chame de pornografia.

– Devasso? – sugiro, em substituição.

– Não, absolutamente. Só que era mais quente do que eu esperava que fosse.

Solto a respiração, aliviada por não ter de defender o nível de erotismo do meu trabalho.

– Então, parece que sou um saco sem fundo de surpresas, hem?

– Toda ficção romântica é assim?

– Não. Minha agente se refere a isso como "a porta do quarto". Alguns autores mantêm a porta fechada, então o leitor não consegue ver nada. Outros mantêm a porta escancarada, então o leitor pode cem por cento ser uma mosquinha observando tudo. Não é preto ou branco. Tem muito cinza também.

– Cinquenta tons dele? – Colin ri.

Balanço a cabeça e sorrio.

– Vou perdoar essa sua piada péssima.

– Você deixou a porta aberta para isso.

– Ah, Jesus, pare, por favor. – Dou risada.

Ele assente, engole uma garfada de cabelo de anjo enrolado com todo o capricho e depois limpa o canto da boca com o guardanapo.

– Enfim, acho que deveria ter te alertado. Eu só pensei que todo mundo sabia que histórias de amor envolvem sexo. Não todas, mas muitas.

– Anotado – Colin diz. – Como falei, eu gostei. Só não estava esperando nesse nível, apenas isso.

Assinto.

– Muito bem, então – ele continua. – Meu camarada, Connor. Ele precisa de um passado. Se é para ele ser gostável, o leitor precisa entender por que para ele está tudo bem trair a esposa.

– Concordo.

– É fácil, na verdade – Colin diz. – A esposa traiu primeiro.

– Continue.

– Como assim? Isso já não basta?

– Bem, na vida real, sim, com certeza. Mas esse tipo de história é drama pesado. Precisa ser surpreendente. Tipo, se a Melinda traiu o Connor com o irmão dele, então talvez funcione.

– O Connor tem um irmão?

Dou risada.

– Não sei, só estou falando.

– E se a Melinda o traiu com uma mulher?

– Certo. Estou interessada. Desenvolva, por favor.

Colin inspira longa e profundamente e me encara direto nos olhos.

– E se a Melinda levou uma mulher para casa no aniversário do Connor? Tipo, como se fosse um presente. Você sabe, para um… – Ele baixa a voz. – *Ménage*.

– Isso é bem legal. Me empresta a caneta para eu fazer umas anotações?

Ele nega com a cabeça.

– Não precisa. Eu não vou esquecer.

Dou de ombros.

– Tá bom. Continua.

– Então, a Melinda leva para casa uma garota que ela diz ter conhecido online. O Connor se questiona se ela está sendo remunerada para participar da farra. Mas fica tão excitado com a ideia que não pensa em perguntar naquele momento exato.

– Hum-hum. – Eu me inclino na direção dele.

– Daí, uma coisa leva a outra e eles entram em ação. E a Melinda parece estar adorando. Tipo, mais do que o Connor esperaria. Ela mergulha de cabeça, está enlouquecida. *Bem mais* do que já se entregou às coisas com ele. – Ele engole em seco. – É ousada. Obviamente sabe o que está fazendo. Ele se questiona se ela já fez aquilo antes. Tipo, antes de estar com ele. – Colin sacode a cabeça ligeiramente. – Enfim, chega um ponto em que o Connor meio que se dá conta de que ela e a garota estão levando aquilo bem a sério, e que ele não é de fato… necessário, acho? – Ele olha para baixo e contempla o frango. Fixamente.

– Colin?

– Oi?

Não digo nada. Mas sei. E ele sabe que eu sei.

– E daí, sabe, a garota passa chato para eles dois. Porque nada diz "feliz aniversário" tão bem quanto uma doença sexualmente transmitida por uma profissional do sexo que sua esposa contratou para você.

– Colin – chamo com doçura.

– Pois é – ele assente. Mantém os olhos grudados na vela enorme que queima no recipiente de vidro ao lado da janela.

– Lamento muito – digo.

Ele morde o lábio inferior e assente algumas vezes, antes de por fim me encarar.

– Obrigado – ele suspira. – Ela armou uma boa para cima de mim.

– Isso é horroroso. Tipo, de verdade verdadeira. Nem sei o que te dizer.

– Desculpe. Não estou tentando destruir o nosso jantar.

– Está brincando? Tá tudo bem. Eu já te contei o que o Scott fez. Pelo menos a surpresa de aniversário não conquistou a sua esposa.

Ele dá um gole na água.

– Acho que é verdade. – Engole em seco. – Enfim, eu pensei que talvez você pudesse usar alguma parte disso tudo. – Dá de ombros.

– Super. É absolutamente dramático e sem dúvida daria um histórico maravilhoso, se eu transformasse o Connor no personagem principal. Mas não sei, Colin. Não parece certo usar uma coisa assim. É tão…

– Humilhante? – ele pergunta.

– Eu ia dizer "pessoal".

– Você não falou que tudo o que escreve se relaciona de alguma forma com algo da vida real?

– Sim, mas não à custa de machucar alguém que eu…

– Alguém que você o quê?

Meu coração pula uma batida. *Pula, Gracie.*

– Alguém que eu aprecio tanto. – Ele sorri, graças a Deus. *A noite não está totalmente arruinada.*

– Gosto de você também – ele diz, deslizando o indicador pela borda do copo de água.

Morro por dentro pela milionésima vez esta noite. Tento fazer aquela respiração da aula de ioga da Kiki para desacelerar meu coração. Não funciona. Sorrio como o Gato de Cheshire em *Alice no país das maravilhas* e cubro a boca com a mão.

– O que foi? – ele pergunta. – Não está óbvio?

Levo um instante para recuperar a compostura.

– Apenas que você é Colin *Yarmouth*.

Ele ri.

– Culpado de todas as acusações.

– Você não está entendendo. Você era como um deus no colégio.

– Ahá! Isso sim é revisionismo histórico.

Meu queixo cai.

– Você *era*.

– Tá, concordo em discordar. O que isso tem a ver com qualquer coisa?

Pigarreio.

– Eu não era ninguém.

Ele faz uma expressão confusa.

– Não, não era.

– Ah, era sim, definitivamente.

– Acho que está enganada. Mas mesmo que fosse. Que diferença faz? Não estamos no ensino médio, Gracie.

A garçonete surge com o cardápio de sobremesas.

– Posso lhes oferecer mais alguma coisa? – ela pergunta.

Fico grata pela interrupção. Preciso de um segundo para me acalmar.

Colin estuda o menu.

– O que acha de tiramissu? – ele me pergunta.

– Claro.

– Um tiramissu e dois garfos, por favor – ele diz à garçonete.

Ela sorri para ele e anota o pedido.

– Num instante – ela diz e se afasta, levando nossos pratos vazios.

– Escuta só – ele diz. – Quero que você use a história que te dei. Quer dizer, se você quiser. Seria bom se pelo menos alguma coisa boa saísse disso tudo.

– Entendo.

– Está combinado, então. A ideia é sua. E agora a gente não precisa mais falar disso.

Assinto.

– Obrigada.

– Pelo quê?

– Isso foi muito, muito pessoal. Obrigada por compartilhar comigo.

– Obrigado por me mandar um email.

– Quando? – pergunto.

– Quando estava bêbada. Você me fez rir tanto nos últimos dias. Nem imagina como tem sido bom.

Sorrio e começamos a conversar sobre qual bairro distante do centro oferece as melhores sobremesas, então a garçonete chega com nosso tiramissu e a conta. O Colin paga sem dizer uma palavra e não o confronto sobre isso, apenas agradeço gentilmente. Saímos do restaurante e voltamos para o carro; ele abre a porta para mim. Percorremos os poucos quarteirões até o meu apartamento; quando paramos,

digo:

– Gostaria de subir?

Ele consulta o relógio no painel. São quase dez.

– Eu quero e agradeço o convite, mas…

– Certo. Claro. Tenho certeza de que você está, hum, supercansado.

Ele ri.

– Você é doida, sabia disso?

Eu o encaro.

– Por quê?

– Eu *quero* subir. Mas eu sei, e você também, o que vai acontecer se eu subir.

Baixo a cabeça.

– E seria assim tão ruim? – pergunto baixinho.

– Sim, porque tenho uma reunião amanhã cedo. O que significa que eu não teria tempo de preparar café da manhã para você.

– Posso pular o café da manhã – murmuro, quando ele pousa a mão esquerda no meu rosto.

Ele se aproxima. Sinto o cheiro de alho em seu hálito, mas nem ligo. Lambo os lábios e afasto qualquer preocupação sobre qual gosto minha boca pode ter.

– Mas eu faço uns ovos beneditinos arrasadores – Colin sussurra, e vejo seus olhos cada vez mais perto, enquanto ele aproxima o rosto do meu.

O beijo dele é de outro mundo. Sou içada para fora do corpo e flutuo no ar, em algum lugar, completamente sem peso. A língua dele é gentil mas firme. Move lentamente as mãos: uma ele estica por cima do console central do carro para pegar na minha cintura, enquanto desliza os dedos da outra pelo meu cabelo, me massageando de leve na parte de trás da cabeça, com as unhas cuidadosamente aparadas. Me sinto arrebatada e exausta ao mesmo tempo, como um corredor que completa uma maratona e finalmente cruza a linha de chegada. Quero muito mais dele, mas neste momento, neste carro, nesta noite de quinta-feira, estou totalmente satisfeita.

– Humm – ele faz, afastando-se devagar para tomar fôlego.

Abro os olhos. É real. Ele continua aqui. Isso aconteceu de verdade. Não é o Ronald da acne cística à minha frente, é Colin Yarmouth, o autêntico, em carne e osso. Não sei o que dizer, mas sinto minha boca se curvar em um sorriso e, antes que eu saiba o motivo, começo a rir.

– O que é tão engraçado?

Sacudo a cabeça.

– O que foi? Estou com mau hálito?

– Ah, meu Deus, não! Claro que não.
– O que foi, então?
– Você nem imagina por quanto tempo eu quis fazer isso.
– É?
Assinto.
– Eu fantasiava que te beijava.
– Sério?
– Hum-hum – confirmo humildemente.
– E? Que tal a coisa real, em comparação?
– Bom. *Muito* bom.
Ele assente.
– Que bom. Posso te ligar quando chegar em casa, ou você já vai estar dormindo?
– Pode ligar. Deve mesmo ligar. Sem dúvida.
– Okay – ele diz, lambendo o lábio inferior. – Então, sem dúvida ligarei.
– Provavelmente é bom que esteja indo embora – digo.
– E por quê?
– Porque eu menti pra você, antes.
Ele me observa, confuso.
– Eu nunca poderia pular o café da manhã – digo.
Ele me beija de novo, deseja boa-noite e espera no carro até que eu esteja segura dentro do prédio.

Colin

PARA: Grace Landing (gracie222@mail.com)
DE: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
ASSUNTO: Ontem à noite

Bom dia,

Desculpe mandar email tão cedo. Espero não estar te acordando. Sei que disse isso ontem à noite, mas só queria reforçar que me diverti muito, muito no nosso encontro. Espero que a história que compartilhei com você ajude na escrita. Ficarei feliz em ler as páginas que você redigir, conforme for avançando, se isso for útil. Não sei o suficiente sobre o processo de escrita para oferecer montes de conselhos, mas ao menos posso ser uma câmara de ressonância. Sei lá. Só uma ideia.

Outra ideia: você está livre para sair comigo outra vez, em algum momento do fim de semana? Sei que está trabalhando duro para cumprir o prazo, mas eu adoraria te trazer para o meu canto e te dar um gosto de Astoria.

Me avisa!

C.

PS: Reli isso e acho que você está me contagiando. "Gosto de Astoria" parece ao menos um pouco sexual. Lol!

PARA: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
DE: Grace Landing (gracie222@mail.com)
RE: Ontem à noite

Uau, você não estava brincando quando falou que precisava acordar cedo. Sei que você tem aquela coisa de trabalho, mas não esperava receber um email seu antes das seis. Isso é um *exagero*, na minha opinião.

Sim: embora minha agenda social esteja transbordando de eventos neste fim de semana (e com "eventos" quero dizer ver Netflix, pedir comida chinesa por *delivery* e tentar cumprir um objetivo insanamente alto de páginas), ficaria feliz em sair com você de novo. Quando você imagina? E me sinto péssima por te fazer dirigir até Sheepshead Bay só para dar meia-volta e

regressar a Astoria, parece puro desperdício de combustível. Posso ir de trem. Zero problema.

Boa sorte na reunião. Falamos já, já!

Bj.

G.

PS: Se você não der certo em planejamento sucessório, pode definitivamente se arriscar na escrita de ficção romântica. Acho que você tem um talento natural. Seu livro de estreia poderia se chamar *Gosto de Astoria* e apresentar a história de duas pessoas gregas deslumbrantes que, pela metáfora de *food trucks* concorrentes de spanakopita, passam de inimigos a amantes. Certeza: você está montado numa pilha de ouro.

Ela é uma graça. Não ao estilo menina-do-primeiro-ano-com-marias-chiquinhas-e-sem-dentes-na-frente, e sim na linha do eu-me-pergunto-qual-sua-aparência-quando-nua. O sorriso dela é incrível, o cabelo é tão macio, e…

Merda. Eu *não* contava com isso.

Eu soube que estava encrencado quando a Gracie me convidou para subir e eu falei não. Eu nunca digo não; não a menos que esteja percebendo sentimentos. Só aí eu digo coisas como: "Acho que nossa primeira vez deveria ser *especial*", e outras merdas como as que estavam me passando pela cabeça quando a beijei no carro.

A Daisy também me percebeu, hoje de manhã, quando entrou. Ela disse "bom dia" e eu disse "bom dia", mas devo ter dito de um jeito estranho, porque a coisa seguinte que ela disse foi "Alguém se deu bem ontem à noite", com um toque melodioso esquisito na voz.

– Do que você está falando? – perguntei.

– Bem, primeiro você foi embora cedo, depois o Gordon contou que te ouviu dando risadinhas.

– Eu não estava *dando risadinhas*. Eu estava *lendo*. Caramba, Daisy. Eu não *dou risadinhas*. – Senti minhas faces ruborizar. Eu posso ter dado risadinhas. O texto tinha algumas frases divertidas. – E o Gordon que se dane, também. Como se ele soubesse alguma coisa sobre fazer sexo.

– Parece-me que a dama promete demais[8] – Daisy disse. Dava para ouvir o sorriso malicioso na voz dela.

Levantei e fui à recepção. Tentei encarar a Daisy com um olhar duro, mas meu sorriso apareceu sem ser convidado.

– Vai me contar quem ela é? Ou vou ter de adivinhar?

– E pôr em risco o que você e eu temos, minha rainha? Jamais. Meus lábios estão

selados.

Ela sorriu e assentiu.

– Você parece feliz esta manhã. É só isso que estou dizendo.

– Bem, obrigado. Você também parece feliz – falei.

– E estou. O Gordon só vem depois das dez, então tenho mais de uma hora para desfrutar do café da manhã em paz.

– Excelente. – Comecei a voltar para o escritório, mas ela me chamou.

– Estou aqui, você sabe, caso queira conversar.

Sentei-me na cadeira.

– Obrigado, Daisy. Quando houver algo sobre o que conversar, você será a primeira a saber.

– É justo. Precisa de algo para a sua reunião hoje?

– Não. Vai ser jogo rápido. Acho que vou sair daqui às dez.

– Ou seja, está evitando encontrar o Gordon?

Dou risada.

– Sempre.

– Você veio de carro?

– Vim. Não deve haver muito trânsito no meio da manhã. E a reunião só começa às onze. Uma hora deve ser suficiente para que eu chegue.

– Parece que você já pensou em tudo.

– Se tudo correr bem, estarei um passo mais perto da liberdade.

A Daisy desliza na cadeira de rodinhas. Levanto os olhos e ela está parada à minha porta, segurando a caneca de café.

– Isso é bom, Colin. E acho que já passou da hora.

– É – concordo. Meu tom de voz muda de leve para solene, e espero que ela não perceba.

– Abrir mão nunca é fácil – ela continua.

É claro que ela percebeu. É a Daisy, afinal.

– Eu sei. Digo isso aos meus clientes o tempo todo.

– Bem, você vai gostar da Lydia. Ela é ótima. Vendeu meu apartamento em cinco dias e conseguiu o melhor preço por ele – continua. – Sei que é assustador promover grandes mudanças na vida, mas acho que está na hora. Só minha opinião. – Ela dá de ombros.

Assinto e tento não me preocupar com a reunião.

– Obrigado de novo pela indicação, Daisy. Você é incrível.

– Qualquer coisa por você, rapazinho.

Ela dá uma piscada, se vira e volta para a mesa.

[8] Frase que Gertrudes, rainha da Dinamarca, diz ao filho, Hamlet, na peça homônima de Shakespeare. (N.T.)

Gracie

Ainda sob o efeito dos resquícios de adrenalina da noite passada, minha promessa ao universo, nesta bela manhã de sexta, é me concentrar e tentar de boa-fé dar um novo rumo à minha história. Preparo uma garrafa grande de Folgers amêndoa e juro a mim mesma que só farei dois intervalos entre agora e a hora do almoço, e elas só podem ser para fazer xixi e/ou reabastecer o café. Durante o almoço, voltarei a checar o email.

Abro o *laptop*. O cursor zomba de mim. *Você não consegue fazer isso, Karlie London*, ele está dizendo.

Inspiro e alongo os braços acima da cabeça e estico as juntas na direção do céu.

Pois vou mostrar se consigo ou não, cochicho para a tela.

Onde estávamos? Ah, sim. Presley e Connor estão jantando no chão em frente à lareira, fatias de pizza e bolinhos de frango, e temos de viver a experiência pelo olhar do Connor. Muito bem. Ele se sente triste; não, *patético*, tipo, como se já não bastasse que o casamento tenha se transformado em puro fingimento, ele está finalmente diante de seu primeiro amor, mas se recuperando em cima do casaco dela de um ferimento na nádega. Ele lamenta as escolhas que fez, especificamente a escolha de ficar com Melinda e tentar cuidar dela, em vez de contratar um advogado linha-dura que poderia ter rompido aquele vínculo com agilidade e precisão.

Hum… Mas por que ele teria feito isso?

Reflito sobre isso. Ah, mas é claro!

Vergonha. Ela o castrou, e não apenas nesse incidente, mas de novo e de novo ao longo do ano anterior, começando no aniversário dele (óbvio) e se repetindo sabe Deus quantas vezes desde então.

Escrevo com energia e entusiasmo. Faço de modo que o Connor conte toda essa história sórdida para a Presley, despejando totalmente suas entranhas para ela. Descrevo como Connor tem atitudes machistas e transa com mulheres aleatórias para se sentir melhor desde que Melinda destruiu o casamento deles. Me esforço ao máximo para descrever Melinda na voz dele. Digo que se conheceram no colégio. Que ela era linda, popular, presidente da associação de alunas. Crio uma história pregressa para ela; imagino-a como uma debutante do sul, cujo pai era dono de um restaurante que faliu; e, quando a família perdeu todo o dinheiro, ela não quis voltar para casa. Tipo, nunca mais. Assim, quando se formou no ensino médio, foi morar

com Connor e deixou que ele cuidasse dela.

É incrível como meu fluxo criativo flui, quando entro em um personagem. Não sei bem por quê, mas começo a dar substância para Melinda, detalhar sua personalidade, pintá-la com tintas positivas, para que os leitores compreendam o que ele viu nela, para começo de conversa. Faço-a conseguir um emprego. Ela ajuda o jovem Connor a pagar as contas pequenas, tipo mercado e internet. Connor paga o aluguel do apartamento no Queens e, se por um lado reconhece que ela gostaria de poder ajudar mais, ao mesmo tempo gosta de tomar conta dela. Faz com que se sinta forte. Viril. Depois de algum tempo, as coisas começam a mudar. Connor consegue uma promoção importante (agora é analista sênior) e Melinda é demitida de seu trabalho júnior em marketing. Ele ganha uma grana, tipo quase quinhentos mil dólares por ano. Mas não conta para Melinda, porque ela quer que eles se mudem para um lugar melhor na cidade, e ele quer economizar tanto quanto possível antes de fazer isso.

Porque quer se casar com ela.

Enquanto isso, Melinda não consegue encontrar um novo emprego. Aceita um trabalho como *hostess* e operadora de telemarketing, mas não dura. Até que. *Até que*. Ela consegue emprego em um estúdio de massagem. Atende o telefone. Faz os agendamentos.

E aí está. Que venha o "porém".

O estúdio de massagem é um estabelecimento bastante obscuro, aonde os homens vão e pagam fortunas para ter suas necessidades satisfeitas. Connor descobre (mais tarde, durante a terapia de casal) que Melinda recebeu uma bolada, lá, para participar de umas pegações de mulher com mulher diante dos clientes. Os homens podiam olhar, mas não tocar: só as garotas envolvidas podem tocar Melinda. Connor, enquanto isso, cumpre jornadas loucas de trabalho e fatura alto, preparando-se para fazer o pedido. Ele tem trinta anos a esta altura. Compra um apartamento maravilhoso de três quartos em Manhattan e a leva lá para mostrá-lo, completamente vazio. E a pede em casamento bem ali, no meio do que viria a ser a sala de estar do casal. Ela diz "sim", claro, e resolve parar de trabalhar no estúdio de massagem, agora que todos os seus sonhos estão se realizando.

Principalmente quando descobre quanto dinheiro ele tem.

Eles se casam numa festa hipersupermegachique, no Gotham Hall, em Nova York, um lugar normalmente reservado para o casamento de celebridades. Melinda fica mais do que feliz em gastar o dinheiro arduamente conquistado de Connor em qualquer bobagem que lhe dê na telha: roupas de grife, bolsas, cortes de cabelo, sapatos, você escolhe. Eles são ricos! Longe vão os dias em que ela tentava ajudar no

sustento da casa com seu parco salário.

Daí, em seu aniversário de trinta e um anos, Connor chega em casa e encontra a esposa de lingerie na cama com outra mulher. "Surpresa!", ela diz, quando ele entra. "Feliz aniversário, amor. Meu presente é um *ménage*!"

No começo ele gosta, porque é *homem*, afinal. Mas, quando acaba, ele pergunta de onde surgiu a garota, e Melinda diz que é uma antiga colega de trabalho.

Na semana seguinte, ele as flagra na cama de novo. Convidam-no a se juntar a elas, mas Connor tem a sensação de que o estão tratando com condescendência. Fala para Melinda que já não se sente à vontade com aquilo, e ela começa uma briga. O resultado? Ela para totalmente de fazer sexo com ele.

Meses mais tarde, ele volta do trabalho no meio do dia, pois não está se sentindo bem. Dá de cara com Melinda e a garota transando na cama dele. E esse é oficialmente o início do fim.

Connor explica que o motivo de estar interessado no apartamento da Presley, agora, é que pretende comprá-lo para *Melinda*. É um acordo: tirá-la de sua vida e garantir que ela fique bem o bastante para que ela o deixe sozinho.

Presley entende agora por que Connor foi tão descaradamente sedutor com ela.

Hum. E agora? Vislumbro uma cena de sexo pesado se aproximando, e meus dedos estão começando a ter cãibras.

Consulto as horas. Quase meio-dia. Não parei nem uma só vez. O celular no silencioso me fornece todo tipo de informação: uma chamada perdida da minha mãe, duas mensagens de texto da Melly para dar um oi e uma caixa postal lotada, que exige minha atenção.

Agora é um momento tão bom quanto qualquer outro para fazer uma pausa. Além do mais, tenho um Tupperware da senhora A cheio e com meu nome nele.

PARA: Grace Landing (gracie222@mail.com)
DE: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
RE: Ontem à noite

Oi,

Espero que o seu dia esteja sendo produtivo até agora. A minha manhã foi um desastre, lol. (Mais a respeito em outra hora.)

Não me custa nada dirigir até o Brooklyn para te pegar. Não quero que você fique horas no trem, ida e volta, para vir até o meu canto. Além do mais, mal uso o carro atualmente. A única coisa que faço é mudar o local de estacionamento de um lado da rua para o outro, de modo que não viole as regras de estacionamento.

Enfim, como está o seu sábado? Podíamos nos encontrar no fim do dia, pegar algo para comer e ver aonde a noite nos leva?

C.

PARA: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
DE: Grace Landing (gracie222@mail.com)
RE: Ontem à noite

Sábado parece ótimo. Eu adoraria discutir por mais algumas rodadas a questão de você vir me pegar, mas você parece estar decidido.

A manhã foi produtiva, do ponto de vista da contagem de páginas. Gosto da substituição de Connor como narrador. Ele é claramente muito mais gostável. Estava aqui pensando se você concordaria em ler as páginas que escrevi para me contar o que acha. Se tiver tempo, é claro. Sei que fica ocupadíssimo, aí, esperando que as pessoas morram. (Brincadeirinha total!)

Me fala!

Bjs.

Gracie

PS: Um desastre? Espero que tudo esteja bem! Vou adorar escutar, se você precisar de ouvidos.

PARA: Grace Landing (gracie222@mail.com)
DE: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
RE: Ontem à noite

100%. Mande as páginas. Te retorno o mais rápido possível. (Supondo que nenhum dos meus clientes bata as botas, claro.)

E vou te pegar às quatro, no sábado. Acho que vamos de comida grega, se você concordar. Sua piada desta manhã me botou no clima para ela!

Está tudo bem, não se preocupe. Te atualizo quando nos encontrarmos.

C.

PARA: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
DE: Grace Landing (gracie222@mail.com)
RE: Ontem à noite

Perfeito. Páginas anexas. Obrigada!

Às 4, então, fechou. Você pode ser meu Uber pessoal. Vou pôr antiácidos extras na bolsa. Mal posso esperar! Bj.

Enquanto as sobras de comida estão esquentando no micro-ondas, respondo às mensagens da Melly. A mãe dela teve a gentileza de contar que eu estava perambulando pela praia no frio, então ela queria se certificar de que eu não tinha descambado para um estado de ânimo deprimido. Depois liguei de volta para a minha mãe, sem me dar ao trabalho de ouvir o recado que ela havia deixado. Ela sempre telefona às sextas. Assim, ela diz, caso telefone em qualquer outro dia, eu vou entrar em pânico imediatamente, por se tratar de uma emergência. Da mesma forma, se ela não telefonar numa sexta, eu também devo entrar em pânico, pois significa que ela e meu pai foram atacados e abandonados para morrer.

A gente tem um sistema e tanto.

E é engraçado, também; uma pessoa poderia pensar que, depois de meus pais saírem do Bronx periférico e se estabelecerem no nobre Westchester, há cerca de dez anos, minha mãe teria se acalmado um pouco. Bem, essa pessoa não poderia estar mais enganada. Eu cresci em uma casa geminada, numa região do Bronx chamada Morris Park. A gente morava com a minha avó velhinha (uma italiana que fazia a melhor calda de *sundae* do mundo) porque meu avô foi morto na Guerra do Vietnã em 1969 e meu pai (na idade madura de catorze anos) se comprometeu a cuidar da mãe viúva pelo resto da vida dela. Agora, eu amo demais a minha avó, e ainda a visito no Lar Riverdale uma vez por mês, mas culpo-a com todas as forças pelo comportamento neurótico da minha mãe.

Nunca vou me esquecer do meu primeiro dia de aula como caloura no ensino médio. Depois que o Colin me apelidou de Elvis, fui para casa, joguei a mochila no chão, chutei fora os sapatos logo na porta de entrada e marchei direto para o fundo da casa rumo ao meu quarto, batendo a porta atrás de mim. Em uma casa geminada, é difícil não ser notada. As únicas janelas ficam na frente e nos fundos da casa, e um longo corredor, marcado pelas portas do quarto, do banheiro, da cozinha e da despensa, se estende por todo o comprimento. Já que não havia maneira de ir discretamente para o meu quarto, dei vazão à minha angústia de adolescente marchando com força e barulho, o ato de abertura perfeito para a minha encenação de jogar o corpo flácido na cama em estado de completo colapso.

– Eu *odeio* a minha vida! – gritei, alto o suficiente para que todas as outras famílias do quarteirão ouvissem.

Uma deixa para a entrada em cena da minha mãe.

– Filhota, o que foi? – ela perguntou, no melhor sotaque Albânia-encontra-Nova *Yawk*, típico dela. Sob a franja grossa, seus grandes olhos azuis me espiavam, piscando de preocupação.

– Nosso sobrenome é tão *ridículo* – choraminguei no travesseiro.

– Como assim?

– Nosso *sobrenome*! Hoje, na escola, o menino mais lindo que eu já vi em toda a minha vida me chamou de "Gracelanding", como se meu nome fosse uma coisa que se *faz*, e depois perguntou em voz alta, *na frente da classe inteira*, se eu era, tipo, Elvis ou coisa assim! Foi horrível! – gritei. – Eu nunca mais vou voltar para a escola.

– Isso é bem esperto, na verdade – ela respondeu. – Nunca tinha pensado em seu nome desse jeito.

– *Não* é engraçado, mamãe!

– Desculpe, minha ursinha. Eu não estava caçoando de você. – Ela alisou meu cabelo e me deu dois *cookies* Oreo, que tirou do bolso do avental. – Aqui. *Cookies* melhoram qualquer coisa.

Aceitei, grata, e comecei a mastigar, recuperando o fôlego.

– Mamãe? Que tipo de sobrenome é *Landing*, afinal? Nunca conheci um italiano com um sobrenome desses. Por que não posso ter um sobrenome normal, como Russo, Rossi ou Ricci?

Ela olhou ao redor como um ladrão de filme da Disney preparando-se para roubar um diamante bem debaixo do nariz de um guarda adormecido.

– Você está certa, amorzinho. Landing é um nome bobo. Meu sobrenome era Hiri.

– Está vendo? Isso soa plausível. Grace Hiri – falei, testando. – Eu gostaria desse.

Ela suspirou.

– Ah, minha pequena – balançou a cabeça. – Hiri significa "graça" em albanês.

– Então, se meu nome fosse Grace Hiri, a tradução seria Grace Graça?

Minha mãe assentiu.

– Foi por isso que te demos o nome de Grace. Por causa do meu sobrenome de solteira.

Enterrei a cara de volta no travesseiro e dei um berro.

Ela acarinhou delicadamente minhas costas e pôs um terceiro *cookie* Oreo na minha mão.

– Está tudo bem. É só um nome.

– Eu nunca mais vou poder olhar na cara do Colin Yarmouth de novo – falei.

– Quem?

– Colin Yarmouth. É o menino que me chamou de… Elvis. – Enfiei o *cookie* inteiro na boca e mastiguei vorazmente.

– Ele também não tem um nome tão bom assim. *Yarmouth*. Eu não gosto.

– É melhor do que Landing.

– Se acalma, Gracie. Vou buscar mais *cookies*. Relaxa.

Mamãe abriu a porta do meu quarto e saiu pelo corredor rumo à cozinha. Fiquei sentada em silêncio na cama, respirando profundamente e saboreando o chocolate misturado à delícia parcialmente hidrogenada no centro. Eu não estava chorando, mas ainda *ouvia* choro, o que me fez pensar que estava ficando louca, até que percebi que os soluços que estava escutando não eram realmente meus.

– *Nonna*? A senhora está bem? – minha mãe perguntou. – Por que está segurando o terço?

– Rezo por esta casa, que meu Joseph não mande raios sobre todos nós – disse a minha avó, cada palavra carregada de sotaque italiano, denso como creme de *cannoli*.

– Mas o que lhe deu essa ideia?

– Você fala do nome dele como se fosse uma maldição. "Landing" é um nome bonito, significa o fim de uma viagem. Era "Landin" em francês, por parte do pai do meu Joseph, e eles mudaram para "Landing" quando ele veio para os Estados Unidos. E você faz troça.

– Não, não, *nonna*. Não me entenda mal. A Gracie teve um dia difícil na escola porque alguém zombou do nome dela.

– Eu nunca culpo a Gracie. Ela ainda é um bebê. Mas você, você devia lhe ensinar um pouco de respeito.

– Me desculpe, *nonna*. Tenho apenas respeito pelo…

– Você mora na casa do meu Joseph. Deus guarde a alma dele. Ele comprou esta casa para nós em 1958, quando o pequeno Joey ainda era um menininho. Esta é a casa dos *Landings*.

Escutei minha mãe tirar os Oreos da despensa. O farfalhar da embalagem era inconfundível.

– Lamento, *nonna* – ela disse.

– Tenha um pouco de respeito – ela repetiu mais baixo. – Pai nosso que estais no céu – rezou.

Foi assim que tanto minha mãe quanto eu soubemos que a conversa estava encerrada.

Ela trouxe os *cookies* ao meu quarto e deixou na mesinha de cabeceira. Depois, sem uma palavra, foi para o quarto dela e lá ficou até que meu pai chegasse do trabalho. Nunca mais mencionei Colin Yarmouth nem reclamei do meu sobrenome naquela casa.

A lição? Nunca, em nenhuma circunstância, uma mulher deveria ter de coabitar com a sogra. Lição secundária? Três Oreos nunca são suficientes.

Eu me lembrei dessa história enquanto ouvia o telefone chamar na casa dos meus

pais.

– Alô? – meu pai atende.

– Oi, papai, sou eu.

– Ah, Gracie! Emina! – ele grita. – É a Gracie!

– Como vocês sobrevivem sem um identificador de chamadas? – pergunto. – Eu poderia ser um desses golpistas que roubam identidade. Poderia estar ligando para obrigar vocês a sair e comprar milhares de dólares em vale-presente para enviar aos meus supostos sequestradores.

– Mas você é você – meu pai responde. – Por favor – ele cochicha –, diga à sua mãe que é normal pagar os paisagistas em dinheiro. Ela pensa que estão nos extorquindo.

– Quanto estão cobrando?

– Vinte e cinco.

– Para cortar a grama?

– Sim.

– Isso não é nada – digo.

– Eu sei! Então diga a ela – ele cochicha. – Aqui, Emina! A Gracie ligou para você.

– Te amo, papai.

– *Ti amo*, meu suquinho de uva. A mamãe está aqui.

Minha mãe pega o telefone. É o telefone ainda preso à parede por um fio na cozinha deles. Tenho certeza disso porque é a única linha fixa da casa. Não sei como conseguiram que a empresa de telefonia instalasse uma geringonça tão obsoleta, mas é o objeto favorito da minha mãe na casa. Ela odeia todo tipo de tecnologia, incluindo a internet. A ideia dela de "rede social" é sentar-se à mesa de café da manhã com o fio esticado através do cômodo, como se isso fosse uma coisa aceitável de se fazer em público, nesta época e naquela idade.

– Oi, Gracie. Eu te liguei – ela começa.

– É, eu sei. É por isso que estou ligando de volta. Como você está?

– Sabe como é, mais uma semana. Estamos bem. Caminho na rua. É bom sair – ela diz.

– "Mais uma semana"… ou seja…

– Que ainda estamos vivos!

– Ah, sim, claro. Bem, são ótimas notícias, mamãe.

– Estou te dizendo, desde que plantaram aquela gripe dos morcegos na América, eu só assisto ao noticiário e espero pela próxima grande pandemia.

– Mas não foi esta semana – eu lhe recordo.

– Isso mesmo. Esta semana tenho problemas maiores para resolver.

– Oi?

Ela bufa e baixa a voz.

– Os jardineiros.

– Ah. Sabe, é totalmente normal que eles sejam pagos em dinheiro.

– O papai diz a mesma coisa! Mas pra mim parece errado.

– Então talvez você devesse contratar novos jardineiros.

– Talvez eu não tenha escolha. Não posso ser cúmplice.

– Claro – digo, abanando a cabeça em silêncio. – E que outras novidades, mamãe?

– Nada, filhota. Absolutamente nada.

– O que quer dizer com "caminho na rua"? – pergunto.

– Ah, sabe como é, para me exercitar.

– Sobe e desce a rua, simplesmente?

– Hum-hum – ela confirma, alegremente, como isso fosse algo que pessoas fazem.

– Certo. E por que você não vai até o parque?

– Porque é primavera. Os delinquentes aparecem.

– Os delinquentes?

– Sim. Tem um monte deles aqui no bairro. Eles intimidam as pessoas.

– É mesmo?

– Eles andam de bicicleta em bando; bandos grandes, Gracie. Uma vez eu contei onze.

– E como eles intimidam as pessoas?

– Eles tomam conta da calçada e você tem de andar na grama. Eles não têm a menor consideração por ninguém.

– Então você nunca mais vai poder ir ao parque?

– Posso voltar no verão. É quando eles trocam e vão para a piscina. As calçadas ficam seguras a partir do fim de junho.

– Entendi. Bem, foi gostoso conversar, mamãe. Tenho de desligar.

– Mas espera! Você não me contou sobre a *sua* semana.

– Ah. É, então. Está tudo bem. Sem queixas.

– Alguma coisa excitante acontecendo na sua vida profissional?

Minha mãe adora se gabar para as amigas sobre eu ser escritora, mas nunca vai mais fundo do que isso. Não tenho dúvida de que ela fica absolutamente constrangida pelo que eu escrevo. (Na verdade, já a ouvi mentir e dizer que escrevo livros infantis.) Meu pai se recusa a falar a respeito. Tenho certeza de que ele ainda espera que eu consiga um emprego de verdade. Ele qualifica como "emprego de verdade" qualquer um que tenha plano de saúde.

Starbucks, aí vou eu.

A pergunta dela me parece uma armadilha. Eu não contei a ninguém, exceto ao Colin, sobre o acordo que está sendo negociado, e mesmo que minha mãe seja um pouco enxerida, bem, ela ainda é minha mãe. Eu meio que sinto que ela deveria ser a primeira a receber a notícia. Mas sei que estarei correndo um risco se lhe contar qualquer coisa remotamente interessante, porque ela não vai mudar de assunto por no mínimo cinco telefonemas.

Isto é uma verdadeira *Escolha de Sofia*. Decido fazer a coisa honrosa e contar a verdade.

– Bom, tem uma coisa mais ou menos legal acontecendo.

– Ah, é? Me conta. Ou, como dizem na TV, "entrega, garota".

– Não, não. Por favor, nunca mais diga isso.

Ela ri.

– Okay. Mas me conta.

– Parece que *Bandido imprudente* pode ter despertado algum nível de interesse real.

Eu a ouço bater palmas.

– Iupiii! Força, garota!

Abano a cabeça.

– É. E a editora gostaria de ver um segundo original e tentar conseguir um acordo para dois livros.

– É mesmo?

– Isso é animador. Eu estou animada. Só tem um problema.

– Qual?

– Estou com dificuldade com o segundo original.

– Que tipo de dificuldade?

– É que a escrita em geral tem sido bem difícil. Estou lutando para ter ideias plausíveis. Minha protagonista estava mal construída e eu não gosto nem um pouco dela. Mas estou trabalhando – digo. – Na verdade, me aconteceu uma coisa bem estranha.

– O quê?

Hum. Como verbalizar isso?

– Um velho amigo da escola e eu andamos conversando, e ele está me ajudando a vencer o bloqueio.

– Ah, o Ronald? Um menino tão meigo. Não exatamente um colírio para os olhos, mas ele sempre gostou mesmo de você.

– Não, não o Ronald. Outro menino. Você não conheceu.

– Gracie, eu me lembro do colégio. Quando só se tem um filho, todas as imagens

ficam gravadas na sua cabeça. O Ronald foi o único amigo menino que você teve.

– Isso não é verdade!

– Qual o nome desse menino?

Tomo fôlego.

– Colin Yarmouth – falo depressa.

– Não! Gracie Marie Landing, como você pôde?

– Como pude *o quê*? Conversar com o menino mais lindo da minha classe?

– Você se lembra do que isso fez com a *nonna*?

– Mamãe, a *nonna* tem tipo cem anos. Não tem a menor chance de que ela se lembre disso. E eu não estou contando para ela, estou contando para *você*!

– Agora eu sou uma comparsa.

– Isso não é um crime!

– Ah, para a *nonna* seria pior do que um crime. Traição familiar. Castigável com vergonha eterna.

– Então não conte.

Minha mãe suspira.

– Não tenho nada mais. Do que é que vou falar, quando for visitar a *nonna* na próxima quarta? Não tenho nada!

– Fale dos jardineiros.

Ela se cala por um instante.

– Sim, pode ser.

– Porque eles estão claramente roubando a empresa. É totalmente ilegal pagar paisagistas em dinheiro – acrescento. – *Ninguém* faz isso. Falando sério? Eles deveriam ser presos. Criminosos descarados.

– Eu *sabia*! – ela grita.

Lição de hoje. Seguir meus instintos quando conversar com a minha mãe. Contar as coisas importantes apenas quando estiverem totalmente concluídas. Exemplo: se Colin Yarmouth e eu decidirmos nos casar, um dia, ou se eu engravidar de um neto Yarmouth, *esse* é o momento apropriado de contar à mamãe a respeito.

Eu deveria anotar isso em algum lugar, para não me esquecer na próxima sexta-feira.

Depois de comer a sobra da comida (que, caso você esteja se perguntando, só tem metade do sabor no dia seguinte), decido que é melhor para todo mundo se eu tomar banho e me vestir como um ser humano, já que passa da uma da tarde. Não sei se vou conseguir escrever muito mais antes de conversar com o Colin sobre o que já mandei para ele hoje, mas é certo que posso devanear/refletir sobre para onde

levar meus personagens a seguir.

Enquanto a água escorre pelas minhas costas e eu me deleito passando as unhas pelo couro cabeludo cheio de espuma, penso na pequena mudança de planos que estamos criando, na nova versão. Connor é o protagonista agora, e Presley é o interesse amoroso. Seguindo o arco típico do "menino encontra menina, menino conquista menina, menino perde menina, menino reconquista menina", ela precisa fazer alguma coisa grave para o perder. Mas não necessariamente de um jeito antagonista. Mais tipo por acidente. *Melinda* é a vilã, não Presley. Mas Presley é egoísta e tem uma moral suficientemente questionável para tentar dormir com alguém para conseguir uma venda. Então talvez seja isso. Connor se aproxima de Presley todo vulnerável e de coração aberto, e Presley o pressiona a comprar o imóvel, sem ser honesta sobre o fato de estar falida.

Reflito sobre isso enquanto a espuma se acumula aos meus pés. Se Connor é o personagem principal agora, então ele precisa de um motivo claro. Passo o condicionador. A massagem delicada é tãão boa. Fecho os olhos e aproveito, imaginando como seria se o Colin esfregasse minha cabeça assim.

Eu me senti um lixo depois que o Scott preferiu a Ilana a mim, então meu palpite é que Connor se sinta impotente também. Dando um passo além, Connor talvez pense que ele *transformou* Melinda em lésbica. Os homens são burros o suficiente para pensar uma coisa dessas, então por que haveria o Connor de ser menos propenso a fazer uma suposição assim tão tola? Essa é a motivação dele, portanto. Ele não quer apenas sentir-se atraente (o que, dado que vem dormindo com um monte de mulheres aleatórias há sabe-se lá quantos meses, ele já se sente): ele quer se sentir viril. Macho. Forte. Ele quer ser um provedor. Já sabemos disso, porque ele tenta há muito tempo cuidar de Melinda. Mas não um provedor qualquer: ele quer ser o melhor provedor do mundo. Um presente de Deus para as mulheres. Mais especificamente para uma mulher: Presley, a que foi embora.

Portanto, o que está em jogo? A *masculinidade* dele, o que vai tornar pior ainda ele descobrir que Presley o está usando por causa de seu dinheiro. Embora ela tenha sentimentos reais e genuínos por ele, vai precisar fazer alguma coisa absolutamente extrema para reconquistá-lo.

Gosto disso, decido, enxaguando pela última vez, antes de desligar o chuveiro e me enrolar em uma toalha de praia felpuda e grande. Eu me seco, passo hidratante no rosto, aplico desodorante, espio para ver se meus lábios vaginais estão cicatrizando (graças a Deus, estão) e visto uma roupa. Meu cabelo está enrolado no alto da cabeça, dificultando que o pescoço fique reto.

Pego o telefone na mesa de cabeceira. Droga. Uma chamada perdida da Lindsay.

Faz sentido. Hoje é sexta, ela provavelmente ligou para saber do meu progresso.

Ligo para a agência e Evan atende.

– Vision Board Creative Group, aqui é Evan. Para quem posso encaminhar sua chamada?

O Evan é a melhor coisa da Vision Board. Os agentes literários vêm e vão como as estações nessa empresa, e tenho certeza de que uma bela soma foi paga em honorários advocatícios para manter potenciais escândalos debaixo dos panos, ao longo dos últimos anos. (Ao menos de acordo com o Evan, que me contou sobre a agente que publicou no Instagram um vídeo de si mesma, com os seios à mostra, pondo fogo no livro de um cliente dela. Você poderia perguntar: por quê? Não faço a menor ideia.) Basta dizer que o lugar não tem escassez de dramas de recursos humanos. A Lindsay é ok, acho, mas ela é super-rígida e profissional, e se é para fazer jogo aberto, eu… não sou. Cumpro meus prazos e sou profissional quando importa, claro. Mas não sei. Quando assinei na linha pontilhada, tinha uma esperança secreta de que minha agente seria alguém de quem eu acabaria me tornando próxima, tipo uma boa amiga. Não é bem o caso com a Lindsay. Mas Evan é um *excelente* prêmio de consolação. Ama uma fofoca e eu adoro isso, porque ele conta tudo não apenas sobre agentes e editores, mas também sobre a galera de Hollywood, graças ao grande envolvimento da agência com a venda de direitos para filmes. O Evan é também estiloso, divertido, tem um coração enorme para os animais e é extremamente inteligente. Ele lê a maioria dos originais submetidos à editora e descarta o que é lixo, e participa daqueles concursos do X em nome da agência. O trabalho dele é uma correria, e imagino que bem estressante, mas Evan é o retrato da compostura o tempo todo. Fora isso, o namorado dele, Oliver, é um tesão, e eles têm a vira-latinha mais fofa do mundo, chamada Trixie, que veio do abrigo de animais onde ele presta serviço voluntário nas manhãs de sábado.

Sei tudo isso a respeito do Evan, em grande medida, porque a Lindsay é tão fechada sobre si que, quando comecei a precisar telefonar para a agência regularmente, me sentia tão frustrada ao encerrar a chamada que comecei a fazer perguntas desnecessárias ao Evan, tipo como estava indo o dia dele e se tinha visto alguma celebridade recentemente. Ele *ama* conversar comigo. Diz que a maior parte dos autores não lhe dá a menor atenção. Mal sabem eles que ele é provavelmente a primeira porta de entrada deles no mercado.

Mas não a minha. Na realidade minha primeira porta de entrada foi Lindsay, porque ela "era Evan", antes de ser promovida a agente. Originalmente, eu me apresentei para outra pessoa na agência, mas daí aquela mulher foi despedida por falsificar os relatórios de direitos autorais de um dos clientes dela, e a Lindsay subiu

de nível. Fui tirada de uma pilha de "potenciais" que ela estava guardando e promovida ao status de cliente. O mercado é engraçado nesse aspecto; as pessoas mudam e rola todo tipo de drama, mas notei que na Vision Board isso acontece muito. Mas acho que é isso que torna o Evan perfeito para o trabalho dele.

– Oi, chuchu – digo em tom melodioso.

– Ah, para tudo. Gracie? – ele responde com voz sussurrada.

– É. A menos que tenha mais alguém que te chame de chuchu.

– Hum. Não. Você é minha única e exclusiva abelha-rainha. Estou tão contente que tenha ligado.

– Por quê? O que está rolando?

– Uma merda imensa. Então, sabe a Angie?

– Quer dizer Angela Drake?

– Essa.

– É uma das vice-presidentes, né?

– Não mais.

– Ah, para com isso. O que aconteceu?

– Aparentemente, alguém a demitiu por tuítes ofensivos que ela publicou lá atrás, tipo, em 2015.

– Sério? O que diziam?

– Ela fez comentários sobre a equipe de limpeza de um hotel onde se hospedou durante uma conferência. Não posso repetir, ao menos não agora. Mas… não… causou… boa… impressão. Então, pois é, sebo nas canelas, meu bem.

– Que merda.

– Não é? Ah, nossa. Me sinto muito melhor, agora que tirei isso do peito. Aconteceu literalmente umas poucas horas atrás. Mandei uma mensagem para o Oliver e ele ficou, tipo, "Angie quem?", e eu precisei comer um belo de um *donut* da Sacco's Sugar Shop para diminuir o estresse e superar o fato de que ele não fazia a menor ideia de quem eu estava falando. Tipo, meu *Deus*. E quer saber mais? Juro para você, Gracie, que ele na verdade só está comigo por causa do meu corpinho.

– Bom, você é mesmo o mais bonito dos dois.

– Obrigado. Eu sei – diz o Evan.

– Mais alguma coisa emocionante acontecendo?

– O abrigo acolheu um porquinho. Algum cretino deixou o coitadinho em um engradado na porta. Como a pequena órfã Annie. De modo que eu talvez esteja muito em breve adotando um porco. – Ele suspira dramaticamente. – Agora nunca mais vou conseguir comer bacon.

– Você sabe que não matam leitões para fazer bacon, certo, Ev?

– Obviamente. Mas eu me sentiria culpado. Tipo, lamento, bacorinho, acabei de comer o seu avô no café da manhã.

– Você é doido.

– Altamente improvável. Ah, e tem outra coisa chocante acontecendo. Mas não posso te contar.

– Porque do contrário você precisaria me matar?

– Tipo isso. Mas eu *vou* te contar daqui a um mês mais ou menos. Só que agora não posso. É uma notícia quente, de vários gigawatts.

Dou risada.

– Adoro como você testa minha paciência, Evan.

– Ahá! Eu e todo o resto do mercado editorial, certo? Enfim, chuchu, confie. A espera vai valer a pena.

– Tá bem. Se você diz… – Estou sorrindo e sei que ele percebe pelo meu tom de voz.

– Muito bem, preciso ir. Nesta época do ano chegam *tantas* cartas de apresentação. É como febre de primavera na minha caixa de entrada. Daqui a pouco vou precisar de óculos de leitura, em vez de apenas os de descanso da luz do computador.

– Putz! Boa sorte.

– Obrigado, amoreco. Vou te passar para a Lindsay. Você ligou no momento certo, ela chegou há uma hora. Adoro como as pessoas fazem os próprios horários por aqui.

– Atrasos às sextas estão na moda.

– Argh. Exato. Tá, então. *Smack*! – Evan diz, soprando um beijo de despedida.

Aguardo enquanto a linha chama. Meu estômago sempre fica um pouco embrulhado quando estou esperando para falar com a Lindsay. Sinto como se estivesse em uma entrevista infinita, fico sempre com medo de dizer a coisa errada e ela não me querer mais como cliente.

– Vision Board, aqui é a Lindsay.

– Oi, Lindsay, é a Grace. Desculpe, perdi sua chamada. E aí, o que manda?

– Oi, Grace. Que ótimo falar com você. Como vai indo o texto?

– Bem. Tive uma explosão de energia nos últimos dias.

– Que maravilha, fico contente em saber.

– Você teve mais alguma notícia da editora?

– Não. Mas ausência de notícia é boa notícia. Eles estão aguardando pacientemente, assim como eu.

– Ah, okay. Bem, certo, estou progredindo.

– Fique à vontade para mandar algumas páginas se quiser que eu comece a ler. Sabe como é, com um prazo tão apertado…

Difícil saber se foi uma sugestão ou uma ordem.

– Vou mandar. Em breve. Só não agora. Estou trabalhando em umas ideias com outra pessoa, que está me ajudando.

– Ah, é?

Sinto que fico corada.

– É. Tem sido bem legal. Ele dá umas sugestões ótimas.

– "Ele"?

– É tipo, bem, um cara novo que ando vendo.

– Bacana. Bem, apenas se certifique de que ele não te roube o foco.

Não. Só meu coração, penso, e imediatamente rio de mim mesma por essa frase tão vomitiva.

– Não se preocupe – respondo.

– Mantenha-me informada, okay? E, como falei, me mande algumas páginas. Quer dizer, quando você estiver pronta.

– Combinado, farei isso.

– Temos muito dinheiro em jogo – ela me recorda.

– Eu sei.

– Bem, bom fim de semana. Entre em contato sempre que quiser.

– Obrigada, Lindsay. Você também.

Desligo o telefone e afasto a sensação de alguém olhar para você e só enxergar dinheiro. Nunca tinha passado por isso pessoalmente antes, mas, cara, me faz sentir mal por Connor Yates.

Use isso, digo a mim mesma.

Use cada gota disso.

Colin

PARA: Grace Landing (gracie222@mail.com)
DE: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
RE: Ontem à noite

Oi,

Li seu material. Você arrasou. De verdade. Foi assustador, parecia que você estava dentro da minha cabeça. E agradeço que tenha deixado de fora a parte da doença sexualmente transmissível. Mas você fez a Melinda parecer tão sinistra quanto. Além disso, a coisa da contaminação sexual é quase desnecessária; acho que seria excessivo.

Então, o que você acha que vai acontecer com Connor e Presley agora?

PS: também mal posso esperar por amanhã à noite!

PARA: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
DE: Grace Landing (gracie222@mail.com)
RE: Ontem à noite

Oi,

Uau, isso foi rápido! Obrigada por ler tão depressa. Fico contente que tenha se sentido à vontade com o texto. Senti que não conseguiria ir adiante se não obtivesse seu selo de aprovação.

Ainda não tenho certeza do que vai acontecer com eles. Sinto que é cedo demais para que façam sexo... embora ela precise muito vender para ele aquele apartamento... O que você acha?

😊 Gracie

PARA: Grace Landing (gracie222@mail.com)
DE: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
RE: Ontem à noite

Acho que você deve ir em frente. Ele quer. Ela quer. Por que não?

C.

PARA: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
DE: Grace Landing (gracie222@mail.com)
RE: Ontem à noite

Bem... talvez ele tenha uma reunião de manhã.
(cai o pano, lol)

PARA: Grace Landing (gracie222@mail.com)
DE: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
RE: Ontem à noite

Ah, droga! Talvez eu precise ir para o hospital, porque essa doeu! (O que acha do meu humor "tio do pavê"? Nada mau, hem?)
Muito bem, faladora. Mudança de planos. Estarei na sua casa em uma hora. Esteja pronta.

PARA: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
DE: Grace Landing (gracie222@mail.com)
RE: Ontem à noite

Uma hora? Está de brincadeira? E pronta para o quê, exatamente?

Ahá! Isso vai ser divertido. Ela está surtando e essa certamente não era minha intenção, mas, depois do dia que eu tive, mereço um pouco de diversão. Além do mais, tenho tanta coisa nova para contar, e tenho certeza de que ela vai poder colocar isso na história.

A Elle é tão escrota. Sei que soa péssimo dizer isso, mas, depois do que ela aprontou hoje, é ponto final definitivo com ela.

Entro no carro e começo a dirigir. Alguma coisa dentro de mim se inquieta. Me sinto um moleque de novo antes de uma partida de beisebol ou coisa assim. Quase borboletas no estômago. A promessa da possibilidade.

Reconheço a sensação. *Esperança*.

Cara, como é bom.

O sol do fim de tarde brilha no para-brisa do carro e aquece meus antebraços enquanto dirijo.

Eu perseguiria essa sensação ida e volta do Brooklyn cem vezes.

Só espero que a Gracie a sinta também.

Gracie

Atualizo o email no celular várias vezes, mas Colin não escreve de volta. Espero alguns minutos, casualmente lavando a louça para o caso de ele não estar brincando. Ele *tem de* estar brincando, certo? Quer dizer, quem faz uma coisa dessas? Quem aparece no meio de uma tarde de sexta para um *date* que teoricamente seria na noite de sábado? E por qual razão? Só porque eu fiz uma piada?

Talvez eu vomite. Arroto e sinto o gosto de *pelmeni*, em especial aquele sabor muito particular de endro e *sour cream*. Obrigada, azia. Uma lufada de ar quente escapa da minha boca. *Irc!* Não é um cheiro bom.

Na verdade, enquanto me desloco pela cozinha, percebo *que a casa inteira está cheirando a um bufê de comidas do Leste Europeu*.

Ah, meu Deus. E se ele vier aqui e eu estiver parecendo um rato afogado, com o cabelo molhado pingando na camiseta extragrande e deixando marcas como se fossem de leite no peito de uma mãe privada de sono? E se ele der um passo para dentro da minha casa e ficar, tipo, "Não, obrigado", e sair correndo imediatamente porque o cheiro de carne moída misturada com cebola é forte demais para as narinas dele? Por que não posso ser uma daquelas garotas bem-compostas que sempre cheiram a morangos e baunilha francesa?

Respira, Gracie. Não surta, digo a mim mesma. *Liga para o celular dele. Vê se ele está realmente vindo.*

Inspiro e conto mentalmente até dez. Expiro. Digito. Espero.

Ele atende e ouço o estalido do bluetooth do outro lado da linha.

– Alô?

– Colin, é a Grace.

– Eu sei, boba. E aí?

– Você está mesmo vindo pra cá?

– Por quê? Você não quer que eu vá?

– Colin! – gemo. – Você está falando a sério?

– Quer dizer, posso dar meia-volta, se você não quiser me ver.

Minha pulsação se acelera.

– Onde você está? – pergunto.

– Na via expressa.

– Qual via expressa?

– Southern State. Indo para o Belt Parkway.

– Ah, para. Não está.

– Ah, estou sim.

– Mas… – protesto.

– Mas o quê, Grace Landing?

– Eu não estou pronta!

– Não está pronta para o quê, exatamente?

– Não estou pronta para que você me veja neste estado! Acabei de sair do banho!

– Assim sendo, você está totalmente pronta, na minha opinião.

– Colin! Estou falando a sério!

– Só estou dizendo que, se eu fosse você, pararia de conversa fiada ao telefone e trataria de ficar pronta.

– Eu te odeio – digo e dou risada.

– Eu sei. Também te odeio, princesa. Agora, vai lá. O GPS diz que eu chego em uns trinta minutos.

– Colin! – choramingo.

– Mal posso esperar! – ele responde.

– Aaaaah! Tchau! – exclamo.

Não acredito que isso está acontecendo. Apoio o telefone com força no aparador e vou para o quarto. Tento pensar no que vestir; ele não me deu a menor pista sobre o que vamos fazer… Epa! Espera… aí…

Colin Yarmouth está vindo para *fazer sexo* comigo? No meio do dia?

Puta merda! Quando eu falei que tinha acabado de sair do banho, ele disse que parecia que eu *estava pronta*…

Estou morrendo. Minha casa cheira a um misto de carne e *sour cream*.

Corro de volta para a cozinha e tiro o aromatizador de ambientes de baixo da pia. Borrifo todos os lugares: pia, balcão, o espaço aéreo ao meu redor. Levo o *spray* para a sala e espalho pelo sofá, cortinas, carpete. Vou para o banheiro e jogo no tapetinho e nas toalhas. Encharco a cama amarrotada e por fazer, depois começo a esticar os lençóis e a afofar os travesseiros, alisando o edredom por cima. Acendo as três velas em potes que tenho na cômoda (os aromas são conflitantes, "champanhe e caviar", "folhas de verão" e "torrada de canela", mas pode apostar que são melhores do que "endro com aromatizador", que é o atual nome aromático desta casa).

Agora, que diabos eu vou vestir?, me pergunto. Nunca recebi um email de "Oi, tá disponível?" no meio do dia. Na verdade, jamais recebi uma ligação para fazer sexo. Isto é tudo inédito para mim. O que as pessoas vestem nesse tipo de situação?

Esvazio a gaveta de lingerie em cima da cama. *Mas que droga! Não tenho um único*

fio dental! Tenho alguns sutiãs de renda, mas sejamos francos: eu vou *mesmo* abrir a porta de sutiã e calcinha? Não! Tenho dignidade. Autorrespeito!

Vasculho a pilha de roupas de baixo, até que encontro um saquinho plástico fechado com zíper. *Minha Nossa Senhora. Tinha me esquecido totalmente disso*. É uma fantasia que comprei para usar com o Scott no nosso primeiro Halloween juntos. Só usei uma vez, e pelo que me lembro não permaneci vestida por muito tempo. Tiro o traje para fora. O couro envernizado range ao roçar em si mesmo quando removo o *top* da embalagem. É acompanhado de um par de meias-calças pretas, sete oitavos, e calcinhas de Lycra que me lembro de chamar de "sem bunda", que tem alguma semelhança com um fio dental, mas na verdade tiveram a parte das nádegas cortada na parte de trás do que seria, do contrário, uma calcinha de tamanho normal. Na primeira vez que a vi, pensei que fosse uma falha na modelagem. Só que não. Aquilo era totalmente intencional, cortesia da vemmepegargatinho.com, uma *sex shop* online em cujo site estive uma vez, mas que desde então me manda *spam* doze vezes por dia.

Tenho saltos altos pretos que combinariam lindamente com as meias sete oitavos, e, já que meu cabelo está secando todo bagunçado, posso bem deixar solto e cacheado. Ponho musse na palma e passo as mãos pelas madeixas úmidas. Tomara que não fique ridículo demais. No banheiro, aplico uns leves toques de corretivo e uma camada de pó, depois pego pesado no delineador preto, sombra verde e rímel preto. Junto os lábios e aplico batom vermelho-sangue, que faz meus dentes parecerem superbrancos.

Espremo o corpo dentro da fantasia na cama e opto por deixar o chicote de couro no Ziploc. Não quero passar ideia errada ao Colin. Desenterro do fundo do armário um par de saltos altos pretos e os calço. Em seguida, jogo às pressas toda a outra lingerie dentro da gaveta e encaixo a gaveta no lugar vazio ao qual ela pertence.

Finalmente me olho no espelho de corpo inteiro.

Hum.

É possível que eu tenha exagerado na maquiagem dos olhos. Minha cara está meio que parecendo o manequim de um estudante de cosmetologia. Ou um vampiro, graças aos meus lábios.

Correção fácil! Ando rapidamente pela casa apagando todas as luzes. O sol ainda brilha através das janelas, mas assim ficou um pouco melhor.

O interfone me avisa que tem alguém no entrada lá embaixo. Tomo fôlego.

– Quem é? – pergunto na minha voz mais sexy e desinteressada. Não funciona. Soou como uma fumante muito velha.

– É o Colin – ele responde. – Devo subir ou você quer descer?

Descer?

– Hum, é melhor você subir. Definitivamente.

– Tá bem, já chego – ele diz, e aperto o botão para abrir a porta.

Ando de um lado a outro. *Por que ele perguntou se eu queria descer? Será que isto* não *é um* date *no meio do dia?*

Fico confusa e nervosa quando a campainha toca. *Parece que alguém preferiu usar a escada – Minha Piada Particular.* Dou risada.

Espio pelo olho mágico. Ele está simplesmente parado ali, parecendo todo fofo. De jeans e moletom, aparentemente.

Merda. Acho que interpretei errado essa situação.

– Hum, oi – digo, através da porta ainda fechada.

– Oi. Você vai me deixar entrar?

– Não sei se devo.

– O quê? Por quê?

– É só que, hum, eu posso ter interpretado mal este pequeno encontro súbito. – Minhas mãos começam a suar.

– Do que você está falando? Abre a porta, sua doida.

Pelo olho mágico, vejo que ele está sorrindo.

– Okay, mas saiba que nunca fiz isso antes. – Reúno toda a minha coragem e solto a corrente.

– Nunca fez o quê? – Colin pergunta, quando puxo a porta na minha direção. Me escondo atrás dela e inclino a cabeça para fora. – Oh. Você está… diferente.

Ele entra no vestíbulo do apartamento. Não tenho onde me esconder quando a porta se fecha, e fico lá, parada na frente de Colin Yarmouth, parcamente vestida com uma fantasia de dominatrix e maquiagem de *drag queen* para o que, vou me dando conta aos poucos, poderia ter sido uma deliciosa tarde de Netflix e relaxamento.

– Puta merda, Gracie! – Colin esbugalha os olhos como se tivesse sido picado por uma vespa. – O que… você está vestindo?

Meu rosto pega fogo pela expressão de maçarico dele. Não tenho ideia de como chegamos a isto. Sem a menor pista sobre como agir, digo a primeira coisa que me vem à cabeça.

– Surpresa!

– É, de fato. Que baita surpresa, sem dúvida. – As sobrancelhas dele demonstram estranhamento, mas o sorriso sugere outra coisa. Satisfação, talvez? Apreço?

Dou um giro rápido.

– O que você achou?

– Gracie, o que aconteceu com a sua bunda? – ele diz, surpreso.

– Como assim? – Me inclino para trás e tento olhar meu traseiro.

– Está… de fora!

– Ah, isso! Então, é parte da fantasia – eu o tranquilizo.

– Você é mesmo fora da casinha, sabia disso?

Dou de ombros, envergonhada e um pouco confusa, mas feliz por vê-lo e esfuziante porque ele ainda não saiu correndo porta afora.

Ele põe os braços ao meu redor e me aperta em um abraço.

– Eu estava tendo um dia horrível, e você o virou de ponta-cabeça.

– Sério?

– Hum-hum – ele confirma, e enterra o nariz no meu cabelo.

– O que aconteceu?

– Não – ele diz. – Em primeiro lugar, não podemos conversar a sério com você vestida assim. Ou vamos para o quarto ou você troca de roupa, e talvez lave o rosto. Meu Deus! Nem foi por isso que eu te liguei! Merda! Você achou mesmo que eu vim aqui atrás de sexo?

– Bem, quer dizer… – começo a falar, mas daí lhe dou um tapa no braço. – Seu sacana! Você mudou os planos bem no último minuto! E falou que eu "estava totalmente pronta" quando contei que tinha acabado de sair do banho! O que é que eu *deveria* ter pensado?

– Tá bem. Então, para esclarecer: se eu quiser te visitar para transar, serei mais explícito no futuro. Mas veja: não estou insinuando que *não* quero me envolver com – ele movimenta a mão para cima e para baixo, à minha frente – tudo *isto*, mas não na nossa primeira vez juntos. Não sou um escroto total – ele diz. – Eu gosto mesmo de você, Gracie. Gostaria que fosse…

– Especial? – pergunto.

– Sim. Especial.

– Ótimo. Então fico contente de estarmos na mesma página – digo. Sinto o peito em chamas e tenho certeza quase absoluta de que urticária está brotando pelo meu corpo todo. – Vá se sentar – digo, acenando na direção do sofá na sala. – E por favor feche os olhos, para que eu passe sem que você veja minha bunda pelada de novo.

Ele ri.

– Claro – diz, e passa na minha frente rumo à sala. Senta-se, fecha os olhos e, enquanto vou para o quarto, pergunta:

– Olha só, por que o sofá está molhado?

– Molhado? Ou só úmido? – grito, me desvencilhando do *top* estúpido.

– Úmido, acho.

– É aromatizador de ambientes. Desculpe. Estou totalmente num show de horrores hoje.

– Está tudo bem. Dá para sentir o cheiro, agora que você mencionou. Mas sabe do que sua casa tem cheiro, mesmo?

Oh, Deus.

– Do quê?

– De uma loja de velas Yankee. Já esteve em alguma?

– Ah! Sim, já. Forte demais. – Visto um sutiã normal e uma calcinha branca de algodão. – Então a gente *não* vai fazer sexo hoje? – pergunto em voz alta.

Colin ri.

– O quê?

– Estou tentando me vestir, aqui, e quero ter certeza de que está tudo bem vestir lingerie normal!

Eu o ouço rir, mas ele não responde.

Meu telefone apita. Pego-o na cômoda e checo. É uma mensagem de texto. Do Colin. Abro. Vejo uma foto do que parece ser um quadriculado vermelho, preto e branco.

– Que diabo é isto? – grito.

– Minha cueca. Porque você claramente está com dificuldade de se resolver hoje. Eu estou de *boxer*, jeans, camiseta e agasalho. Pode se vestir combinando, se quiser – ele grita de volta.

Sacudo a cabeça, sorrindo. Algo que a Melly disse me volta à lembrança. "Se vai se apresentar desleixada, seja pelo menos uma desleixada atraente."

Depois de lavar o rosto e aplicar uma quantidade normal de maquiagem, Colin e eu saímos no carro dele e começamos a ir para Astoria, e ele diz que vai me levar à melhor lanchonete grega. Como não são nem quatro da tarde, ainda não tem muito trânsito, e quando chegamos ele dá sorte de encontrar uma vaga bem perto. O lugar é pequeno, com reservados compactos e piso de linóleo, menus gigantes e grossos e uma estufa cheia de bolos caseiros, tortas, *cookies* e outras delícias de sobremesas.

Uma garçonete chamada Ginger nos traz copos de água e nos conduz à lousa da parede, para vermos os especiais do dia.

– Não precisa – Colin diz. – Pode nos trazer porções de patês e molhos para começar?

Ergo as sobrancelhas, impressionada.

– Claro, meu bem. E para beber?

– Dois *ginger ales* – ele diz. – Você gosta de *gyro*?

Confirmo.

– Então traga, por favor, dois *gyros* com *tzatziki* extra à parte. E uma porção de fritas para dividir.

– Algo mais? – pergunta a Ginger.

– Por enquanto é só. Obrigado. – Ele devolve o cardápio.

Também entrego o meu e observo Ginger voltar a passo rápido para a cozinha e passar o papel do pedido para um chef de linha pesadão.

– Desde que eu era criança, é a primeira vez que fazem o pedido por mim – digo.

– O negócio com este lugar é que o menu é enorme. Não me entenda mal, tudo é gostoso, mas não se pode vir aqui e não provar a entrada, um *gyro* e *baklava*. Pelo menos da primeira vez – ele diz, e toma um gole de água.

– Bem, estou animada.

– Sei que você comentou que comeu há pouco tempo, mas, mesmo que só experimente um pouco do que pedimos, pode mandar embalar o restante para viagem.

Abano a cabeça.

– Acho que você não sabe com quem está lidando. São quinze para as quatro, é o momento perfeito para um segundo almoço.

– *Segundo* almoço?

Confirmo, sorrindo.

– Existe isso, pode acreditar em mim.

Colin ri.

– Então, o que te aconteceu hoje? Pensei que ficaria no escritório, mas evidentemente estava enganada. Você falou que tinha uma reunião, não?

– E tive. Acordei cedo, fui treinar e depois tive a reunião, mas não era de trabalho. Acabei tirando a maior parte do dia de folga.

– Ah. Isso soa bacana. Então, como pode estar tendo um dia de merda?

– A reunião foi com a Elle.

– Sua ex-mulher.

– A própria.

– Eita. E daí?

– Estamos vendendo a casa.

– Bem, isso é bom, não?

Ele suspira.

– Existe alguém na sua vida com quem nunca tem, tipo, um instante de tranquilidade?

Reflito sobre isso.

– Na verdade, não. Quer dizer, minha mãe é um saco, às vezes, mas é totalmente inofensiva. Por quê? O que aconteceu?

– Então – ele começa. – Lembra que eu te contei sobre o *ménage* com a mulher que me passou – ele baixa a voz – a doença sexualmente transmissível?

Assinto.

– Obrigada por me recordar disso – sorrio.

– Cala a boca. – Ele ri. – Então, enfim, não muito depois disso, descobri que a Elle vinha se encontrando regularmente com ela, o que explica por que ela parecia saber o que estava fazendo, durante a minha surpresa de aniversário. Vou te poupar dos detalhes íntimos, mas soube que elas se conheceram pelo Tinder. Agora, pense sobre isso. Ela estava casada comigo, morando em uma casa que eu comprei para podermos começar uma família, mas transando com uma garota do Tinder. – Ele suspira. – Enfim, a Elle e Sandy (esse é o nome dela)…

– Sandy, como o furacão?

– Isso. Na época do incidente sexual, fazia uns três meses que elas estavam saindo. Eu propus a ela tentarmos terapia de casal, mas era bem óbvio que ela era mais feliz fisicamente com a Sandy do que comigo. Uma informação que teria sido ótimo descobrir antes que ela se casasse comigo. – Ele engole em seco.

– Sinto muito – digo. Estendo o braço sobre a mesa e aperto a mão dele. A sensação da pele dele debaixo da minha provoca arrepios.

– Obrigado. Eu detesto até mesmo falar sobre isso, porque é muito humilhante. Mas, adiante. Mais tarde, depois que eu me mudei, a Elle ficou com a nossa bela e enorme casa todinha só para si. Eu falei que ela podia continuar lá tanto quanto quisesse, desde que pagasse a metade dela da hipoteca e todas as contas. Peguei as coisas que queria manter, e todo o resto, móveis, utensílios, tudo, ficou com ela.

– Certo.

– Falamos umas poucas vezes desde a separação. Sabe como é, tem as questões jurídicas para tratar e, uma vez, o vaso sanitário transbordou e ela ficou fora de si. Mas eu nunca perguntei sobre ela e a Sandy porque, sinceramente, não queria saber.

– Compreendo total.

– Então, pois bem. Hoje tivemos uma reunião em uma imobiliária, porque a Elle falou que queria vender a casa e se mudar de volta para o centro da cidade. O que, para mim, está tudo bem. O acordo é que, se vendermos, não importa daqui a quanto tempo, dividimos o lucro ao meio. E é por isso que eu precisava estar lá.

Concordo com a cabeça enquanto Ginger serve uma bandeja triangular de madeira com potinhos cerâmicos de homus, babaganuche grego, queijo feta nos cantos e fatias de pão pita empilhadas no centro. A aparência e o cheiro são

incríveis, mas tento ignorar e prestar atenção à história do Colin.

– Come um pouco. Por favor. – Ele solta minha mão, pega um pedaço de pão e o arrasta no potinho de homus.

– Humm, que gostoso.

Sigo seu exemplo. Tem o mesmo sabor que eu imagino que comida grega tenha na Grécia. O pão pita é tão macio e quentinho, o homus é aveludado, cremoso e borrifado de azeite fresco.

– Delícia – digo, mastigando. – Continua.

Ele engole.

– Então, encontramos a listagem no escritório dela. Estamos trabalhando com uma mulher que minha assistente, Daisy, me indicou. O nome dela é Lydia.

Ele toma um gole de *ginger ale*.

– Cheguei lá às onze, que era o horário marcado, e ficamos esperando e esperando até que a Elle aparecesse. Finalmente ela chegou, e estava desorientada. Descabelada, parecendo que não dormia fazia dias, de óculos escuros grandes. Estava com um aspecto pior do que a vi em muito, muito tempo. Mas tentei não me envolver em fosse lá qual fosse o drama que ela estava trazendo. Só fiquei puto porque ela estava atrasada.

– Hum-hum.

– A Lydia então começa a explicar como ia funcionar incluir a casa na listagem, os honorários envolvidos, todas as coisas normais quando, do nada, a Elle começa a chorar.

– Por quê?

– Ela pergunta se podemos conversar lá fora só por um minuto, e fico tão constrangido que digo, tipo, "Claro, por que não?". Eu só quero pôr as coisas para andar, entende?

Assinto de novo, provando a pasta de feta em mais um pedaço de pita. *Arrasaram muito. Este lugar é incrível.*

– Bom, a gente sai e ela está se acabando de chorar, literalmente, então sugiro que a gente vá para o carro. Daí ela começa a me contar a porra da história mais ridícula que já ouvi na vida.

Inspiro profundamente.

– Ok, estou pronta.

– Ela começa dizendo "Faça o que quiser, apenas não me julgue". Então, de cara eu sei que estou entrando numa fogueira.

– Eita.

– Daí ela me conta que acordou esta manhã e que todas as TVs da casa tinham

sumido.

– O quê? Sério?

– E tem mais. O anel de noivado que dei para ela também desapareceu no ar, bem como, misteriosamente, a Sandy (as roupas e coisas dela tinham evaporado): puf! Daí eu fico, tipo, "Espera aí, a Sandy estava *morando* com você?", porque eu não sabia, e ela falou que sim, mas só por um tempo, porque ela está sem emprego no momento. Daí eu pergunto com o que ela trabalhava e a Elle diz que era entregadora da Amazon.

– Mas o que aconteceu? Ela envolveu uma das vans da empresa em um acidente, ou coisa assim?

– Não. Prepare-se. Ela foi pega manejando mal as encomendas.

– O que isso significa?

– Foi a terminologia que a Elle usou para me contar isso. Então peço que ela esclareça. Como não podia deixar de ser, ela foi presa por roubar as encomendas das pessoas.

– Ah, vá. Jura?

– Absurdo, né? Então, estou prestes a perder as estribeiras, porque, na minha cabeça, estou juntando as coisas, como foi que essa *ladra* me passou a merda dos chatos, *na minha própria cama*, e depois, para agravar a injúria com um insulto, ainda fugiu com uma aliança de dez mil dólares que eu comprei e três televisores de tela plana.

– Puta merda! Que loucura!

– Mas espera, fica pior!

– Não tem como.

– Ela tira os óculos de sol e, juro, parece uma viciada em drogas, de tão vermelhos que estão os olhos. Daí ela segura meu rosto e tenta me beijar!

– O quê?!

– Pois é! Começa a fazer um discurso sobre como cometeu um erro gigantesco e como nunca deveria ter me deixado, e que não gosta mais de mulheres e só quer uma segunda chance. Você não imagina, ela estava histérica, dizendo que não pode ficar sozinha naquela casa porque a Sandy tem a chave, e se ela volta e tenta roubar mais coisas?

– E daí, o que você fez?

– Bom, primeiro, eu a afastei. Depois falei para ela mudar as fechaduras, e que aquilo era culpa dela mesma, por se envolver daquele jeito com uma total estranha que ela conheceu na internet. Quer dizer, francamente, tudo bem conhecer pessoas pela internet, mas se uma pessoa parece meio estranha, não ponha essa pessoa

dentro da sua casa novinha em folha!

– Nossa, tudo isso é uma loucura. E depois, o que aconteceu?

– Voltei até a corretora, me desculpei com a Lydia e disse que precisaríamos reagendar. Depois telefonei para um chaveiro e disse para a Elle voltar para casa para o receber. E foi isso. Daí eu fui embora – ele disse. – Eu ia voltar para o escritório, mas estava com fome e muito puto…

– Hum, nunca uma boa combinação – comento.

– Falando sério. Então fui a uma loja de *bagels* comprar alguma coisa para comer e li suas páginas. – Ele ri. – Isso me fez sentir surpreendentemente melhor.

Concordo com a cabeça, mastigando.

– Entendo por que você não está tendo o melhor dos dias – digo, entre mordidas de pão com patê.

– Não é? Quer dizer, estou tentando não levar em conta que todos os televisores que comprei (e note que ficaram três para trás, depois que eu levei um!) foram para o saco. E a aliança! Minha nossa, aquela coisa me custou quase um mês de salário – ele diz. – Mas é só dinheiro. Dinheiro não compra felicidade, Deus é testemunha.

– Amém – respondo.

– Estou simplesmente trêmulo de nojo. Primeiro, o "presente" dela passa todo tipo de sintomas desagradáveis para o meu andar de baixo. Depois minha casa é roubada. E pior, ela acha que pode se jogar em cima de mim e consertar tudo? – ele pergunta, incrédulo.

– Os normais não entendem os loucos.

– Eis uma grande verdade.

– Mas eu lamento. Tudo isso é uma merda.

– Obrigado. Foi um dia e tanto, quanto a isso não há dúvida.

Ginger serve os *gyros*, mas deixa o prato no centro da mesa para podermos continuar beliscando. Pousa as fritas ao lado. As travessas de cerâmica são gigantes, e as porções são descontroladas. Mas o aroma da comida é maravilhoso e sei que, se eu mantiver o ritmo, poderei reduzi-la consideravelmente.

– Bem, você queria uma história, certo? – ele diz.

– Oi?

– Essa histórica maluca! Sinta-se à vontade para usar. É um argumento narrativo e tanto, não é?

– Bem, talvez. Nunca escrevi nada assim, mas…

– Mas é bom, certo? Você deveria usar, sem dúvida.

Faço uma pausa. Ele parece estar falando muito a sério, o que é estranho. Eu não iria querer colocar minha merda pessoal em exposição desse jeito. Não sei se

entendo o ponto de vista dele.

– Você tem certeza, Colin?

Ele assente.

– Definitivamente.

– Por quê? É sua vida particular à mostra para que o mundo todo veja.

– Mas ninguém vai saber que sou eu. E, seja como for, não sou *eu* o louco. Então, é menos constrangedor do que você imagina. Quer dizer, claro, se eu levasse uma criminosa para casa e ela roubasse tudo, não iria querer ver isso publicado. Mas eu não fiz isso, *ela* fez. Minha ex-esposa, ênfase no "ex".

Dou uma mordida no *gyro* e aprecio o sabor. Colin faz o mesmo e ficamos sentados, mastigando juntos em silêncio por um momento.

Ao engolir, ele suspira.

– Sinto muito, Gracie – ele diz, por fim.

– Pelo quê?

– Por ser um cara tão atrapalhado.

– Está de gozação? Posso te recordar sobre o que eu estava vestindo quando você chegou à minha casa?

Ele ri.

– Bom ponto.

– Então podemos ser atrapalhados juntos – proponho.

– Atrapalhados juntos – repete. – Gosto disso. – Ele limpa a mão no guardanapo do colo, depois estica o braço acima da mesa, palma virada para cima. Ponho a mão na dele e ele entrelaça os dedos nos meus. Uma corrente elétrica sobe pelo meu braço até o peito e provoca ondas de choque no meu cérebro e nas minhas partes íntimas ao mesmo tempo.

– Obrigado.

– Pelo quê?

– Por me deixar desabafar.

– O prazer é todo meu – digo.

– Me sinto mal.

– Sobre o quê?

– Bom, eu cavei este encontro e te roubei do seu trabalho. Sei que você tem um prazo.

– É – digo, pensando. – Mas eu não estaria aqui se não quisesse estar.

Ele sorri.

– Obrigado. Mas continuo me sentindo mal. Então, o que acha disto: quando acabarmos de comer, por que não damos uma volta a pé para tentar digerir tudo

isso, e depois eu te levo para casa, para você concluir a produção de texto do dia? – ele sugere. – Você tinha planos para hoje à noite?

Penso a respeito.

– Na verdade, não. Eu provavelmente teria pedido comida e ficaria sentada no sofá.

– Bem, isto foi melhor que comida de *delivery*, não?

– Nossa, total. Isto estava incrível – digo, e pego uma batata frita.

– Você leva o que sobrou, então. Como combustível para mais tarde. E, se estiver disponível, vou te compensar amanhã à noite com um encontro decente. Ainda não tivemos um *date*. Não de verdade, ao menos.

Intrigada, pergunto:

– O que é um *date decente*?

– Bom, pensa comigo. Ontem nós saímos para jantar em um lugar que você escolheu, para conversar sobre sua história. Não é assim que um *date* deveria ser. Foi uma reunião de trabalho. Com uns extras. – Ele sorri. – E hoje eu sequestrei você no meio do dia para comer em uma lanchonete comigo. Da mesma forma, não é um encontro decente.

– O que tem em mente, então?

Ele olha para o teto, ponderando.

– Não sei. Algo especial. O que acha do centro da cidade?

Dou de ombros.

– É legal. Não vou lá com frequência, mas gosto.

– Quando foi a última vez que foi a um show na Broadway?

– Faz muito tempo. Não tenho exatamente recursos para esse tipo de luxo com muita regularidade, sabe?

– Bem, aí está, então. Jantar e show na cidade. Você pode se arrumar. Vou procurar ingressos online hoje à noite. Talvez a gente tenha de se sentar no fundo ou na fila do gargarejo, dependendo do que eu encontrar. Mas vai ser divertido. – Ele sorri e dá uma última mordida no *gyro*. – Parece bom?

– Parece ótimo. Mas, só para você saber, isto aqui é ótimo também.

– Que nada. Você merece mais.

Outra coisa que o Scott nunca teria falado para mim. Sinto o calor subir nas faces.

– Exatamente quão arrumada é "arrumada"? – pergunto.

– Para você? Não sei. Vestido e bota? Ou camisa, uma calça bonita e salto? Qualquer coisa em que você se sinta bem.

– Ou seja, *não* short sexy, de couro e sem bunda? – Dou risada.

Colin quase se engasga com a água. Os olhos se arregalam. Ele tosse duas vezes,

depois fala precipitadamente.

– Talvez depois – ele diz, secando a boca. – Mas pega leve. Estou tentando ser um cavalheiro aqui.

– Aprecio isso.

Ele tosse mais uma vez.

– Só para ficar registrado: você não facilita isso nem um pouco.

Assinto, torcendo para que ele não consiga ver que minhas entranhas estão se incendiando.

Colin

Certo, talvez eu não tenha sido tão acessível quanto poderia. O mercado editorial é como uma cidade rural nos confins do mundo. É *pequeno*. E incestuoso. Todo mundo conhece todo mundo.

A outra coisa que sei sobre esse mercado é que, se uma editora está disposta a investir grana alta em um livro, significa que haverá uma verba para marketing. Portanto, se a Gracie tem uma proposta de seis dígitos e um contrato para dois títulos, então a editora dela vai fazer investimento pesado no trabalho para garantir que venda bem.

O que significa que há uma grande probabilidade de que a Elle veja. Na minha cabeça, ela ler a história (ou ouvir falar a respeito, em comentários paralelos durante uma reunião de equipe ou coisa assim) seria o equivalente a eu entrar no quarto e a flagrar com outra pessoa na nossa cama. A ideia de revelar o que ela fez, sabendo que não existe a menor possibilidade de ela abrir um processo por difamação, porque *jamais* deixaria o mundo saber que ela foi uma escrota sem tamanho no nosso casamento, é um prazer amargo. Me dá muita alegria imaginar a careta de indignação que ela faria ao perceber que, em tese, sua vida poderia ser adaptada para virar filme.

Isso faz de mim uma pessoa horrível?, me questiono.

Rumino o pensamento por um instante.

Que nada, decido. Outros caras nunca teriam falado com ela de novo. Teriam chutado seu traseiro direto para a sarjeta. Mas não eu. Eu sou o trouxa que lhe deu a droga de uma casa para que ela praticamente a transformasse em um lar privado para condenados imprevisíveis.

Detesto me sentir tão raivoso, mas isso quase não conta, dado que passei a tarde com a única pessoa que já conheci na vida que consegue escutar histórias sobre uma ex louca e *não* fazer julgamentos explícitos, um traço que está me levando a gostar ainda mais da Gracie. Fiquei cativado também pela empatia nos olhos dela enquanto me ouvia, a brancura dos dentes quando sorria, o jeito suave como cantarolou junto com o rádio, baixinho, durante nossos silêncios naturais, tranquilos. A alegria em sua risada.

É uma garota bonita, mas acho que a risada é a coisa mais bonita nela.

E está me deixando meio atarantado também. Eu ainda *deveria* estar me

recompondo, certo? Faz só seis meses que a derrocada com a Elle aconteceu. Há pelo menos outras três Courtneys lá fora gritando meu nome, certo?

Claro, essas garotas estão provavelmente com o Dom no bar.

Cala a boca, ordeno a mim mesmo.

Você tem um date *para organizar*.

Quando chego em casa, abro o computador imediatamente e procuro shows na Broadway que tenham assentos livres para sábado à noite. Quase tudo está esgotado, mas consigo arranjar um par de ingressos de revenda para a segunda fila de *Wicked*. Pago os tubos, mas não ligo. Peço um favor a Alex Murphy, gerente do The Secret Garden, no bairro dos teatros (redigi o testamento dele): preciso de uma mesa romântica para dois para amanhã às cinco. Ele acha um jeito de alterar algumas reservas e me encaixa às quinze para as cinco, o que aceito alegremente.

Vai ser épico.

PARA: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
DE: Grace Landing (gracie222@mail.com)
ASSUNTO: Sexta à noite

Oi!

Só queria te agradecer de novo pela refeição deliciosa e por me forçar a voltar para casa e trabalhar hoje à noite. Produzi um monte, o suficiente para mandar um trecho para minha agente ler. Ela está no meu pé por causa do prazo, e eu queria mesmo enviar alguma coisa pra ela antes que o fim de semana começasse de fato. (Foi por pouco, mas, ora essa!)

Mal posso esperar pelo nosso encontro "decente" amanhã! Estou mesmo ansiosa.

Obrigada mais uma vez por tudo. Eu teria telefonado ou mandado mensagem, mas imaginei (ou apostava?) que você já estaria dormindo.

Bons sonhos!

G.

Gracie

Nunca tive um *date* como este antes.

Quando o Colin vem me buscar, está usando uma jaqueta esportiva por cima da camisa e uma gravata. As calças foram passadas a ferro, e os sapatos estão engraxados. Ele me entrega um ramalhete de flores ao chegar. São numerosas e exuberantes, com cores tão vivas que quase parecem falsas.

A *única* vez que o Scott se arrumou para sair comigo foi para o enterro da avó dele. E, mesmo assim, ele parecia desalinhado, como se aquele fosse seu "traje de enterro" e não tivesse sido lavado, ou pendurado direito, desde a última vez que alguém da família morreu. Naquele dia também houve flores, mas não eram do Scott e não eram para mim. Eram para a avozinha mirrada no caixão aberto, cuja condição deprimente levou Scott a sentir que era necessário ir fumar um baseado com os primos no estacionamento e gargalhar a uma altura absolutamente inapropriada, enquanto o corpo lá dentro continuava apodrecendo devagar.

Que ela descanse em paz.

Bem ao contrário disso, o Colin mandou lavar e encerar o carro (como se já não estivesse limpo quando andei nele ontem) e segura minha mão por cima do console central, enquanto cruzamos o Battery Tunnel rumo a Manhattan. Quando o sol atinge meu rosto, ele me oferece os óculos escuros Ray-Ban que guarda no porta-luvas para que eu não precise apertar os olhos.

Chegamos ao The Secret Garden Conservatory, um dos restaurantes mais *hypados* do centro, para a reserva das quinze para as cinco. É de tirar o fôlego, como jantar em uma floresta tropical, mas sem a umidade. Nossa mesa para dois está coberta com linho branco, com guardanapos também de tecido dobrados em forma de leque, e talheres suficientes dispostos para que quatro pessoas jantem com todo o conforto sem jamais ficar sem garfos.

Escolhemos os pratos: robalo chileno com batata-bolinha e aspargos salteados para ele, filé mignon envolto em bacon ao molho bordelaise para mim. A carne se desmancha como manteiga na minha boca, e nunca provei um bacon defumado com tanta perfeição. Também pedimos bebidas: um uísque *sour* e um coquetel Seven and Seven. A conversa é leve e divertida, por cima da cesta de pães frescos e da entrada de bolinhos de siri, que dividimos. Ele elogia minha roupa, meu cabelo e meu senso de humor, segura as portas para mim e põe a jaqueta nos meus ombros,

quando sinto frio dentro do teatro. Nós nos sentamos na segunda fila, perto o bastante para ver a camada de suor que se forma na testa dos atores. As músicas provocam arrepios que competem com a sensação de formigamento que sobe pelo meu braço, quando Colin aperta minha mão. Ele ri em todas as horas certas e na altura certa, e outras garotas olham para mim com inveja, quando ele volta do banheiro, no intervalo, me trazendo uma bebida em um copo para guardar. *Ninguém chora pelos malvados*, está escrito, com uma imagem do chapéu pontudo da Elphaba gravado no cristal. "É perfeito", digo sinceramente. O objeto faz referência a Scott e Elle e celebra novos começos. Vou guardar para sempre, como lembrança do primeiro "encontro decente" que já tive em toda a minha vida.

Ele me leva para casa e eu o convido a subir. Dessa vez ele diz "sim".

Eu o faço dizer "sim" de novo e de novo ao longo da noite.

Colin

É o melhor sexo que já tive em toda a minha vida.

Ela é sensual, generosa e olha para mim como quem realmente me *enxerga*, através da pele, direto dentro da minha alma.

A primeira vez é eletrizante, hipnótica. Não consigo tê-la depressa o bastante. Eu me forço a desacelerar, mas a Gracie me puxa para dentro de si com um ardor irresistível. Já fui desejado por garotas antes, mas alguma coisa no toque dela me acende de um jeito que nunca senti antes. Ela segura minhas costas com os dedos, sussurra meu nome na escuridão. Ela *precisa* de mim, e isso é minha perdição.

O corpo dela é incrível, a pele macia como neve fresca e curvas que parecem infinitas. Minhas mãos anseiam por memorizar cada centímetro dela. Ela não é pequena nem frágil. Não tenho medo de a esmagar sob meu peso. Ela é como uma pintura perfeita, uma obra de arte. Ela é uma mulher em todos os sentidos da palavra.

Quando termina, ficamos deitados na cama juntos, arfando e suados, e o rosto dela é tão lindo que quase me dói olhar para ele. Ela não faz nenhuma piada. Desliza os dedos pelo meu cabelo e pousa a cabeça no meu peito. Meu coração bate no ouvido dela.

Gracie espera em silêncio e observo o peito dela subir e descer a cada respiração. Nenhum de nós consegue falar. Depois ela rola de lado, e sem dizer uma palavra começa a me seduzir outra vez.

Três vezes.

Gracie

O cheiro de bacon canadense frito se mistura ao aroma de café quente e me faz abrir os olhos. Viro de lado e analiso a cena: os lençóis estão amarrotados, o travesseiro está amassado, e na mesinha de cabeceira há um bilhete.

O café da manhã estará pronto em breve, diz. *Espere aqui, vou trazer para você*. Tem um coração desenhado ao lado da palavra "você".

Estico os braços acima da cabeça e fecho os olhos, recordando imagens da noite. Aqueles lábios macios como os de um bebê e doces, mas firmes e assertivos quando necessário. Aqueles olhos acolhedores e convidativos, gratos, mas buscando confirmação. Aquelas mãos fortes e talentosas. Hum…

Colin Yarmouth está aqui em casa, preparando café da manhã para mim, depois de fazermos amor quatro vezes ontem à noite.

– Bom dia, Bela Adormecida – ele fala baixinho, ao entrar no quarto trazendo um café. – Fraco e doce, certo? – ele pergunta, me entregando a caneca fumegante.

Sorrio e abro os olhos.

– Hum-hum – murmuro. – Bom dia. – Agradecida, aceito a caneca e dou um gole.

– Imaginei que você poderia precisar disto, depois do exercício da noite de ontem – ele diz sorrindo.

Sacudo a cabeça e aperto os lábios.

– Você adorou.

– Adorei *mesmo*. Espero que você também.

– Está de brincadeira?

Ele dá de ombros.

– Foi incrível – afirmo. – Você foi uma loucura.

Ele ri.

– Estou falando sério. Aquele negócio que você fez com a língua… Precisa colocar aquilo no seu currículo, na parte de "habilidades especiais".

Colin leva a mão à testa, balança a cabeça.

– Está com fome?

Sorrio.

– Sempre.

– Gostaria que eu trouxesse seu café na cama?

– Não. Mas só porque sou uma porcalhona. Eu derrubaria tudo.

– Entendi. Bem, então venha quando estiver pronta. Vou colocando a mesa. – Ele se vira para sair e me presenteia com a visão dos músculos das nádegas se flexionando em revezamento, por baixo do tecido fino da cueca *boxer*, enquanto se afasta.

Uso o banheiro depressa, escovo os dentes e jogo água no rosto sem maquiagem. Me olho no espelho tentando me ver através dos olhos de adoração do Colin. Não sei como ele fez isso, mas me fez sentir como se eu fosse a única mulher do mundo todo para quem vale a pena olhar. Curiosamente, nesta manhã não sinto necessidade de criticar cada ruga ou mecha de cabelo fora do lugar.

Ouvi dizer que isso se chama brilho residual.

Visto camiseta e moletom e vou para a mesa. Está posta para dois, com copos de suco de laranja e um jarro de vidro no centro com margaridas primaveris dentro. Sento-me, e Colin põe um prato à minha frente. São ovos beneditinos perfeitos, dignos de fotos, com fatias de laranja na borda como decoração.

– Uau, isso parece incrível – digo. – Obrigada.

Ele se senta do lado oposto e põe o próprio prato na mesa.

– De nada. Espero que o sabor esteja tão bom quanto a aparência.

– Isso foi o que ela disse. – A citação de *The Office* me faz rir.

Colin ri também. Dá uma garfada e assente em aprovação.

– Tive uma noite maravilhosa com você ontem.

– Eu também – digo, provando o molho holandês no garfo. – Isto está delicioso. Você preparou do zero?

Ele confirma.

– E onde arranjou toda essa comida?

– Então, em uma coisa que tem nos Estados Unidos. Chama-se *mercado*.

– Sei, seu espertinho – dou risada. – Você saiu mesmo hoje de manhã?

– Acordei cedo. – Ele dá de ombros. – Além do mais, eu não queria me gabar das minhas habilidades culinárias e depois deixar a desejar.

– Entendo. Bem, missão cumprida, meu amigo. Você claramente entregou o prometido.

– Isso significa que posso dormir aqui de novo?

– Sim, pode. Embora me pareça que, na próxima vez que fizermos isto, deva ser na sua casa. Eu faço as melhores panquecas de chocolate do mundo. Do… zero…

Ele ri.

– Uma verdadeira Julia Child, senhoras e senhores.

– Não estou brincando. Venho aperfeiçoando a receita desde que eu tinha uns

oito anos. E tenho um ingrediente secreto.

– Tem?

– Sim, senhor – confirmo.

– Bem – ele sorri –, eu comeria suas panquecas em qualquer dia da semana.

– Isso soa sério. Não entramos em exclusividade ainda – digo, provocando-o.

– Então talvez devêssemos entrar.

– Entrar?

– Na exclusividade.

– Está me pedindo para ser sua namorada?

– Acho que estou, sim.

– Bem, sinto muito, mas vou precisar que você faça isso de um jeito "decente".

Ele ri.

– Ora essa, e como seria isso?

– No mínimo dos mínimos, você pode se pôr de joelhos.

– Acho justo.

– Quer dizer, dado o fato de que ontem à noite *eu* me ajoelhei para você, só acho que…

– Deus meu – ele me interrompe. – Somos uma dupla de muita classe, não somos? – Ele se levanta e tira uma única margarida do jarro. Depois se ajoelha à minha frente e a estende para mim, pingando.

– Grace Landing, você aceita ser minha namorada? – ele pisca devagar para realçar o efeito.

Aceito a margarida.

– Creio que possa me divertir com você até que algo melhor apareça – respondo.

– Perfeito. Vou anotar essa frase.

– Para quê?

– Não sei. Talvez eu queira reler quando estivermos fazendo um brinde no nosso casamento. – Ele sorri.

Morro por dentro, questionando o que teria feito para que o universo finalmente sorrisse para mim depois de cagar tanto na minha cabeça nos últimos seis meses.

Colin

Eu *quero* ficar, e sinceramente gostaria de poder, mas é domingo, e o Beijo da Morte tem uma partida dupla com os Pés Mágicos do Doutor Murvin. O doutor Murvin é um podólogo de outro edifício da rua, e a escalação do time dele consiste em três assistentes médicos, duas jovens recepcionistas, duas mulheres mais maduras do departamento de cobrança, o próprio doutor Murvin e os três filhos adultos dele.

Eu às vezes me pergunto se a liga de softbol *slow-pitch* foi criada como local para pai e filho resolverem suas questões. Tipo, "Ei, não gaste uma fortuna em terapia! Gaste só cento e sessenta e cinco pratas por pessoa e leve todos os problemas para o campo!".

Fiquei tentado a convidar a Gracie a ir comigo ao parque, até porque descobri que me separar dela era doloroso. Mas ela precisava escrever e eu não tinha vontade nenhuma de apresentá-la a meu pai, a Gordy ou a Dom. Nem, aliás, de apresentá-los a ela, apesar de que ela provavelmente faria um milhão de piadas, e isso só com o Gordy.

Fora isso, também não queria botar lenha no fogo da Courtney.

Porque sou do tipo que planeja, pus o equipamento de softbol no carro ontem à tarde, junto com a camisa do time e garrafinhas extras de água. Com um beijo me despedi da Gracie, muito a contragosto, e prometi ligar mais tarde.

Quero que a Gracie permaneça tão perfeita quanto é para mim neste instante, penso, a caminho do campo. O sorriso dela quando levei o café na cama foi tão inebriante quanto nossa noite juntos. Bem, quase.

Enquanto ela ainda dormia, hoje de manhã, fui ao mercadinho, comprei uns ingredientes e preparei ovos beneditinos, meu prato favorito desde a juventude. Nunca pude pedi-los na lanchonete quando era criança, porque meu pai sempre dizia: "Ovos beneditinos são comida de adulto, Colin. Você não vai gostar", e daí ele pedia para mim misto quente e bacon do menu infantil, junto com um copo grande de leite puro, que eu odiava, mas que ele dizia ser necessário tomar, para eu ficar forte.

A primeira vez que fui à lanchonete com amigos do colégio, eu estava no primeiro ano. Fomos em grupo ao cinema e depois à lanchonete, porque era um dos poucos lugares onde se podia sentar, ficar de boa, comer e bater papo por praticamente todo o tempo que desse na telha.

Pedi ovos beneditinos nesse dia. Porque eu *podia*. Os outros moleques me olharam como se eu fosse louco.

– O que foi? – perguntei. – Eles servem café da manhã o dia todo.

Eles deram de ombros, pediram asinhas de frango ou fritas com molho ou palitos de muçarela; analisei meu prato quando chegou. Era um *muffin* inglês na chapa, aberto. Bacon canadense por cima. Ovos de gema mole (porque eram *pochés*, mas eu não sabia disso na época) por cima de tudo. E todo aquele molho amarelado. Enfiei o dedo na poça de creme holandês espesso e provei.

Tinha gosto de provocação. Eu amei.

Escolhi preparar isso para a Gracie hoje de manhã porque, desde então, aperfeiçoei a receita e queria que ela recebesse um prato digno de ser lembrado. O simples ato de estar com uma garota como a Gracie (alguém tão amplamente diferente da Elle) é um ato pessoal de provocação.

Meu pai *adorava* a Elle, achava-a perfeita como membro de uma fraternidade acadêmica, de um jeito meio uma rainha do baile, apesar de nunca ter manifestado nenhum sentimento por ela, de um modo ou de outro, enquanto ela era *de fato* minha esposa. Só quando ela partiu foi que de repente precisei ouvir sobre como ela era perfeita e como eu tinha mandado descarga abaixo minha chance de felicidade.

– Por que você escolheu se mudar para o *Queens*, Colin? – ele perguntou.

Porque tenho liberdade para morar em *qualquer* lugar que quiser. Assim como tenho liberdade para *comer* o que quiser. Dormir com quem eu quiser. Desenvolver sentimentos (e rápido) por quem eu quiser.

Agora, se eu conseguisse ter a liberdade de não precisar jogar softbol *slow-pitch* contra os Pés Mágicos do Doutor Murvin com meu pai, com o puxa-saco protegido dele e com meu erro de uma noite durante o domingo todo, aí sim eu estaria em grande forma.

Quando chego ao campo, Dom acena para mim.

– Caramba, velho! Quase pensei que você não chegaria a tempo. – Ele bate no relógio.

– Que nada, cá estou – digo, tirando a luva da mochila. – Vamos para o aquecimento.

Ele me segue para a lateral do campo e me conta com muitos detalhes sobre as três garotas que conheceu no clube no dia anterior.

– Você perdeu uma diversão e tanto, cara. Uma delas, agora esqueci se o nome era Keri ou Kelly, talvez Katie… Mano, ela tinha… – Ele movimenta as mãos diante do peito, abrindo bem os dedos da mão livre. – Só vou te dizer que poderia segurar um deles com a luva de beisebol.

– Tão grandes assim, é?

– Enormes, mano. Eu poderia sufocar entre aqueles melões.

Não consigo deixar de rir. Ele é um porco, mas ao menos é um porco divertido. Fora isso, sei de fonte segura que toda essa bravata de sujeito durão é só fachada para um coração meigo e afetuoso. Ele teve uma namorada a sério, certa vez, mas ela o abandonou para ser artista performática em um navio de cruzeiro, e ele nunca se recuperou totalmente.

– Você a levou para casa?

– Nem. – Balança a cabeça. – Mas ela me deixou botar a mão. – Ele sorri.

– Parece que você está realizando o sonho de um menino de doze anos, velho.

– Não me julgue. – Dom faz uma careta. – Invejoso de merda – ele diz, e atira a bola de softbol contra mim.

Eu a apanho acima da cabeça.

– Estou com inveja mesmo, cara! Como eu queria ser tão bom com as mulheres quanto você. – Dou risada.

– Aposto que sim. – Ele sorri. – Quando foi a última vez que *você* teve um pouco de ação?

– Eu? Aff, já faz *algum* tempo.

– Está vendo? Aprenda com o mestre.

Essa é moleza.

– Mestrurbador – murmuro e rio.

– Vamos lá, vamos lá! – meu pai nos chama. Vem andando na direção do campo com… ah, meu Deus. Você só pode estar de brincadeira. Minha *mãe* está aqui?

Bem, este dia acaba de se transformar em uma nova e incomum forma de tortura.

Não me entenda mal. Eu amo a minha mãe. Juro por Deus. Mas não tenho a menor ideia do motivo que leva meu pai a querer fazê-la passar pela agonia de assistir não a um, mas a *dois* jogos de softbol *slow-pitch*, com intervalo, neste dia razoavelmente ameno de primavera. Minha mãe jogava nos tempos de colégio e, pelo que me lembro, não era fraca. Assistir ao nosso time de quinta categoria é equivalente a acompanhar uma aula de futebol de crianças, lenta e aflitiva, em que se gasta mais tempo caçando borboletas e colhendo dentes-de-leão do que realmente jogando. Por que ele a trouxe aqui? Será que a *odeia*?

– Colin! – Ela se senta e acena para mim da segunda fila da arquibancada. – Ooooiii! – Está usando chapéu de palha e óculos de sol enormes, uma blusa *pink* com cardigã branco por cima e calça cápri cáqui passada a ferro. Deveria estar em um *brunch*, não em um campo poeirento de softbol.

Aceno de volta e jogo a bola para o Dom.

– Segura as pontas, minha mãe está aqui – digo, e dou uma corridinha até a arquibancada.

– Oi! – ouço Jess e Rachel dizerem. Balanço a cabeça e lanço *aquele* olhar, o que só faz com que continuem com "Que bonitinho!".

– Oi, mãe. O que está fazendo aqui? – Me inclino e lhe dou um beijo no rosto.

– O papai falou que tinha uma surpresa para mim – ela explica. Depois baixa a voz. – Ele falou que ia me levar a um lugar especial.

– Entendo. Isso explica seus trajes.

– Bem, eu pensei, é domingo de manhã! Ele deve estar me levando para um *brunch*!

– Boba foi você por acreditar. – Sorrio. – Acho que você vai ficar presa aqui o dia todo.

– Acha mesmo que vai durar o dia inteiro, filhote? – ela indaga, o sorriso desbotando.

– Conhecendo o papai?

Ela suspira e baixa os olhos para as mãos.

– Estou morrendo de fome – ela cochicha. – Não comi de propósito.

– Não se preocupe, vou te salvar. A Daisy fez *muffins* de cenoura. Soa meio estranho, mas são realmente deliciosos.

– Na verdade, soa muito bem. Obrigada, filho – ela diz e aperta minha mão.

Vou até a Daisy, que ama minha mãe e fica mais do que feliz em ir pessoalmente entregar os *muffins*.

Isso é típico do meu pai. Eu me lembro de uma vez, quando eu ia fazer cinco anos e pedi um pônei de aniversário. Ele disse "Claro", pensando, presumo, que eu ia me esquecer, já que crianças de cinco anos costumam ter a capacidade de atenção de uma mosca. Eis que finalmente chega o dia e, no fim da manhã, ele me venda, me põe no carro, me leva a um lugar e me diz para sentar. Estava frio e escuro e tinha um cheiro diferente do que eu esperava que um cavalo de fazenda tivesse. Ele tira minha venda e cochicha: "Surpresa!".

Estávamos em um cinema. Ele me levou para assistir a *Campo dos sonhos*.

Não tinha nada a ver com cavalos.

Passei o resto do dia esperando, na torcida para que houvesse algo mais. Uma ida de surpresa para outro lugar. Minha mãe me deu uma festa em uma pista de boliche, teve bolo e sorvete e fatias quadradas da pizza que faziam lá, e foi bacana.

Daí, no fim do dia, ela estava me pondo na cama e perguntei se podia conversar com o papai. Ela o chamou e ele se sentou na beirada da minha cama.

– O que é que há, meninão?

– Papai? – falei com uma vozinha humilde. – E o pônei?

– Colin, por favor. Nós moramos no Bronx. Onde colocaríamos um pônei?

– Não sei. No quintal?

– Nosso quintal tem o tamanho de um selo.

– Mas você falou…

Ele levantou as sobrancelhas.

– Você falou que eu ia me vestir de caubói e que você ia me dar um cavalo de verdade para montar. Você *prometeu*! – Senti lágrimas de menininho queimarem meus olhos.

– Você pode se vestir de caubói no Halloween. *Você*, Colin, *você* vai ser um *atleta*.

– Mas o Halloween acabou de passar! E você me fantasiou de jogador de beisebol!

Ele deu de ombros e disse:

– Está tudo bem. Foi um grande dia. E eu te fiz uma surpresa. O filme foi divertido, não foi?

Chorei no travesseiro até ele sair do quarto.

Através da porta fechada, ouvi que ele gritava com a minha mãe. E ela gritava de volta.

– Ele tem *cinco anos*, John! Você precisava deixar o menino triste no dia do aniversário dele?

No fim de semana seguinte, minha mãe me levou a Long Island para visitar um zoológico de animais domésticos que oferecia passeios de pônei. E me comprou cinco entradas, que me garantiram cinco longos passeios pelo lugar.

– Um para cada ano – ela disse, beijando minha testa.

Enquanto eu crescia, me perguntava por que ela o tolerava, por que simplesmente não ia embora e me levava junto, como algumas vezes desejei que fosse.

Em vez disso, ela tentava deixar as coisas bem. Me deu a Cici no meu aniversário de oito anos. Me ajudou a limitar os esportes, para que eu não fosse matriculado em tudo. Me convenceu a voltar da Universidade Estadual do Arizona para casa depois da cirurgia no ombro.

Agora, cá está ela, batendo papo com a Daisy como velhas amigas, comendo *muffin* de cenoura juntas. Pego o celular e uso o Grubhub para encomendar no Mannino's, na 62nd Street com a Fifth Avenue, um *bagel* completo com bacon, ovo e queijo, e uma salada de frutas, com instruções detalhadas sobre o local de entrega, os pormenores todos, até a roupa da minha mãe, de modo que a comida a encontre. Acrescento uma gorjeta de vinte dólares à conta.

Começa a primeira partida. É lenta e monótona, até que o Dom consegue um *home run* de duas corridas na terceira entrada, e em seguida eu, para completar, faço

uma queimada tripla para a direita. A Daisy rebate (não de propósito) e faço um *home*, apesar de ela ser eliminada primeiro. Depois a Courtney acerta três golpes e a entrada chega ao fim; depois disso não acontece literalmente nada até a sétima entrada, quando pego um arremesso baixo e lanço primeiro para Richie, que lança para Gordon na segunda base, em uma tentativa de queimada dupla.

A bola ricocheteia na trava da chuteira e bate com força em suas partes baixas.

Gordy berra de dor e cai no chão, suor (ou lágrimas, talvez) escorre de seus olhos negros.

Minha mãe observa do lado de fora do campo, mastigando as frutas.

O juiz suspende o jogo e papai corre do campo externo até Gordy.

– Você está bem, filho?

Ele levanta uma mão, indicando que precisa de um minuto. Com a outra, segura as bolas.

O resto do time (inclusive eu) o cerca, em ebulição pela força do golpe. Eu lamento, porque é ruim se machucar, mas segurar a risada está me matando. Ele faz um senhor drama, geme e choraminga no chão como um bebê.

Papai tenta levantá-lo, mas Gordy está literalmente chorando.

– Bem, se é que ele tinha alguma chance com uma das garotas desse time, foi para o ralo agora – Dom cochicha para mim.

– A boa notícia – cochicho de volta – é que ele nunca teve chance nenhuma.

Dom ri discretamente.

De repente minha mãe está no campo.

– John? Colin? – eu a ouço chamar.

Vejo-a atravessar o campo gingando sob o chapéu de sol enorme. Vou até ela.

– Devo chamar uma ambulância, filhote? – ela pergunta, celular em punho.

– Gordon? Minha mãe quer saber se você quer que ela ligue para a emergência, por causa do seu ovo estourado!

– Acho que você deveria, Linda – diz meu pai. – Isto não está certo. Normalmente, quando você leva uma pancada no saco, dói, mas a dor vai embora pouco depois.

Mamãe assente, se afasta uns passos e faz a chamada.

A ambulância chega em minutos. Os paramédicos checam seus sinais vitais e cuidadosamente o deitam em uma maca.

– O que houve com ele? – ouço meu pai perguntar ao motorista.

– Parece que ele espetou o testículo com um lápis – o motorista diz.

– Um *lápis*? Mas por que diabos ele estava com um lápis no bolso? – pergunto.

– Eu estava registrando as jogadas! – Gordon grita da maca. Em seguida, faz um

barulho como o de um animal atropelado por um carro. É ensurdecedor. O serviço de emergência o põe na ambulância e deixa as portas abertas.

– Alguém vai acompanhar? – pergunta um paramédico.

– Jack! – Gordon chora. – Você tem de vir, Jack!

– Isso vai nos deixar em menor número – papai fala para mim, tentando disfarçar o pânico na voz.

– Tudo bem – digo. – Não é tão importante assim. Posso levar a mamãe para casa. Você deveria ir com ele.

– Colin – ele diz entre dentes –, teríamos de desistir do jogo.

– E daí? – pergunto. Mas eu conheço John Yarmouth. "Desistir" não faz parte do vocabulário dele.

Ele me encara.

– Richie, pega para mim a escalação, depressa. E uma caneta.

Richie atravessa o campo correndo e pega a escalação no banco. Volta para o meu pai com uma caneta. Papai rabisca um nome e me entrega a escalação.

– Cuide disso, Colin. Estou contando com você. – Ele vai para a ambulância. – Vou com você, não se preocupe – ouço-o dizer ao Gordy.

Olho para baixo. Ele está falando a sério?

Ele acrescentou o nome *Linda Yarmouth* à nossa escalação.

Balanço a cabeça enquanto a porta da ambulância é fechada.

– Deixa eu adivinhar – Dom diz, emparelhando comigo, de modo que o árbitro não escute. – Ele convocou um substituto?

– É de cair o cu da bunda, mano – retruco, balançando a cabeça. Empurro a escalação na mão dele e vou até minha mãe, que está com Daisy lamentando o ferimento de Gordy.

– Ei, mãe? Que tipo de sapato é esse? – aponto para as coisas em formato de cunha e com tiras presas aos pés dela. As unhas estão pintadas no mesmo tom *pink* da blusa.

Ela me olha meio perdida.

– É uma anabela da Eileen Fisher, querido. Por quê?

– Espero que consiga correr com elas.

– Correr com elas? Para onde?

– O papai te incluiu na escalação, mãe. Assim a gente não precisa desistir da partida. Só temos nove jogadores.

O rosto indica surpresa, logo seguida pelo tipo de resignação contrariada e esperada que só pode vir de quase quarenta anos de casamento com um egocêntrico maníaco por controle. Já vi essa expressão em clientes meus. É uma marca específica

e nuançada de decepção.

Mas minha mãe é engraçada. Ela olha para mim e começa a sorrir como uma pateta.

– Tem uma luva extra? – pergunta.

Eu a levo gentilmente para um canto e a encaro firme nos olhos.

– Você não precisa fazer isso – cochicho. – Podemos muito bem desistir. É praticamente softbol da liga de bares, mamãe. Ninguém dá a mínima.

– Está brincando? Isto aqui é uma vitrine para os amadores. Posso jogar.

Agora sou eu quem se surpreende.

– Mãe, eu sei que você já jogou antes, mas não está mais exatamente na flor da idade.

– Ah, vamos, filhote. Vai ser divertido. – Ela levanta e baixa as sobrancelhas.

– Não preciso que você se machuque, mãe.

– Colin, meu amor, não é comigo que você precisa se preocupar quanto a se ferir.

– Do que você está falando?

– Não se lembra?

– Me lembro do quê, mamãe?

– Quando você era pequeno e estava aprendendo tudo sobre esportes, seu pai o colocou na Liga Infantil. Lembra?

– Como eu poderia ter esquecido?

– Não se lembra do Slip 'N Slide[9]?

Caramba, penso. *Tinha esquecido totalmente.*

– No verão em que você começou, não conseguia entender como deslizar para uma base para escapar de um arremesso.

– Então você comprou um desses para mim e me ensinou a praticar na água primeiro.

– Você sabe por quê, não sabe?

Balanço a cabeça.

– Seu pai não conseguia. Ele sempre teve medo de se machucar.

– Espera aí. Papai não conseguia *deslizar*?

Ela ri.

– Está brincando? Aquele homem sabe fazer muitas coisas, mas nunca foi um grande atleta.

– Bem, claro, porque ele se feriu – digo. Toda a minha infância foi baseada na noção de que eu deveria viver o grande sonho de me tornar profissional porque a chance do meu pai virou fumaça quando rompeu seu ligamento cruzado anterior.

– Querido, ele vai contar essa história até morrer. Sobre a grande oportunidade

que ele perdeu e tudo isso. – Ela faz aspas com os dedos em "grande oportunidade".

Minhas sobrancelhas se franzem e eu me pergunto do que ela está falando.

– Seu pai rompeu o ligamento correndo para uma aula de contabilidade no colégio. Ele acordou atrasado para uma prova.

Arquejo audivelmente,

– Para de mentir – digo.

– Não me surpreende que ele nunca tenha te contado. É a mesma razão pela qual nunca conversamos sobre minha grande vitória no colégio.

– Que grande vitória?

– Filho, quando se é casado, às vezes você aprende a deixar muita coisa para trás. Mas você sabe que joguei softbol no ensino médio.

– É, sei.

– Bem, quando tiver um tempinho, procure o time de softbol Bruins, da UCLA de 1982 – ela diz com uma piscadela. Depois vai até a Daisy e a ouço perguntar alguma coisa sobre um número de calçado.

Rachel fornece à minha mãe um par de tênis de corrida Nike do tamanho dela. (Felizmente a Rachel trouxe as chuteiras hoje.) Damos para mamãe uma camisa extra tirada da mochila do Gordy, que ela veste por cima da blusa, e a luva do meu pai, que continuava largada no gramado do campo. Ela troca o chapéu de sol por um boné de aba extraplana que Dom usava em campo.

– Ei, meu velho, não sei se gosto de ver sua mãe usando meu boné da sorte – ele me diz.

O boné preto traz em bordado branco a frase *FBI: Fat Booty Inspector*[10].

– Tamo junto nessa, cara – respondo.

Pergunto onde ela se sente mais à vontade para jogar e ela se oferece para ocupar a posição do Gordy, na segunda base.

– É melhor me manter no campo interno – ela opina. – Não sei se ainda consigo pegar bolas altas.

O fim do jogo é uma imagem memorável. Um arremesso baixo vai direto para minha mãe e ela o apanha com facilidade, com os movimentos impecáveis de um jogador experiente. É o terceiro *out* para os Pés Mágicos do Doutor Murvin.

– É como andar de bicicleta – ela cochicha para mim, enquanto voltamos para o banco.

A segunda partida termina dali a uma hora, depois de aplicarmos a regra da misericórdia[11] ao doutor Murvin e seu time de joanetes e dedos em martelo. Jogar sem a presença do meu pai e do Gordy dá a todo mundo a chance de relaxar um pouco e se divertir. Todos nos reunimos em volta da minha mãe. Até a Courtney ri

quando mamãe diz:

– Esse pessoal do Murvin é duro feito unha encravada.

Mais tarde deixo minha mãe em casa e conto a história toda para a Gracie, por telefone. Digito "1982 UCLA Softbol Bruins" no campo de busca do Google. O primeiro resultado é do jornal *L.A. Times*. O título diz: "Campeonato Mundial Universitário de Softbol Feminino da Associação Nacional de Atletismo Universitário coroa como campeãs as Bruins, da Universidade da Califórnia". Sigo lendo o artigo e aprendo que minha mãe foi receptora na primeira edição do Campeonato Mundial Universitário de Softbol Feminino patrocinado pela Associação Nacional de Atletismo Universitário, e que o time dela venceu.

Você foi uma substituta e tanto hoje, elogio na mensagem de texto que mando para ela.

Agora você sabe de onde vem sua destreza atlética, ela escreve de volta, com um emoji de piscada. Mas não comente isso com o seu pai!

Segredo seguro comigo, Inspetora de Bundas Grandes! (lol!)

Nunca mais me chame disso, ela rebate.

Dou tanta risada que quase começo a chorar.

---

[9] Brinquedo infantil: faixa plástica comprida estendida no chão e molhada com água e sabão, para se tornar escorregadia e permitir deslizamentos. (N.T.)

[10] Inspetor de bundas grandes. (N.T.)

[11] Regra esportiva que encerra antecipadamente um jogo quando um dos times está vencendo por ampla margem, a fim de evitar que o time perdedor seja ainda mais humilhado. (N.T.)

Gracie

É segunda de manhã. Uma nova semana! Gracie 3.0 amarra os cadarços dos tênis. Grace com namorado. E não um namorado *qualquer*. *O* namorado, penso, enquanto pego os fones e desço.

Isso mesmo! Está acontecendo! Estou saindo para correr!

Bem, talvez não *correr*. Mas caminhar, pelo menos. Caminhar é saudável. E está um dia lindo lá fora! O sol brilha. Os passarinhos cantam. Eu transei este fim de semana com o homem dos meus sonhos e Eu! Estou! Radiante!

Tenho molas nos pés, boa música nos ouvidos e energia para queimar. Ando até a Emmons Avenue, passo pelos barcos de pesca, pelos barcos de festa e por vários homens com baldes e armadilhas para caranguejo, tentando a sorte na água. Caminho pela passarela e desço à Manhattan Beach. Percorro todo o trecho de areia e subo de volta pelo parquinho, sorrindo para os pequenos, que se perseguem uns aos outros alegremente e escorregam no tanque de areia. Eu me deslumbro com o céu azul límpido e com as emissões de um avião, que desenham uma faixa estreita de nuvens brancas nele. *Todos os dias deveriam ser gloriosos assim*, concluo.

Voltando para a passarela, meu telefone toca. Achando que é o Colin, atendo sem ver quem está ligando.

– Alô?

– Gracie, chuchu – ouço a voz dizer, em tom abafado.

– Evan, é você?

– Escuta. Não posso falar direito, mas tenho uma *bomba* para soltar.

Paro de andar e me sento e um banco com vista para a água. Meu coração está acelerado, misto de adrenalina, palpitações por causa do *macchiato* de caramelo e uma atividade física da vida real ameaçando me derrubar a qualquer momento.

– O que é?

– Então, olha só. Eu estava sentado aqui, cuidando da minha própria vida, quando quem passa feito um furacão, em um ataque de fúria?

– Quem?

– A Lindsay. Ela está *surtada*, e está carregando a bolsa e vestindo o casaco como se estivesse encerrando o expediente.

Confiro as horas.

– São só dez e meia – digo.

– E eu não *sei*? Mas não sou eu que vou ficar no caminho dela. Então falo só "Até mais tarde, Lindsay", e daí ela tropeça ou coisa assim, porque, do nada, está esparramada no chão.

– Ela caiu?

– Siiim! Foi tão constrangedor. Espalhou um original por todo lado, então ficou parecendo que ela estava se afogando em um mar de páginas. Enfim, ela se recompõe, fica de pé de novo e berra comigo. Tipo, *berra*, de verdade!

– Nossa, Evan, credo! Por quê? E o que ela disse? Você não tropeçou nela nem nada do tipo, certo?

– Não! Claro que não! Daí ela: "Arruma essa bagunça! E joga fora essa merda. É lixo mesmo!". E eu, tipo, "Seu desejo é uma ordem, alteza real", e ela sai irada, pisando duro. Papéis por todo lado.

– Putz. Lamento muito, Evan. Que saco.

– Gracie, não dou *a mínima* para tudo isso. Eu liguei porque estou preocupado com você.

– Preocupado? Por quê?

– Chuchu, as páginas eram *suas*.

– Sério?

– Eu recolhi, e quando vi seu nome no original fiquei, tipo, "Ah, não, merda, é a *minha* garota!". Então pode apostar seu rabo como não joguei fora. Na verdade, agora estou *morrendo* para ler. Eu adoraria saber o que a deixou puta desse jeito.

Minha cabeça está girando.

– Não faço ideia. O material era bom – digo. – Quer dizer, ao menos eu pensei que fosse. – O que poderia tê-la aborrecido tanto assim? A troca para um protagonista masculino? Não tem sexo o suficiente? Caramba, era só uma *amostra*, pelo amor de Deus.

– Quem é que sabe? – Evan pergunta. – Talvez seja a Semana do Tubarão.

– Oi?

– A maré vermelha. Talvez ela esteja de chico. Ou, pior, quem sabe parou de tomar os remédios.

– Ah. Sim, vai ver é isso. Mas não entendo – penso em voz alta. – Evan, você já a viu assim alguma vez antes?

– Sinceramente, não. Mas tem uma primeira vez pra tudo. Além do mais, isto aqui é uma verdadeira central da dramédia. E faz um tempo que ela anda esquisita. Lembra que eu contei que ela chegou tarde esta semana? No dia em que conversamos?

– Lembro.

– Estava num humor péssimo naquele dia também. Portanto, tente não se estressar. Eu só quis te antecipar a notícia para você não ser pega de calça curta.

Suspiro.

– Obrigada por cuidar de mim – digo. – Você é o melhor.

– Me avisa quando a megera entrar em contato.

– Claro, vou te mantendo atualizado.

– Falo com você mais tarde. E lembre-se, você *é, sim,* talentosa. Não permita que ela te convença do contrário. – Evan desliga.

Estou passada. Que porra é essa?

PARA: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
DE: Grace Landing (gracie222@mail.com)
ASSUNTO: Você pode falar?

Oi,

Tem um minuto pra conversarmos? Preciso de um conselho. Por favor, ligue quando puder. Obrigada. Bj., bj.

O telefone toca quase imediatamente.

– Alô?

– Oi! O que houve? Está tudo bem?

Inspiro profundamente.

– Não sei direito. Acabei de receber uma ligação pra lá de estranha.

– De quem?

– De um amigo meu na agência. Ele é tipo o assistente de alguns dos agentes.

– Certo.

– Ele falou que a Lindsay chamou meu original de lixo.

– Quem?

– Ah, desculpa. A Lindsay. Ela é minha agente. Ela vinha me pressionando para mandar algumas páginas, então enviei uma amostra na sexta à noite, depois do nosso encontro. Então, daí, o Evan (esse é o meu amigo) acabou de ligar e contou que a Lindsay saiu do escritório feito um furacão, em um "ataque de fúria", e essas foram as palavras exatas que ele usou!, e daí ela tropeçou e meu original ficou todo espalhado. E ela disse para ele jogar fora, porque era lixo. Lixo! Você *acredita* nisso?

– Espera. O nome da sua agente é Lindsay?

– Isso. Lindsay Ellerton. Por quê?

Uma pausa na ligação. Depois…

– Ah, merda.

– O que foi?

Nada.

– *O quê*, Colin?

– É a Elle.

– Hã?

– É a Elle. Minha ex! Lindsay *Elle*rton. "Elle" era meu apelido para ela.

Já ouviu falar daqueles momentos em que parece que você fica suspenso no ar? Quando o mundo se fecha sobre você e não há nada a fazer a não ser se render ao fato de que você está prestes a cair, com força, de cara no chão?

A última vez que tive um momento assim foi quando o Scott me contou que a Ilana estava grávida. Eu estava na mercearia escolhendo frutas e legumes, porque vinha tentando me alimentar melhor e perder aqueles malditos últimos quilos para poder caber confortavelmente no meu vestido de noiva. Meu celular tocou, eu atendi e ele me contou. E daí, do nada, senti que minhas pernas não conseguiam mais me sustentar. Como se eu fosse realmente desmaiar. Então me escorei em um expositor de maçãs e, quando me dei conta da gravidade da situação, meu corpo desabou no chão. Maçãs red maduras choveram ao meu redor.

Me alimentei de comida de *delivery* pelos seis meses seguintes. Estava envergonhada demais para ser vista na seção de produtos frescos da Stop & Shop, onde presumi que todo mundo estava se referindo a mim, sem a menor dúvida, como Papademaçã Landing ou algum outro apelido igualmente hediondo.

– Você ainda está aí? Gracie?

Dou uma tossida.

– Gracie. Lindsay Ellerton é a minha ex-mulher.

Ouço as palavras. Sei que são ruins. O tempo está paralisado, congelado no ruído branco do vazio.

E daí as maçãs caem.

– Você está me zoando? Você e as porras dos apelidos! Não podia chamá-la simplesmente de *Lindsay*?

– Eia! Desculpa! Eu não sabia que ela era sua agente!

– Você me falou que sua ex era agente, mas nunca ouvi falar de uma chamada *Elle Yarmouth*! E o mundo editorial é minúsculo, Colin! Eu presumi que ela atuava em não ficção ou em literatura infantil ou em outra coisa não relacionada ao meu trabalho!

– Eu não achei que fosse importante, porque não achei que ela fosse *sua* agente. Eu sabia o nome de todos os clientes da lista dela.

Um barril de maçãs verdes cuidadosamente arrumadas despenca em cima de mim.

– Meu pseudônimo é Karlie London – sussurro.

Um saco de maçãs fuji cai por cima, ameaçando me soterrar.

– Merda – ele resmunga. Depois, a linha fica muda. Por fim, ele diz: – Bom, como é que eu ia saber disso? – Ele está ficando irritado. – E por que diabos você precisa de um pseudônimo, afinal?

Uma única maçã red é atirada na minha cara como uma bola de beisebol.

– Porque *você* me chamou de *Elvis* no ensino médio! – grito. Minha voz soa tão alto que vários pescadores na ponte se viram para olhar para mim. – Porque você me chamou de Elvis no ensino médio – repito, agora baixinho.

– Gracie – ele diz com suavidade.

Tem uma maçã entalada na minha garganta como um porco no espeto.

Enquanto eu asso na brasa, nada resta a fazer, a não ser chorar.

Colin

Eu deveria ter perguntado antes.

Eu *sabia* que era estranho não conseguir encontrar os livros dela online.

Agora, Karlie London, *esse* é um nome do qual eu teria lembrado.

Quando a Elle e eu começamos a sair, ela era assistente literária na Vision Board Creative Group. Passava os dias ralando com cartas de apresentação de futuros autores, lendo páginas de amostra, solicitando originais parciais ou integrais, se achasse que alguém tinha potencial. Era um trabalho ingrato, já que, mesmo que ela encontrasse um diamante bruto, não havia um percentual pago a uma mera assistente, nenhum presente de agradecimento com o nome *dela* mandado por FedEx para o escritório, nenhuma citação na página de agradecimentos do romance de estreia do autor.

Era trabalho pesado. Ela sabia disso e eu sabia disso. Eu o comparava com o período em que trabalhava na Brophy's Hardware.

– É um aprendizado – eu explicava. – Ninguém nunca foi contratado pelo senhor Brophy para um posto superior ao de estoquista. Quando você dominava essa função, podia aprender a ser caixa. Depois de ser caixa, você podia aprender a negociar com os fornecedores. Todo mundo tinha de aprender ou com o Brophy ou com um dos filhos dele.

Era a mesma coisa na Vision Board. A Elle trabalhava direto para os fundadores, Sean e Kathleen Jamison, um casal poderoso que havia começado em outras agências e decidido abrir um escritório próprio quando se casaram. Ela agendava os compromissos de ambos e atendia o telefone, mas Kathleen representava principalmente ficção feminina e romances, então a Elle lidava com a maioria dos contatos dirigidos a ela.

Acredito piamente que o trabalho duro compensa, então tentava incentivá-la discretamente. Levava comida para casa quase todos os dias, porque ela não gostava de cozinhar, e mantinha o apartamento (o *meu* apartamento) silencioso à noite, para que ela pudesse se concentrar na leitura dos originais.

De vez em quando ela me pedia para ler alguma coisa e pedia meu palpite sobre se venderia bem. Não livros inteiros, é claro. Apenas um ou dois parágrafos, para ter uma ideia da voz narrativa. Às vezes lia para mim trechos que achava engraçados ou péssimos. Ela valorizava minha opinião. Ou pelo menos eu *achava* isso, antes de

todo aquele episódio do ménage-contaminação-sexual-surpresa de aniversário.

Uma vez cheguei do trabalho e a encontrei encolhida no sofá com um lápis na boca, uma posição em que ela ficava frequentemente, nos distantes dias do nosso começo.

– Você *precisa* ouvir isto! – ela exclamou assim que fechei a porta.

– O que é?

– Esta autora! Ela é *incrível*. O texto dela é tão… sexy!

Sexy?, pensei.

– É mesmo?

– Super. Escuta só: "Kelsey estava de pé entre as pernas de Damian e se continha, firme, enquanto ele, com indiferença, se apoiava na escrivaninha. 'O que você quer de mim?', ele indagou a ela. Ela pensou sobre a pergunta. *Quero sua língua na minha boca*, ela pensou. *Quero suas mãos no meu cabelo, sua pele debaixo das minhas unhas. Quero tirar sua camisa por cima da cabeça, devagar, para saborear cada centímetro do seu abdome, do seu peito e dos seus braços. Quero que você me puxe pelo quadril e pare de fingir que não está nem aí*. Ela olhou fixamente nos olhos dele, atravessando a fachada e mergulhando nas profundezas. *Quero que você puxe minha saia e sinta como me faz ficar molhada*. 'O que você acha que eu quero?', Kelsey respondeu perguntando. Damian deu um sorrisinho malicioso, os cantos da boca se arredondando como os de uma criança travessa. Então ele se levantou e diminuiu a distância entre eles. Pôs as mãos fortes na cintura dela e a suspendeu do chão. O coração de Kelsey pulava, dentro da caixa torácica, e sem se dar conta suas pernas o envolveram. Ele deu três passos adiante com ela presa a ele e parou quando as costas de Kelsey bateram delicadamente na parede. Só então Damian moveu os lábios na direção dos dela. Mas, antes de a beijar, ele sussurrou: 'Não sei. Algo parecido com isto, suponho'". Acredita nisso?

Engoli em seco.

– Uau – falei.

– Sexy, não é?

Enfiei a mão no bolso e ajeitei uma ereção parcial.

– Muito. Quem escreveu?

– Uma escritora nova, Karlie London. Escreva o que digo, Colin. Ela vai ser *grande*.

Elle tinha razão. Ela apresentou o romance de estreia de Karlie para Kathleen e implorou que o lesse. Na segunda-feira seguinte, recebeu a promoção que a levou ao cargo de agente literária.

Karlie London foi sua primeira cliente real.

Juro, esse tipo de merda só acontece comigo.

Gracie

Controle de danos: ação tomada para limitar os efeitos danosos de um acidente ou erro.

Depois de desligar a chamada com Colin, tentei não ter um ataque de pânico completo. Estou fora de casa, o que provavelmente é bom, porque a caminhada rápida de volta me força a queimar um pouco da adrenalina que, do contrário, poderia levar meu frágil coração a um infarto precoce. Sinto-me tentada a telefonar para a Lindsay, mas sinto-me também apavorada. Faltando ainda uma semana para meu módico pagamento de direitos autorais, preciso saber o que isso significa para o *Bandido imprudente*. Só se pode viver de contracheque em contracheque por certo tempo.

Encaro o nome dela na lista de contatos do celular, mas não consigo fazer a chamada. Estou com medo demais.

Em vez disso, rascunho um email. Sento-me à mesa, devorando salgadinhos compulsivamente, direto da embalagem, avaliando cada palavra de cada frase. Trabalho nisso com o mesmo fervor que outra pessoa poderia empregar ao escrever pela primeira vez uma carta de apresentação para uma agência literária, solicitando que a representassem. Mas não chego a dar *send*, porque, toda vez que penso que está pronto, o pânico se instala e palpitações me atravessam o peito. O email fica na minha caixa de rascunhos, sendo trabalhado e retrabalhado até que todas as linhas se embaralham e as palavras param de fazer sentido. Quando se masca um chiclete por tempo demais, ele acaba virando um pedaço de pedra sem sabor. Assim está a minha carta. Ela mescla um pedido de desculpas com o pedido de uma reunião e uma explicação e está coberta de desespero autodepreciativo, com gotas de arco-íris e uma cereja por cima.

Meu colapso nervoso é interrompido por uma ligação do Colin. A ligação anterior terminou de modo meio abrupto, quando eu disse algo semelhante a "Preciso ir, te ligo mais tarde". Porque, na minha humilde opinião, não existe nada pior que uma síncope chorosa total no meio da rua.

– Alô?

– Oi – ele diz. – Falei com ela.

– Com a Lindsay? É… Elle? Seja lá como for que você a chama?

– Sim.

– E como foi?

– Hum, não bem, como tenho certeza de que você pode imaginar.

– Eu de fato *não* consigo imaginar. Então, por favor, me ilumine.

– Bem, eu disse a ela que nós, você e eu, somos um casal agora, e que eu te dei a história que você escreveu.

– E?

– Ela me acusou de tentar sabotar a carreira dela. Falou que poderia me processar por difamação, mas daí eu lembrei a ela que sou advogado e que nada foi publicado, então isso a acalmou um pouco.

– Ela nunca mais vai falar comigo. – Me dá um aperto no estômago.

– Gracie, você não sabia. *Eu* não sabia. Ninguém sabia que éramos todos parte do mesmo pequeno círculo de infelizes.

– Você pode por favor me explicar uma coisa?

– Claro.

– Por que você revelou toda essa história, para começo de conversa?

Ele faz uma pausa para refletir sobre a questão.

– Vingança, acho. Quer dizer, não achei, nem por um segundo, que ela fosse *sua* agente. Mas sei que o mundo editorial é bem fechado e que os boatos se espalham depressa. Pensei que ela poderia ver o livro publicado em algum lugar, quem sabe ler e talvez, só talvez, se sentisse uma escrota, quando visse as coisas de um terceiro ponto de vista como esse.

– Hum-hum.

– Ela me *feriu*. Eu não sei. Acho que só queria feri-la de volta. Que provasse um pouco do próprio remédio, sabe?

A reação imediata do meu coração é amolecer um pouco, porque estou tipo hipersupermegafamiliarizada com esse sentimento.

– Eu entendo – digo a ele.

– Mas, por Deus, a última coisa que eu queria era colocar sua carreira em risco.

– Não, tenho certeza disso. E em que pé ficaram as coisas?

– Ela desligou na minha cara.

– Ah. Mas que maravilha.

– Tenho certeza de que em algum momento ela vai te ligar.

– Bom, em algum momento ela vai ter de fazer isso.

– Lamento, Gracie. Nunca quis que isso acontecesse.

– Eu lamento também.

Nossas palavras pairam no ar, suspensas como partículas de poeira flutuando a esmo em um raio de sol. Minha cabeça está zonza demais para digeri-las ou para compreender as implicações, então, em vez de falar, eu me calo e fico ouvindo o

barulho da respiração dele na outra ponta da linha.

Finalmente, Colin fala.

– O que isso significa para nós?

– Como assim?

– Nós ainda estamos… – a voz dele some.

– Juntos? – pergunto.

– É.

– Me deixa primeiro ver com ela o que está rolando…

– Certo. É claro.

– Não é que eu não queira…

– Não – ele interrompe. – Eu entendo.

– Colin…

– Sem problemas, Grace. Você só me avisa quando tudo estiver endireitado.

– Certo.

– E estou aqui se precisar de mim, é claro.

– É claro – repito.

– Okay – ele diz.

– Okay.

– Você provavelmente precisa desligar.

– É – concordo, embora minha cabeça ainda esteja flutuando. Ainda em choque. Ainda tentando juntar as peças de como tudo isso aconteceu. Quero que o Colin largue tudo e venha até a minha casa, que se enrole na cama comigo e me abrace enquanto eu choro. Que passe os dedos pelo meu cabelo e me diga que tudo vai ficar bem.

Em lugar disso, permito que se vá.

Depois que desligamos, vou para o sofá, me deito e me cubro com uma manta de crochê que a *nonna* fez para mim quando eu era criança. Fecho os olhos e me induzo a dormir, o que vem sendo meu mecanismo de defesa favorito desde que estava na escola. Sou como um gambá nesse sentido. Sempre que um gambá se sente ameaçado ou está prestes a ser atacado, o primeiro instinto é se fingir de morto. A maioria dos humanos não faz isso: eles entram em modo de luta ou fuga. Mas não eu. Eu focalizo meu gambá interior e tento com todas as forças ficar inconsciente.

A parte boa disso é que dormir ajuda o tempo a passar depressa. A parte ruim é que, obviamente, quando você tenta dormir para afastar os problemas, acorda e por uma fração de segundo esquece até que os problemas existem. Mas daí se lembra, e sofre a consciência do assunto tudo de novo. É como arrancar a casquinha de uma ferida em cicatrização. A ferida se abre de novo e precisa começar desde o início a

cicatrizar.

Salgadinhos ajudam bastante, acredite se quiser. Na verdade, qualquer tipo de carboidrato comido rapidamente torna muito mais fácil, para mim, pegar no sono. Então, deitada aqui, oscilando na fronteira de um coma induzido por chips, desejando que minha cabeça não pense em Colin nem em Lindsay nem no meu futuro incerto com ambos, meu cérebro faz uma coisa engraçada.

Me traz de volta, dentre tanta gente possível, justo o Ronald.

Ronald Cummings e eu nos conhecemos em um ônibus escolar amarelo que passava por Parkchester, Westchester Square, Morris Park e Pelham Bay para chegar ao Bronx Gardens High School. Ele estava no segundo ano do ensino médio, e eu, no primeiro, mas, a despeito de sua idade avançada, ele ainda se sentava na frente do ônibus, em vez de no fundo, com os loucos por esportes e os caras mais legais. Ele era espalhafatoso e muitas vezes desagradável, mas também inteligente e engraçado, e enfrentava verbalmente outros *nerds* da frente do ônibus sobre todas as coisas que na época eu achava inúteis: política, eventos atuais, histórias em quadrinhos, videogames e, às vezes, música. Ele estava longe de ser atraente: tinha um olho errático, que se desviava apenas o suficiente para que você nunca pudesse ter cem por cento de certeza de ele estar ou não te vendo quando conversava com você. O nariz tinha sido quebrado em um acidente infeliz em uma festa de aniversário em um ringue de patinação. (A falta de habilidade esportiva e o desequilíbrio generalizado o fizeram cair, e enquanto estava no chão um adolescente ultrarrápido tropeçou de patins no rosto do Ronald.) Nunca sarou muito bem, e o deixou com um calombo que ele brincava ser uma "cicatriz de batalha". Sofria de uma acne horrível: pústulas vermelhas e elevadas pontilhavam as faces e o pescoço, e quando nervoso ele arrancava as casquinhas do meio dos cabelos castanhos e grossos, que usava penteados para um dos lados sem nenhum estilo específico. Usava aparelho nos dentes e de vez em quando restos de comida ficavam presos, transformando seu sorriso, em geral mediano, em um potencial e desagradável anúncio de fio dental. Ele usava roupas da JCPenney, porque a mãe dele trabalhava no shopping Bronx Center e podia usar o desconto de funcionários ali. Por isso ele tinha moletom básico Champion de quase todas as cores do arco-íris e os revezava semanalmente, sempre combinando com uma malha de gola alta branca ou preta e calças jeans folgadas da Levi's.

O Ronald não era uma dessas crianças nerdolas que sabem seu lugar no mundo, como eu. Na verdade, bem pelo contrário. Ele se tinha em alta conta e dominava os outros *geeks* da frente do ônibus com suas opiniões enfáticas e reflexões sobre a vida e o mundo ao redor. Ele se sentava sozinho no banco de vinil previsto para duas

pessoas, a mochila gigante ocupando o assento da janela ao lado dele, os joelhos virados para o corredor, para poder conversar com qualquer um que estivesse perto o bastante para escutar. Isso com frequência incluía o motorista, Sam, cujos pobres ouvidos eram diariamente acossados pelas ruminações barulhentas de um adolescente egocêntrico de quinze anos.

Na primeira metade do meu primeiro ano, me sentei ao lado da Maya, uma amiga do fundamental com quem eu fazia as aulas de artes. Ela era tranquila e despretensiosa, e ambas ficávamos satisfeitas de sentar lado a lado e ouvir música nos respectivos *walkmans* da Sony, sem interagir muito. Mas um dia a Maya faltou e o Sam recebeu uma chamada no rádio PX informando que outro ônibus tinha quebrado no meio do caminho. Nós éramos o ônibus de resgate, então, numa tentativa de abrir espaço para as crianças do outro ônibus que íamos buscar, o Ronald se aboletou com sua mala de livros no banco vazio ao meu lado.

– O que você está ouvindo? – ele perguntou.

– Hã? – respondi. Não estava acostumada a ter de bater papo com meu companheiro de viagem.

– O que você está ouvindo? – ele repetiu, um pouco mais alto.

Tirei os fones.

– Notorious B.I.G. – falei.

Ele assentiu.

– Então você gosta do *hip hop* clássico da Costa Leste.

Dei de ombros.

– Acho que sim. Quer dizer, também gosto do Tupac e do Dr. Dre, e acho que os dois são da Costa Oeste.

– Está vendo só? Esse é *exatamente* o problema com a juventude da América.

– Hã?

– Você é totalmente *cega* para as implicações de suas escolhas.

– Oi? – Olhei para ele, confusa. Até hoje acho que foi o Ronald quem provocou minha primeira ruga, um pequeno sulco vertical bem entre as sobrancelhas, nascido de todas as vezes que ele disse algo que não entendi.

– Ah, esquece – ele diz.

– Também escuto Jay-Z e DMX. Que diferença isso faz?

– Justin Timberlake?

Confirmei com a cabeça.

– Argh – ele disse, enojado.

Eu não estava particularmente interessada nas opiniões dele sobre música, mas estava irritada com a conversa e com o fato de ele perturbar meu momento de

tranquilidade no ônibus.

– Argh o quê? – perguntei.

– Nada. Você não entende de música, só isso.

– Como você sabe do que eu entendo? Você nem me conhece!

– Sabe o que eu escuto?

– Não – respondi. *E não dou a mínima*, pensei.

– Tribe Called Quest. Beastie Boys. The Roots – ele listou.

– Sorte sua.

– *Isso, sim,* é *hip hop* da velha-guarda. Não me entenda mal, sou tão fã quanto qualquer outro do Biggie, mas todas essas tretas de rádio são muito cansativas.

– Tá – falei, querendo encerrar aquela conversa.

– Tipo, falando sério. O Justin Timberlake pelo menos sabe o que está *dizendo*? "Estou trazendo o sexo de volta, yeah!" – ele cantou. Sim, o Ronald *cantou*. Alto. No *ônibus da escola*. Avaliei me jogar pela janela trancada para o asfalto em movimento lá embaixo.

– Psiu! – implorei.

– O que foi? Estou falando a sério! O que isso significa, "trazer o sexo de volta"? Tipo, pra onde tinha ido? Será que o Justin Timberlake, com sua voz artificialmente aguda, pensa que soar como o equivalente humano do Mickey Mouse é fundamental para entregar algo sexy para as massas?

– Ah, meu Deus. Você pode, por favor, falar mais baixo? – Meu rosto estava vermelho como um carro de bombeiro.

– Só me fala o que isso significa, daí eu paro – ele respondeu, sorrindo. Era óbvio que estava se divertindo por me constranger.

– Acho que só significa que as pessoas acham que ele é sexy, e ele está se posicionando como um cantor sexy da geração dele, tipo, como o equivalente da Britney Spears durante a fase *I'm a slave 4 U*. Tá bom? A gente pode parar agora?

– Pode. – Ele deu de ombros. – Acho. Embora não seja nem um pouco surpreendente que você mencione Britney Spears.

Eu estava *odiando* aquela conversa, mas, se é para ser totalmente sincera, a razão pela qual me lembro dela com tantos detalhes vívidos é porque me fez rir muito por dentro.

O Ronald começou a se sentar ao meu lado depois disso. Eu entrava no ônibus alguns pontos antes dele, mas a Maya entrava depois dele, então ela acabou se sentando à nossa frente, no banco anterior dele. Da primeira vez que aconteceu, ela me lançou um olhar que era nosso código para "Você está bem? Precisa ser salva?", e eu dei de ombros pouco à vontade, mas, conforme o tempo foi passando, nós duas

acabamos nos acostumando.

Isso durou uns seis meses. A seu modo tipicamente ronaldiano, o Ronald dividia comigo pontos de vista e crenças (e, às vezes, o café da manhã), e eu ouvia e dava risada de seus disparates. A Maya participava quando tinha vontade, e nós três nos tornamos meio que um grupo de amigos de ônibus. Como ele estava no segundo ano, nunca tínhamos aula juntos, mas a gente se cumprimentava quando se cruzava nos corredores.

O Colin, enquanto isso, era coisa do passado, pois a essa altura tinha passado pela Alexis Yacolino e mais meia dúzia de outras garotas igualmente deslumbrantes, e minhas propostas de amor secretas também eram história. Eu ainda o observava longamente na aula de biologia e no campo de futebol, mas estava começando a compreender meu lugar no mapa sociológico da cafeteria. Cindy Lee e Maya, essa era minha tribo. E o Ronald.

Eu nunca teria pensado nada sobre minha amizade com ele se não fosse por uma festa de Ano-Novo na casa da Maya. Convidaram um pequeno grupo de crianças do bairro, que estavam no fim do fundamental, e também o Ronald, já que ele era nosso único amigo "mais velho". A gente jogou versões adaptadas de jogos como Verdade ou Desafio, devorou salgadinhos com *sour cream* e batata chips sabor cebola e tomou Fanta em copos de papelão. Quando os pais da Maya anunciaram que iam se deitar, ela diminuiu as luzes, pegou a garrafa vazia de Fanta e pôs no chão, no meio da sala.

– Vamos rodar a garrafa! – ela riu, reunindo todo mundo em volta, sentado em círculo no tapete, em uma formação que lembrava as brincadeiras da primeira infância, como o jogo do lencinho e batata-quente.

Como anfitriã, Maya rodou primeiro. Caiu no Ronald. Ele sorriu, revelando um aparelho ortodôntico pontilhado de pó de queijo alaranjado, e ela plantou nele um beijo molhado e suculento.

De repente, senti um negócio. Nenhuma das sensações que eu esperava surgiu: nada de asco, repulsa, nem mesmo pena da minha amiga.

Eu fiquei com *ciúme*.

Levei vários dias para digerir as emoções adolescentes, complicadas e cheias de hormônio que eu estava sentindo. Dei um gelo no Ronald sem nenhuma boa razão. Ele não entendeu por que eu estava sendo tão babaca. E também não conseguiu deixar passar, e em um dia frio de janeiro ele deve ter saído de casa ao amanhecer, porque apareceu no meu ponto de ônibus.

– Precisamos conversar – ele disse.

– Como assim?

– Por que você está assim comigo? O que eu te fiz?

– Nada. Tá tudo bem. Eu estou bem – respondi. Não conseguia acreditar que ele tinha caminhado a distância de quatro paradas, no auge do inverno, para ter aquela conversa comigo numa esquina tão cedo pela manhã.

– Você não está bem. Me diz o que eu fiz.

– Você não *fez* nada! – eu insisti.

– Então por que está agindo desse jeito comigo?

– Não estou agindo de jeito nenhum!

– Está, sim!

– Não, não estou!

– Você pode por favor simplesmente me dizer que diabos eu fiz para você ficar *assim*? – ele pressionou. – Não gosto disso. Nós somos *amigos*! Se eu fiz alguma coisa que te machucou, me fala para eu poder consertar!

Meu sangue estava fervendo, e o ônibus não estava nem à vista. Eu estava presa, encurralada em uma esquina, sem respostas e com o pulso acelerado. Ele continuou perguntando e perguntando, até que finalmente não aguentei mais.

– Por que você tinha de beijar ela? – gritei.

– Beijar quem? A Maya?

– É – respondi, e murchei como um balão de Ano-novo estourado.

Ele ficou em silêncio.

– Era só um jogo – respondeu ele.

Chutei um monte de neve.

– Eu sei.

– Você…

– O quê?

– Você queria que tivesse sido você?

– Não! – protestei.

Mas estava mentindo. E o Ronald sabia.

– Acho que não – ele disse, e se aproximou, pôs as mãos enluvadas na minha cintura e se inclinou para um beijo desajeitado.

Foi meu primeiro.

Ao longo dos dois anos seguintes, percorremos o terreno acidentado de "primeiros" um com o outro, rodeando as bases lentamente, até que, na noite da formatura dele do ensino médio, fomos a outra festa (não na Maya, e sim em uma casa de praia alugada em Long Island) e acabamos dividindo o quarto. Com um baixo grave martelando no fundo, fomos até o fim, em meio ao cheiro de cerveja barata e fumaça de cigarro.

Eu sabia que não havia a menor possibilidade de ele ficar comigo quando fosse para a faculdade no outono. A gente se amava, mas ele amava a si mesmo mais, e isso não era segredo. Mesmo assim, eu quis que minha primeira vez fosse com alguém que eu conhecesse e de quem gostasse, e a parte prudente do meu eu adolescente acreditou que fazia sentido perder a virgindade com o Ronald. Quando ele terminou comigo dois meses depois, doeu. Bastante.

Mas, no estado confuso e de medo em que eu estava ao começar o último ano, fiz a única coisa em que consegui pensar. Foquei no que podia controlar. Me concentrei nas coisas que precisava fazer, tipo preencher formulários de candidaturas para faculdades e redigir ensaios. Guardei meus sentimentos em um pote e fechei a tampa com toda a força, depois guardei o pote no fundo do freezer, escondido atrás do sorvete e das barras de chocolate congelado.

Em resumo, permiti que ele partisse.

Tipo a mesma coisa que estou fazendo agora.

Colin

Não entre em pânico. Está tudo bem.

Tento respirar, mas o ar está grosso. Meio que me sufocando.

Você é mesmo um idiota às vezes! Por que simplesmente não perguntou *se ela usava pseudônimo?*

E quem sai por aí vomitando todos os detalhes da própria vida amorosa de merda para alguém que mal conhece? Dava no mesmo se você tivesse publicado a história toda direto no Instagram, com fotos, hashtags *e o cacete a quatro.*

Cretino.

Okay. Isso parece um colapso total. Estou andando de um lado a outro no escritório. Não consigo me concentrar. Não consigo pensar em nada a não ser nessa bagunça gigante em que meti a Gracie. Essa pobre e inocente garota da minha infância, que no meio de uma bebedeira despencou de novo na minha vida, poderia em tese perder o ganha-pão como resultado.

O que é que eu tenho, um toque de Midas ao contrário? Tudo que eu toco precisa sempre virar merda?

Batem à porta.

– Entra – digo.

Daisy entra na minha sala.

– Não, Colin, eu não acho que você tem o toque de Midas invertido.

– Como?

– Querido, você estava falando sozinho, certo?

– Desculpe. – Balanço a cabeça. – Nem percebi.

– É uma mania tão bonitinha. Você faz isso desde o jardim de infância – ela comenta. – Então, do que se trata? O que está te consumindo?

– É essa garota.

– A Courtney?

– Não.

– A nova?

Assinto.

– O nome dela é Gracie.

– Alguma coisa *já* está correndo mal?

– Eu estraguei tudo – digo. Odeio o jeito como minha voz está soando. Se o Dom

estivesse aqui, me diria para deixar de fazer drama e pegar a primeira mulher disponível que aparecesse.

– Então conserte – ela diz, como se não fosse nada de mais.

– Essa foi das grandes, Daisy. Não sei se consigo consertar.

– Mas você já tentou?

– Mais ou menos.

– Ora. Isso não é bom o bastante. Tente com mais empenho. Tente com toda a força.

– E se mesmo assim não bastar?

– Continue tentando. Você é um bom rapaz, Colin. Seja lá o que for que houve, tenho certeza de que não foi tão grave quanto você está fazendo parecer.

– Você não faz ideia – digo.

– Então me teste.

– Digamos apenas que eu talvez tenha destruído a carreira da Gracie.

– É mesmo? Como?

– Enfurecendo a agente literária dela além do imaginável.

– A *agente* dela? Não é a Elle, é?

– A própria.

Daisy balança a cabeça.

– Ai, caramba.

– Pois é.

– Eu não sabia que sua nova namorada era escritora.

– Sim. A palavra-chave é essa: "era".

– O que você fez, exatamente?

– Contei todos os detalhes sórdidos do fim do meu relacionamento e falei para ela usar no livro. Daí ela escreveu a respeito e mandou o arquivo direto para o email da minha ex-mulher.

– Uau, minha nossa. E você não fazia ideia de que ela era cliente da Elle?

– Nenhuma. Eu deveria ter perguntado. Não consegui encontrar os livros dela online, o que me levou a crer que ela publicava sob pseudônimo, mas estava tão enfeitiçado que nunca cheguei a perguntar.

– Então, onde ela está agora?

– Quem? A Elle?

– Não. A Gracie.

– Em casa, acho.

– Então o que você ainda está fazendo aqui? – Daisy me dá uma piscadinha.

Suspiro.

– Ela precisa de um tempo, acho. Isso foi uma paulada. Eu posso ter tirado dela uma montanha de dinheiro.

– Então, é como eu falei. Você precisa consertar isso.

– Eu *sei* que preciso consertar. Só não sei como.

– Fale a língua dela – Daisy aconselha.

– O que isso significa? Ela só fala inglês.

– Não, seu bobo. Ela é escritora. Portanto, *escreva* para ela.

Fico besta com a ideia. É tão simples.

– Você é um gênio, sabia?

– Como uma velha e sábia coruja. – Ela sorri. Depois diz: – Vai em frente e arrasa – e sai da sala, fechando a porta delicadamente atrás de si.

Sento-me de volta à escrivaninha, inspiro fundo, estalo as articulações e começo a digitar.

Gracie

A ligação da Lindsay me desperta da hibernação. Não quero precisar chamar de volta, então faço minha melhor tentativa de manter uma voz normal e atendo.

– Alô?

– Grace – ela diz. Nada do ânimo habitual, nenhuma modulação, apenas meu nome, uma única sílaba, uma emissão gutural do diafragma.

Minha garganta se aperta e combato uma sensação de náusea.

– Oi, Lindsay.

– Vamos pular a conversa fiada – ela diz. – Tenho certeza de que você conversou com o Colin.

– Sim. – Me endireito no sofá e tento monitorar a respiração.

– Não gosto do que você fez.

– Eu não sabia, Lindsay.

– Ele me falou isso, e acredito em você.

– Eu lamento.

– Acredito nisso também. Mas não há como vendermos esse livro. Eu não vou fazer isso.

– Não. Claro. Eu entendo.

– E não creio que possa continuar representando você.

– Espera – digo, pânico e bile combinados subindo pelo esôfago. – O quê?

– Não creio que seja do seu melhor interesse, ou do meu, dar continuidade ao nosso relacionamento profissional no futuro – ela diz.

– Mas e o *Bandido imprudente*?

– Tenho uma *call* com a Danielle, da Cabaret Books. Tentarei vendê-lo como título único. Com sorte, ela ainda vai querer.

Aperto os lábios, tentando manter o conteúdo do meu estômago exatamente onde está.

– E depois?

– Depois, acho que o melhor será nos separarmos. Não posso trabalhar com a nova namorada do meu ex-marido. Principalmente quando ele está inserindo no seu livro as interpretações equivocadas que tem sobre o que aconteceu no nosso relacionamento. Quinze por cento não é comissão suficiente para que eu me ponha em uma situação de pesadelo como esta.

– Eu juro, Lindsay. Eu juro que não fazia ideia de que *você* era o assunto das histórias dele – digo, enquanto as palavras dela, "nos separarmos", escavam meu intestino. Eu me imagino sem agente, tendo de começar do zero para encontrar um novo representante. As noites insones, as cartas de apresentação não respondidas, as consultas constantes ao email e as orações por um pedido de envio do original inteiro. Eu me imagino passando por tudo isso de novo. Já foi uma tortura da primeira vez. Como eu poderia me explicar? Minha agente me abandonou porque dormi com o ex-marido dela? Merda, eu me abandonaria também.

Minha carreira acabou. Bandido imprudente *será o último livro que vou vender na vida.*

– Está tudo bem, Grace. O que está feito está feito. Tenho sua autorização para tentar vender o *Bandido* como título isolado?

– Tem – murmuro, atordoada. – Tem, sim.

– Ótimo. O Evan vai te manter informada. Na verdade, a partir de agora, é melhor que você me contate por intermédio dele.

– Okay – digo.

Ela desliga, e assim, num estalo, está tudo acabado. Com medo de não conseguir rastejar de volta para meu buraco no sofá com muita facilidade, vou ao banheiro, tomo dois calmantes e banco o gambá pelo resto da tarde.

Colin

Fico até tarde no escritório, redigindo um email para a Gracie. Preciso dar o meu melhor. Deus sabe que *não* sou escritor.

Componho parágrafos inteiros, só para deletar tudo instantes depois.

Não tenho certeza do que quero dizer a ela. Começo com uma história comprida sobre como dei a Lindsay o apelido de Elle, porque na infância o pai a chamava de *Linzer Tart*, mas ele foi preso por um crime do colarinho branco quando a filha tinha sete anos, e desde então ela passou a odiar o nome Lindsay, porque inevitavelmente soava no fim como o apelido *Linz*. Então de propósito eu a chamei de Elle desde o comecinho do nosso relacionamento, que teve início, aliás, logo depois que ela me contou essa história. Ela amou. Era chique, disse. Ela gostaria de começar a vida do zero, para que todo mundo a chamasse de Elle.

Deletar, deletar, deletar. Irrelevante.

Tento de novo, desta vez usando humor. Quer dizer, a Gracie fez com que me sentisse melhor só por me fazer rir, então penso que talvez possa retribuir o favor. O único problema é que não sou muito engraçado. Recorro a adivinhas e trocadilhos online que contenham alguma variação da palavra "Elle" e começo a digitar. O resultado é algo mais ou menos assim:

O QUE É CINZA MAS FICA VERMELHO?
Um *elle*fante envergonhado!

O QUE A ARGILA FRESCA PEDIU À MENINA?
Me mod*elle*.

COMO RIMAR "NÃO ME IGNORE, ME MOSTRE"?
Não me r*elle*ve, me rev*elle*!

Então, pois é. Bora lá d*elle*tar de novo. (A esta altura, estou para lá de qualquer sensatez, quase a ponto de temer jamais concluir este email e sair do escritório.)

Fecho os olhos e me reclino na cadeira. A tela da mensagem está vazia e zomba de mim.

Ser escritor é trabalho duro, concluo. Isto parece um dos exercícios de contagem de páginas da Gracie.

Pensar no trabalho dela me deixa triste. Percebo que com meu erro posso ter

jogado ralo abaixo meses, talvez anos, de sua criatividade.

Digito “Mal-entendido” no campo de assunto.

Já é um começo.

Gracie

Ao despertar várias horas depois, sinto-me absolutamente desentendida. O apartamento está escuro. Tem uma embalagem vazia de salgadinho na mesa de centro. Meu estômago está roncando e minhas pálpebras estão pesadas.

Pego o celular. São quatro da madrugada. Cedo demais para tomar café da manhã, decido. Vou ao banheiro para um alívio mais que necessário e ligo o chuveiro, porque não sei o que mais fazer. Não há mensagens de texto nem chamadas perdidas do Colin e tenho medo de checar o email; e se não houver nada dele lá também?

Você conhece o ditado "Quando a esmola é muita, o santo desconfia"? Sinto que é isso que está acontecendo comigo e o Colin. Tento afastar o pensamento, enquanto esfrego a cabeça e depois ensaboo o corpo. A água morna me acalma, tira da minha pele a inhaca de um dia todo de soneca no sofá. Inalo o vapor e digo a mim mesma que tudo vai ficar bem.

Ponho roupa e seco o cabelo com a toalha. Na borda da pia, o celular goza da minha cara, então finalmente cedo e abro o email.

Ah, graças a Deus.

PARA: Grace Landing (gracie222@mail.com)
DE: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
ASSUNTO: Mal-entendido

Oi, Gracie,

Estou escrevendo porque queria saber como você está, mas ao mesmo tempo te dar espaço, se é disso que você está precisando agora. (Não sei como você é quando se trata de situações estressantes.)

Você já teve notícias da Elle? Em caso afirmativo, como correu?

Não consigo nem te contar como me sinto péssimo com tudo isso. Fico repassando tudo vezes sem conta na minha cabeça. Sinceramente, se eu soubesse que você era uma das autoras dela, jamais teria respondido ao seu primeiro email. Na verdade, eu provavelmente teria fugido de você como da peste, te tachando de culpada por filiação ao Clube das Loucas.

Então, de certa forma, fico grato por seu pseudônimo, porque do contrário

não teríamos nos reconectado.

Sabe no que eu estava pensando hoje? Não ria. Estava lembrando de quando nos conhecemos, lá atrás na aula de ciências, no primeiro dia do ensino médio. Você se lembra disso? Esqueci o nome da professora (aquela que foi atropelada por um ônibus), mas lembro que, quando nos sentamos lado a lado, você me fez as perguntas mais interessantes para se conhecer alguém, e anotou minhas respostas no fichário. Só me lembro de uma delas: "Se você pudesse ter um superpoder, qual seria?". Respondi teletransporte e devolvi a pergunta, e você falou que gostaria de poder comer qualquer coisa que quisesse e jamais ficar com dor de barriga. Ri da sua resposta (não de *você*, mas da resposta em si) e pensei que seria divertido ter como amiga uma garota tão divertida. Mas nunca tive garotas como amigas, então não soube como agir para fazer amizade com você. E depois ficou tudo bagunçado quando o professor novo chegou.

Também me lembro das nossas aulas de espanhol (sei que também se lembra, graças aos nossos recentes emails) e de como eu tentava puxar conversa com você, mas só podíamos falar em espanhol, e eu era péssimo. Então, em vez disso, eu tentava dizer várias coisas curtas antes que o último sinal tocasse, tipo elogiar sua caligrafia ou outra coisa boba. Naquele tempo eu não tinha a menor ideia de como conversar com as pessoas. É um espanto que eu tenha conseguido chegar à vida adulta.

Acho que o que estou tentando dizer é que realmente desperdicei a oportunidade de te conhecer na época. Acho que poderíamos ter sido amigos se eu não tivesse sido tão desajeitado. Eu até chegaria ao ponto de afirmar que, se tivéssemos nos conhecido, poderíamos ter sido o tipo de amigos que permanecem ligados durante todo o colégio e na vida real depois dele.

Não tenho amigos assim. Quer dizer, não me entenda mal, eu obviamente tenho amigos, mas ninguém há tanto tempo. Eu conhecia montes de gente na época, mas todos perdemos contato com o passar dos anos. E, para ser sincero, a maioria dessas amizades só se baseava mesmo em conveniência. (Isso acontece muito quando se pratica esporte.)

Acabo de reler o que escrevi e percebo que estou divagando. Desculpe. Só o que estou tentando dizer é que gosto mesmo de você, Gracie. Sinto que pus a perder a chance de te conhecer no colégio, e não quero perder de novo agora. Eu lamento muito todo esse mal-entendido com a Elle. Gostaria que houvesse algo que eu pudesse fazer.

Vou pensar a respeito e tentar encontrar uma solução. Mas, enquanto isso, estou aqui, caso você precise de qualquer coisa.

Colin

PS: Vou me restringir ao email por enquanto para tentar te dar um pouco de espaço. Espero que seja tudo bem agir assim. Mas você pode me ligar a qualquer hora do dia ou da noite. Estarei bem aqui.

Ufa. Okay. Então talvez nem *tudo* esteja ruim.

Quando você é escritor, valoriza as palavras. Pelo menos comigo sempre foi assim. Tipo, se você não me dá um presente no meu aniversário, mas escreve um belo cartão, estamos de boa. A palavra escrita é um presente em si mesma.

Então o email do Colin faz com que eu me sinta melhor, mesmo que dure pouco.

Preparo uma garrafa de café e me sento à mesa da cozinha com uma folha em branco da impressora dobrada ao meio e uma tigela de cereais de cacau. São apenas quatro e meia da manhã, mas tenho problemas gigantes para resolver, e açúcar e cafeína só podem ajudar. Começo a rascunhar uma lista:

Coisas que preciso fazer para dar um jeito na minha vida zoada

1. *Escrever um novo original*
2. *Encontrar um novo agente*

Tamborilo o lápis na mesa. Tudo parece monumentalmente fora do lugar; *isso* não pode ser tudo o que preciso fazer para consertar as coisas. Mas, então: um novo original? Mal consegui avançar com o último sem uma ajuda significativa do Colin. E estava longe de terminar quando todo esse fiasco aconteceu. Acho que isso combina com minha lista anterior, que tinha o mesmo título e foi escrita há mais ou menos seis meses. Dizia:

Coisas que preciso fazer para dar um jeito na minha vida zoada

1. *Encontrar outro noivo*
2. *Conseguir uma casa*
3. *Ter um bebê*

Bem. Talvez fazer listas não seja meu ponto forte.

Preciso realmente desanuviar a cabeça e refletir sobre isso. *Como posso desanuviar a cabeça?*, me pergunto. *Como posso atingir um estado zen de relaxamento, de modo que a resposta tome forma diante de mim como uma nuvem que se forma no ar rarefeito?*

É claro!

Ioga!

Consulto os horários online. A Kiki está dando aula no estúdio do centro hoje. A primeira é às seis e meia. Perfeito: tenho pouco menos de duas horas para me arrumar e chegar à cidade.

Escovo os dentes, alimento Dorian Gray e visto roupas de treino. Depois prendo o cabelo num coque e ponho maquiagem suficiente apenas para não parecer um fantasma. Pego o tapetinho de ioga enrolado no armário e saio para o metrô. Tomo a linha B para Manhattan. Fico surpresa com a quantidade de gente que vejo no metrô tão cedo. Me sinto uma daquelas pessoas hipersupermega-atléticas que treinam antes de ir para um desses escritórios chiques de Manhattan.

Deve ser assim que o Colin é pela manhã, penso sorrindo.

Quando chego ao estúdio, a Kiki *não* fica feliz em me ver, mas explico que estou passando por uma situação agora e que preciso muito relaxar. Prometo que dessa vez vou levar a sério, e ela me deixa ficar. O que não chega a surpreender. A Tori a mataria se a Kiki me expulsasse para o Washington Square Park na minha situação de fragilidade.

Exatamente uma hora e doze posturas depois, estou me aquecendo ao sol de mais um maravilhoso dia de primavera e me sentindo realmente bem. O alongamento combinado à música tranquila parece ter miraculosamente acalmado meus nervos um pouco. Vejo uma lanchonete natural do lado oposto da rua e decido que Gracie 4.0 merece um mimo saudável. Escolho um *detox* verde, que parece um pouco suspeito na placa do menu, mas anuncia seus poderes de rejuvenescimento e lucidez. O jovem *hipster* com avental de arco-íris o entrega a mim com um sorriso que diz *Palmas para você, Gracie*.

Furo a tampa com um canudo e dou um gole. *Eca!* O sabor de couve que explode na minha boca faz esperma parecer gostoso em comparação.

Não acredito que acabo de gastar nove dólares nesse lixo.

Nove dólares é bastante dinheiro para gastar com a própria saúde, e, como sei que nem *todo mundo* acharia essa mistura repulsiva, decido fazer algo bacana e generoso com ela.

Volto para o metrô e tomo a linha 6 para a zona alta da cidade. Penso em surpreender o Colin com o suco *detox* verde como agradecimento pelo email fofucho que ele mandou e para mostrar que nós dois vamos ficar bem, apesar de neste momento eu estar um tanto descompensada. Quando chego ao escritório de advocacia Aucock e Yarmouth, passa um pouco das oito e meia e sou recebida por uma recepcionista já de certa idade, mas agradável.

– O Colin está?

– Sinto muito – ela responde, consultando a agenda dele no computador. – Creio que não virá até o período da tarde. Você tinha uma reunião marcada?

– Não, não. Não tinha. Só vim trazer um *smoothie* de surpresa. – Eu me inclino e falo baixinho: – Sou a namorada dele.

Ela sorri. Não sei como se chama, mas acho que ele já me disse uma vez. Pela aparência, ela deve ter nome de flor: Rosa, Íris, Margarida[12] ou algo assim.

– Se você quiser, posso colocar na geladeira para ele – ela oferece.

– Seria ótimo. Muito obrigada.

Ela assente, dá uma piscadinha e tira das minhas mãos o copo transpirado.

– Tenha um ótimo dia – digo.

– Pra você também, querida – ela diz às minhas costas.

Ora, isso foi legal. Estou começando a ver as coisas com mais clareza. Nem tudo está perdido. Sou uma boa escritora. Vou encontrar um novo agente. Tenho boas economias por causa do *Bandido imprudente*, e isso vai me dar algum tempo. Além do mais, tenho um namorado incrível, engraçado, gentil e lindo, capaz de escrever um email sensacional quando quer.

Tudo vai ficar bem, digo a mim mesma, saindo do prédio de volta para a luz do sol.

---

[12] Em inglês, "Daisy" significa "margarida". (N.T.)

Colin

O alarme toca às cinco da manhã. A primeira coisa que faço é checar o celular.

Nada.

Acho que minha tentativa por email não vai rolar.

Propenso a fazer certo drama, inspiro e estico os braços acima da cabeça.

Não, decido. *Não desta vez.*

Não vou perder esta *sem lutar*.

Gracie

Livre de qualquer prazo iminente (exceto os novos e autoimpostos), decido no metrô de volta para casa mandar uma mensagem para as meninas. É hora de outra comemoração, escrevo, e acrescento uma série de emojis de balões, chapéus de festa e confetes.

Estou sempre pronta pra uma festa, Melly escreve de volta.

Comemoração? A Kiki falou que você estava toda zoada hoje de manhã, Tori acrescenta.

Quando é que a Gracie não está zoada? Lol, Alisha escreve.

Estou bem, digo. De fato, tenho grandes novidades! Um dos meus livros está meio que prestes a ser vendido por uns mais que incríveis quinhentos mil dólares, acrescento, e encerro com uma série de emojis de cédulas.

Jura???, Tori diz.

Adivinha quem vai pagar as bebidas!, diz a Melly.

Sério? Que demais, garota, Alisha acrescenta.

Vocês estão livres para comemorar na sexta à noite?, pergunto.

Ainda estou tentando me recuperar da nossa última saída, diz Alisha. O Neil deixou bem claro que não gostou nem um pouco que a esposa fosse à Casa do Sim sem ele. Pode ser um programa mais discreto?

Claro, digo. Sinceramente, tenho dormido mal. Então uma noite mais tranquila funciona para mim.

Vocês são umas velhas, Tori diz. Mas estou dentro.

Se vai ser uma noite calma, por que esperar até sexta? Por que não hoje?, a Melly pergunta.

Posso esta noite, Alisha diz. Na real, pra mim seria até melhor.

Funciona pra mim também, a Kiki vai dar aula até tarde, Tori escreve.

Ótimo, digo. Aonde vamos?

Que tal jantar no Rollicks, no Soho?, Melly sugere. A gente podia ir mais cedo e curtir uma *happy hour*. As entradinhas deles são uma delícia.

Acha que precisamos fazer reserva? Ou já está tarde pra isso?, pergunto.

Relaxa, tenho meus contatos, Melly escreve, e acrescenta um emoji piscando.

Quem? (Rindo alto aqui), Tori pergunta.

O bartender, Mike, diz a Melly. Claramente tem *crush* por mim.

Meu Deus!, escreve Alisha. Algumas coisas nunca mudam, lol!

Não tenho culpa se ele tem bom gosto, Melly rebate. 18h tá bom?

Fechou, respondo. Mal posso esperar pra ver vocês!

Vê se dessa vez não vomita, Tori diz.

Não vou, prometo. Estou MUITO melhor agora.

Mais várias mensagens cheias de emojis e beijos voam pela minha tela, e salto do metrô na minha estação.

Tenho tanto pelo que ser grata, concluo.

Depois de um segundo banho e de um lanche rápido, estou limpando a mesa da cozinha, viajando em ideias para uma nova história, quando o celular toca. É o número do escritório da Lindsay. Inspiro fundo e engulo, desejando que o bagel de gergelim com queijo que acabei de comer se mantenha no estômago. *Ela não quer mais lidar com você*, recordo a mim mesma. *Disse para daqui em diante você falar com ela por intermédio do Evan, lembra-se?* Faço uma prece silenciosa, torcendo para que seja o Evan do outro lado da linha.

– Alô?

– Feliz tarde de terça-terremoto, amiga – ouço. *Graças a Deus.*

– Evan – suspiro. – Estou tão aliviada que seja você.

– Escuta, chuchu, não posso falar muito, porque o Armagedon está a todo vapor aqui. Tipo o fim do mundo mesmo. – A voz dele soa mais séria do que jamais ouvi.

– O que foi? Do que você está falando?

– Só queria te passar o "para seu conhecimento" mais rápido do mundo. Tenho praticamente certeza de que a sua amiga está acabada – ele cochicha alto.

– A Lindsay?

– Hum-hum. Não sei muito bem qual é a história, mas ela atirou uma cadeira através da parede de vidro da sala de reunião.

– Ah, vá! Por quê?

– Ela estava em reunião com um cara, mas não sei os detalhes, porque eu estava no banheiro. Meu corpo ainda está tentando se entender com um novo restaurante de sushi, o qual me arrependo de ter ido conhecer no fim de semana.

– Que nojeira – digo.

– Sim, é. Bem, eu só sei que tem uma baita gritaria rolando. Sinto que estamos todos congelados, como naquele momento de *Jerry Maguire* em que o Tom Cruise perde as estribeiras. Isto é o plantão de notícia urgente agora.

– Mas por que ela iria…

– Não tenho ideia, G. Mas ela está na sala com Sean e Kath, neste momento, e você sabe que isso *nunca* é bom sinal. Ah, merda! Preciso desligar. Te mantenho

informada.

Click.

Mas com mil diabos!

Não consigo receber esse tipo de notícia e não conversar com alguém. Tenho vontade de ligar para o Colin, mas a secretária falou que ele só iria depois do almoço, e me lembro de que ele está lidando com a imobiliária. Então não quero interromper, se ele já estiver estressado por causa disso. Penso em mandar um email, mas estamos meio estremecidos agora, e tenho certeza de que a última coisa que ele precisa é de mais dramas envolvendo a ex-mulher. Ninguém gosta disso.

Resolvo ir ao mercado. Eu deveria me concentrar em ter ideias, mas, agora que o salgadinho acabou, não tenho outras guloseimas de emergência em casa e, em geral, é depois de devorar carboidratos até o fim que penso em soluções que mudam totalmente uma situação.

Calço os sapatos e tiro do armário da frente umas sacolas reutilizáveis. Pego o cartão de crédito e as chaves de casa e quase saio sem o celular. Dorian Gray me dá uma olhada de puro desdém quando o alcanço no parapeito onde ele está tomando sol. Enfio no bolso de trás. "Sua sorte é ser bonito", resmungo para ele.

Estou fazendo uma lista mental de compras quando abro a porta do prédio e inspiro o ar do fim da manhã. O cheiro de terra e adubo confirma que os paisagistas estão trabalhando na frente do edifício. O alarme de carro que dispara ao longe não basta para abafar o som de dois passarinhos cantando em uma árvore. A primavera chegou mesmo, trazendo consigo todo tipo de promessas esperançosas pelos dias claros de verão que se aproximam. Caminho de cabeça erguida, inspirando as fragrâncias de árvores em flor misturadas a escapamentos de ônibus. Chego à faixa de pedestres da Ocean Avenue e aguardo que o sinal de *siga* anuncie uma travessia segura pelo cruzamento. Adiante, a Stop & Shop promete uma abundância de petiscos para abastecer minha criatividade.

É enquanto estou atravessando a rua que penso em uma nova heroína: uma ingênua não muito diferente de mim, uma jovem independente, de fibra e boa aparência e com um coração enorme, que sofre a infelicidade de um erro de comunicação com o novo namorado. Como resultado, a ex-mulher dele de algum jeito joga um balde de água fria na relação. É um argumento bem batido, mas acabo de passar por isso, então certamente poderia embelezar e enfatizar os interlúdios românticos para excitar meus leitores. Eu poderia dar a ela um nome exótico, tipo Diamonique ou Philomena, e ela poderia…

Que merda! Ai!

Não vejo a guia.

Na verdade, quando volto a mim estou estatelada no chão, minhas sacolas reutilizáveis planando no vento ao meu lado. Minhas palmas das mãos estão arranhadas e meu queixo dói. Ponho o dedo e sinto o sangue.

– Você está bem? – Um motorista parado no semáforo baixa o vidro para falar comigo.

Levanto a mão e confirmo, depois fico de quatro e olho ao redor. Uma grade preta de metal, com buracos ovais, é claramente a culpada: devo ter tropeçado na borda do bueiro.

Estou muito contente por ter tomado dois banhos hoje e acabado me estabacando no chão ao lado de um dos ramos subterrâneos mais horrorosamente imundos da cidade de Nova York, lar de ratos nojentos e baratas gigantes. Estou perto o bastante da entrada para ouvir o esgoto correndo como um riacho primaveril vários metros abaixo.

Eca. Me levanto, mais envergonhada que qualquer outra coisa, e tento espanar da roupa um pouco da sujeira da rua.

Confrontada com a decisão de continuar para a loja ou voltar para casa e me limpar, resolvo, ao modo genuinamente brooklyniano, simplesmente continuar em frente. *Não tem nada para ver aqui, galera!* Seco o queixo na face interna da manga, para não parecer muito estropiado. Quando me afasto da esquina e estou quase na entrada do mercado, decido ver minha imagem no celular, só para ter certeza de que não está pingando sangue na blusa. Enfio a mão no bolso de trás, tateio, mas não sinto nada exceto meu traseiro. O pânico me sobe pela garganta, e bato nervosamente nos bolsos da frente do jeans. O cartão de crédito e as chaves estão onde deveriam.

Mas meu telefone, não.

Eu corro (sim, *corro*) de volta à esquina onde caí, olho em volta freneticamente. É um retângulo preto com uma capinha de estampa zebrada em rosa neon. Não deveria ser muito difícil encontrar.

O barulho da água levando embora os resíduos sépticos sob a Ocean Avenue zomba de mim. *Peguei seu telefone*, ela cantarola. *Roubei sua linha vital de comunicação e sua dignidade, tudo de uma vez, com uma única rasteira*.

Estou vivendo dentro de um pesadelo, concluo.

Com poucas alternativas, e agora tomando o rumo do meu prédio, dou uma olhada final no entorno, e, quando as ruas não me mostram nada além de uma embalagem da Taco Bell rodopiando a esmo e um montinho velho de cocô de cachorro, decido que é do interesse de todos que eu simplesmente vá para casa.

Graças a Deus pelo meu *laptop*.

Após o terceiro banho do dia e com a percepção de que eu talvez precisasse de uns pontos no queixo, mas com medo das possíveis contas médicas que resultariam de uma ida ao pronto-socorro simplesmente para fazer um curativo, sento-me na frente do computador e mando um email para as meninas informando que estou temporariamente fora do ar, mas com toda a certeza estarei no Rollicks às seis da tarde. Depois abro um novo email e inspiro profundamente antes de começar a digitar.

PARA: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
DE: Grace Landing (gracie222@mail.com)
ASSUNTO: Zona morta

Oi,

Seu email de ontem à noite foi muito querido. Aprecio tudo que você escreveu e concordo: também lamento pelo meu papel nessa loucura toda. Não acredito que você tentou ser meu amigo no colégio, mas esse é um debate para outro dia.

Hoje estou meio que em modo crítico. Estava a caminho do mercado, tropecei na guia e tenho tipo 99% de certeza de que meu celular acabou no bueiro. Portanto, hoje à tarde vou à Cell City tentar comprar outro aparelho.

Só queria que você soubesse deste novo episódio na zona morta da minha vida, de modo que, caso precise entrar em contato comigo e eu esteja desconectada, você saiba o motivo.

Espero que esteja tendo um dia melhor do que eu! Entrarei em contato em breve (tomara!).

Bj.,
Gracie

Nunca imaginei que comprar um celular novo pudesse ser um compromisso de dia inteiro.

Depois de mandar os emails, pego uma barra de proteínas vencida no fundo da despensa (praticamente vazia) e vejo as horas no micro-ondas, 14:10, antes de sair. A caminhada até a loja me toma cerca de vinte minutos, e tomo um cuidado absurdo para não devanear, para não tropeçar de novo. Minha missão é colocar um pé na frente do outro, prestar atenção a fendas grandes ou pontos desnivelados na calçada e atravessar com cautela cada uma das ruas laterais.

Há diversas pessoas aguardando para receber ajuda dentro da loja, e suas

expressões contrariadas e de modo geral infelizes sugerem que os atendentes do serviço ao consumidor de plantão hoje não estão dando o que têm de melhor. Observo os novos aparelhos, procurando algo entre zero e cinquenta dólares, e fico dolorosamente desapontada ao descobrir que o celular mais barato que não se dobra ao meio custa espantosos duzentos e cinquenta.

Tá tudo bem, lembro a mim mesma. *Com sorte você em breve será rica, e daí poderá pagar a fatura do cartão e não precisar se preocupar com coisas triviais como compra emergencial de um telefone.*

Quando decido o modelo que quero, sou orientada a colocar meu nome em uma prancheta e esperar com os outros, nas fileiras de cadeiras vermelhas de plástico. Isto não é muito diferente da recepção de um consultório médico ou, mais precisamente, de uma ida a uma repartição pública.

Como a barra de proteína em silêncio enquanto aguardo, observando os demais clientes, todos olhando para a tela do respectivo celular. Lembro-me do meu primeiro aparelho, um T-Mobile Sidekick com uma capinha chamativa, que meus pais me deram quando fui para a faculdade.

Eles são chamados de massbabacas por alguma razão, disse meu pai, referindo-se ao meigo apelido dado aos babacas de Massachusetts, que (ele tinha convicção) existiam aos montes. *Mantenha isso com você o tempo todo*.

Da mesma forma, minha mãe me comprou um apito antiestupro e um *spray* de pimenta. Não sei bem o que eles achavam que ia acontecer comigo em um dos melhores campi da Costa Leste, mas fazer o quê? Nós somos do Bronx, e as pessoas do Bronx sabem como traçar um plano de autodefesa.

Ou pelo menos isso era o que eu pensava.

No Halloween do primeiro ano, Melly, Alisha, Tori e eu decidimos nos vestir de cartas de baralho vulgares. (Valia qualquer fantasia, desde que fosse indecente. No nosso caso, pegamos camisetas brancas agarradas e as decoramos com os quatro ases do baralho. Eu era o ás de paus, em grande medida porque Melly insistiu em ser o ás de copas, Tori quis ser o ás de ouros, e a Alisha nunca tinha jogado cartas.)

Com calças pretas de Lycra e botas de salto, marchamos para fora do campus rumo a uma festa da qual Melly tinha ouvido falar, para os lados da South Street. Ainda era cedo, por volta de dez e meia da noite, e não havíamos conseguido participar de nenhum esquenta, porque nenhuma de nós tinha uma identidade falsa nem acesso a alguém do último ano no início do ano letivo. Andamos o mais depressa que conseguimos, naqueles saltos, e estávamos congelando, porque não se usa agasalho em uma festa de faculdade, especialmente no Halloween. Estávamos todas muito lindas, com cabelo e maquiagem exagerados, os seios com enchimento

esticando no peito os ases desenhados à mão, com marcador, e nossas bundas de calouras de quinze anos enfiadas naquelas *leggings*.

Estávamos contornando o reservatório, a caminho da South Street, quando nossa própria ás de espadas foi atingida por um ovo, que tinha errado alguma criança escondida em uma fileira de arbustos do lado oposto da rua. Totalmente desinformadas, tínhamos dado de cara com uma guerra de rua de Halloween, e antes de nos darmos conta, outro ovo voou na nossa direção, seguido por um jato de spray de tinta e creme de barbear. Alisha berrou como uma chaleira fervendo, e Tori gritou na cara de uma das crianças, mas todas fugiram, correndo rua abaixo em bicicletas que haviam escondido nos arbustos, rindo como um bando de hienas.

E adivinhe só: nenhuma de nós se lembrou do apito antiestupro nem, aliás, do celular cheio de *strass*.

Uma hora depois me chamaram pelo nome. Ao menos parecia ter passado uma hora; poderia ser até mais, no que me diz respeito. Explico a um jovem, que pela aparência poderia ainda estar no ensino médio, tudo o que aconteceu. Ele me vende o celular novo e informa que posso manter o número, porém, sem o chip, todo o conteúdo do telefone anterior, incluindo minha lista de contatos e fotos, estava perdido para sempre. Terei de baixar do backup armazenado na nuvem. Também vou precisar configurar o email de novo, mas até aí tudo bem, posso fazer isso depois.

Parece que todas as coisas importantes da minha vida serão reiniciadas do zero hoje.

Ao menos não tem como ficar pior, penso, depois de gastar trezentos dólares no telefone, uma capinha brilhante e um protetor de tela. Recuso o seguro porque, bem, acho que gosto de correr riscos desnecessários. Ou talvez seja simplesmente uma cabeça-dura, como diria meu pai.

Passa bastante das quatro quando chego em casa e estou um pouco irritada, mas também com pressa demais para me ocupar disso. Os únicos números que sei de cor são o da casa dos meus pais em Westchester e o do restaurante de comida chinesa, então programo esses dois rapidamente, antes de trocar de roupa para trajes apropriados para o jantar, escovar o cabelo, fazer maquiagem, substituir o curativo do queixo e com toda a atenção colocar o telefone novo na bolsa, junto com a carteira, a chave e um *gloss*.

No metrô vou tentar configurar meu email no celular e descubro que tenho um recado. Não, calma, *dois* recados.

Aperto "ligar" no ícone de recados e enfio um dedo no outro ouvido para escutar melhor.

– Puta… que… pariu… Gracie, preciso que você me ligue urgente, tipo, pra *ontem*. A Lindsay virou pó. Acabou de sair daqui soltando fumaça pelas ventas, em fúria total e levando todas as coisas dela. Acho que foi *demitida*.

Desligo antes de ouvir o segundo recado. O aparelho novo tem um plano ilimitado de dados, então consigo acessar o site da Vision Board e pegar o número ali. Consulto a hora. Já passa das cinco, então o Evan talvez já tenha ido embora, mas às vezes ele fica até mais tarde lendo os originais recebidos.

– Vision Board Creative Group. Aqui é o Evan – ele diz alegremente.

– Evan? É a Grace.

– Ah, obrigado, Senhor! Eu estive o dia *inteirinho* esperando notícias suas! Por que demorou tanto, merda?

– Desculpa. Derrubei o celular num bueiro, história comprida. Deixa pra lá. O que aconteceu?

– Sua amiga *se foi*. Eu te contei como foi que ela destruiu a sala de reuniões, né?

– Hum-hum.

– Bem, consegui os detalhes todos. Acontece que ela recebeu a visita-surpresa do ex dela hoje.

Ai meu Deus, penso.

– Ele veio aqui tentar conversar com ela sobre não sei bem o quê, mas *nada* que você pensaria ser um assunto típico de divórcio. E ela partiu pra cima dele! Atirou a cadeira e arrebentou o vidro, e Sean e Kath ficaram obviamente *furiosos* e agora estão ameaçando abrir um processo contra ela!

– Puta merda – digo, minha cabeça gira.

– Sim, foi o maior drama que já vi neste lugar. Eu só queria ter estado aqui quando a cadeira foi jogada. Maldito sushi estragado – ele resmunga. – Você tem alguma ideia de quanto dinheiro um vídeo como esse poderia ter levantado na internet?

– Ah, sem dúvida – comento. Então, me ocorre uma coisa. – Olha só, Evan, em relação aos contratos dela, o que isso significa?

– Como assim?

– A Lindsay estava negociando meu original com a Cabaret.

– Esse novo? De ontem? O que ela chamou de lixo?

– Não, outro.

– Porque, comentário paralelo: não é lixo coisa nenhuma, chuchu. É um livro espetacular da porra.

– Você leu?

– Hum, *sim*. É um *escândalo*.

– Ah, se você soubesse – murmuro.

– O quê?

– Nada. Mas o outro, o *Bandido imprudente*? O que acontece se ela foi demitida?

– Você assinou alguma coisa?

– Não. A Lindsay disse que estava trabalhando em um acordo, algo relacionado a eles precisarem fazer uma reunião de aquisição, e originalmente estavam pensando em me oferecer quinhentos mil por um original e setecentos e cinquenta mil se eu entregasse um segundo, para um contrato duplo. Então eu estava trabalhando no segundo, que foi o que você leu, mas ela detestou, e eu não tenho ideia de como ficou a negociação.

Uma mulher com umas quarenta sacolas de compras e um lenço em volta da cabeça me olha feio. Baixo a voz e continuo:

– Evan, eu nem sei o sobrenome do editor com quem ela estava tratando na Cabaret.

– Okay, vamos com calma. Me explica. A Lindsay estava negociando um contrato, mas ele não estava concluído?

– Correto.

– E o Sean e a Kath sabem disso?

– Não sei se ela contou.

Ele faz uma pausa e o ouço engolir em seco.

– Meu palpite é que não, porque, se soubessem, começariam imediatamente com ações de contenção de danos, e você já teria recebido diversas ligações deles.

– Mas meu celular…

– Certo. Estava boiando no esgoto subterrâneo da cidade de Nova York. Mesmo assim. Eu conheço esses dois. Eles te comeriam o rabo com tanta força que você sentiria na garganta.

– Que imagem nojenta.

– De nada. G, quando você assinou com a Vision Board, assinou com a agência ou com a Lindsay?

Suspiro.

– Assinei com a Lindsay. Era parte do acordo. Ela era nova e estava tentando formar a própria carteira de clientes.

– Merda – ele ferve. – E agora ela está acabada.

– Exato. O que me deixa aqui totalmente pirando o cabeção, Evan! O que eu vou fazer? Preciso de um contrato!

– Bem, você sabe que detesto ser o mensageiro de más notícias, amor, mas, se você não assinou nada oficial com a Cabaret, não há contrato. E se a Lindsay se foi… – A

voz dele some.

– Eu estou fodida e mal paga – murmuro. O peso da revelação parece um machado nas minhas costelas.

– Sim, no mínimo no que diz respeito à Vision Board. Quer dizer, a menos que você queira pedir a Sean e Kath e tentar conseguir que outro agente daqui te represente. Apesar de que a Lindsay é, ou era, a única agente trabalhando de verdade no âmbito dos romances. Mas, se você tiver outra pessoa te representando, essa pessoa poderia retomar as negociações em seu nome. – Ele suspira. – Mas vou ser franco com você. O Sean estava dizendo que não pode mais suportar nenhum tipo de publicidade negativa. Ter uma agente demitida tão dramaticamente por ter se tornado violenta? Má imagem para eles.

Começo a hiperventilar. A mulher das sacolas de compra me olha de esguelha.

– Ev, preciso desligar.

– Tudo bem, mas, de verdade, estou *obcecado* com este seu novo livro, e acredito total que você deveria ir em frente com ele.

– *Não* posso – digo, tentando controlar a respiração.

– Por que não?

As portas do vagão se abrem, e um homem grandalhão, com fones de ouvido gigantes, se aperta no assento ao meu lado. Sinto minha pressão arterial subir a cada estrondo audível que escapa do *rap* que ele ouve no último volume. Caio em mim. A Lindsay *foi embora*. Tipo, para sempre. Ela jogou minha carreira pela janela como se não fosse nada mais que uma cadeira da sala de reuniões da Vision Board.

– Porque a história toda é sobre a Lindsay. O cara? O ex? Fiz o ensino médio com ele. E a gente está meio que *saindo*.

– Ah, vá! Sua pervertida! Ele era um gostoso!

Caio em mim. Vou desmaiar aqui mesmo no metrô, e meu destino será determinado pelo fato de a Senhora com Sacolas de Compras e o Cara do Fone decidirem se vale a pena ou não ligar para o serviço de emergência.

– O nome dele é Colin. Ele me ajudou a escrever a história nova. Foi tudo baseado na merda horrorosa que ela fez a ele.

– Eu *não* acredito nisso. Você é tão má, menina. Quem diria que a doce Gracie Landing tinha isso dentro de si?

– Eu não sabia que ele era ex dela. Eu nem sabia que eles se conheciam!

– Sério, chuchu? Como isso é possível?

Minhas entranhas estavam pegando fogo.

– Ele tem esse negócio com apelidos. Chamava a ex de Elle, apelido de Ellerton. Eu não tinha nenhuma pista de que fosse a Lindsay.

– Caraca. É o tipo de acidente infeliz geralmente reservado para quedas no tapete vermelho do Emmy.

– Ev, eu preciso mesmo desligar.

– Espera. Só mais uma coisa. Se você quiser que eu tente conversar com Sean ou Kath em seu nome, farei isso. Mas eu não me surpreenderia se eles não quisessem encostar em você nem com um bastão de três metros. Especialmente se você estava apenas *torcendo* para que o contrato desse certo. Sinceridade? Eles podem até não acreditar em você. Os agentes têm aprontado uma zona neste lugar ultimamente.

Solto um gemido.

– Mas não perca as esperanças. Não vai ser difícil encontrar uma pessoa nova. Você é incrível, G.

– Neste exato momento, acho que só preciso beber para esquecer.

– Te entendo, garota. Faça o que for melhor para si mesma. Mas vamos nos falar em breve, okay?

– Okay. Valeu.

– Tchau – ele diz, e desliga.

Olho para cima. Ainda estamos no Brooklyn. Ainda bem que a linha B é de superfície.

Busco online Yarmouth Aycock PC. O número volta e dou um clique duplo para fazer a chamada. São 17:35. Chama quatro vezes, depois uma secretária eletrônica atende.

Merda.

Merda, merda, merda. O que é que eu faço agora?

O Cara do Fone está se esparramando pela divisão entre os bancos e invadindo meu espaço, me provocando claustrofobia. Apesar disso, não posso abrir mão do meu assento, porque estou ocupada demais ao celular. Decido que o melhor a fazer é usar os poucos minutos que restam antes que o metrô entre no túnel, para configurar meu email no celular.

Não sou exatamente uma especialista em tecnologia. Quer dizer, em um *laptop* não sou um total zero à esquerda, mas sou provavelmente a única pessoa com menos de quarenta anos que ainda paga contas usando cheques, cheques de verdade, e faz a contabilidade no canhoto. Eu não confio em mim com a internet. Temo que, se colocar minhas contas em débito automático, vou acabar falida e passando fome. Sim, é verdade que não estou muito longe de falida e passando fome agora, mas foi para isso que Deus inventou o cartão de crédito.

Quando os celulares deixaram de ter botões que você podia apertar e passaram para telas planas para você tocar, pensei que iria decepar os polegares de frustração.

Por nada no mundo eu conseguia descobrir quanta pressão colocar para deslizar ou apertar "botões" que apareciam na tela. Perdi zilhões de chamadas no primeiro ano em que tive um telefone com tela sensível ao toque simplesmente porque não pegava o jeito de deslizar o grande ícone verde que aparecia quando alguém me ligava. Mandar mensagem era um pesadelo. Tentei passar hidratante, mas ele só deixou as coisas mais escorregadias e engorduradas. Tentei aquelas luvas com cores diferentes para o indicador e o polegar. Só deixaram minhas mãos suadas. Por um tempo, achei que tudo bem usar as juntas dos dedos para deslizar os ícones, mas um dia me vi fazendo isso no reflexo da vitrine de uma Dunkin' Donuts. Meu Deus!, foi como ver um macaco brincando com um celular. Fiquei tão envergonhada que fui para casa imediatamente e passei o resto da noite mandando emails e mensagens de texto para mim mesma, até descobrir exatamente quanta pressão usar na tela para que funcionasse.

Portanto, como se pode facilmente imaginar, configurar minha conta de email dentro de um metrô em movimento, com um aspirante a MC suando em cima de mim e uma senhora cheia de sacolas me olhando com reprovação não foi pequena façanha. Mas permaneço focada e capaz de responder a perguntas simples, tais como o sobrenome de solteira da minha mãe, em que rua morei na infância e qual é meu filme favorito. E, dispondo de poucos momentos livres, consigo destrancar a caixa de Pandora que é minha conta de email no celular.

Chegam várias e várias mensagens. São principalmente *spam*, porque eu não sou ninguém. Tem uma encaminhada pela minha mãe, de gatinhos usando malhas de tricô, que me faz considerar seriamente acabar com tudo agora mesmo: vou me asfixiar debaixo do braço flácido do Cara do Fone.

Mas daí vejo que tem um email do Colin.

PARA: Grace Landing (gracie222@mail.com)
DE: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
ASSUNTO: Me liga

Oi,

Sei que você falou que estava tentando consertar a situação com seu telefone (aliás, sinto muito por isso), mas poderia me telefonar assim que possível? É importante.

C.

Para um cara inteligente – um cara *muito* inteligente, um *advogado* –, seria de esperar que Colin percebesse que, se me pede para telefonar e meu telefone está

num bueiro, eu não tenho mais o número. Infelizmente, não é o caso.

O espaço ao meu redor fica escuro, e a pressão nos meus ouvidos muda de repente. Entramos no túnel. Não tenho sinal, então não posso responder ao Colin. Consulto as horas. São 17:50. Assim que sair da estação, vou precisar correr para o restaurante. Todo o resto vai ter de esperar.

Apoio a cabeça na janela, pedindo ao universo que não acrescente uma infestação de piolhos à interminável lista de eventos épicos que estão me acontecendo hoje, e fecho os olhos. Inalo o cheiro das axilas do Cara do Fone misturado a vestígios do desodorante que ele provavelmente passou há algumas horas (ou dias), misturado ao familiar fedor de urina que todos os nova-iorquinos esperam sentir no metrô. Avalio a gravidade do que aconteceu e imagino a cena na cabeça. Colin foi à Vision Board tentar conversar com a Lindsay. A Lindsay surtou e jogou uma cadeira pela janela. Por isso foi demitida e perdeu o meu contrato.

Em essência, meu novo namorado sabotou toda a minha nova carreira.

Para com isso, eu me repreendo. *Ele estava tentando ajudar. Ele não tinha como saber que ela ia explodir desse jeito.*

Ah, jura mesmo?, pergunta meu lado cínico. *Ele me contou, tipo, uma dúzia de histórias sobre o nível de louca que ela é. Como ele pode ter imaginado que ela seria qualquer coisa DIFERENTE de clinicamente insana?*

Meu cérebro joga esse passarinho de um lado a outro por cima da rede da minha paciência. Quando chego à estação Broadway-Lafayette, estou pronta para um drinque.

As meninas já têm mesa no Rollicks, sem dúvida graças ao vestido curto e justo da Melly e a esse prestimoso *Mike*, que pensa que ela é tudo isso. Elas acenam quando me veem entrar no restaurante, que está mais concorrido do que eu esperaria para uma terça à noite.

– Gata, você parece *destruída* – Tori diz.

Alisha lhe dá um cutucão no braço.

– Para com isso – ela diz. – Gracie, você está bem?

– É, o que aconteceu? – Melly pergunta, fazendo um círculo com o indicador na frente do meu queixo com curativo. – Você não está com cara de comemoração.

Suspiro.

– Vocês já pediram bebidas?

Melly se endireita na cadeira, revelando totalmente os seios fartos.

– A primeira rodada é por conta do Mike – ela anuncia orgulhosamente.

– Ah, é? Mas que maravilha. Vou querer uma dose dupla de rum Malibu.

– Hum – Alisha diz. – Tem mesmo algo errado.

Uma garçonete se aproxima e repito meu pedido.

– Desembucha – Tori diz.

– Antes de eu começar a contar meu dia, preciso do número do telefone de vocês. – Pego o celular novo e passo para a Tori. – Por favor, inclui aí na agenda pra mim. Não consigo lidar com essa coisa agora.

– O que houve com o aparelho antigo? – Alisha pergunta.

– A esta altura deve ter se afogado na Jamaica Bay. Deixei cair no bueiro quando caí e abri o queixo hoje cedo.

– Ah, amiga – Melly diz.

– E isso nem é o pior – lamento.

– Eita. O que mais? – pergunta Alisha.

Balanço a cabeça.

– Nem sei por onde começar.

– Estamos aqui, garota. Fala bem rápido, como quem arranca um curativo – diz Tori. – Quer dizer, não arranque *mesmo* o seu. – Ela dá risada.

– Que engraçado. – Melly revira os olhos.

– Perdi o contrato – anuncio.

O rosto da Alisha se enruga e ela fica parecendo um buldogue francês.

– Oi?

– O acordo de meio milhão de dólares com a Editora Cabaret – explico. – Acabou. Não vai acontecer. – Minhas entranhas se reviram. Meu rum é posto à minha frente e bebo com gratidão.

– Como? – Tori pergunta.

O rum sobe rápido e aceito de boa vontade o lubrificante social. *Estou cansada de ser Gracie, a fracassada; Gracie, a fodida; Gracie, a traída pelo ex-noivo; Gracie, a que escorrega no próprio vômito na balada; Gracie, que ainda mora no Brooklyn porque a vida dela continua uma zona. Estou tão farta disso!*

– Lembram que mandei uma mensagem sobre estar conversando com Colin Yarmouth?

– Hum-hum – diz a Melly.

– Então, eu não contei *como* exatamente isso acabou acontecendo.

– Ah, contou sim – diz a Tori. – Você disse que flertou com ele quando estava bêbada.

– Depois da balada – Alisha acrescenta.

– Certo – digo. – Mas tem mais coisa que só isso na história.

– Continue – Melly incentiva.

– Então, eu estava me sentindo uma merda por causa de toda aquela coisa com o

Scott e vinha pensando em talvez usar o Colin como referência para o núcleo amoroso da história que eu estava criando. – Escuto minha própria voz ecoar em meio ao burburinho do restaurante. Até *eu* percebo que soo como uma garota que só fala merda.

– Mas o que significa isso exatamente? – Tori pergunta. – Pensando em *talvez* usar o Colin?

– Eita – Alisha solta discretamente.

– Esse é o cara do colégio? – pergunta a Melly. – O dos bilhetinhos de amor?

Confirmo debilmente.

– G, pelo que me lembro, você já escreveu *montes* sobre a bunda dele – diz Tori.

– Tá, vocês me pegaram. Eu já estava escrevendo sobre ele. Seja como for, eu mandei um email, ele me respondeu e, enfim, uma coisa levou a outra e a gente se encontrou algumas vezes esta semana.

– Tipo, como assim? – perguntou a Melly.

– Ele me levou para sair. Um jantar, um almoço tardio e um… – Lágrimas queimam meus olhos, pensando no encontro *decente*. A perfeição daquilo rivaliza com qualquer *date* que eu já tenha tido antes e, na real, provavelmente com qualquer outro *date* que eu venha a ter. – *Outro* encontro. – Pisco para afastar as lágrimas. Eu *não* vou chorar por causa disso em público. – Preciso de mais uma rodada – anuncio.

– Caramba! Muito bem, garota! Como Gracie se reergueu do chão – Melly diz, levantando os braços e ignorando meu pedido por mais rum. – E você… – Ela faz um gesto vulgar, o indicador penetrando a outra mão, fechada em punho.

Dou um sorriso malicioso e todas começam a rir e aplaudir.

– Mas escutem, escutem – digo. – Acabo de descobrir que a ex-mulher dele é minha agente. Ou *era* minha agente. – Engulo em seco. – Tivemos um baita de um mal-entendido. O Colin estava me ajudando a escrever minha nova história, me dando ideias, sabem como é? Ele ficava me contando sobre uma doideira que a ex tinha feito. Então coloquei tudo no livro e mandei o original pra ela, e ela perdeu a cabeça e basicamente se divorciou de mim como cliente.

– Que dureza – Melly diz.

– É, mas fica pior ainda. O Colin foi ao escritório dela hoje de manhã. Acho que ele queria tentar suavizar as coisas, mas ela jogou uma cadeira pela janela e foi demitida. Assim, meu contrato que estava em andamento, por quinhentos mil dólares, não existe mais.

– Merda – diz Tori. – E você não pode falar com alguém acima dela na agência?

Balanço a cabeça.

– Já falei – explico. – Lembram do Evan, com quem tenho amizade? Conversei com ele a respeito. Ele falou que tem uma boa chance de que a Lindsay nunca tenha comentado sobre o acordo com os chefões. Isso pode ter sido porque ela ainda estava negociando e não havia nada realmente fechado.

– E se a Lindsay acaba de ser demitida… – Ela deixa a frase morrer.

– Então, não há nenhuma razão para que ela mencione o acordo, especialmente porque a única pessoa que ele iria beneficiar é a pessoa que ela mais odeia no mundo no momento: euzinha.

Apoio a cabeça nas mãos.

– Então por que você mesma não fala com os chefes? Conte a eles o que estava rolando. Quem sabe eles encontram uma solução – sugere a Tori.

– É, então, o Evan falou que faria isso por mim se eu quisesse.

– Então, está vendo? – Tori diz.

Melly puxa o decote um pouco mais, revelando uma borda estreita de renda preta abaixo do intervalo entre os seios.

– Bom, se você realmente *não* for pagar pelas bebidas da noite, a próxima rodada é por minha conta – ela diz e dá uma piscadinha.

A Melly é de outro mundo. É casada e não acho que jamais encostou em outra pessoa, mas a mulher *ama* flertar. Acho que a faz sentir que ainda tem o poder.

Paro de contar as doses depois de seis, apenas porque àquela altura não consigo mais computar os números mentalmente. Brindamos a novas oportunidades, a velhos erros (que livramento!) e à fraternidade eterna da nossa amizade. Sei que em algum momento tento perguntar a Mike se ele seria capaz de destruir a carreira da namorada dele, e ele responder que não tem namorada e pisca para a Melly.

E me alimento também. Asas de frango com molho *blue cheese*. Um enroladinho de frango com avocado (que é como um enroladinho de ovo, mas fingindo ser saudável). Uma coisa chamada tornado de camarão, que é doce e picante e servido sobre uma cama de folhas de alface. No meio do jantar, pedi Oreos fritos de sobremesa e, quando acabei com eles, pedi uma salada de pera e queijo de cabra, com pão de queijo caseiro como acompanhamento.

Não deve ter sido surpresa para ninguém quando pedi licença para ir ao banheiro e acabei vomitando em um bolo de aniversário que era entregue a uma família por um exército de garçons.

A coisa seguinte de que me lembro é de estar exatamente onde estive uma semana e meia antes, sentada no banco de trás de um Uber, sendo levada para casa como castigo pelos meus excessos.

Do lado de lá da janela, o mundo passa zunindo. A iluminação pública pisca tão

rápido que me deixa desagradavelmente zonza. Pego o telefone na bolsa e olho para o colo, destravando a tela para manter o foco em qualquer coisa que não sejam as calçadas rodopiantes fora do belo Toyota Camry conduzido por um homem chamado Rolf, que eu menciono casualmente ter o mesmo nome do cachorro pianista dos *Muppets*.

Rolf não acha isso divertido, então parece ter abandonado o diálogo.

Meu aparelho de trezentos dólares me informa que tenho quatro chamadas perdidas, todas do mesmo número. Não tenho esse número na lista de contatos. Tento ligar, mas meu polegar é muito bruto na tela, então nada acontece. Tento outra vez, com um toque mais delicado, e *voilà*! Sucesso. Levo o aparelho ao ouvido e escuto chamar.

– Alô?

Conheço essa voz.

– Colin? – pergunto.

– Gracie! Por onde você andou? Estou a noite toda tentando falar com você!

– Eu saí para comemorar! – informo.

– É mesmo? Comemorar o quê?

– Ora, a morte da minha carreira, é claro! E é a você que devo agradecer! – anuncio.

Rolf me encara pelo retrovisor.

– Sobre isso – Colin diz –, eu lamento muito, muito, Grace. Eu fui lá tentar pôr um pouco de razão na cabeça dela…

– Mas, em vez disso, você destruiu o fiapo de esperança que eu ainda tinha na vida. Francamente, Colin, que maravilha.

– Tenho certeza de que não é tão ruim – ele diz.

– Não é tão ruim? Colin, você sabe que tenho uns quarenta e seis dólares na conta, no momento?

Rolf balança a cabeça, sem dúvida tenso sobre como será paga a corrida.

– Não – ele murmura.

– Bem, pois é verdade. Estou a um triz de me tornar uma sem-teto, pode-se dizer. E a *única* coisa que eu tinha a meu favor, um livro que escrevi *sem* a sua ajuda, deveria ter sido vendido por quinhentos mil dólares! Eu estava me preparando para me aposentar *em grande estilo*, Colin!

– Eu não sabia disso.

– Eu não te contei porque não era importante. Sou uma mulher adulta. Posso cuidar de mim mesma sem precisar te informar os detalhes da minha situação bancária. E talvez eu tivesse medo de que, se revelasse minha situação

momentaneamente frágil, você pudesse me qualificar como uma mulher do tipo *Elle*, uma geóloga financeira fazendo mineração de valas em busca de tesouros escondidos e coisa assim.

– Não penso que você seja uma interesseira, Gracie.

Passamos por uma lombada e sinto a comida parcialmente digerida se revirar no meu estômago entupido. Arroto alto.

– Perdão, Rolf – digo. Ele faz uma careta. – Resumindo, Colin. Eu estava no fio da navalha quando você entrou de novo na minha vida. Estive no inferno e voltei, e estava me segurando por um fio. – Minha voz está cada vez mais alta. – E você, meu amigo. Bem. Você – avalio algumas metáforas – é a tesoura na minha bunda.

– Você não quer dizer realmente isso – ele diz.

– Ah, quero sim! Você destruiu a pequena chama de esperança que me sobrava! Agora eu não tenho literalmente nada!

– Mas eu posso te ajudar com dinheiro, Grace. E não seria como se você fosse a Elle. Eu sei que você está trabalhando duro. Eu *sei* que você não está procurando alguém que te sustente.

– Eu não preciso da sua *caridade*. – Estou fervendo. – Na verdade, acho que você deveria parar enquanto está ganhando.

– O que está dizendo?

Dou um soluço.

– Acho que você já fez o suficiente.

– O que isso significa? – ele pergunta em voz baixa.

– Significa que terminamos por aqui.

– O quê? Por quê? – Colin pergunta. Parece fora de si.

– Porque você lançou sobre mim o feitiço de um carrão bacanudo perfeito e transformou minha vida numa merda, por isso. Eu deveria ter deixado a porra do anuário de colégio trancado no maleiro do guarda-roupa. Não sei que diabos eu tinha na cabeça. O passado *acabou*, Colin. Assim como nós. Fui uma idiota de pensar que a gente poderia dar certo.

Ele não responde.

– Tchau, Colin. Tenha uma boa vida. Ou não, tanto faz.

Enfio o telefone na bolsa. Depois, vomito nos tapetes à prova de água, na traseira do Uber do Rolf.

Colin

Merda.

Que show de horror total e completo.

Culpa da Elle. Bem quando penso que as coisas com ela não podem ficar pior, ou que talvez haja luz no fim do túnel, ela consegue destruir qualquer chance que eu tivesse de encontrar felicidade com outra pessoa.

Não consigo acreditar que ela atirou a porra de uma cadeira através de uma janela de vidro laminado.

Não consigo parar quieto. E não culpo a Gracie por estar tão furiosa. Porque não é como se isso fosse apenas um emprego: é a *carreira* todinha dela! Eu posso até não amar o meu trabalho, mas, se a Gracie de algum jeito me fizesse perder o emprego, eu provavelmente ficaria muito puto também.

E pensar que estávamos a um triz de resolver tudo. Ela me levou aquela bebida verde pavorosa hoje. Ninguém *jamais* passou no meu escritório para me fazer um agrado. *Nunca*. A Daisy até comentou a respeito.

– Gosto dela, Colin. Tão diferente da Elle.

– Sim, e eu não sei?

– Muito! Ela até *sorriu* para mim. Me olhou nos olhos. Quando perguntou por você, até corou um pouco.

– Sério?

– Sério. Essa é para casar, com certeza.

A Daisy tem razão. Há uma conexão verdadeira entre mim e Gracie. Ninguém precisou deslizar para a direita nem vencer os trocentos obstáculos que são sinônimo de encontros online. E me vejo naquele ponto em que estou praticamente pronto para banir, de uma vez por todas, a ideia de algum dia vir a me casar. Daí, do nada, uma garota do *ensino médio*, pelo amor de Deus, me aborda, e ela é engraçada, sexy e gentil, e, bem… Vai embora.

Vai embora.

Que merda de vida. Sério.

Preciso me mexer. Preciso loucamente sair de casa. Ponho um jeans e calçados náuticos. O calçado foi presente da Elle, que me disse que eu precisava ter mais estilo. Nunca pensei que seria o tipo de cara que tem um par de sapatos para usar em barcos. Mas, para ser justo, também nunca pensei que seria o tipo de cara cujo

casamento só duraria seis meses porque a esposa perceberia que não gostava mais de homens e o deixaria na mão, sem nada, exceto uma infestação por chatos.

Tem um bar adiante, no quarteirão do meu prédio. É um boteco de quinta categoria, mas na minha opinião todo bar é de quinta numa noite de terça. Entro, avalio rapidamente o ambiente e sento-me numa banqueta alta perto de um telão, com uma transmissão constante de destaques da ESPN. Peço uma dose dupla de Jack Daniels. Queima minha garganta, mas enfrento como homem. Em seguida tomo um Jack com Coca, atento para não forçar a barra depressa demais. Eu só quero esquecer toda essa derrocada. E a dose dupla ajuda. Muito.

A única coisa que eu queria era consertar as coisas. Pensei que, se fosse ao escritório da Elle e conversasse com ela cara a cara, pudesse recordar-lhe quanto *eu* tinha sido indulgente, apesar de toda a tortura que ela me fez passar. Porém, no instante em que me viu, ela me levou à sala de reuniões da Vision Board e partiu para cima de mim como um cão raivoso. Ficou parada ali, latindo e babando, cuspindo palavras contra mim como uma metralhadora, tentando arrancar minha pele e me fazer em retalhos, quando, se você pensar bem, *ela* era a razão pela qual eu tinha todas essas histórias para contar para a Gracie, para começo de conversa.

A Elle *não* gostou de ser lembrada disso.

Eu deveria reabrir nosso processo de divórcio e levar aquela bunda traidora dela para o tribunal.

Os destaques do noticiário de beisebol começam a ficar meio embaçados quando peço o quarto Jack com Coca. Vou mijar e meio que erro o alvo. Volto para a banqueta no balcão e observo o *bartender*, que me olha meio de esguelha e fica um pouco parecido com o meu pai quando ele faz isso (se os antebraços do meu pai fossem cobertos de tatuagens desbotadas, se ele fosse uns oito centímetros mais baixo e tivesse um corte de cabelo à escovinha, e não repartido de lado. Então, pois é. Na verdade, nem um pouco parecido com o meu pai).

Quando sinto o gelo no copo bater contra meus dentes da frente, ele se aproxima.

– Se recompõe, irmão. Estamos fechando. – Ele me entrega a conta.

Tento ver as horas no celular, mas os números estão dançando um pouco. Tem um 2, um 1 e um 7, mas não tenho ideia da ordem em que deveriam estar. Olho ao redor: sou o único que sobrou no bar.

– Você precisa que eu te dê carona para algum lugar? – ele pergunta.

– Hum – respondo. Tenho quase certeza de balançar a cabeça negativamente. Também não consigo ler a conta, mas ponho no balcão três notas de vinte e calculo que devem bastar. Ele pega o dinheiro e devolve o troco, que deixo por lá mesmo, enquanto tento me pôr de pé.

Sigo rumo à porta de vidro, orientado pela placa vermelha brilhante de "SAÍDA".

– Tem certeza de que está bem? – o *bartender* pergunta.

Aceno em resposta, sem me virar.

Lá fora uma rajada de vento frio me atinge com força. Tem alguma coisa diferente, aqui ao ar livre. Olho para cima. Gotas de chuva são disparadas do céu diretamente na minha direção, como se Deus estivesse segurando uma metralhadora carregada de chuva dentro da minha própria nuvem de trovões.

Faz frio e estou molhado. Sem querer, piso em uma poça e afundo até o tornozelo.

Meu sapato náutico direito está arruinado, penso.

Daí tudo fica preto.

Gracie

É inacreditável como o universo ainda te chuta, mesmo quando você já caiu.

Dez dias atrás, acordei em uma cama estranhamente parecida com esta onde estou deitada agora. A cena do crime de hoje, porém, é diferente. Em vez de calcinhas fio-dental retalhadas, estou cercada por páginas brilhantes arrancadas às pressas da encadernação e feitas em pedaços. Rostos jovens e sorridentes estão rasgados e espalhados por todo lado, como se um animal selvagem tivesse ocupado a cama ontem à noite. Fecho os olhos e tento juntar o que resta do que me lembro.

Teve um Uber.

E uma ligação.

E muita rasgação furiosa e violenta.

Leva um instante, mas percebo o que fiz. Estou dormindo em um mar de rostos parecidos com os da velha cantina do colégio.

Destruí meu anuário escolar.

Suspiro quando sou invadida por um enxame de lembranças. Coisas que eu não poderia de forma nenhuma ter dito em voz alta, como culpar o Colin pela morte da minha carreira de escritora.

Uau. Que Escrota com E maiúsculo eu sou.

A luz que entra pela janela é excessivamente brilhante e me dá enxaqueca. Puxo o cobertor por cima da cabeça para bloquear, e com isso derrubo montes de páginas no chão. Juro jamais voltar a sair da cama e permanecer engolfada pela minha própria imundície e más escolhas até um dia, por fim, sofrer uma morte lenta, dolorosa e solitária.

É assim que adormeço.

Quando desperto, horas mais tarde, tenho de tatear em volta para me localizar. Encontro o celular dentro da bolsa, no chão. Consulto se há mensagens e encontro só uma, da Alisha, querendo se certificar de que estou bem.

Checo o email. Mais uma mensagem encaminhada da minha mãe. Esta promete piadas sobre piratas. *Minha mãe precisa de um hobby*, concluo.

Estico os braços acima da cabeça e me espreguiço. Passa pouco do meio-dia. Não tenho trabalho. Nem planos. Nem comida em casa.

Nem namorado.

Cambaleio até o banheiro, onde encontro um isqueiro na bancada da pia e cinzas

grandes, enegrecidas no vaso sanitário. Aparentemente, pus fogo em algumas páginas do anuário no meu estado de agitação de ontem à noite. Faço xixi por cima delas e dou descarga, rezando para não provocar um entupimento.

Depois escovo os dentes, porque não há nada pior do que resquícios de vômito da noite anterior na boca de uma pessoa. Tomo um banho e tento fazer com que a água leve embora meus enganos, minhas falhas e maus passos. Quando saio, meu corpo está limpo e meu cabelo cheira a coco, mas a alma continua esfarrapada por culpa e arrependimento.

Isto não é jeito de viver, digo a mim mesma.

Inspiro profundamente e vou para o computador. Sentada à mesa, abro o site da Starbucks e imprimo o formulário de candidatura a um emprego. Preencho com a caligrafia mais caprichada e decido levar à unidade na Emmons Avenue, do outro lado da passarela.

Talvez eu devesse me mudar de volta para a casa dos meus pais, reflito. Papai provavelmente adoraria me ter por perto. Isso lhe daria uma proteção, e ele não precisaria lidar sozinho com a loucura da minha mãe. Absorvo a ideia. Imagino mamãe me acordando de manhã, me servindo uma tigela de cereal e discursando poeticamente sobre a importância de fibras para meu sistema digestório.

Portanto, em resumo, seria um passo difícil.

Amarro os cadarços dos tênis, ponho a bolsa em diagonal no ombro e parto para a Starbucks. Está nublado, mas quente, e o ar perto da água tem cheiro forte de maré baixa hoje. Lembranças do Colin surgem na minha cabeça como no jogo do martelo maluco. Imagino-o pensando em como ir conversar com a Lindsay para me ajudar. *Bam*. Lembro de seu tronco nu me trazendo café. *Bam*. Penso na expressão que fez na primeira vez que me viu, do lado de fora do meu prédio. *Bam, bam. Bam*.

Ficar remoendo como nossa situação degringolou tão completamente não vai me ajudar. Tento expulsar esses pensamentos quando entro na Starbucks e sou recebida pelo aroma de grãos arábica torrados que flutua pelas minhas narinas acima.

Uma menina descolada de avental verde exibe um sorriso amplo e diversos *piercings* faciais. A cabeça é raspada de um lado, e o cabelo que sobra é penteado para o lado oposto.

Ela parece admiravelmente profissional quando fala, apesar de ter, na melhor das hipóteses, dezenove anos.

– Bem-vinda à Starbucks! O que posso te oferecer hoje?

Um novo recomeço?, penso. *Uma nova chance na vida?*

– Um frappuccino de caramelo grande, por favor.

Ela registra o pedido no caixa.

– Feito. Mais alguma coisa?

Lembro do motivo de ter ido.

– Hum, sim. Queria entregar este formulário de candidatura. – Entrego o papel, dobrado e inserido com capricho em um envelope de tamanho comercial, para a Jovem Barista Descolada.

– Belê – ela diz, e o guarda no avental. – Vou entregar para a Bess. É a gerente. Ela entra em contato assim que examinar seu currículo.

Assinto e a encaro avidamente, em busca de respostas.

– Posso te perguntar uma coisa?

Ela dá de ombros.

– Claro.

– Você gosta daqui?

Ela ri.

– Bom, resolve as coisas, sabe? Bebidas grátis, uma refeição grátis, bons benefícios e algum dinheiro para gastar. As pessoas que trabalham aqui são legais. Os clientes variam. – Ela sorri. – Alguns são bacanas, mas alguns são bem arrogantes. Mas acho que, se você entregar as bebidas pedidas e for amigável, corre tudo bem.

– Você estuda?

– Estudo na Kingsborough.

A Faculdade Comunitária Kingsborough fica no extremo leste da Manhattan Beach. É um lugar estranho para uma instituição de ensino, mas o campus é bom e a vista da água é ótima, considerando que estamos no Brooklyn.

– E a maioria das pessoas que trabalha aqui é assim tão…

– Inteligente? Divertida? Bonita? – Ela ri.

– Eu ia dizer "jovem". – Sorrio.

– Nem todos. Mas tem muitos estudantes.

– Beleza – respondo, apesar de, na minha cabeça, isso estar longe de beleza. – Grace. – Estendo a mão.

Ela me cumprimenta.

– Sabrina. Prazer em te conhecer.

– Quem sabe a gente se vê – digo. Três jovens mães com carrinhos de bebê entram na fila atrás de mim. Vou para a ponta oposta do balcão e espero minha bebida.

De volta à rua, tenho uma sensação confusa, que mistura esperança e derrota. O açúcar e a cafeína me ajudam a me sentir um pouco melhor fisicamente; emocionalmente, porém, estou estilhaçada em mil caquinhos. Sinto-me orgulhosa por ter chegado a bom termo com a ideia de precisar de um emprego que me ajude a pagar as contas, apesar de odiar o fato de ser uma escritora cujos pagamentos de

direitos autorais fazem os benefícios sociais parecer generosos em comparação. Também continuo rejeitando o fato de não ter um agente, que a venda de *Bandido imprudente* tenha gorado praticamente 100% e que o Colin e eu sejamos coisa do passado. Esses pensamentos ocupam minha cabeça enquanto caminho pela passarela e desço à praia, com cuidado para não passar pela casa da senhora A. Meu estômago ainda se ressente das escolhas ruins que fiz ontem, e não há a menor hipótese de eu conseguir comer uma refeição pesada agora, por mais bem-intencionada que seja.

Na praia, sento-me de pernas cruzadas a alguns metros do mar. Observo o horizonte, vejo pássaros dançar sobre a superfície da água e barcos a grande velocidade ao longe. Tento me concentrar na respiração, como a Kiki faz na ioga. Não demora muito e já me sinto melhor. Tipo, se eu ficar sentada e suficientemente calada, ninguém nunca vai me encontrar aqui.

– Iurru! – ouço.

Eu me viro já sabendo o que me aguarda.

– Hoje não tem cadeira? – a senhora A pergunta.

– Não – balanço a cabeça. – Somos só eu e a areia.

– Vem. Você se senta no banco comigo e com Olga.

– Quem é Olga?

– É minha vizinha. Era engenheira na Georgia. Agora mora aqui. Jogamos sudoku.

– Sudoku? Isso não é supostamente uma brincadeira solitária?

– Solitária é só na prisão, *devushka*. Todo jogo é melhor com amigo.

– Entendi – digo, embora a ideia de compartilhar um sudoku com outra pessoa pareça uma doideira.

A senhora A estica a mão para me ajudar a levantar.

– Você está doente de novo – ela diz.

– Por que diz isso? – pergunto, inocentemente.

– Mela pôs foto em Instagram. Você parece… – Ela para e reflete por um momento. – Bêbada como um gambá, os jovens dizem.

Dou risada.

– Na verdade, os jovens não falam assim.

– Bem, deveriam. Eu mostro. – Ela tira do bolso um celular extravagantemente dourado e abre o Insta. Penso em perguntar à senhora A por que ela precisa ter um perfil no Instagram nessa idade tão avançada, mas longe de mim julgar. – Vê? – Ela bate a longa unha vermelha na tela. – Você está parece muito doente. Grande erro. Vejo apenas bebidas na foto. Não pão. Onde está pão?

Dou de ombros, sabendo que é inútil argumentar.

– A senhora tem razão, deveríamos ter pedido mais pão.

Chegamos a um banco verde com vista para os balanços do playground. Ali sentada está uma senhora que usa uma malha da Juicy Couture e calça de moletom, cujo cabelo loiro platinado, penteado e fofo me faz pensar em algodão-doce, exceto por estar frouxamente amarrado com um lenço. Usa óculos de sol de lentes pretas, e a combinação tem uma vaga semelhança com a aparência que Susan Sarandon poderia ter em *Thelma e Louise*, se ela tivesse uns mil anos de idade.

– Eu sou Olga – a senhora diz para mim, sem rodeios.

– Prazer em conhecê-la. – Sorrio.

– Esta é Gracie – a senhora A anuncia orgulhosamente. – Ela está doente de álcool.

– Você precisa pão? – Olga pergunta, vasculhando a bolsa enorme.

– Não, não. Estou bem, obrigada.

– Tenho grissini do jantar – ela informa, estendendo um pacote amassado de celofane transparente com um único grissini de dez centímetros coberto de sementes de gergelim. – Você come.

Concordo com a cabeça e aceito a oferta, ignorando o fato de que o saco estava preso na bolsa dela ao que parece por um lenço usado. Sei como me comportar na companhia dessas senhoras. Não há necessidade de começar uma celeuma no playground.

– Gracie e Mela são melhores amigas da escola. Gracie mora na antiga casa da Babushka.

– Ah – Olga diz, estendendo o indicador. – É assombrada – declara.

– Olga! – diz a senhora A. Depois tagarela algo em russo, e Olga me lança um sorriso cheio de pena. – Não ouça ela – a senhora A me aconselha. – Agora conte. O que faz você beber até ficar doente pela segunda vez seguida?

– Só tive um dia ruim.

– Você quebra o queixo?

– Ah, sim – eu me lembro. – Não está quebrado. Eu tropecei e caí na esquina da Ocean com a Avenue Z. Derrubei o celular no bueiro.

– Minha pobrezinha *porosenok* – a senhora A diz.

Levanto as sobrancelhas.

– Significa "porquinha" – Olga esclarece.

Que maravilha, penso.

– Então você compra celular novo. Isso conserta fácil. O que mais aconteceu? – pergunta a senhora A.

– Bem, a senhora se lembra do cara que mencionei?

– Senhor Email?

Assinto.

– A gente estava meio que saindo. Mas não estamos mais.

– Por que não? Ele fez nenê com outra? Como Scott?

– Não, não. Nada nem parecido com isso.

Olga estica o braço e pega minha mão. Fecha os olhos e põe a segunda mão sobre a minha. Fico totalmente sem graça, congelada e olhando em volta. *Ninguém mais acha isso esquisito?*, me pergunto.

– Ela está triste. Ela fez erro. Ela está arrependimento – Olga proclama.

A senhora A bate palmas alegremente.

– Olga está estudando para ser mística. Primeiro, engenheira. Construir prédios! Agora mística, ver o futuro! Ela é boa, não?

Rio alto, depois recalibro para não parecer rude.

– Sim, ela é muito boa.

– Por que você triste? Por que você arrependimento? – indaga a senhora A.

Decido que não fará mal contar-lhes a verdade. Não tenho nenhum lugar para onde ir, nada mais a fazer neste dia nublado de primavera. Então começo pelo início, com a aula de ciências do primeiro ano e o apelido. Depois falo sobre os bilhetes de admiradora secreta e como fantasiava com o Colin enquanto estava me relacionando com o Ronald. Conto sobre minha escrita, sobre Scott e sobre usar o anuário do colégio para criar personagens para uma história que poderia ter aumentado significativamente meu patrimônio líquido. Conto sobre a Ilana e o bebê, minha espiral descendente rumo ao autodesprezo e ao pânico, o email que mandei ao Colin, bêbada, menos de duas semanas atrás. Derramo detalhes do nosso breve caso como uma criança derrama leite no carpete, com uma inocência e uma honestidade que me esmagam simultaneamente de catarse e angústia. Explico sobre a Lindsay, sobre como ele a chamava de Elle e como isso nos jogou num emaranhado confuso que terminou com o sumiço do meu potencial faturamento. Encerro a história com a chamada telefônica da noite anterior, o soco horroroso que desferi abaixo da linha da cintura durante a nossa briga e as coisas horríveis que falei e não posso retirar. *Eu estava brava*, explico. *Estava ferida. E agora perdi tudo*.

Quando termino, a Olga diz "não".

– Não? – pergunto.

– Não. Você pode consertar.

– Como? – pergunto.

– Você escritora, certo? Você escreve por dinheiro?

Concordo com a cabeça.

– Então você escreve essa história no papel.

– É uma história interessante, Gracie – diz a senhora A. – Me faz lembrar de *Noites de Tbilisi*. É uma novela georgiana sobre uma *devushka* chamada Yelena, que é professora de escola de dia e dançarina exótica de noite.

– Mas o que isso tem a ver com a minha história? – pergunto, rindo.

– Porque ela está pagando dinheiro por sexo, certo?

– Acho que a senhora quer dizer *recebendo* dinheiro – digo.

– E ela apaixona por um homem, mas ensina filho dele na escola, e ele vê ela em boate à noite. Ela usa peruca (cabelo falso, sim?), então ele não sabe que ela é a mesma professora do filhinho dele.

Olga confirma veementemente com a cabeça.

– Isto é um *grande* espetáculo na nossa terra – concorda.

– Yelena é Yelena na escola, mas na boate é Viktoriya. Então o homem, Nikolai, ele apaixona por Viktoriya, mas nunca pode estar com ela, porque ela é dançarina exótica e ele é doutor nobre, importante na cidade – a senhora A continua.

– Ele é casado? – pergunto.

– Oh, não. A esposa morreu em avalanche da neve.

– Claro – comento.

– Você deveria assistir. É muito boa. Você vai entender, é como a sua história – garante a senhora A.

Olga assente.

– Você escreve tudo isso. Faz livro disso.

– Não sei – pondero.

– Escute o que eu digo – a senhora A retoma. – Em *Noites de Tbilisi*, Yelena apaixona por Nikolai, mas ele não está interessado em professora. Está tentando consertar Viktoriya, fazer vida dela melhor para ela poder parar de ser, como vocês dizem, trabalhadora do sexo?

– Okay – digo.

– É igual como Colin estava tentando ajudar você! – ela exclama. – Quando é última vez que alguém tentou tanto assim te ajudar?

Reflito sobre a pergunta e dou de ombros.

– O Scott, não! Ele se interessava mais por Scott!

– Isso é bem verdade – concordo.

– Esse rapaz está tentando amar você – ela insiste.

– Mas eu falei coisas péssimas para ele. Ele nunca vai me aceitar de volta – digo.

– Então você conserta. Ele tentou consertar para você; agora você deve tentar consertar para ele! – diz a senhora A.

Olga pousa a mão inteira na minha testa.

– Chiu! – ela pede. A mão está suada e cheira vagamente a carne. Ela fecha os olhos e franze as sobrancelhas. – Você se esconde – ela diz. – Por uma revolução da lua, você se esconde. Dá aos planetas a chance de alinhar em ordem. Você planta novas sementes e vê crescer. – Ela abre os olhos. – É assim que está escrito em estrelas.

A senhora A aplaude alto.

– Bravo! Bravo!

Sinto que entrei no meu próprio circo praiano.

Informo que preciso ir andando e recuso as abundantes ofertas da senhora A de levar comida comigo. Levo embora do parque o copo vazio de frappuccino e o grissini embrulhado e rumo de volta para a passarela, me perguntando o tempo todo por que é que eu sempre acredito que vá conseguir descer à praia e obter solidão e tempo para pensar. *A esta altura*, *alguém mais inteligente já teria aprendido,* concluo. Mas estou sorrindo e me sinto um pouco melhor; então não é de todo ruim.

Colin

Nunca mais vou beber.

Acordei com uma voz de homem estourando meus ouvidos.

– Levanta, rapaz – disse a voz. A ordem foi acompanhada de um tapa forte, dado com três dedos no meu ombro.

Eu estava ensopado. E congelando. E não conseguia enxergar. Quando tentei abrir os olhos, fui cegado por uma chama branca, que abriu caminho queimando minhas retinas.

– Vamos lá, cara. Não torne isso mais difícil do que precisa ser – a voz rugiu.

– Não consigo enxergar – pude dizer.

De repente meus olhos esfriaram e eu só vi escuridão. Senti uma mão forte no meu antebraço. Ela me içou até eu ficar sentado. O muro de tijolos ásperos e escorregadios contra minhas costas chamou atenção para o que pareciam ser martelos socando meu lobo frontal.

– Tem documento? – a voz me perguntou.

Minhas mãos trabalharam independentemente de meu cérebro, alcançaram a carteira e entregaram. Tentei de novo abrir os olhos. Dessa vez consegui ver uma imagem. A silhueta enorme dele estava iluminada por trás pelo brilho do neon de uma Krispy Kreme vinte e quatro horas.

– Você mora aqui? – ele perguntou, apontando.

Assenti debilmente.

– Muito bem, então vamos levantar.

Mais uma vez, o aperto se prendeu ao meu antebraço. Pôs-me de pé, e meu relutante corpo bateu contra os tijolos.

– Vamos, rapaz. De pé – a voz ordenou.

Consegui me entender com a lei da gravidade quando ele me entregou um pedaço de papel junto com a minha carteira.

– O que é isto? – falei com voz arrastada. Não soei muito firme.

– Uma multa por intoxicação em público. E a razão de ser *apenas* uma multa é você estar indo diretamente para casa agora, entendeu?

Assenti.

– Hum-hum.

– Vou ficar aqui até você entrar, portanto se apresse.

Fiz o melhor que pude. Eram apenas uns quarenta passos, mas pareceram quilômetros. Quando abri a porta do prédio, olhei para trás e o policial tinha sumido.

Tomado pelo pânico e pela surpresa do movimento quando a porta se fechou, vomitei no canto do elevador. Não tive intenção. A onda simplesmente me engolfou e não consegui controlar. O vômito espirrou nos meus sapatos.

Não posso levar isto para dentro de casa, decidi.

Tirei os calçados quando cheguei ao meu andar e os abandonei ali.

Uma combinação de suores noturnos e roupas molhadas me fez pensar que tinha mijado na cama quando acordei embrulhado em lençóis úmidos algumas horas mais tarde. A lembrança de ser rudemente despertado por um policial se repetiu na minha cabeça durante toda a manhã. Talvez, para a Elle, uma noite como a minha fosse o procedimento operacional padrão, típica de uma terça-feira. Mas não para mim.

Não. No meu mundo isso era o fundo do poço.

Consequentemente, estou sendo bem discreto no escritório hoje. O que não é fácil, especialmente por ser quarta-feira e termos treino de softbol daqui a uma hora.

A Daisy está sendo ótima. Ela percebeu que eu tinha tido uma noite difícil quando cheguei atrasado. Eu *nunca* chego tarde, a menos que tenha uma reunião fora, o que é raro. E também nunca estou de ressaca, em grande medida porque beber exageradamente não existe no meu mundo. Portanto, Daisy incorporou a Mamãe Urso com força total. Começou me trazendo um Starbucks, que me ajudou a atravessar a manhã, depois foi à loja de *bagels* e comprou um *bagel* tradicional com manteiga. Quando não vomitei, ela foi à lanchonete da esquina e comprou mingau de arroz, coisa que eu não comia desde os três anos. Preparou para mim na pequena cozinha de funcionários/saleta de descanso/despensa onde fica o micro-ondas, entre diversos outros itens. Tinha sabor de papinha de nenê levemente adocicada, mas me alimentou sem que eu me sentisse entupido por alguma coisa mais substancial. E há mais ou menos meia hora, quando saí para ir ao banheiro, ela deixou na minha mesa um *muffin* de milho.

Não fez nenhuma pergunta, não me pressionou por detalhes, apenas enfiou a pequena cabeça grisalha angelical pela minha porta, a cada uma hora, para se certificar de que estou me recuperando. E estou. Bem, ao menos fisicamente.

Mentalmente? Aí já é outra história.

Tentei redigir meia dúzia de emails e mensagens de texto para a Gracie, mas cada uma ficava pior que a anterior. Não sou bom para escrever como ela. Fora isso, sinto que já pedi desculpas por tudo em relação à Elle (depois, fui lá e piorei tudo), então,

agora, não resta na verdade muito a dizer.

O que é um saco.

Tento não pensar a respeito, porque é mais fácil, mais ou menos. O escritório está tranquilo, o que normalmente seria uma excelente mudança em comparação ao falatório incessante do Gordy, mas, desde que ele empalou sua masculinidade sem dúvida abaixo da média com um lápis, está desaparecido. A ausência dele deixou para mim muito tempo para me entreter com os pensamentos e inventar novos modos de impedir permanentemente minhas chances de voltar a encontrar o amor. De acordo com a Daisy, o Gordy precisou tomar anestesia geral para restauração cirúrgica da mencionada ferida por lápis e acabou passando a noite no hospital. Deram-lhe analgésicos, e ele está de repouso em casa desde que teve alta, na tarde de segunda-feira.

Suponho que o momento tenha sido de fato perfeito para este meu colapso nervoso.

Batidas leves à minha porta.

– Pois não? – pergunto.

É a Daisy.

– Quer dividir um Uber até o campo comigo? Por minha conta desta vez.

– Claro.

– E prometo que não precisamos conversar. Só se você quiser.

Eu a encaro e sorrio.

– Obrigado.

Recolho minhas coisas, desligo o computador e saímos juntos. Fiel às suas palavras, Daisy me deixa sentar no banco de trás a seu lado e olhar distraidamente pela janela. Uma buzina soa lá fora e percebo que a enxaqueca sumiu. Parece que a ressaca passou. Como se estivesse lendo minha mente, Daisy pergunta:

– Você está bem?

Assinto.

– Me sentindo bem melhor, na verdade.

– Fico contente. Porque preciso te contar uma coisa.

Viro-me para encará-la. Jamais se ouviu algo de bom na sequência de uma frase como “Preciso te contar uma coisa”.

– O que foi?

– O Gordon virá ao treino.

– Para quê? – pergunto. – Ele não deveria, sei lá, deixar em repouso a bola que lhe resta?

Ela assente.

– Provavelmente, sim. Mas você conhece o Gordon.

– Mestre do MEFIFO – digo.

– O quê? – ela pergunta, franzindo o nariz.

– Medo de Ficar por Fora – explico.

– Não acho que seja isso – Daisy diz.

– Ah, é? Então qual é a sua hipótese?

– Ele se sente intimidado por você, Colin.

– *Intimidado*? Mas de onde você tirou isso?

Ela não responde de imediato.

– Olhe para si mesmo, Colin. Sei que está tendo um dia difícil, mas tente enxergar para além deste momento. Você é inteligente, bem-sucedido, divertido, gentil. É financeiramente estável, bom no seu trabalho e poderia ter qualquer mulher da América.

– Certo. Exceto que, no meu entender, sou um divorciado acabado e passado – argumento.

– Você se engana, meu bem. Tente imaginar como é ser o Gordon. Ele é da sua idade, não tem esposa, namorada nem família. O sujeito mal tem amigos – ela diz.

– Um ajuste de personalidade ajudaria.

– Verdade. Mas mesmo assim.

– Mesmo assim o quê? Só o que ele faz é puxar o saco do meu pai o tempo todo.

– Verdade também. Mas você sabe que isso é só porque o pai dele morreu.

Balanço a cabeça.

– Eu não sabia disso.

– Câncer de pâncreas. Faleceu quando o Gordon estava entrando no ensino médio.

– Como você descobriu isso?

– Ele me contou. Faz muito tempo. Pensei que você soubesse.

– Não.

– Portanto, como falei: intimidado. Para ele, você tem tudo. – Ela dá de ombros e olha pela janela.

Essa nova informação me faz sentir um babaca.

Quando chegamos ao campo, Dom, Richie, Courtney, Raoul, Rachel, Jess e Mark estão se aquecendo, e no banco ao lado da terceira base está Gordon, sentado em um *donut* inflável.

– Você só pode estar tirando onda comigo – digo em voz alta. Ele se vira e tenho vontade de me estapear por ter falado tão alto. – E aí, cara, que é que você manda? – digo, intencionalmente mais alto ainda. *Mandou bem, Colin. Consertou direitinho*.

– Não muito. Só vim como suporte ao time.

Tipo meio suporte atlético, já que você só tem um testículo bom, penso, e dou risada por dentro. *Caramba, para de ser tão escroto. Deixa o coitado em paz*, minha consciência ordena.

– Legal – digo. – Como está se sentindo?

– Bem, considerando tudo. A boa notícia é que minha fertilidade não vai ser impactada.

Assinto, incapaz de pensar em uma resposta normal. Minha cabeça é um campo minado de piadas adolescentes. Tento afastá-las.

– Você precisou tomar vacina antitetânica?

Ele sacode a cabeça.

– Só antibióticos. Você sabia que lápis número dois não são feitos com chumbo?

– Ah, é?

– Grafite – ele responde, fazendo um joinha.

– Parece que você evitou um projétil de verdade aí.

– Ei, muito bem. Alô, Beijo da Morte! Aí está meu time! – meu pai grita. A voz dele está fazendo aquela coisa leiloeiro-chapado-de-cocaína que eu tanto amo.

– Sem candura nem tontura, na caradura – Gordon grita em resposta. Meus olhos reviram automaticamente. Apesar das minhas intenções, não há nada que eu possa fazer para os impedir.

– É a minha deixa – digo, apontando um dedo para Gordy como se fosse uma arma e prontamente me afastando para qualquer outra área possível onde possa deixar meu equipamento e trocar de sapato.

Meu pai e Gordy trocam amenidades, que ignoro em favor de ouvir Dom se gabar em detalhes sobre sua mais recente escapada com uma garota que conheceu em um bar de lançamento de machados.

– Mas que diabos é isto, mano? – pergunto.

– Uma fusão. Na frente tem um bar, e nos fundos fica o lançamento de machados, mas tem uma parede grossa de vidro entre os ambientes, então você pode ver as pessoas jogando em vez de, tipo, assistir à TV ou coisa assim – ele explica.

A imagem me leva de volta ao escritório da Elle, ontem. Eu estaria mortinho da silva, agora, se a cadeira que ela jogou contra mim fosse um machado.

– Parece mesmo divertido. A propósito, isso me fez lembrar. É possível entrar com um pedido de alteração de divórcio?

– Sério? – Dom pergunta. – Por quê?

– Porque a Elle é uma escrota e você tinha razão. Eu fui mole demais com ela na separação.

– Vou querer ouvir *todos* os detalhes que acompanham este pedido, cara – ele diz, o olhar radiante, animado com a fofoca.

– Outra hora – digo.

– Muito bem, time – papai interrompe. – Vamos formar um círculo para um papo rápido! Aqui, perto do Gordy, para ele não precisar se mexer – acrescenta.

– Papo no banco! Papo no banco! – Gordy grita, batendo palmas no ritmo das palavras. Ele soa como um verdadeiro idiota, mas não falo nada. Jess e Courtney reviram os olhos, e Rachel ri. Todo mundo se reúne conforme as instruções do meu pai, aparentemente para prantear a perda do testículo do Gordy.

– Muito bem, Beijo da Morte. Estamos prestes a ser verdadeiramente desafiados. Temos um homem a menos. O que significa que os demais têm de entregar o máximo, a cada semana, até que ele melhore. Nada de margem de manobra. Nada de dia de descanso. Nada de relaxar. Entenderam?

Cabeças concordantes se unem em um coro silencioso, enquanto papai continua a pregação. Eu devaneio, penso no lançamento de machados, em Elle e Gracie, no policial e na bola do Gordy e…

– *Certo, Colin?* – ouço.

– Oi?

– Eu falei que precisamos encarar cada partida como se fosse o campeonato mundial. Como se houvesse risco de eliminação, certo?

– Hum-hum, sim, claro – respondo.

– Significa que não podemos desperdiçar nosso talento com uma atitude *laissez-faire*. Não podemos agir como se nada disso tivesse importância.

Há tensão no comentário. *Ele vai vir pra cima de mim agora?*

Afasto a ideia. *Não seja tão sensível*. Mas olho para a Daisy e ela ergue as sobrancelhas, numa expressão que parece de preocupação.

– E, se um de vocês se ferir, não quero que a gente precise chamar um substituto de novo – ele continua.

– Por que não? – pergunto em voz alta. – A mamãe foi ótima.

– Sua mãe tirou o time de um apuro – ele diz; o desdém curva sua boca para baixo.

– Não, falando sério. Ela foi incrível. Ficamos com dois a menos quando vocês foram embora. A mamãe agregou ao jogo um muito necessário ímpeto de combatividade.

– Talvez essa seja a aparência de quando está se tentando de verdade – ele retruca.

Alguma coisa arrebenta no meu cérebro, e minha boca se abre antes que eu consiga impedir.

– Você está *tentando* começar uma briga comigo?

– Não, Colin. Não tenho doze anos e aqui não é o parquinho – ele diz, em tom condescendente. – Só estou dizendo que com Gordon fora todo mundo vai ter de dar seu melhor.

– O que insinua que você acha que nós não damos nosso melhor o tempo todo.

– Colin, querido – Daisy interrompe. – Não acredito que ele esteja insinuando nada.

– Ah, até parece que não! – rebato. – Ele está diminuindo minha mãe porque ela é melhor jogadora que ele! E está dando a entender que eu não me esforço a sério aqui!

– Chega, filho. Não se atreva a me desrespeitar na frente do time.

– Do time? – eu grito. – Isto é uma liga amadora de softbol *slow-pitch*, pai. É uma porra de uma *piada*. Não sei por que diabos você se importa tanto!

– Talvez por você não se importar o suficiente!

– E por que eu deveria?

– Você nunca muda, né, moleque? Você nunca leva *nada* a sério! É por isso que só perde!

– Do que você está *falando*? – Estou fervendo. *Isto está mesmo acontecendo? Estamos brigando em público?*

– Bem, para começo de conversa, você nunca cuidou do seu braço. Poderia ter voltado a jogar depois de se machucar, mas você simplesmente desistiu.

– Desisti? Você perdeu a cabeça? Tem alguma ideia de como foi ficar sentado fora do campo e ver meu time seguir adiante *sem mim*?

– Pode crer – Gordy murmura.

– Você não ligava, foi por isso que desistiu. Assim como desistiu do seu casamento! – ele continua. – O esporte ensina lições valiosas, menino. Por exemplo, como forçar seus limites. Mas você pulou fora. Você implorou para voltar para casa como um filhinho de mamãe.

O time está congelado, ou pelo menos é assim que aparenta estar, na minha cabeça. Estou suspenso no ar, observando enquanto a cena se desenrola.

– Ei, ei – Dom intervém. – John, acho que já basta.

– Vai bastar quando ele aprender a agir como homem – meu pai diz, os olhos grudados na minha cara.

Sinto as unhas penetrando nas palmas das minhas mãos, enquanto fecho e abro os dedos. Não estou no controle do meu corpo. Os músculos dos meus braços se retesam quando uma onda de adrenalina os percorre.

Eu vou bater no meu próprio pai, penso.

Mas, antes que eu possa recuar o punho e armar o soco, Gordy se levanta, deixando para trás no banco o *donut* inflável.

– Ei! – ele chama. A voz é mais alta do que jamais ouvi. – Deixa o Colin em paz, Jack! Ele se esforça a sério. Tem sido um páreo duro de vencer, desde o meu primeiro dia.

Estou pasmo. *O Gordon acaba de falar fora de hora?*

– E você deve fazer zero ideia do que a louca de pedra da ex-mulher fez com ele – Dom acrescenta. – Então talvez seja melhor pegar leve, ok?

– Vocês não o conhecem como eu conheço – diz meu pai.

– Mas *eu,* sim – Daisy interrompe. – Eu conheço este rapaz desde que ele usava fraldas.

– Daisy, por favor…

– Já chega, John. Pare agora mesmo com esse discurso sem sentido. Você está constrangendo o time. – A voz dela é firme e assertiva. Estou completamente chocado.

Mesmo assim, não posso em sã consciência permitir que isso continue, e ninguém conhece meu pai melhor que eu. Ele nunca recua, jamais, mesmo quando todas as chances estão contra ele.

– Sabe de uma coisa, pai? Você tem razão. Sou um desistente. Não ligo para nada. Simplesmente arrasto minha bunda pela vida. É isso que você quer ouvir? – Não espero pela resposta. – Então, quer saber? – prossigo. – Por que hoje seria diferente?

– E o que significa *isso* agora?

– Chame um substituto. Estou fora.

E com isso dou as costas à situação toda, recolho minhas coisas e marcho para fora do parque rumo ao metrô.

Uma hora mais tarde, meu celular toca. É a Daisy.

– Alô?

– Oi, Colin. Desculpe te incomodar em casa.

– Tranquilo, Daisy. Como estão as coisas?

– Bem, o treino foi suspenso, então quis ligar para saber como você está.

– Estou bem – eu minto.

A verdade é que no momento estou em um estado lamentável. Não quis beber, por causa do meu encontro com um agente da lei ontem à noite, mas também não queria ficar totalmente sóbrio. Então, em uma tentativa de obter algum tipo de relaxamento, comprei uma lata de fumo de mascar Skoal. Os caras do time da Universidade do Arizona usavam e diziam que os acalmava, mas, pouco depois de

colocar o primeiro punhado no lábio inferior, esqueci de cuspir e, em vez disso, segui o instinto natural de engolir. O engasgo que se seguiu me causou grande desconforto. Tentei cuspir o que restava e acabei passando os vinte minutos seguintes lutando para tirar partículas do meio dos dentes usando minha escova giratória da Crest.

– Que bom – ela responde. – Fico aliviada. Ouça, eu só queria contar que, depois que você foi embora, o Gordon continuou a te defender.

– Oi?

– Perante seu pai. Ele disse ao John que você é o melhor jogador do time, o advogado mais inteligente que ele já conheceu, e que o John estava errado ao te atacar daquele jeito.

– Sério?

– Sério. Ele na verdade usou a expressão "ética de trabalho incomparável".

O Gordon acha que meu pai caminha sobre a água; não imagino por que seria desrespeitoso com ele daquela forma para me defender, em especial porque ambos claramente desgostamos um do outro. Quando não respondo, ela pergunta:

– Você ainda está aí?

– Estou. Desculpe. Só não entendi por que ele fez isso.

– E tem mais. Ele saiu do time.

– O quê?

– Pois é. Foi embora logo depois de você. Falou para o John que não queria jogar para alguém que maltratava o próprio filho daquela forma.

– Puta merda. E o que o meu pai fez?

– Disse para ele pegar a almofada de bolas dele e ir embora.

Dou risada.

– Não consigo acreditar.

– Só achei que você deveria saber.

– Obrigado, Daisy.

– Boa noite, Colin. Te vejo amanhã.

Desligo e telefono para o Gordy.

– Alô? – ele diz.

– Oi, é o Colin.

– Eu sei quem é. Mas acho que esta é a primeira vez que você liga no meu celular.

– Provavelmente – concordo. – Cara, olha só, a Daisy me contou que você saiu do time.

– É, saí. Quer dizer, enfim, também não estou em muito boas condições.

– Ela fez parecer que você…

– Que eu o quê?

– Que você quase brigou com o meu pai.

Ele fica calado.

– Mano, eu reconheço isso, mas não entendi direito. Por que fez isso?

– Bom… Não aguentei ouvir o Jack diminuir você daquele jeito. Foi humilhante. Fora isso, *você* abandonou o time primeiro.

– Sim, eu sei, mas…

– Escuta, Colin. Sei que você me acha um *nerd*, um puxa-saco ou seja lá o que for.

– Não, não acho – minto.

– Acha, sim. Seus comentariozinhos estúpidos não passam despercebidos. Mas eu fui criado para defender o que é certo. Foi por isso que estudei Direito, para começar.

– Mas nós atuamos em *direito sucessório*.

– Eu sei. Mas escuta: quando eu era criança, meu pai morreu e não tinha feito testamento. O Estado tomou todos os bens dele, porque ele e a minha mãe não eram casados. Eu não achei isso certo. Exatamente como hoje. O que o Jack fez não foi certo. E eu não ia ficar lá sentado sem fazer nada a respeito. Mas não fiz isso para você *gostar* de mim ou coisa do tipo.

– Cala a boca, Gordy. Eu *gosto* de você.

– Você não me suporta, e está tudo bem. Eu também não gosto de você, se quer saber a verdade. Mas você *é* um bom sócio e um trabalhador esforçado. Portanto, se você está fora do time, eu estou fora também. E, se nós não jogarmos, não tem a menor chance de a Daisy continuar jogando. Que os caras do divórcio fiquem com o time. Tenho certeza de que o Dom consegue preencher todas as posições vagas com as garotas com quem vem saindo.

Dou risada.

– É, disso eu tenho certeza – concordo.

– Então é isso. Vou descansar em casa pelos próximos dias, mas estarei de volta ao escritório na semana que vem.

– Tá bom, então – digo. – Ei, Gordy?

– O quê?

– Você sabe que o nome do meu pai é John, certo?

– Sei. Jack é apelido de John.

– Talvez durante a Guerra de Independência, mas estamos no século vinte e um, você sabe.

– Dane-se, espertinho. Se você me acha tão idiota, não vai se surpreender se eu começar a te chamar de Cólon, sabe, considerando que você é meio cuzão.

Não posso evitar uma risada.
– Essa foi boa, Gordito.
– Isso é espanhol, trouxa.
– Eu sei. Aprendi no ensino médio. Gordito é um menino pequeno e gorducho.
– Mas eu não sou nem pequeno nem gordo.
– Eu estava falando do seu bago estourado – retruco com uma risadinha.
Ele ri também.
– Você é tão infantil.
– Só pra ficarmos entendidos, isso não significa que eu goste de você – digo.
– Idem – ele responde.
– Mas já me sinto melhor – concedo. – A gente se vê.
– Até, Cólon.

Gracie

Quando eu era criança, talvez aos seis anos, tive uma amiga chamada Robin Rutledge. Ela morava a algumas quadras de mim, mas nos conhecemos no playground que havia entre as nossas casas. Quando fui para a primeira série, fiquei agradavelmente surpresa ao descobrir que a Robin estava na minha classe. Ela era uma diabinha, dessas crianças que nada temem, que com toda a facilidade ficavam de ponta-cabeça no trepa-trepa ou de pé ou erguendo as pernas no balanço. Imagino que a esta altura já tenhamos falado da minha destreza atlética o suficiente para que você conclua que a Robin e eu não éramos exatamente equivalentes. Assim sendo, eu era com frequência a plateia dos truques e palhaçadas dela, satisfeita em ficar sentada em um cantinho, mordiscando guloseimas, enquanto ela tentava o destino com aquelas manobras loucas.

Um dia, no primeiro ano, nossa turma fez uma excursão ao Van Cortlandt Park. Um dia não muito diferente do de hoje, ali pelo fim da primavera. A Robin levou um skate e eu fiquei curiosa. Não deveríamos sair do perímetro estabelecido pela professora, a senhora Lefkowitz, mas apesar disso nos esgueiramos para uma área do parque onde havia um longo lance de escadas de cimento que levava a um lago com patos.

– Quer ver eu descer os degraus no skate? – ela perguntou. Na minha lembrança, havia chamas de verdade em seus olhos, embora eu duvide de que tenha sido realmente assim.

– Claro – respondeu meu eu jovem e inocente de então.

E, como não poderia deixar de ser, ela saltou sobre o skate, inclinou-se na borda do primeiro degrau e partiu escada abaixo, aos solavancos, até chegar ao chão. Conseguiu se manter inteira e de algum jeito parar o skate antes de capotar no lago.

– Iurruuu! – ela me chamou da base da escada.

– Você é doida! – gritei de volta.

Ela subiu os degraus correndo, com o skate debaixo do braço. Sem fôlego, disse:

– Agora é sua vez.

Balancei a cabeça.

– Não. Não consigo ficar de pé nesse troço. Vou quebrar o pescoço.

– Então vai sentada – ela sugeriu.

Fedelha de seis anos ou não, eu já sabia no que era boa. Se por um lado velocidade

e equilíbrio não eram meus pontos fortes, ficar sentada eu dominava muito bem. E, precisava admitir, a Robin fazia *tudo* parecer divertido.

– Tá bom. Posso ficar sentada.

Ela posicionou o skate no primeiro degrau e me sentei nele com os pés debaixo do bumbum, para não bater em nada com os joelhos.

– Pronta? – ela perguntou alegremente.

Agarrei as laterais da prancha com as duas mãos e falei que sim. Ela me empurrou com toda a delicadeza e eu comecei a instável viagem descendente pelo que pareceu um interminável lance de degraus. A cada sacolejo eu sentia meu interior se sacudir e meu queixo bater com mais força. Mais ou menos na metade do caminho, decidi que não aguentava mais e virei a cabeça para trás, na direção da Robin.

Esse foi o momento exato em que a frente do skate atingiu uma lata de refrigerante, que travou a rodinha e impulsionou a parte de baixo do skate por cima do meu corpo. Eu caí e desci o resto dos degraus rolando feito uma bola de neve numa colina, sentindo os joelhos arder e os cotovelos se arranhar, até finalmente aterrissar no chão com um baque.

Estava fora de mim de constrangimento, envergonhada e com uma boa dose de choque e dor. Pela graça divina, nenhum osso parecia quebrado, provavelmente porque eu estava perto demais do chão. Mas sabe aquela sensação de que tem alguma coisa errada e você não consegue identificar o que é? Era como eu me sentia naquele momento. Tinha um gosto engraçado na boca, meio metalizado, e meu lábio inferior latejava. Estiquei a língua para sentir e notei no chão, pouco à frente, o que parecia ser uma joaninha. Olhei com mais atenção enquanto tateava o rosto com a mão. Parecia que tudo estava molhado. Foi aí que me dei conta.

Todos os meus dentes tinham sumido.

Robin desceu correndo.

– Você está bem? – perguntou, toda alegre.

Virei o rosto na direção dela e vi sua expressão se transformar de entusiasmo em pavor em um instante.

– Vou chamar a senhora Lefkowitz! – ela gritou, e saiu em disparada.

Fiquei lá sentada sozinha, desdentada e assustada, ferida e aflita. Comecei a chorar. Tateei o interior da boca com a língua e os dedos e percebi ter perdido um total de quatro dentes. Rastejei pelo chão para procurá-los. Afinal, eu ia *precisar* deles para provar à fada do dente o que tinha acontecido. Recolhi aquele que parecia uma joaninha, mas não consegui encontrar os outros. Lágrimas embaçavam minha visão e impossibilitavam que eu enxergasse com clareza.

Horas mais tarde, depois de uma consulta de emergência ao dentista e mais de

uma hora de bronca da minha mãe, olhei no espelho e sorri. Foi difícil me acostumar ao novo rosto, mas a *nonna* me recordou que dentes de leite são feitos para cair, para que possam abrir espaço aos permanentes. Eu só precisava ter paciência e esperar que os definitivos crescessem. E, no fim, eles cresceram. Eram um pouquinho tortos, mas funcionavam direito e completaram meu rosto muito bem. Mesmo hoje, tantos anos depois, meu sorriso não é nada mau.

Às vezes os acidentes acabam bem, digo a mim mesma ao chegar em casa. Depois tiro o calendário da gaveta de bagunças da cozinha e tento calcular quantos dias tenho até que se complete uma revolução lunar, seguindo o conselho da Olga.

Por fim, sento e começo a escrever.

Prólogo

Shawna Carter não era feia. Só um pouco esquisita, como a maioria das meninas de catorze anos. Os peitinhos estavam crescendo, o rosto vinha mudando, o cabelo (ah, seu cabelo!) era crespo e não sabia bem como agir sob o delicado movimento de uma escova. As roupas eram normais: certamente distantes de descoladas, mas também longe de "atrair todas as gargalhadas da classe no primeiro dia do colégio".

Tudo que Shawna queria era passar despercebida. *Só passar sob o radar, como um jato furtivo*, ela disse a si mesma enquanto se vestia naquela manhã. *Seja simpática, seja amigável, fale quando falarem com você. Não tropece, não peide nem ria muito alto, e tudo vai ficar bem.*

Saiu do ônibus escolar e encarou a grande entrada da nova escola, Bronx Academy. Era uma construção aparentemente enorme, cor de amêndoa, com infinitas portas de entrada vermelhas. Longe iam os dias do fundamental, quando Shawna podia ser um peixe de tamanho médio em um lago de tamanho médio. Ali a brincadeira ficava séria. As turmas do último ano somavam mil e seiscentos alunos.

No corredor, crianças que pareciam homens e mulheres adultos se elevavam acima dela quando passavam zunindo a caminho da sala de aula ou da cantina ou dos armários. Para Shawna, este último representou o primeiro desafio do dia. O armário número B-704 provavelmente ficava no subsolo, o que a fez perambular pelo labirinto que incluía a sala de ginástica, a sala de descanso da equipe de limpeza, a cantina inteira e mais uma variedade de recantos aleatórios ao lado da sala de aconselhamento, onde alguns armários

enferrujados tinham sido deixados vazios. O colégio era grande demais, e Shawna teve medo de pedir um mapa ou informações de direção, então decidiu que ficaria melhor se carregasse seus pertences durante o dia todo, em vez de os guardar em algum local. Além disso, estava preocupada em não se atrasar para a primeira aula de biologia, que era na sala 4-337. Não sendo do tipo atlético, a ideia de subir cinco lances de escada até o quarto andar parecia equivalente a escalar o Everest.

Quando por fim chegou à sala, conseguiu encontrar uma carteira no fundo, onde ninguém prestaria muita atenção em seu corpinho arfante e suado nem ao modo como o cabelo, naturalmente cacheado, já tinha resolvido aviltar o penteado liso que ela tentara fazer com a chapinha mais cedo naquela manhã. Torceu para que o desodorante estivesse à altura de mascarar qualquer potencial cheiro ruim. Pouco antes de o sino tocar, um menino ocupou a carteira a seu lado. Tinha cabelos castanhos ondulados, usava roupas de marca e tênis Adidas que o faziam parecer um atleta.

– Ei, aqui é biologia, primeiro ano? – o menino perguntou para Shawna.

Fale quando falarem com você, ela lembrou.

– Hum-hum – ela disse.

– Ah, graças a Deus – ele respondeu.

Ele tirou o fichário da mochila Jansport e o pousou na carteira.

– Bom dia, turma – disse a senhora na frente da sala, sorrindo. – Meu nome é senhorita Kramer e serei sua professora de biologia este ano. – Seus cabelos pretos estavam perfeitamente arrumados, como se ela tivesse ido diretamente do salão para a escola. A aparência era jovem, mas aquele penteado parecia ter saído direto dos anos 1980; o estilo não era exatamente o da moda para 2005.

A classe permaneceu atenta, escutando, enquanto a senhorita Kramer escrevia na lousa seu nome e a tarefa.

– Como podem ver, gostaria que vocês usassem os cinco primeiros minutos da aula para formarem duplas com a pessoa sentada ao seu lado. – Shawna espiou de esguelha o menino bonito à direita e o flagrou olhando para ela também. – Reservem uns minutos para informar seu nome, sua comida favorita e três fatos interessantes a seu respeito. Depois, vamos circular pela sala e compartilhar esses dados uns com os outros. Certifiquem-se de ouvir com atenção, porque a pessoa com quem vocês formarem dupla será seu parceiro de laboratório durante o ano. – A senhorita Kramer estava exuberante, como se o primeiro dia de aula fosse realmente *divertido* para

ela.

Shawna se virou para o menino e ele falou:

– Quer começar?

– Tudo bem – ela disse. – Você vai primeiro.

– Beleza. – Ele fez uma pausa. – Bom, meu nome é Cameron Young, mas meus amigos me chamam de Cam. Hum, minha comida favorita é provavelmente o cheeseburguer de queijo do Bluebird Diner, na Grand Concourse. E três fatos interessantes. Hum... – Ele parou para refletir. – Bem, estou no time de futebol da escola, o que é bem legal, considerando que sou calouro.

Shawna sorriu em reconhecimento.

– Sou bastante bom em desenho, apesar de meu pai não querer que eu me concentre nisso – ele continuou.

– Isso é legal.

Cameron pensou no que mais poderia contar.

– Não sei. Meu nome do meio é Howard, o que não é tão bacana assim, mas é o nome do meio de todos os homens da minha família, então é isso. – Ele sorriu. – Sua vez.

Shawna tomou um grande fôlego.

– Okay. Meu nome é Shawna Carter.

Ela achou que Cameron talvez tivesse dado um sorrisinho malicioso, mas não teve certeza. *Não fale como uma pateta*, ela disse a si mesma.

– Gosto de ler e de escrever, e sei que isso soa bem sem graça – ela prosseguiu. *Você está estragando tudo*, ela pensou. – Quero ser médica, então durante o verão fui voluntária no Bronx Memorial Hospital.

– Isso é bem legal – ele disse, assentindo.

Graças a Deus, ela pensou.

– E, hum... – a voz sumiu. – Não sei o que mais.

– Qual o seu nome do meio?

– Cora. Por causa da minha avó.

– Ah, então espera. Seu nome todo é Shawna Cora Carter.

– É.

– Isso é inacreditável – Cameron respondeu, com o rosto iluminado.

– Por quê? – Shawna perguntou.

– Muito bem, turma! – a senhorita Kramer chamou. – Já deve ter dado tempo. Vamos começar pelo fundo. Isto vai testar se vocês são bons ouvintes – ela disse. – Quero que cada um apresente sua dupla e diga uma

coisa positiva que aprendeu sobre ela ou ele. – A senhorita Kramer apontou para Shawna e Cameron. – Vocês dois podem começar.

– Você quer ir primeiro? – ele perguntou.

– Você começa – ela disse.

– Bem, esta é minha dupla de laboratório, e a coisa mais legal sobre ela é o nome: Shawna Cora Carter!

– Ah, vá. Tipo Shawn Corey Carter! – disse um menino do lado oposto da sala. – Que doideira!

– Não é? – Cameron falou.

Shawna olhou para ele, confusa.

– É o nome do Jay-Z[13]. *Jay-Hova*. Sabe, o *rapper*? – ele disse.

Shawna assentiu.

– Claro – ela sorriu.

– Então, acho que minha dupla de laboratório é a versão feminina do Jay-Z!

A senhorita Kramer escreveu na lousa as iniciais do nome do músico.

– Jizz – ela disse. – Que nome estranho. Mas, enfim, *rappers*, certo? – E deu de ombros.

A classe toda explodiu em uma gargalhada.

E foi assim que ela ganhou o apelido.

---

[13] Jay-Z é o nome artístico de Shawn Corey Carter. (N.T.)

PARTE DOIS

Maio

Colin

Sinto saudade dela.

Hoje é terça e acabei de encerrar uma reunião com George Friere. A esposa dele, Lucy, faleceu na semana passada, e havia no testamento dela disposições feitas em consequência de disputas familiares de muitos anos atrás, quando ela ainda era casada com o primeiro marido.

Daisy pôs uma caixa extra de lenços de papel na mesa da sala de reuniões, antes que ele chegasse.

– Os homens sempre ficam em pior estado que as mulheres – ela me recorda.

Eu me preparo para a reunião com uma xícara extra de café por volta das onze horas, mas a verdade é que nada pode me preparar para ver um homem adulto chorar a perda de sua alma gêmea.

– Ela era minha força vital – ele soluça. – A Lucy me fazia rir todos os dias. Você sabe a importância disso, Colin? – ele me pergunta.

Assinto em resposta, pois o nó que se forma na minha garganta me impede temporariamente de falar.

Nas semanas que se seguiram à nossa série de mal-entendidos, passo muito tempo pensando e esperando. Por alguma razão, minha cabeça escorregou muitas vezes entre recordações da Elle e recordações da Gracie, e foi bem difícil desemaranhar as duas. Fiquei mais furioso com a Elle do que nunca; ela ter dormido com outra pessoa e me passado uma doença sexualmente transmissível parecia fichinha comparado ao fato de ter desistido da Gracie como cliente e sabotado a carreira de ambas.

Me dediquei ao trabalho, o que foi fácil, uma vez que grande parte do mês de abril foi gasta lidando com minha própria bagagem marital. Às quartas e aos domingos, em vez de ir ao campo de softbol, eu entrava no carro e dirigia para clarear as ideias. Punha o rádio no último volume e deixava meu instinto decidir para onde o carro iria.

Para surpresa de zero pessoa, eu muitas vezes acabava no Brooklyn. Passava pela saída que leva à casa da Gracie, no Belt Parkway, mas nunca saí da via expressa ali, porque sabia que, se saísse, não conseguiria me impedir de passar em frente à casa dela, e isso seria parecido demais com *stalkear*. Mesmo assim, era reconfortante simplesmente saber que eu estava perto dela.

Comecei a sair cedo do trabalho às quartas, pelo risco de meu pai aparecer no escritório. Ele implorou à Daisy que não abandonasse o time, e ela tem coração mole, então ficou. Aparentemente, ela e minha mãe têm saído juntas, agora que mamãe é membro permanente da escalação. Papai não está falando comigo no momento, a despeito das tentativas da minha mãe de o fazer ver que foi ele quem agiu mal. Garanti a ela que estou mais que feliz por ter um pouco de espaço, mas tenho praticamente certeza de que a Daisy lhe contou que estou tendo "problemas com uma garota". O que não chega a ser um problema, desde que ela não me pressione a revelar detalhes. Isso me poupa de precisar falar a respeito.

Porém, embora eu não *fale* sobre meus sentimentos, isso não significa que não os *tenha*. Só que ainda não entendi o que fazer com eles.

Tentei "superar" e, por sugestão do Dom, acabei me juntando a ele dois sábados atrás, quando saímos à noite para um lugar chamado O Mercado da Carne. Ele disse que era uma balada temporária que estava fazendo um sucesso arrasador no Meio-Oeste. Cruzamento de bar tradicional com açougue e lugar para churrasco, você vai, escolhe um pedaço de carne e eles assam para você, enquanto você bebe e circula entre outros solteiros. O Dom parecia uma criança em uma loja de doces. Eu, por outro lado, fiquei meio enojado com o cheiro de vaca morta pairando acima do meu Dark'n Stormy, coquetel de rum, refrigerante de gengibre e suco de limão, que escolhi por achar que jamais vou conseguir tomar uísque de novo. O Dom tentou me fazer conversar com uma dupla de mulheres atraentes vestidas de vaqueiras, mas, quando só consegui reagir às perguntas sedutoras delas com respostas monossilábicas, ele se conformou com o fato de ter um parceiro de farra em má forma e pediu uma mesa no fundo, onde devoramos o lombo ao ponto e ele se comportou, ainda que só momentaneamente, como um verdadeiro ser humano.

– Outra garota vai surgir – ele disse, entre garfadas de carne e batatas assadas com alho.

Assenti enquanto engolia. Formar palavras era difícil, mas com gestos simples eu conseguia lidar.

– Sabe, eu não sou um cuzão total.

– Eu sei.

– Eu já te contei sobre a Cheyenne?

– Foi a que tomou chá de sumiço?

– Hum-hum.

– Não contou muita coisa, não. Falou dela por alto, mas nunca em detalhes.

– Bem. Eu ainda tento não pensar nos detalhes, porque são osso duro de roer. Basta dizer que não ignoro o que seja sofrer por amor.

– E ajuda alguma coisa ser como você?

– O quê? – Ele riu. – Um galinha?

– É, tipo isso – respondi, não querendo ofender. – Você nunca quer simplesmente encontrar uma garota legal e sossegar o facho?

– Sinceramente? Claro que sim. O sonho é esse, certo?

Dou um gole na bebida e continuo ouvindo.

– O negócio é que não posso colocar minha vida em pausa, à espera disso. Sou um advogado bem-sucedido e tenho muita grana. Tenho tudo que uma mulher pode querer de um cara bacana, mas não faço ideia de onde encontrar o tipo de menina que eu consideraria pra casar. Bem que eu tentei uma vez. Foi pesado me importar tanto. No fim, não compensou. – Ele faz uma pausa para limpar a boca. – Mas isso não significa que eu pense que o amor não existe. Acho só que ainda não era meu momento.

– Então você nunca para e pensa que talvez uma dessas mulheres aleatórias com quem fica poderia ser a certa, e que você está desperdiçando sua chance ao ser leviano a respeito?

Ele balança a cabeça.

– Não. Acho que, se for alguém que valha a pena, vou sentir aqui dentro. E até agora não aconteceu, desde a Cheyenne. Então, vai saber, talvez eu ainda não esteja pronto.

– Talvez.

– Você acha que a Gracie era a certa?

Dei de ombros, sabendo que admitir a verdade, naquele momento em particular, poderia levar à perda total da minha autoestima. Nada é mais explicitamente sexy do que um homem adulto secando as lágrimas com um guardanapo de bar.

– Ela pode ter sido só um ponto de virada, sabe?

– Pode ser. Mas não me senti como se fosse isso.

– Bem, então deixe a coisa morrer por si mesma. Baixa a bola. Veja o que acontece. Nunca se sabe. Por um período, depois que a Cheyenne me deixou, eu pensei que ela fosse aparecer na minha porta um dia, ciente de ter cometido o maior erro da vida dela.

– Mas ela não apareceu.

– Exato. Foi quando eu soube que precisava seguir em frente.

– Por quanto tempo você esperou?

– Eu não diria que *esperei*, exatamente. Toquei a vida e fiz minhas coisas. Montei de novo no cavalo, por assim dizer. Um dia pensei nela e não doeu como doía antes. Daí eu soube que tinha superado.

– Então seu conselho é simplesmente não fazer nada?

– Não. Meu conselho é você fazer *por si mesmo*, cara. Essas meninas com quem a gente estava conversando eram *show*. Teria sido moleza você voltar para casa com uma delas. Tenho certeza de que ainda consegue. A loira não para de olhar para cá.

– Estou de boa – digo.

– Bem – Dom respondeu, dando a última garfada na comida. – Já que você não vai tentar, importa-se se eu arriscar?

– Fique à vontade.

– Belê. Mas você vai para casa. Estou sempre disponível pra te escutar, mas essa sua figura baixo-astral está totalmente cortando meu barato. É melhor você curtir um sofá básico por algumas semanas, até se sentir mais animado para – ele agita a mão no ar – tudo isto.

E com isso o Dom tomou um último gole da bebida, jogou uma nota de cinquenta dólares na mesa e me deu uma piscadinha.

– Eu vou ver quem quer dar uma volta no carrossel do Dommy.

Não pude evitar uma risada. Abri o aplicativo e pedi um carro que me levasse para casa. Quando fui embora, o Dom estava de olho em uma morena que dava gritinhos em alto volume em cima de um touro mecânico, e as sacudidas violentas ameaçavam expulsar seus seios do sutiã com armação. Mandei um tchau com a mão antes de sair do bar, mas ele não notou.

Desde então venho passando bastante tempo desfrutando do meu La-Z-Boy. Por sorte, em maio ainda ocorrem muitos lançamentos, então há bons programas para se ver na televisão.

O tempo também está melhorando, então tenho me esforçado para fazer caminhadas durante o dia. Andar me ajuda a clarear as ideias, especialmente em dias como hoje, em que George Friere está prestes a despedaçar meu coração com seus lamentos pela perda da esposa e como ela o fazia dar risada.

O sol brilha lá fora, então informo Daisy de que vou sair para almoçar. Desço até o East River, pego uma comida para viagem no Nuevo Vallarta Grill e rumo de volta para o escritório. Uma boa dose de vitamina D e um burrito ao estilo de Cali me fazem bem.

Chego ao escritório e troco os tênis pelos sapatos de trabalho. Deslizo o indicador pelo *touchpad* do *laptop* para tirá-lo da soneca e percebo que recebi um email.

Puta merda.

É da Gracie.

PARA: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)

DE: Grace Landing (gracie222@mail.com)
ASSUNTO: Ajuda
ANEXO: AtraidosPeloCaos.docx

Caro Colin,

Sei que faz algum tempo desde que falamos. Espero que esteja bem.

Queria contar que lamento muito por tudo que correu mal no mês passado. Sou bem conhecida por cometer erros. (Na verdade, é uma das minhas especialidades.) Mas também sou muito boa em pedir desculpas.

Assim, estou anexando para seus comentários um novo original, para o qual preciso da sua ajuda. Venho trabalhando incessantemente e está quase concluído. Se você estiver aberto às minhas desculpas, por favor, leia o anexo. Se não, bem, quem sabe você lê apenas as primeiras páginas e com sorte mudará de opinião.

Em qualquer dos casos, espero ter notícias suas em breve.

Bj., bj.,

Gracie.

Gracie

É impressionante como você consegue escrever rápido quando a história está viva dentro da sua cabeça. Na verdade eu nunca coloquei quase oitenta e cinco mil palavras no papel tão depressa em toda a minha vida.

Hoje marca uma revolução completa da lua. Recebi uma ligação da senhora A esta manhã para me lembrar.

– A Olga mandou mensagem para lembrar que a lua fez círculo total hoje – ela me disse.

– A senhora não vai acreditar, mas eu marquei no meu calendário – falei em resposta.

– Claro, minha pequena *khomyak*. Você lembra porque esse homem é futuro marido para você.

– Oi? – Eu ri. – Eu não iria tão longe. O Colin e eu não duramos nem duas semanas. E o que é *khomyak*?

– Não sei como fala em inglês. Como bichinho de estimação para gaiola. Ratinho peludo com bochechas gordas.

– Um hamster?

– Sim! Isso mesmo. Minha nenê hamster. Você guarda amor nas bochechas para o inverno como o hamster peludo guarda comida. Esse rapaz é casar com você.

– Nem telefonar ele me telefona mais.

– Não é meu palpite, Gracie. A Olga falou. Olga estuda para mística, então sabe o que vem em seguida na história.

– Bem, se isso acabar sendo verdade, vou deixar que a senhora faça todo o planejamento da cerimônia. – Ri outra vez.

– Iupiii! – Ela bateu palmas e encerrei a chamada antes que ela começasse a planejar o nascimento dos meus catorze filhos gorduchos, que cresceriam tomando leite de cabra, porque esse é o preferido dela.

Bem, eu não acredito de verdade verdadeira em misticismo, mas quer saber? O universo até que não foi tão mau comigo nas últimas semanas, desde a derrocada da Lindsay. Então suponho que não há de fazer mal aceitar o conselho de uma bem-intencionada xamã-em-treinamento. Além do mais, tenho sentido saudade do Colin de modo bastante feroz, e acho que a ausência dele tornou mais fácil, para mim, produzir essas páginas tão rápido. Só espero que meu plano de voltar com ele

funcione.

Enquanto isso, Gracie 5.0 vem se mantendo ocupada, e não só com a escrita. Comecei no meu emprego na Starbucks três semanas atrás. (Minha mãe não está propriamente exultante, pois acha que todos os funcionários da rede são burros, porque um barista errou o nome dela no copo *uma vez*. Ela nunca voltou a uma unidade desde o "incidente". Comentário paralelo: também não é como se *Emina* fosse o nome mais fácil do mundo.) A gerente, Bess, é uma mulher mais ou menos da minha idade e tem sido acolhedora e gentil. Os benefícios são incríveis, e as regalias (que incluem uma bebida grátis por dia, esteja você trabalhando ou não, e uma refeição grátis por turno) são ainda melhores. Passei as duas primeiras semanas em treinamento, aprendendo sobre todos os variados ingredientes que vão em cada bebida, e agora ela me pôs no turno regular da noite, de segunda a sexta, e isso é incrível, porque ainda tenho os dias inteiros livres para escrever. O turno da noite também é conveniente para mim porque não sou tão experiente quanto os outros baristas, e à noite o movimento diminui, então a loja fica mais tranquila. Eu só errei duas bebidas até agora, e meu primeiro salário foi superior ao último pagamento de direitos autorais; então as coisas parecem positivas no departamento financeiro.

Eu achava que a Starbucks era um lugar hipersupermegametido, mas isso provavelmente era só porque eu não tinha dinheiro para ir com frequência. O que eu mais amo lá são as pessoas. A maioria ainda estuda, e, minha gente, os dramas que elas trazem. É tão interessante ouvir quando contam histórias sobre quem está saindo com quem, quem levou um fora, quem está consumindo drogas e por aí vai. Os clientes são igualmente fascinantes: tantos se sentam sozinhos e despejam seus segredos via *bluetooth* para a loja inteira ouvir, e nem percebem que estamos ouvindo! Ou não se importam, talvez. Na verdade, ontem mesmo escutei uma mulher ter uma conversa profunda sobre suas ideias quanto a dar à filha a vacina contra HPV. Estava tudo indo bem, até que ela *anunciou* no microfone do *bluetooth* que a vacina é importante porque "verrugas genitais são as piores. E, pode acreditar, eu *sei* do que estou falando". Ela ainda continuou com: "O quê? Ora, *todos* nós pegamos na época de colégio!".

Pegamos mesmo?, pensei, rindo sozinha.

Trabalhar na Starbucks também melhorou minha saúde, ou pelo menos é isso o que digo a mim mesma. Pela manhã, acordo cedo e bem-disposta e ando até a Emmons para pegar um *vanilla latte* com leite desnatado. É de graça e me força a sair da cama, tomar banho e começar o dia. Também me dá os benefícios extras de fazer atividade física diariamente e receber uma boa dose de sol matinal.

Fato: não acho que seja um emprego para sempre, mas certamente é um emprego

bom o bastante para o momento. E a Bess é legal – ela mora no meu quarteirão, dois prédios para baixo. Ela não tem *pet* nem marido, mas o namorado é baterista em uma banda e ela gosta de ir vê-lo tocar nos fins de semana. Até me convidou no último, mas recusei porque estava determinada a terminar o livro quando a lua concluísse sua órbita mensal. Mas, se me convidar de novo, sem dúvida irei. Seria bacana ter no bairro uma amiga com menos de sessenta anos e que fale inglês com fluência. Parei por um tempo de sair com Melly, Alisha e Tori, mas não de um jeito ruim. Mais no estilo *estou aqui se precisarem de mim, mas a gente deveria dar um tempo nas bebedeiras por algumas semanas*. Por enquanto elas vêm apoiando a ideia. Além disso a gente conversa no grupo pelo menos uma vez por semana, e a mãe da Melly contou tudo sobre as previsões da Olga (que ela, óbvio, compartilhou no grupo), então estão me deixando livre para ir adiante com minhas bobagens supersticiosas no momento.

Se não fosse pela situação com o Colin, eu diria que as coisas andam quase perfeitas ultimamente. Fora o salário que entra com regularidade, o universo também me regalou há exatamente uma semana com o melhor presente que eu poderia desejar. Eu estava em casa, fazendo uma breve pausa na escrita, por volta das duas da tarde, quando meu telefone tocou. Agora que melhorei quanto a deslizar e digitar no celular novo, consegui atender na primeira tentativa. Não reconheci o número, mas respondi assim mesmo.

– Alô?

– Chuchu! – escutei.

– Evan! A que devo a honra? E que número é esse? De onde você está ligando?

– Você está sentada? Porque eu tenho todas… as… notícias – ele disse.

Eu amo o Evan. Ele é uma dessas pessoas que estão sempre sorrindo, e dá para ouvir o sorriso dele pelo telefone, mesmo quando você não está vendo. Eu gostaria de ser desse jeito.

– Desembucha! Estou pronta – falei.

– Bem, em primeiro lugar, você precisa anotar este número, porque é o telefone do meu novo escritório!

– Novo escritório? Como assim?

– Você está falando com o mais novo agente associado da Agência Literária Table of Contents!

– Ah, vá! Evan, que incrível! Eu nem sabia que você estava *tentando* sair da Vision Board!

– Eu sei! É que eu amo segredos. – Ele ri. – Na real, porém, aquele lugar era tóxico como o inferno. Eu não podia continuar ali por muito tempo. Não ia pegar

bem para mim.

– Caramba, estou *tão* orgulhosa de você! E a Table of Contents é demais! Eles têm gente muito talentosa!

– Nem me fale. Eu estou planejando ser a próxima estrela do mercado editorial de Nova York!

– Tenho certeza de que você vai conseguir bem rapidinho. – Sorrio.

– Não, amoreco, acho que você não está entendendo. Eu andei fazendo umas pesquisas.

– Oh?

– *Sim*. Segurem-se nas cadeiras, senhoras e senhores. Porque acabei de falar com Danielle Oliver. Ela é a editora com quem a Lindsay estava conversando, na Cabaret, sobre o *Bandido imprudente*.

– Ah, duvido – falei, meu coração batendo na garganta.

– Ela estava se perguntando o que teria acontecido com a Lindsay; falou que ligou e deixou recados, mas que ninguém nunca deu retorno, então ela concluiu que a negociação estava suspensa. Ficou puta também. Aparentemente, ela precisou lutar muito para conseguir chegar àqueles grandes números do seu contrato.

Mordi a unha do indicador, sugando cada palavra, ao mesmo tempo que minha pressão arterial ameaçava a longevidade do meu novo e saudável estilo de vida com um infarto em potencial.

– Informei a ela que, devido a circunstâncias imprevistas, a Lindsay não estava mais com a Vision Board, e que Karlie London não era mais representada por ela. Contei que você era agora cliente do mais novo agente da Table of Contents e que eu ficaria mais que feliz em rever o acordo com ela.

– Evan! – eu gritei. – Para com isso. O que ela falou?

– Que está me mandando a papelada agora mesmo.

– Para de mentir – berrei. Pulei e pulei, com a adrenalina no meu corpo produzindo movimentos involuntários que, em outro contexto, seriam impossíveis.

– Isso, claro, supondo que você gostaria de ter um humilde caipira como eu representando o refinado trabalho de uma certa Karlie London – ele disse.

– Evan, você está de brincadeira comigo? Isso é um sonho se realizando! Sim! Quer dizer, *óbvio*! Eu *amaria* ter você como meu agente!

– Muito bem, então, chuchu. Acredito que isto seja o começo de uma bela amizade. Mas tem uma coisa. Eu não forcei uma negociação por dois títulos. Imaginei que você ainda estaria sofrendo depois de tudo que aconteceu com Lindsay e Colin. E também, apesar de ter amado seu original, não quis arrastar nenhum drama da Vision Board aqui para a Table of Contents. Por fim, não sei se você

pensou nisso, em retrospecto, mas… aquilo parecia um processo esperando para acontecer. – Evan ri. – Espero que você não esteja brava.

– Brava? Nem consigo te agradecer o suficiente! Não acredito que não me contou.

– Vou te mandar o contrato de agenciamento.

– Você é *inacreditável*, sabia disso?

– Não é pra tanto, *babe*. Vou providenciar para que minha equipe entre em contato com a sua. – Ele riu de novo.

– Sim, Evan. Faça isso.

– Ah, meu Deus! Por falar em *Babe*, a gente acabou mesmo adotando o porquinho.

– Sério?

– Pois é. E posso ser o primeiro a te contar? Porcos são *vida*.

– Você tem um coração de ouro. Qual o nome do bacorinho?

– Wilbur – ele anunciou, como um pai orgulhoso.

– Como no livro *A menina e o porquinho*. Adorei, Ev. Então, suponho que você tenha desembarcado do trem do bacon, certo?

– Na verdade estou pensando em me tornar vegano.

Sorri.

– Tantas mudanças boas.

– Vou organizar de nos encontrarmos em breve. Mas, por enquanto, fique atenta à sua caixa de mensagens; vou mandar meu contrato. A gente se fala, amoreco! Até!

Desliguei com um sorriso nos lábios e lágrimas nos olhos. O *Bandido imprudente* tinha um lar na Cabaret Books e eu teria uma boa quantia para guardar para qualquer coisa que eu decidisse que meu novo capítulo seria.

E tudo no intervalo de um ciclo completo da revolução lunar ao redor da Terra.

E também aconteceu outra coisa.

Você conhece o ditado "O carma é inevitável"? Claro que sim. Você não vive em outro planeta.

Bem, eu estava cuidando da minha vida, terminando o turno na Starbucks na última sexta à noite. Não tinha planos além de ir para a cama cedo, porque estava chegando a um ponto crítico do livro novo e queria preservar o ânimo para a sessão de escrita no sábado de manhã, como havia planejado. Assim, limpei minha estação de trabalho, fui para os fundos e recolhi minhas coisas, dei tchau para a equipe que fecha a loja e fui para casa. Estava viajando sobre o que poderia fazer com meus quinhentos mil dólares além de quitar o apartamento. Pensei em talvez comprar uma pequena casa de veraneio em algum lugar perto da água, quem sabe em Breezy Point, Neposit ou Belle Harbor, algum lugar na península de Rockaways, onde

ainda estaria perto o bastante da cidade para sair com as minhas amigas. Pensei em tirar carteira de habilitação e comprar um carro. *Eu ia ficar incrível dentro de um Honda Civic*. Poderia fazer compras na Stop & Shop na 116th Street e levar uma vidinha fácil e tranquila. Só eu e Dorian Gray. E talvez Colin, se ele me aceitasse.

Abri a porta do prédio, parei nas caixas de correio para pegar a correspondência e estava folheando as contas no elevador. Quando cheguei ao segundo andar, ouvi alguém soluçar. Não estava apenas chorando, mas *soluçando* alto. Virei para pegar o corredor e fiquei completamente chocada (não apenas surpresa, mas absolutamente *em choque*) ao ver Scott completamente amarrotado, sentado no chão ao lado da minha porta. A cabeça apoiada nos joelhos e os braços ao redor das pernas, vestindo jeans. Quando me aproximei, senti o álcool que emanava de seus poros.

– Minha nossa. Scott?

Ele olhou para cima. Os olhos, vermelhos, estavam inchados e contornados por círculos escuros.

– O que está fazendo aqui? – perguntei.

– Desculpa, Gracie. – Ele fungou.

– Como você entrou?

– Eu ainda tinha a chave do prédio. Você só pegou de volta a chave do apartamento.

Mas que espertinho, pensei.

– O que você quer?

– A gente pode entrar e conversar, por favor?

Refleti a respeito. Convidar o Scott para minha casa era mais ou menos a última coisa que eu queria fazer, mas, dadas as circunstâncias e os vizinhos enxeridos, pensei que isso faria mais sentido do que ter a velha senhora Jansen, do fim do corredor, abrindo uma reclamação contra mim. De má vontade eu o ajudei a se levantar, para que eu pudesse ter acesso à minha porta.

– Eca. Você está fedendo como o diabo – falei. *Não faz sentido pegar leve agora.*

– Desculpa – ele falou de novo.

Abri a porta e ele tombou para dentro como um saco de lixo empurrado pela calha de um incinerador. No sofá, Dorian Gray abriu um olho, mas de resto permaneceu impassível. Sorte dele, aliás, porque, juro por Deus, se ele tivesse levantado e levado aquela bundinha até o Scott, teria sido a última vez que receberia ração nesta casa.

– Aqui é tão bonito – Scott balbuciou.

– Tá. Não vamos nem começar. Senta.

Ele foi na direção do quarto.

– Não, Scott. Aqui. Na mesa da cozinha. Vou te trazer um copo de água e minha

hospitalidade termina por aí. – Abri a torneira. Nem ofereci água mineral. *Ahá!*, pensei. *Até o Dorian Gray ganha água mineral.* Pus o copo na mesa na frente dele e peguei a lixeira, apenas para que estivesse ao alcance em caso de emergência. Depois sentei na frente dele.

– O que está fazendo aqui? – perguntei pela segunda vez.

Ele arrotou. *Não é um bom sinal*, pensei.

– Por que não está em casa com a Ilana e o nenê?

– Argh – ele gemeu alto.

– Qual o problema, Scott? A paternidade não é tão divertida quanto dizem? – perguntei com meu tom de voz mais cínico.

– Faz uma eternidade que não consigo dormir.

– É, eu já ouvi dizer que isso acontece quando se tem um recém-nascido. Mesmo assim, é a porra de um milagre, não é? "*Hashtag* melhordiadetodos", não era?

– Não é *meu* – ele disse, arrastando a palavra "meu" como se fosse parte de uma música.

– Do que você está falando?

– O bebê. Liliana. Ela nem é *minha*.

– O quê? – perguntei, estupefata.

Ele deu um gole na água.

– Eu meio que tinha esse *feeling*, sabe? Ela nasceu toda enrugada e pequena, e na verdade não dá pra distinguir um bebê do outro, porque eles parecem todos iguais.

Balancei a cabeça, constrangida por pais recentes do mundo todo que realmente levam a sério suas responsabilidades de adultos.

– Mas daí ela cresceu um pouco e, tipo, em poucas semanas, eu meio que percebi uma coisa.

– Percebeu o quê, Scott?

Ele baixou a cabeça, humilhado.

– Vai, você já veio até aqui mesmo. Desembucha.

– Bem, ela nasceu com a cabeça cheia de um cabelo grosso, preto. Daí, depois de um mês mais ou menos, caiu tudo. E nasceu cabelo laranja brilhante no lugar.

– Isso é normal?

Ele baixou a cabeça ainda mais.

– É. O pediatra falou que cabelo de criança cai e cresce de novo com muita frequência. Mas, tipo, ninguém na minha família é *ruivo*.

– E pelo lado da Ilana? – perguntei, a pura felicidade inchando em meu peito.

Ele balançou a cabeça.

– Nenhum irlandês?

– Não.

Scott pegou o telefone e me mostrou uma foto da menina. Criança fofa, com cachinhos alaranjados que pareciam uma coroa de fogo (bem adequado para um filhote de Satã), mas, biologicamente, tinha zero semelhança com o Scott. E, a propósito, com a Ilana também.

– Oh – falei. Não pude evitar uma risada. Esse momento não teria sido mais lindamente orquestrado se planejado pelo cosmos.

– Então fui até a farmácia e comprei um desses testes domésticos de paternidade.

– Eu nem sabia que isso existia.

– Bem, então, existe. E não foi difícil; basta raspar o interior da bochecha com um bastão de algodão. Tipo um cotonete. Um para a criança, outro para o pai. Tem de fazer algumas vezes – ele contou.

– Hum-hum. E daí?

Ele girou as mãos no ar.

– E daí você manda para o laboratório e eles mandam um email com o resultado.

– Parece sério.

Ele funga alto. Sou auditivamente atacada pelo muco que sobe pelo nariz do Scott.

– Você tem um lenço?

Ele é tão fino. Que pena a relação não ter funcionado.

Entrego um guardanapo. Enquanto estava de pé, peguei também uma fatia de pão integral do filão embrulhado sobre o aparador e entreguei junto.

– O que é isso?

– Pão. Uma pessoa sábia uma vez me disse para nunca beber sem comer junto.

Ele me olha, aturdido.

Morde. Enquanto mastiga, o lábio inferior vibra como uma nuvem de tempestade ameaçando reabrir os portões do dilúvio.

– Recomponha-se. Tenho certeza de que existe uma explicação.

– Ah, tem explicação, sim, se tem. A Ilana estava dormindo com vários caras quando começou a trabalhar com planejamento de eventos. Qualquer um que desse na telha, aparentemente.

– Portanto, quem é o pai?

– Não sei, mas com toda a certeza não sou eu! Então, agora, eu perco o sono toda noite por causa dessa menina que nem é minha e fica chorando e gritando e me mantendo acordado até altas horas. É uma porra de um pesadelo, Gracie.

Me encolho ao ouvi-lo dizer meu nome daquele jeito.

– Mas você ainda não respondeu à minha pergunta. Por que está aqui?

Ele olha para o sapato e observa os cadarços. Depois olha para mim, grogue e idiota, como um babaca de escola que fumou unzinho a mais.

– Você precisa me aceitar de volta – ele diz.

– Hahá! – Rio alto. – Você enlouqueceu? – A ideia era tão ridícula que me senti zonza só de ouvir. Não pude deixar de me alegrar com o fato de que, de repente, minha jornada de vinte e quatro horas semanais na Starbucks e meus minguados pagamentos de direitos autorais me faziam parecer bem ajustada. Para não falar do contrato de meio milhão de dólares pelo novo livro. Enfim. Nada tanto assim, certo?

– Falando sério, Gracie. O que a gente tinha era especial. – Ele arrota, exalando no meu espaço aéreo o cheiro de cerveja velha e *nachos* regurgitados.

– Não, Scott. Era tudo, *menos* especial.

– Como você pode dizer isso? – ele perguntou, tombando com força a cabeça na mesa. – A gente junto era pura magia.

Se fosse magia, eu te faria desaparecer, pensei. Depois me lembrei de uma frase da senhora A: *É mais fácil pegar abelhas com mel do que com merda.*

Abri o Uber no celular.

– Qual é mesmo seu endereço?

– O quê? Por quê?

– Pra eu poder ir te visitar, meu bem. Senti tanta saudade – falei, tentando fazer uma cara convincente. – Sei que posso ter parecido meio malvadinha, mas eu estava meio que com os sentimentos feridos, sabe?

Ele me lançou um olhar confuso, depois concluiu que eu estava falando sério.

– 2489 Holmdel Road – ele informou. – E eu *disse* que sentia muito.

– Certo. Claro que disse. E eu te perdoo. Isso é em Merrick, certo?

– É. Perto da estação de trem. Eu posso ir te buscar.

Por dentro eu estava morrendo só de pensar em algum dia visitar esse idiota na casa dele, com a esposa e a *enteada* dourada. Mas assenti e digitei o endereço no aplicativo. Um motorista disponível estava a apenas seis minutos de distância. Eu só precisava levantar a bunda mole do Scott da mesa e levar até a rua. Valia cada centavo da corrida de sessenta dólares ejetar o cara da minha casa e, obviamente, incluir *esta* história no meu original.

– Você devia *mesmo* fazer isso qualquer hora dessas. Sabe, eu na verdade penso em você o tempo todo.

– Pensa?

Concordo com a cabeça.

– Você tem razão. A gente junto era pura magia.

– A gente devia voltar. Eu podia me mudar de volta para cá – ele falou, mas soou como "eupudimemudadifoltpracá".

– Seria maravilhoso – respondi. – Mas, por enquanto, eu adoraria que a gente pudesse sair pra passear. Você desceria para dar uma volta comigo?

– Uma volta?

– É. Quero que você durma aqui, mas acho que antes você deveria ficar um pouco mais sóbrio, não concorda?

– Acho que sim – ele concordou, relutante.

– Está com a chave? Pra podermos entrar de volta? Vou deixar o apartamento destrancado. – Até parece que eu faria uma coisa dessas no Brooklyn.

– Hum-hum – ele confirma, balançando a chave acima da cabeça.

Delicadamente, tiro da mão dele.

– Ótimo. Só preciso usar o banheiro rapidinho. Dois segundos. – Corro para o banheiro, fecho e tranco a porta, daí encontro a chave do meu prédio, tiro da argola e enfio no bolso. – Tudo pronto! – anuncio, dando descarga.

Ele se levanta, cambaleando, e segue aos tropeços para a porta, pondo a mão suada e pegajosa na minha.

– Estou tão contente que a gente se acertou, Gracie. Você sempre foi minha número um.

E você sempre foi meu número dois, pensei, rindo por dentro do absurdo da minha própria piada boba.

Arrastei-o para o elevador e praticamente o carreguei para fora quando chegamos ao térreo. Abri a porta do prédio e uma lufada de ar frio e úmido nos atingiu. A mudança brusca de temperatura deve ter afetado o cara, porque ele correu ao arbusto mais próximo e vomitou.

Bem nessa hora o Uber chegou. Blade Z., um sujeito grande e tatuado, com um dente de ouro, vinha dirigindo um Dodge Ram preto barulhento, modificado, com película sem dúvida mais escura que o permitido, e acenei para ele, sorrindo. *Tomara que o Scott já tenha esvaziado tudo ali atrás.*

Levei-o até o carro e abri a porta de trás.

– Pensei que a gente ia dar um passeio a pé – ele disse, genuinamente confuso.

– Chamei um amigo para nos levar de carro, em vez disso.

– Ah, é? Aonde a gente está indo?

– Para casa – falei e sorri. Scott apoiou a cabeça no encosto e fechou os olhos. Fechei a porta e acrescentei uma gorjeta de cinquenta dólares para o Blade Z. antes de voltar para dentro. Ri pelo caminho todo até meu apartamento.

Faz uma semana que o despachei e ainda dou risada só de lembrar. Vingança é um

dos melhores sentimentos do mundo.

Agora estou parada, à espera. Escrevi tudo o que tinha para escrever. *Atraídos pelo caos* está praticamente completo, com exceção de uma coisa.

Passei boa parte da tarde torcendo pela chegada de um email do Colin. Toda vez que ouço o telefone tocar, quase bato a cabeça no teto. Às quatro da tarde começo a me preparar para ir trabalhar. Saio às quatro e meia para entrar às cinco, apesar de ser uma caminhada de apenas dez minutos. Ando deliberadamente devagar, aproveitando o tempo bom. Passarinhos cantam. Um barco de pesca retorna após um dia no mar. As folhinhas das árvores brotaram, verde-claras, e oscilam de leve na brisa suave. O ar está repleto de esperança.

A loja está bem movimentada para um fim de tarde de terça-feira. Recebo um grupo de meninas, provavelmente estudantes no fim do fundamental, que ocupa as cadeiras de veludo do canto e debate com ferocidade seus interesses amorosos. Elas dominam cerca de noventa minutos do meu turno de cinco horas. Um corredor pede um chá gelado descafeinado; umas crianças que conhecem a Sabrina entram só para dizer oi para ela. Um passeador de cachorros pede um café gelado. Duas mulheres chegam bem depois do pôr do sol e pegam os dois últimos sanduíches, um *cookie* e algumas garrafinhas de água. Sentam perto da janela e conversam de um jeito curioso, aos cochichos.

No fim do meu turno, devoro uma barra de proteína e, a caminho de casa, percebo que continuo faminta, então paro na pizzaria.

– O especial de massas acaba às nove, Gracie, mas te consigo um pouco, se foi por ele que você veio aqui – diz um italiano sorridente quando me aproximo do balcão.

– Obrigada, Sal. Só quero uma fatia para viagem.

– Tradicional ou siciliana, *bellissima*?

Sorrio.

– Tradicional, por favor.

– Por conta da casa, Gracie – ele responde, ao me entregar uma sacola de papel branco estufada. Dentro, minha fatia de pizza está sobre um prato fino de papelão.

– Tem certeza?

– Fecho daqui a pouco. A comida não vendida é embalada para a caridade. Então, sim, mocinha. É para você ou para a igreja.

– Obrigada. Valeu mesmo.

– Sempre ao seu dispor, querida. Chegue bem em casa.

Rumo para meu prédio e subo ao apartamento, com a fatia de pizza apoiada na mão. Ponho na mesa da cozinha e dou oi para Dorian Gray, que não se dá ao trabalho nem de abrir os olhos.

Pouso a bolsa no aparador e abro a geladeira em busca de uma lata de água mineral de lima.

E é nesse momento que escuto o *ping*.

Pego o celular na bolsa e deslizo para a direita, digito o código e abro o email. Meu coração palpita quando vejo o nome dele. Sinto medo de abrir, mas ao mesmo tempo sei que, se esperar um segundo só a mais que seja, vou explodir.

PARA: Grace Landing (gracie222@mail.com)
DE: Colin Yarmouth (cyarmouth@yarmouthaycockpc.com)
RE: Ajuda
ANEXO: AtraidosPeloCaos.docx

Gracie,
Venha aqui para fora, por favor.
C.

Na segunda série tivemos uma professora realmente perversa chamada senhora Glugman. Ela era o tipo de pessoa horrorosa do qual você nunca se esquece. Uma vez ela atirou longe a carteira de um menino porque encontrou um sanduíche velho nela. Adorava gritar e, apesar de ser pequena e de aparência frágil, tinha uma voz poderosa e um olhar louco e sabia como aterrorizar as crianças para que lhe obedecessem.

Eu era conhecida por ficar na minha e não incomodar ninguém. Seguia as regras, não conversava durante a aula, brincava com as poucas amiguinhas que tinha. Na hora do recreio, a gente pulava corda ou, se o tempo estivesse bom, eu levava de casa um livro da Judy Blume ou da Beverly Cleary e ficava lendo em um banco junto a uma árvore no pátio.

Em um dia especialmente bonito de outubro, eu estava lendo meu velho e desgastado exemplar de *Ramona the Pest* e comendo Kisses da Hershey's. Sabe como você às vezes lê um livro e mergulha tão fundo que perde totalmente a noção do que está fazendo? Então, isso acontece comigo desde que eu era bem nova. Enquanto estava comendo os bombons, fui amassando o alumínio da embalagem e, distraída, jogando no chão.

A senhora Glugman saiu para o pátio para nos chamar ao fim do recreio e imediatamente berrou comigo da porta.

– Grace Landing! – gritou.

Eu me endireitei, sentindo um aperto no estômago. Senti que ia vomitar.

– O que você fez?

Olhei ao redor. *O que eu fiz?*, me perguntei.

– Eu, hum, não sei.

– Você acha que toda esta área é sua lata de lixo particular? Você largou papel de doce *por toda parte* – ela me repreendeu.

– Desculpa – falei, com os olhos já marejando.

– Não se *desculpe*! Levante-se! Imediatamente! Levante-se e recolha tudo!

Assim, eu me pus de pé, mais assustada do que jamais tinha estado em minha curta vida.

E fiz xixi na calça.

Tenho exatamente a mesma sensação agora. Este é meu momento de tudo ou nada. Meu cérebro racional me diz que o Colin não estaria aqui se fosse para brigar comigo. Ele não viria até aqui para dizer que eu podia enfiar meu pedido de desculpas no rabo. Não é? Quer dizer, isso seria uma desgraceira absoluta.

Mas meu cérebro emocional me recorda que sou uma bêbada desleixada e desprezível e que as coisas que saíram da minha boca na noite em que terminei com ele eram simplesmente imperdoáveis.

Daí meu cérebro racional me leva ao banheiro para fazer xixi, sabe como é, só por precaução. E, enquanto estou fazendo xixi, meu cérebro emocional me faz começar a respirar com dificuldade, como se fosse ter um ataque de pânico.

Não!, meu cérebro racional insiste. *Apenas desça e veja por que ele está aqui!*

Portanto, desço. Lavo as mãos, seco no jeans, pego a chave e uso a escada pela primeira vez na vida.

Vejo-o do saguão, parado ali de jeans e camiseta, segurando uma sacola de compras de papel pardo. O carro está atrás, parado em fila dupla, e ele está olhando o celular.

Fico imediatamente atordoada pela visão dele. Colin é tão lindo, com aqueles olhos pensativos e o cabelo perfeito, os antebraços fortes, as mãos delicadas. É quase como se eu tivesse me induzido a esquecer todas as coisas que o tornam tão… ele mesmo.

Abro a porta e ele olha para mim.

Saio do prédio. Estamos frente a frente, a menos de dois metros de distância.

– Oi – digo.

– Ei – ele sorri.

– Você está aqui.

– Estou.

– Como?

– Porque li o que você escreveu.

Um sorriso involuntário se forma em meus lábios.

– Você gostou?

– Gostei. Mas…

– Mas o quê?

Ele pigarreia.

– Você não concluiu.

– Ah. É, então, eu sei.

– Por que não? – pergunta.

Não sei se devo contar a verdade.

– O que tem na sacola? – pergunto, em vez de responder.

– *Gyros*. Fritas. Umas porções.

– *Baklava*?

– É claro.

Estou sorrindo agora. Não consigo evitar.

– Você não me respondeu.

– Desculpe. O quê?

– Por que você não concluiu a história? – ele pergunta de novo.

– Ah. Porque não pude.

– Não pôde?

Balanço a cabeça.

– Por quê?

– Porque precisava da sua ajuda.

– Com o quê?

Meu estômago se contorce.

– Precisava que você me contasse como a história acaba.

Ele assente e dá uns passos na minha direção.

– Entendo.

– Eu não quis escrever uma coisa e estar enganada – digo. – Seria como provocar o destino, sabe? Tipo, se eu puser no papel, posso atrair o azar.

– Eu não sabia que você era tão supersticiosa.

– Eu não sou, na verdade.

– A parte mística é verdade?

Dou risada.

– É, foi real – admito.

– Então eu diria que você é bem supersticiosa.

Dou de ombros.

– Talvez.

Ele me encara.

– Espera – digo. – Você leu o material todo em um dia?

– Li.

– Uau.

– Foi o melhor pedido de desculpas que já recebi.

Dou risada.

– Obrigada.

– E o mais longo.

Rio de novo.

– Então, pois é, não sou muito boa em resumos.

Estamos perto o bastante agora para que eu consiga sentir o vapor dos *gyros* subindo da sacola de papel direto para meu nariz. O aroma aniquila qualquer plano que eu pudesse ter de comer aquele humilde pedaço doado de pizza-destinada-à-caridade que se encontra à minha espera no aparador da cozinha. Os *gyros* têm um perfume divino.

– Estou falando sério, Gracie. Obrigado.

– Pelo quê?

– Por tudo. Quer dizer, você me proporcionou os dez melhores dias da minha vida, e, quando eles chegaram ao fim, eu não soube o que fazer de mim mesmo. Conhece o ditado "Quando a esmola é demais, o santo desconfia"?

– Conheço.

– Bem, foi nessa categoria que coloquei aqueles dez dias quando terminaram. Não quis entrar em contato porque você se expressou com muita clareza na última ligação.

– Você sabia que eu estava bêbada?

– Na hora, não – ele disse. – Agora, sim, claro, depois de ler isto. – Ele levanta o telefone.

– Sinto muito, Colin.

Ele balança a cabeça.

– *Eu* é que sinto muito. Eu destruí sua carreira!

– Não! Na verdade não destruiu!

– Não?

– Não. Você não leu o último capítulo.

– Por que você não mandou?

– Eu já te *falei*. Porque eu não sabia como que…

Colin pousa a sacola no chão, põe as duas mãos no meu rosto e me puxa para si. Seus lábios encontram os meus, e fico com os joelhos bambos. Levanto as mãos e o

envolvo pela cintura, saboreando a sensação de tocar seus braços, a sensação da língua dele na minha boca. Me dissolvo lá mesmo, no meio da rua, mergulhada em um momento de bem-aventurança inexplicável.

Por fim, ele se afasta.

– Termina? – ele pergunta.

– Hum-hum – assinto. É só o que consigo. Estou zonza.

– Mas aí é que está, Gracie. – Ele me olha fundo nos olhos. – Eu torço para que não termine nunca.

Agradecimentos

Toda história tem um começo, um meio e um fim, com personagens que ao longo do caminho trazem profundidade e significado (ou às vezes humor, ou às vezes até petiscos) à viagem. No começo da minha história, havia minha mãe, que desejava uma vida melhor para mim do que a que ela própria precisou enfrentar, e ela trabalhou para isso. Eu seria negligente se não aproveitasse esta oportunidade para agradecer a você, mamãe, antes de a qualquer outra pessoa, as aulas de sábado no Queens College e o balé, o acampamento e o ônibus caro até o Bronx, quando mal tínhamos duas moedas para esfregar uma na outra. Você é a única que esteve aqui para testemunhar o desenvolvimento da minha história desde o comecinho, e espero que sinta que todo o desejo e o trabalho, quando eu era pequena, compensaram.

Em 2019 tive a incrível sorte de poder voltar para a escola e obter meu mestrado em Escrita Criativa. Foi lá que conheci Alan Davis, absolutamente o melhor mentor que eu poderia ter pedido. Ele ofereceu críticas pertinentes e construtivas às minhas primeiras tentativas de escrever, permitiu que eu acolhesse o mundo da ficção comercial e de gênero e, por recomendações de livros e exercícios de escrita, me ensinou as nuances do ofício. Quando falei que queria encontrar um agente literário, o Al foi uma das poucas pessoas que acreditaram que eu conseguiria, e, quando comecei a estudar o mundo editorial por conta própria, ele me apoiou, em especial quando as recusas começaram a jorrar. Al, sua gentileza, seu conhecimento e disposição para ler páginas intermináveis do meu trabalho me trouxeram até aqui, até este momento, em que escrevo os agradecimentos pelo meu primeiro romance publicado. Do fundo do meu coração, eu te agradeço.

Em 8 de setembro de 2021, depois de enviar mais de trezentas cartas de apresentação para quatro romances diferentes, ao longo de dezoito meses, recebi a oferta de ser representada por Elizabeth Copps, que era (e continua sendo) a agente dos meus sonhos. Elizabeth, o caminho para me tornar sua cliente foi longo e acidentado, mas valeu cem por cento, porque às vezes as estrelas se alinham e sonhos se concretizam. Nunca serei capaz de colocar em palavras o que você significa para mim (mas tudo bem, porque tenho quase certeza de que você já sabe).

A Elizabeth conseguiu para mim um contrato de três livros com a Sourcebooks, menos de duas semanas depois de começar a me representar, e desde então tive a tremenda oportunidade de aprender com a minha editora, Deb Werksman. Sou

imensamente grata a Deb, Susie Benton, Rachel Gilmer, Jocelyn Travis, Alyssa Garcia e ao time que atua nos bastidores da Sourcebooks por sua paciência comigo e seu entusiasmo com meu romance de estreia.

Para minha tribo de autores, especialmente Sam Price, Dane Sawyer e minha doce amiga Valerie Peralta, obrigada por serem os melhores animadores de torcida do mundo! Para Lee Matthew Goldberg, que conheço desde que nasci, obrigada por compartilhar comigo seu conhecimento do mercado. Aos muitos amigos escritores talentosos que conheci ao longo do caminho, em especial a Shauna Robinson, K. L. Cerra e Stephanie Eding, e às comunidades #momswritersclub e #5amwritersclub do X, obrigada por oferecerem incentivo, apoio e amor. Eu nunca tive redes sociais antes disso, e certamente jamais esperei criar amizades duradouras por meio delas.

Para o meu grupo de trabalho, em especial Kate Quijano, Anne-Marie Poliviou, Jessica D'Aprile e Renae Katz, bem como Judy Beckman e Melissa Grote, por compreenderem que a literatura corre no meu sangue e por lerem as primeiras páginas e rascunhos, obrigada. Ao conselho administrativo (passado e presente) da ONG Literacy Nassau, por sua dedicação e empenho para tornar a alfabetização acessível até aos mais inalcançáveis, e à minha equipe, por acreditar que todo mundo merece saber ler, ofereço minha gratidão infinita! E a John e Janet Kornreich, por acreditarem em mim de novo e de novo, serei para sempre grata.

Para minhas meninas Rosie Cook, Sue Flecker, Melissa Golfo, Jessica Cardinali, Valerie Polakovich e Holly Dorrance: é difícil encontrar amigas como vocês, e valorizo sua presença em minha vida mais do que imaginam. David e Ashley Chauvin: vocês tornaram tão mais fácil que eu virasse adulta; um brinde aos nossos drinques por Zoom, almoços ao vivo e um ou outro colapso parental esporádico!

Minha vida é rica e completa graças aos verões que passei em Cape Cod. À família Cruz, *los amo mucho a todos y ET es muerte*. Para Cam Eden, obrigada por me permitir entrevistá-lo naquela época e por ser tão bom para minhas ideias atrevidas. E aos Meccas, obrigada por serem tão empolgados com todo este assunto do livro. Caps arrasa!

Para Chris Fields, pelo meu primeiro conjunto de fotografias bonitas, e por um milhão de anos de risadas, obrigada.

Para Logan Ware, estou muito orgulhosa de você e mal posso esperar para ver aonde sua jornada te levará.

Para Kristan Higgins, você é um doido de pedra. Não tenho como agradecer o suficiente por você ser uma louca pérola de gente.

Finalmente, para minha família, os Wares/Judges e os Micciches. Obrigada por me aceitarem e me tratarem como uma de vocês. Nunca saberão quanto isso

significa para mim. Haley e Julie, posso apenas esperar ter feito um bom trabalho como modelo para ambas. Eu amo vocês com cada fibra de meu ser e espero que terem me observado perseguir o sonho de ser escritora tenha ensinado às duas que o trabalho duro compensa, e que vocês podem fazer e ser qualquer coisa que decidirem.

E para Chris: este livro começa e termina com você.

Eu te amo em primeiro lugar, em último, mais e para sempre.

Sobre a Autora

K. J. Micciche é uma romancista do Queens, Nova York, onde passou horas intermináveis, na infância, enrolada sob as cobertas, lendo *The babysitters club* à luz de uma lanterna, até bem depois da hora de dormir. K. J. dirige uma ONG que ensina crianças com dislexia a ler. Mãe orgulhosa de duas meninas, ela e a família moram em Long Island e passam o verão em Cape Cod. Visite-a online em kjmicciche.net.